



**U LISBOA**

UNIVERSIDADE  
DE LISBOA

FACULDADE DE ARQUITETURA  
DA UNIVERSIDADE DE LISBOA



# UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional

**VERA PACHECO DE MIRANDA DE SANCHES OSÓRIO**

Licenciada em Estudos Arquitetónicos

Dissertação/Projeto para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura  
Mestrado Integrado em Arquitetura, especialização em Arquitetura

## **Equipa de Orientação Científica**

Professor Doutor, Arquiteto, António Miguel Santos Leite  
Professora Doutora, Arquiteta, Ana Marta das Neves Feliciano

## **Juri**

Presidente: Professora, Arquiteta, Margarida Louro Nascimento Oliveira  
Vogal: Professora, Arquiteta, Bárbara Lhansol da Costa Massapina Vaz  
Vogal: Professor Doutor, Arquiteto, António Miguel Santos Leite

Lisboa, Faculdade de Arquitetura, Março 2016

## **UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES**

### **A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional**

Autora: Vera Pacheco de Miranda de Sanches Osório

Equipa de orientação:

Professor Doutor, Arquiteto, António Miguel Santos Leite

Professora Doutora, Arquiteta, Ana Marta das Neves Feliciano

Mestrado Integrado em Arquitetura

Lisboa, Março 2016

#### **RESUMO**

A constatação de que a população está a envelhecer e que há falta de apoios para as gerações mais dependentes, tanto os mais novos como os mais velhos, leva à reflexão de como a arquitetura pode servir todas as gerações, proporcionando espaços de interação e convívio, oferecendo aos seus habitantes o sentimento de pertença, contribuindo ainda para a sustentabilidade dos equipamentos.

Como aplicação do conceito, em “Um Habitar entre Gerações” pretende-se desenvolver um discurso crítico que culmina no desenvolvimento prático da reabilitação da Quinta de Santa Theresa, localizada em São Pedro de Penaferrim, para a criação de um lugar intergeracional, devolvendo ao território um conjunto agora carecido de identidade e essência.

Na conceção de arquitetura, o ‘lugar’ apresenta-se como o elemento primário, como a base para o verdadeiro sentido no ato de construir. O tempo, elemento presente em qualquer espaço, pode ser encarado como um elemento relevante, que oferece características específicas a cada terreno, quer este esteja «vazio», com construção ou até mesmo repleto de várias presenças, quer sejam elas naturais ou não.

Procurando alcançar uma arquitetura de relações entre o público e o privado, o natural e o edificado, o novo e o antigo, o espaço é entendido como uma unidade agregadora de experiências, onde o seu desenho, a sua forma, as suas texturas e as suas cores, potenciam as suas características, proporcionando aos utilizadores o verdadeiro ‘lugar’ para ‘habitar’.

#### **Palavras chave**

Lugar, Crianças, Idosos, Relação Intergeracional, Quinta de Santa Theresa



## **UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES**

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional

## **A DWELLING BETWEEN GENERATIONS**

### **Rehabilitation of Santa Theresa Villa as Intergenerational Place**

Author: Vera Pacheco de Miranda de Sanches Osório

Supervisors:

António Miguel Santos Leite

Ana Marta das Neves Feliciano

Master in Architecture

Lisbon, March 2016

#### **ABSTRACT**

The statement that the population is getting older along with the fact that there is a lack of support for the most dependent generations, both young and elderly, leads to a line of thought of how architecture can serve all generations, providing spaces for interaction and socializing, offering its inhabitants a sense of belonging and, thus, contributing to the sustainability of equipment.

As an application of the concept “a Dwelling between Generations” we aim to develop a critical speech that culminates in the practical development of rehabilitation of Quinta de Santa Theresa, located in São Pedro de Penaferrim, to create an intergenerational place, giving back identity and essence to the territory.

In the design of architecture, the ‘place’ is presented as the primary element, as the basis for true meaning of the act of building. The time, present element in any area may be regarded as a relevant element, which offers specific characteristics of each field, if it is “empty” or not, or even filled with various appearances, whether they are natural or not.

Looking to achieve an architecture of relations between the public and the private, the natural and built, what it is new or old, the space is seen as an aggregator unit of experiences, where its design, shape, texture and colors, enhance their characteristics, providing the users the real concept of “place to dwell”.

#### **Keywords**

Place, Children, Seniors, Intergenerational Relationship, Santa Theresa Villa

## **UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES**

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional

## AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho representa um percurso acadêmico repleto de experiências e conhecimentos, mote para a introdução de uma nova etapa, onde estará sempre presente o interesse pela arquitetura. No terminar deste caminho, começo de outro, queria expressar a minha gratidão a todos os que me acompanharam e ajudaram a chegar a este momento da minha vida, em especial:

Aos meus professores, em especial aos meus orientadores, pelos valiosos ensinamentos, pela constante disponibilidade e ilimitada paciência.

Aos meus avós, por serem a minha inspiração.

Aos meus pais, pelo apoio incondicional e por acreditarem sempre em mim.

Ao meu irmão, pelo seu exemplo de força e ambição.

À Mariana e à Sofia, pelo companheirismo e imensa partilha.

Ao Alexandre, pela dedicação e equilíbrio tão preciosos, obrigada por tudo.

## **UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES**

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional

## ÍNDICE

1	<b>I. INTRODUÇÃO</b>
7	<b>II. UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES</b>
9	2. Contexto sociodemográfico em Portugal – A realidade e os desafios
13	3. ‘O Habitar’ - Lugares para crianças e idosos
17	3.1 ‘Viver em casa’ – O significado do habitar privado
22	3.1.1 Viver em casa para a criança
23	3.1.2 Viver em casa para o idoso
27	3.2. ‘A Instituição’ – O habitar coletivo
28	3.2.1 A Instituição para a criança
38	3.2.2 A Instituição para o idoso
45	3.3 ‘Um novo habitar entre gerações’
46	3.3.1 Uma definição do conceito ‘intergeracional’
50	3.3.2 Os benefícios das relações intergeracionais
52	3.3.3 Espaços de relação intergeracional
55	4. Da teoria à prática no contexto contemporâneo - Casos de estudo
56	4.1 Jardim Escola João de Deus, Penafiel, Portugal
59	4.2 Residências Masans, Chur, Suíça
61	4.3 Igreja de Santo António e Centro Paroquial, Portalegre, Portugal
63	4.4 Centro Paroquial e Comunitário Senhora da Boa Nova, Estoril, Portugal
65	4.5 Centro Cívico Planalto Do Ingote, Coimbra, Portugal
67	5. A cidade para todas as gerações – Síntese
71	<b>III. A PROPOSTA</b>
	<b>A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional</b>
73	6. O lugar de intervenção - A identidade do lugar como fusão de tempos
75	6.1 Sintra e São Pedro de Penaferrim – ‘Lugar’ de integração de Quintas
79	6.2 A Quinta de Recreio - ‘Lugar’ de relação com o Natural
80	6.2.1 Os Elementos da Quinta de Recreio
83	6.3 A Quinta de Santa Theresa – Evolução funcional e morfológica
95	7. Uma proposta de reabilitação da Quinta de Santa Theresa como lugar Intergeracional
97	7.1 O programa

## UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional

99	7.2	Elementos conceptuais do projeto
99	7.2.1	O muro
101	7.2.2	A água
101	7.2.3	As árvores
104	7.2.4	Os azulejos
105	7.3	A intervenção arquitetónica
107	7.3.1	Materialidade e Forma
109	7.3.2	O núcleo preexistente
112	7.3.3	A escola e as residências
117	8.	Considerações Finais
119	9.	Fontes Bibliográficas
125	10.	Anexos
127	Anexo I	Legislação portuguesa dos espaços programáticos apresentados
135	Anexo II	Levantamento de Informação sobre a Quinta
147	Anexo III	Levantamento Fotográfico do Local de Intervenção
163	Anexo IV	Levantamento das Preexistências
169	Anexo V	Fotografias de Maquetes de Estudo
185	Anexo VI	Fotografias de Maquetas Finais
193	Anexo VII	Peças Desenhadas

## ÍNDICE DE IMAGENS

imagem da capa  
fotografia da Quinta de Santa Theresa  
Alexandre Afonso - 'O Percurso'  
Montagem com as pessoas pela autora

### 2. CONTEXTO SOCIODEMOGRÁFICO EM PORTUGAL

Gráfico 1. Estrutura da população em Portugal, nos anos 1981 e 2011  
In AA.VV. – “Dinâmicas Demográficas e Envelhecimento Da População Portuguesa (1950-2011): Evolução e Perspectivas”; Direção Mário Leston Bandeira; Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2014, pág. 452.

Gráfico 2. Grupos etários em Portugal entre 1950 e 2011  
In AA.VV. – “Dinâmicas Demográficas e Envelhecimento Da População Portuguesa (1950-2011): Evolução e Perspectivas”; Direção Mário Leston Bandeira; Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2014, pág. 404.

Figura 1. A predominância da geração mais velha face aos mais novos  
Emiliano - “Nardò”  
In [www.flickr.com/photos/loungerie/16667183078/in/photolist-qMie](http://www.flickr.com/photos/loungerie/16667183078/in/photolist-qMie)

### 3. 'O HABITAR'

Figura 2. 'Elderly ... and young people'  
Wilf - “Elderly ... and young people”  
In [www.flickr.com/photos/25305713@N04/20182376951/](http://www.flickr.com/photos/25305713@N04/20182376951/)

#### 3.1. 'VIVER EM CASA'

Figura 3. Falanstério de Charles Fourier  
In [www.portalarquitetonico.com.br/wp-content/uploads/godein\\_2](http://www.portalarquitetonico.com.br/wp-content/uploads/godein_2)

Figura 4. Falanstério de Charles Fourier  
In [www.portalarquitetonico.com.br/wp-content/uploads/imagesCAC6H8FU](http://www.portalarquitetonico.com.br/wp-content/uploads/imagesCAC6H8FU)

Figura 5. Falanstério de Charles Fourier  
In [www.portalarquitetonico.com.br/wp-content/uploads/normal\\_fourier\\_falansterio\\_planta](http://www.portalarquitetonico.com.br/wp-content/uploads/normal_fourier_falansterio_planta)

Figura 6. “The Artist's Bedroom” de Adolph Von Menzel, 1847  
In [www.fineart-china.com/htmlimg/image-38599](http://www.fineart-china.com/htmlimg/image-38599)

Figura 7. Jogos de crianças no interior da habitação, no século XIX  
In PROST, Antoine – “Fronteiras e espaços do privado”; in AA.VV. “História da Vida Privada: Da Primeira Guerra Mundial aos nossos dias”; Dir. de Philippe Ariès e Georges Duby; Trad. Arman-



## UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES

### A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional

do Luís de Carvalho; Porto: Afrontamento, 1991, Volume 5; pág.xx

Figura 8. Vivências na sua própria casa através da escolha de pequenos locais de intimidade  
B. Karenina - “Opa”

In [www.flickr.com/photos/bkaryadi/2396484157/](http://www.flickr.com/photos/bkaryadi/2396484157/)

Figura 9. O escritório como espaço onde predomina a individualidade  
Ricardo Mendes - “Escritório”

In [www.olhares.sapo.pt/escritorio-foto4182896](http://www.olhares.sapo.pt/escritorio-foto4182896)

### 3.2. ‘A INSTITUIÇÃO’

Figura 10. “The New Institute for the Formation of Character”, de Robert Owen em New Lanark, na Escócia

In BIGODE, Luísa – “Espaços para a infância” – O projecto centrado na criança”; Lisboa: IST, 2013; Tese de Mestrado, pág. 17

Figura 11. Escola infantil Caryl Peabody em Cambridge, de Walter Gropius (1937). Planta e secção

In [www.harvardartmuseums.org/art/219362](http://www.harvardartmuseums.org/art/219362)

Figura 12. Case dei bambini de Altona (1928) As salas proporcionavam várias atividades, podendo nas maiores haver atividades de exercício físico

In [www.welcome.vi.de/montessori/en/detail/223/](http://www.welcome.vi.de/montessori/en/detail/223/)

Figura 13. Case dei bambini.Experiências com a natureza pertenciam ao quotidiano

In [www.welcome.vi.de/montessori/en/detail/334/](http://www.welcome.vi.de/montessori/en/detail/334/)

Figura 14. Primeira escola Waldorf, Estugarda (1919) de Rudolph Steiner

In [www.ecolesteiner-lausanne.ch/blog/wp-content/uploads/EE\\_7\\_2011-1e-ecole-Waldorf](http://www.ecolesteiner-lausanne.ch/blog/wp-content/uploads/EE_7_2011-1e-ecole-Waldorf)

Figura 15. Interior do infantário Steiner Nant-Y-Cwm no País de Gales (1989) desenhado por Christopher Day, baseada no modelo Waldorf

In [www.geograph.org.uk/photo/603950](http://www.geograph.org.uk/photo/603950)

Figura 16. Planta do infantário Steiner Nant-Y-Cwm

In BIGODE, Luísa – “Espaços para a infância” – O projecto centrado na criança”; Lisboa: IST, 2013; Tese de Mestrado, pág.29.

Figura 17. Exterior do infantário Steiner Nant-Y-Cwm

In [www.geograph.org.uk/photo/579975](http://www.geograph.org.uk/photo/579975)

Figura 18. Primeiro Jardim-Escola João de Deus de Coimbra (1911) projetado por Raul Lino

In [www.restosdecoleccion.blogspot.pt/2014/09/jardins-escolas-joao-de-deus.html](http://www.restosdecoleccion.blogspot.pt/2014/09/jardins-escolas-joao-de-deus.html)

Figura 19. Primeiro Jardim-Escola João de Deus de Coimbra (1911) projetado por Raul Lino

In [www.restosdecoleccion.blogspot.pt/2014/09/jardins-escolas-joao-de-deus.html](http://www.restosdecoleccion.blogspot.pt/2014/09/jardins-escolas-joao-de-deus.html)

Figura 20. Primeiro Jardim-Escola João de Deus de Coimbra (1911) projetado por Raul Lino

In [www.restosdecoleccion.blogspot.pt/2014/09/jardins-escolas-joao-de-deus.html](http://www.restosdecoleccion.blogspot.pt/2014/09/jardins-escolas-joao-de-deus.html)

Figura 21. “Lactário-Criadeira”, em Lisboa, projeto de Ventura Terra (1901)

In FERNANDES, José Manuel – “Espaços para crianças e histórias de crianças e espaços”; in Rv. “Revista Arquitectura, Planeamento, Design, Construção, Equipamento” - “Equipamentos Colectivos para a 1ª e para a 2ª Infâncias”; nº147, Novembro 1982

Figura 22. Creche do “Jornal do Comércio”, no Porto, projeto de Rogério de Azevedo

In FERNANDES, José Manuel – “Espaços para crianças e histórias de crianças e espaços”; in Rv. “Revista Arquitectura, Planeamento, Design, Construção, Equipamento” - “Equipamentos Colectivos para a 1ª e para a 2ª Infâncias”; nº147, Novembro 1982

Figura 23. Creche nos anos 80

In PROST, Antoine – “Fronteiras e espaços do privado”; in AA.VV. “História da Vida Privada: Da Primeira Guerra Mundial aos nossos dias”; Dir. de Philippe Ariès e Georges Duby; Trad. Armando Luís de Carvalho; Porto: Afrontamento, 1991, Volume 5; Pág. 83

Figura 24. Plano para asilos de Francis Head em 1835

In QUEVEDO, Ana María Fenegra – “Residências para idosos: critérios de projeto”; Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2002; Programa de pesquisa e pós-graduação em arquitetura, pág.35

Figura 25. Fachada principal da St. Luke Infirmary, Duluth, projeto de Reinhold Melander

In QUEVEDO, Ana María Fenegra – “Residências para idosos: critérios de projeto”; Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2002; Programa de pesquisa e pós-graduação em arquitetura, pág.43

Figura 26. Fachada principal do lar para idosos em Evanston, projeto de Childs & Smith

In QUEVEDO, Ana María Fenegra – “Residências para idosos: critérios de projeto”; Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2002; Programa de pesquisa e pós-graduação em arquitetura, pág.45

Figura 27. Planta tipo das casas Needham

In QUEVEDO, Ana María Fenegra – “Residências para idosos: critérios de projeto”; Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2002; Programa de pesquisa e pós-graduação em arquitetura, pág.54

Figura 28. Projeto de apartamentos da Península Volunteers, Califórnia. Projeto de Skidmore, Owings e Merrill

In QUEVEDO, Ana María Fenegra – “Residências para idosos: critérios de projeto”; Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2002; Programa de pesquisa e pós-graduação em arquitetura, pág.56

Figura 29. Planta do projeto de apartamentos da Península Volunteers

In QUEVEDO, Ana María Fenegra – “Residências para idosos: critérios de projeto”; Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2002; Programa de pesquisa e pós-graduação em arquitetura, pág.57

Figura 30. Planta geral do projeto de Walter Thiem, St. Nikolai Stift Housing and Community Center de Laessig

In QUEVEDO, Ana María Fenegra – “Residências para idosos: critérios de projeto”; Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2002; Programa de pesquisa e pós-graduação em arquitetura, pág.58

Gráfico 3. Proporção de pessoas com 65 e mais anos a viver em famílias institucionais (%), total e por sexo, por grupo etário, em Portugal, anos 2001 e 2011

In AA.VV. – “Dinâmicas Demográficas e Envelhecimento Da População Portuguesa (1950-2011): Evolução e Perspectivas”; Direção Mário Leston Bandeira; Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2014, pág. 100.

Gráfico 4. Divisão das pessoas com 65 e mais anos a viver em famílias institucionais (%), por tipo de alojamento colectivo, sexos reunidos, em Portugal, anos 2001 e 2011

In AA.VV. – “Dinâmicas Demográficas e Envelhecimento Da População Portuguesa (1950-2011): Evolução e Perspectivas”; Direção Mário Leston Bandeira; Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2014, pág. 101.

## UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional

### 3.3. 'UM NOVO HABITAR ENTRE GERAÇÕES'

Figura 31. Esquema de relação entre gerações

Esquema elaborado pela autora

Figura 32. A interação da geração mais velha com a mais nova  
Gabriel Huth - "Vovô"

In [www.olhares.sapo.pt/vovo-foto6243675.html](http://www.olhares.sapo.pt/vovo-foto6243675.html)

Figura 33. Aprendizagens partilhadas

Mauricio Cunha - "Gerações"

In [www.olhares.sapo.pt/geracoes-foto6388257](http://www.olhares.sapo.pt/geracoes-foto6388257)

Figura 34. Esquema de relação entre gerações dentro do seio familiar

Elaborado pela autora

Figura 35. O encontro de gerações apresenta benefícios ao nível do desenvolvimento pessoal dos indivíduos envolvidos

Luiz Fonseca - "Encontro de gerações"

In [www.olhares.sapo.pt/encontro-de-geracoes-foto629306.html](http://www.olhares.sapo.pt/encontro-de-geracoes-foto629306.html)

Figura 36. Para os idosos o contacto com as crianças dinamiza e incrementa a vontade de convívio

Maria João - "Gerações II"

In [www.olhares.sapo.pt/geracoes-ii-foto1825801](http://www.olhares.sapo.pt/geracoes-ii-foto1825801)

Figura 37. Encontro de gerações

Oana R Vacian - "Different Generations"

In [www.olhares.sapo.pt/different-generations-foto6046141.html](http://www.olhares.sapo.pt/different-generations-foto6046141.html)

### 4. DA TEORIA À PRÁTICA NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO

Figura 38. Casos de estudo a apresentar

Composição elaborada pela autora

Imagens in

SIZA, Álvaro; FRAMPTON, Kenneth; TESTA, Peter; SANTOS, José Paulo dos – "Álvaro Siza: Obras y Proyectos 1954-1992"; Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1993, pág. 143

[www.habitatgecollectiu.files.wordpress.com/2014/12/3](http://www.habitatgecollectiu.files.wordpress.com/2014/12/3)

[www.admnetwork.it/index.php/2012/10/01/va-al-cileno-cristian-undurraga-il-premio-internazionale-di-architettura-sacra-2012-2/?lang=en&pid=4380](http://www.admnetwork.it/index.php/2012/10/01/va-al-cileno-cristian-undurraga-il-premio-internazionale-di-architettura-sacra-2012-2/?lang=en&pid=4380)

AA.VV. - "João Luis Carrilho da Graça - 2002/2013"; Direção de Fernando Márquez Cecilia e Richard Levene; nº170; Madrid: El Croquis Editorial

[www.snpcultura.org/igreja\\_e\\_complexo\\_senhora\\_boa\\_nova\\_ganham\\_premio\\_habitar\\_o\\_mediterraneo.html](http://www.snpcultura.org/igreja_e_complexo_senhora_boa_nova_ganham_premio_habitar_o_mediterraneo.html)

Figura 39. Desenho do arquiteto do Jardim Escola João de Deus em Penafiel

In SIZA, Álvaro; FRAMPTON, Kenneth; TESTA, Peter; SANTOS, José Paulo dos – "Álvaro Siza: Obras y Proyectos 1954-1992"; Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1993, pág. 139

Figura 40. Planta do Jardim Escola João de Deus em Penafiel

In SIZA, Álvaro; FRAMPTON, Kenneth; TESTA, Peter; SANTOS, José Paulo dos – "Álvaro Siza: Obras y Proyectos 1954-1992"; Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1993, pág. 139

Figura 41. Exterior do Jardim Escola João de Deus em Penafiel lembrando formas acasteladas

In SIZA, Álvaro; FRAMPTON, Kenneth; TESTA, Peter; SANTOS, José Paulo dos – "Álvaro Siza: Obras y Proyectos 1954-1992"; Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1993, pág. 140

Figura 42. Interior do Jardim Escola de Álvaro Siza.

In SIZA, Álvaro; FRAMPTON, Kenneth; TESTA, Peter; SANTOS, José Paulo dos – “Álvaro Siza: Obras y Proyectos 1954-1992”; Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1993, pág. 147

Figura 43. Relação entre interior e exterior através de arcarias

In SIZA, Álvaro; FRAMPTON, Kenneth; TESTA, Peter; SANTOS, José Paulo dos – “Álvaro Siza: Obras y Proyectos 1954-1992”; Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1993, pág. 143

Figura 44. Relação entre interior e exterior através de arcarias

In SIZA, Álvaro; FRAMPTON, Kenneth; TESTA, Peter; SANTOS, José Paulo dos – “Álvaro Siza: Obras y Proyectos 1954-1992”; Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1993, pág. 147

Figura 45. Implantação das Residências Masans, de Peter Zumthor.

In [www.habitatgecollectiu.files.wordpress.com/2014/12/11](http://www.habitatgecollectiu.files.wordpress.com/2014/12/11)

Figura 46. Vista da fachada das habitações das Residências de Peter Zumthor

In [www.habitatgecollectiu.files.wordpress.com/2014/12/3](http://www.habitatgecollectiu.files.wordpress.com/2014/12/3)

Figura 47. Vista da fachada das habitações das Residências de Peter Zumthor

In [www.ksamedia.osu.edu/work/55020](http://www.ksamedia.osu.edu/work/55020)

Figura 48. Galeria de acesso às habitações das Residências Masans

In [www.habitatgecollectiu.files.wordpress.com/2014/12/6](http://www.habitatgecollectiu.files.wordpress.com/2014/12/6)

Figura 49. Relação interior/exterior das residências

In [www.habitatgecollectiu.files.wordpress.com/2014/12/9](http://www.habitatgecollectiu.files.wordpress.com/2014/12/9)

Figura 50. Planta dos pisos habitacionais das Residências Masans

In [www.archdaily.com/85656/multiplicity-and-memory-talking-about-architecture-with-peter-zumthor/residential-home-for-the-elderly-in-masans-floor-plan/](http://www.archdaily.com/85656/multiplicity-and-memory-talking-about-architecture-with-peter-zumthor/residential-home-for-the-elderly-in-masans-floor-plan/)

Figura 51. Implantação do Centro Paroquial de Portalegre

In AA.VV. - “João Luis Carrilho da Graça - 2002/2013”; Direção de Fernando Márquez Cecilia e Richard Levene; nº170; Madrid: El Croquis Editorial, pág.60

Figura 52. Adro da Igreja e do Centro Paroquial – Local de reunião das várias gerações – Local de distribuição

In [www.admnetwork.it/index.php/2012/10/01/va-al-cileno-cristian-undurraga-il-premio-internazionale-di-architettura-sacra-2012-2/?lang=en&pid=4380](http://www.admnetwork.it/index.php/2012/10/01/va-al-cileno-cristian-undurraga-il-premio-internazionale-di-architettura-sacra-2012-2/?lang=en&pid=4380)

Figura 53. Adro da Igreja e do Centro Paroquial – Local de reunião das várias gerações – Local de distribuição

In [www.archdaily.com.br/br/01-33560/igreja-de-santo-antonio-e-centro-social-de-sao-bartolomeu-carrilho-da-graca-arquitectos/33560\\_33613](http://www.archdaily.com.br/br/01-33560/igreja-de-santo-antonio-e-centro-social-de-sao-bartolomeu-carrilho-da-graca-arquitectos/33560_33613)

Figura 54. Enquadramento geral do Complexo de Nossa Senhora da Boa Nova

In [www.joaomorgado.com/pt/reportagens/igreja-nossa-senhora-da-boa-nova](http://www.joaomorgado.com/pt/reportagens/igreja-nossa-senhora-da-boa-nova)

Figura 55. Pátio exterior do complexo. De frente situa-se o Centro Paroquial, Auditório e Igreja

In [www.joaomorgado.com/pt/reportagens/igreja-nossa-senhora-da-boa-nova](http://www.joaomorgado.com/pt/reportagens/igreja-nossa-senhora-da-boa-nova)

Figura 56. Igreja e entrada para o Ensino Básico

In [www.joaomorgado.com/pt/reportagens/igreja-nossa-senhora-da-boa-nova](http://www.joaomorgado.com/pt/reportagens/igreja-nossa-senhora-da-boa-nova)

Figura 57. Entrada para o Centro Comunitário

In [www.joaomorgado.com/pt/reportagens/igreja-nossa-senhora-da-boa-nova](http://www.joaomorgado.com/pt/reportagens/igreja-nossa-senhora-da-boa-nova)

Figura 58. Planta superior do projeto do Centro Cívico do Ingote

## UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES

### A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional

In AA.VV. - “João Luis Carrilho da Graça - 2002/2013”; Direção de Fernando Márquez Cecilia e Richard Levene; nº170; Madrid: El Croquis Editorial, pág. 161

Figura 59. Maqueta do projeto para o Centro Cívico Planalto do Ingote  
In AA.VV. - “João Luis Carrilho da Graça - 2002/2013”; Direção de Fernando Márquez Cecilia e Richard Levene; nº170; Madrid: El Croquis Editorial, pág. 160

Figura 60. Maqueta do projeto para o Centro Cívico Planalto do Ingote  
In AA.VV. - “João Luis Carrilho da Graça - 2002/2013”; Direção de Fernando Márquez Cecilia e Richard Levene; nº170; Madrid: El Croquis Editorial, pág. 160

## 5. A CIDADE PARA TODAS AS GERAÇÕES

Figura 61. A interação entre duas gerações leva à partilha de experiências  
Johanna Look - “Grandfather and Grandson Reading Together”  
In [www.flickr.com/photos/runintherain/6494485045](http://www.flickr.com/photos/runintherain/6494485045)

## III. A PROPOSTA

Figura 62. Inscrição da data de 1723 na lápide junto ao portal da igreja da Quinta  
Fotografia da autora

Figura 63. Feira de São Pedro de Penaferrim 1950/1960  
[www.postaisportugal.canalblog.com/albums/feiras\\_e\\_mercados/photos/39778778-sao\\_pedro\\_de\\_sintra](http://www.postaisportugal.canalblog.com/albums/feiras_e_mercados/photos/39778778-sao_pedro_de_sintra)

Figura 64. Mapa da Região de Sintra , 1840-7 Chelmiki  
In <http://www.serradesintra.net/mapas-antigos-de-sintra>

Figura 65. Caminho que liga Cascais (a sul) a Sintra (a noroeste) passa pela Quinta de Santa Theresa  
Base - imagem do google maps; Trabalhado pela autora

Figura 66. Organização cronológica dos vários usos da Quinta de Santa Theresa  
Elaborado pela autora

Figura 67. Localização da Quinta e indicação dos pontos de interesse próximos  
Base - imagem do google maps; Trabalhado pela autora

Figura 68. Localização da Quinta

Figura 69. Localização da Quinta

Figura 70. Delimitação da Quinta de Santa Theresa atualmente  
Elaborado pela autora

Figura 71. Terreiro  
Elaborado pela autora

Figura 72. Localização da Casa Senhorial com indicação das duas entradas  
Elaborado pela autora

Figura 73. Planta da Residência Senhorial - Piso térreo  
Elaborado pela autora

Figura 74. Planta da Residência Senhorial - Piso superior

Elaborado pela autora

Figura 75. Fachada direcionada para a rua pública (Avenida Conde de Sucena)  
1930-80

In [www.flickr.com/photos/bibllarte/14530933748/in/photostream/#](http://www.flickr.com/photos/bibllarte/14530933748/in/photostream/#)

Figura 76. Fachada direcionada para terreiro 1930-80

In [www.flickr.com/photos/bibllarte/14530933748/in/photostream/#](http://www.flickr.com/photos/bibllarte/14530933748/in/photostream/#)

Figura 77. Evolução morfológica da Quinta

Elaborado pela autora

Figura 78. Localização da cozinha

Elaborado pela autora

Figura 79. Localização da 'Casa de Fora'

Elaborado pela autora

Figura 80. Localização da capela

Elaborado pela autora

Figura 81. Sistemas de vistas da Quinta de Santa Theresa

Elaborado pela autora

Figura 82. Altar da capela

Fotografia da autora

Figura 83. Entrada da capela com a tribuna à direita

Fotografia da autora

Figura 84. Esquema representativo do terreiro 'enterrado' no terreno

Elaborado pela autora

Figura 85. Esquema representativo dos dois caminhos presentes na Quinta

Elaborado pela autora

Figura 86. Três áreas exteriores da Quinta

Elaborado pela autora

Figura 87. Janela com portadas em madeira no muro exterior da Quinta

Fotografia da autora

Figura 88. Alameda da Quinta ladeada por árvores

Fotografia da autora

Figura 89. Área exterior - Mata

Fotografia da autora

Figura 90. Área exterior - Jardim formal

Fotografia da autora

Figura 91. Área exterior - Horta e pomar

Fotografia da autora

Figura 92. Indicação dos elementos com água e do percurso desta no terreno da Quinta

Elaborado pela autora

Figura 93. Elementos de água da Quinta de Santa Theresa

## UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES

### A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional

Fotografia da autora

Figura 94. Elementos de água da Quinta de Santa Theresa

Fotografia da autora

Figura 95. Fonte e tanque da Quinta de Santa Theresa

Fotografia da autora

Figura 96. Fonte e tanque da Quinta de Santa Theresa

Fotografia da autora

Figura 97. Esquema de relações de gerações para a criação de um lugar intergeracional

Elaborado pela autora

Figura 98. Alçado pela Avenida Conde de Sucena, via principal junto à Quinta

Elaborado pela autora

Figura 99. Esquema dos muros existentes da Quinta e do 'novo muro' proposto

Elaborado pela autora

Figura 100. Esquema das áreas que o muro divide

Elaborado pela autora

Figura 101. Esquema das quebras do muro

Elaborado pela autora

Figura 102. Esquema da hierarquia dos elementos contituíntes do edificado novo

Elaborado pela autora

Figura 103. Esquema do percurso da água

Elaborado pela autora

Figura 104. Esquema do percurso da água

Elaborado pela autora

Figura 105. Esquema de organização das árvores

Elaborado pela autora

Figura 106. Esquema de organização das árvores

Elaborado pela autora

Figura 107. Área verde da Quinta de Santa Theresa com a presença de caminhos, fruto dos percursos predominantes

Fotografia da autora

Figura 108. Caminho limitado pela elevação dos espaços verdes

Elaborado pela autora

Figura 109. Caminho pontuado com relações diretas com o espaço verde para lazer

Elaborado pela autora

Figura 110. Caminho com a presença de pequenos espaços de estar

Elaborado pela autora

Figura 111. Esquema da localização do azulejo

Elaborado pela autora

Figura 112. Esquema da aplicação do azulejo no projeto

Elaborado pela autora

Figura 113. Azulejos da estação de metro do Campo Grande de Eduardo Nery 1990

In [www.sensesofportugal.wordpress.com/tag/azulejos/](http://www.sensesofportugal.wordpress.com/tag/azulejos/)

Figura 114. Azulejos da estação de metro dos Restaurados de Maria Keil

In [www.triplov.com/cyber\\_art/Maria-Keil/Indemnizacao/index.htm](http://www.triplov.com/cyber_art/Maria-Keil/Indemnizacao/index.htm)

Figura 115. Pintura representativa de azulejos - Adriana Varejão

In [www.triplov.com/cyber\\_art/Maria-Keil/Indemnizacao/index.htm](http://www.triplov.com/cyber_art/Maria-Keil/Indemnizacao/index.htm)

Figura 116. Azulejos de Candido Portinari

In [www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.087/226](http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.087/226)

Figura 117. Azulejos do Oceanário de Lisboa de Ivan Chermayeff 1998

In [www.museudoazulejo.pt/pt-PT/ExposAct/ExpoPerm/ContentDetail.aspx?id=936](http://www.museudoazulejo.pt/pt-PT/ExposAct/ExpoPerm/ContentDetail.aspx?id=936)

Figura 118. Azulejos exteriores em alementos com água

Fotografia da autora

Figura 119. Azulejos exteriores em alementos com água

Fotografia da autora

Figura 120. Azulejos exteriores na escadaria do terreiro do século XIX

Fotografia da autora

Figura 121. Azulejos do século XVIII da capela

Fotografia da autora

Figura 122. Azulejos do século XIX da entrada

Fotografia da autora

Figura 123. Evolução da forma dos constituintes da Quinta - conceção

Elaborado pela autora

Figura 124. Secção pelo edificado novo

Elaborado pela autora

Figura 125. Localização do núcleo preexistente

Elaborado pela autora

Figura 126. Planta do piso inferior do núcleo preexistente

Elaborado pela autora

Figura 127. Planta do piso superior do núcleo preexistente

Elaborado pela autora

Figura 128. Evolução morfológica do edifício da Casa Senhorial já com a proposta apresentada

Elaborado pela autora

Figura 129. Localização da área de cultivo

Elaborado pela autora

Figura 130. Relação entre o novo e o preexistente

Elaborado pela autora

Figura 131. Corte longitudinal pelo núcleo preexistente

Elaborado pela autora



## UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional

Figura 132. Planta do refeitório - área intergeracional

Elaborado pela autora

Figura 133. Esquema da mudança de cota nos pisos em contacto com o solo

Elaborado pela autora

Figura 134. Esquema em corte longitudinal representativo da dinâmica dos espaços em contacto com o solo contrapondo com a linearidade dos planos superiores

Elaborado pela autora

Figura 135. Alçado principal do edificado novo

Elaborado pela autora

Figura 136. Localização do complexo escolar

Elaborado pela autora

Figura 137. Planta das salas de aula do ensino primário

Elaborado pela autora

Figura 138. Planta das salas de aula do jardim de infância

Elaborado pela autora

Figura 139. Planta do piso superior das residências séniores

Elaborado pela autora

Figura 140. Planta do piso inferior das residências séniores

Elaborado pela autora

Figura 141. Localização das residências séniores

Elaborado pela autora

Figura 142. Localização do complexo desportivo

Elaborado pela autora

Figura 143. Planta do complexo desportivo

Elaborado pela autora

## I. INTRODUÇÃO

A arquitetura nasce para colmatar parte das necessidades do Ser Humano, conseguindo que este interaja e se identifique com o 'lugar', ocorrendo assim a verdadeira forma de 'habitar'. Atualmente, a 'cidade', entendida como uma realidade global onde se incluem várias agregações de espaços, alberga várias atividades, serve várias pessoas, mas acaba por não conseguir refletir e resolver todos os problemas e necessidades da população.

Sendo Portugal um país com uma taxa de envelhecimento elevada, cresce a vontade de perceber como a arquitetura pode ajudar a que os espaços para pessoas idosas sejam mais ricos e vividos. O conceito de equipamentos públicos na cidade tem-se aproximado das preocupações da sociedade atual, passando a incluir lugares para pessoas com mobilidade condicionada. Contudo, o número de espaços públicos de convívio, adaptados às novas necessidades e formas de habitar, continua reduzido, levando, por vezes, à segregação da geração mais velha. A par desta realidade, cada vez menos a população jovem tende a socializar com as restantes gerações, prevalecendo uma maior fragmentação da socialização entre gerações.

Os espaços públicos e de convívio podem ser um núcleo dinamizador de uma cidade, conseguindo agrupar diversas atividades e pessoas. A conceção do espaço, com a modernidade, para além de desenvolver métodos de construção, novas formas de aplicabilidade dos materiais e uma nova visão do que é a forma arquitetónica, conseguiu ainda afastar a ideia *à priori* que se têm de um dado edifício com uma funcionalidade específica. Cada vez mais os espaços são concebidos através da noção de mutação e versatilidade, necessárias para os tempos atuais.

Deste modo, e introduzindo o tema de trabalho 'Habitar entre gerações', encontra-se um mote a desenvolver, de modo a criar verdadeiros 'lugares' onde todas as gerações podem coabitar e interagir, sem que, com

## **UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES**

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional

isso, percam as suas identidades, próprias de cada idade. Pensa-se na geração mais nova e na mais velha para o presente estudo, nunca esquecendo a presença da comunidade para que a individualização e segregação não ocorra.

Para a criação de um espaço intergeracional, que articule as duas gerações já enunciadas, existem fatores inerentes à sua formação, nomeadamente as necessidades básicas intrínsecas à condição da faixa etária em que se inserem. Todas estas premissas devem ser articuladas para que, por conseguinte, o espaço intergeracional consiga corresponder a ambas as gerações. Pensa-se num equipamento de interação e convívio social que albergue atividades individuais e mistas, proporcionando novas sensações e aprendizagens a ambos os grupos etários.

Para a implementação das preocupações acima enunciadas, e aproveitando a vontade da Câmara Municipal de Sintra em reabilitar o seu património, dotando-o de espaços públicos em falta na Vila, seleccionámos, em São Pedro de Penaferrim, a Quinta de Santa Theresa como lugar de estudo. Destacando uma área, atualmente devoluta, num ambiente repleto de presenças do 'tempo', este trabalho apresenta a intenção de reafirmar a presença da Quinta de Santa Theresa como um 'lugar' para usufruto de todos.

### **QUESTÕES DE TRABALHO**

Q1. Que espaços podem servir duas gerações separadas pelo tempo?

Q2. Como introduzir espaços que relacionem as gerações num lugar já com uma identidade?

Q2.1. Como pode a reabilitação de um lugar já consolidado servir as duas gerações?

### **HIPÓTESES DE TRABALHO**

H1. A criação de espaços comuns para ambas as gerações pode fornecer ao público alvo novas dinâmicas e uma evolução a nível pessoal e psíquico.

H2. A criação de um espaço intergeracional pode passar pela existência de espaços comuns para as duas gerações e espaços apenas para cada uma

delas, dando-lhes individualidade quando necessário.

H3. Um edifício reabilitado, com história e memória do passado, pode ser um ponto de partida para facilitar o envolvimento da sociedade perante o novo equipamento a implementar.

## OBJETIVOS

O trabalho apresenta-se com duas vertentes, uma teórica e uma com um carácter prático. Ao longo do processo, as duas vertentes, desenvolvidas em simultâneo, conduziram a uma solução que alberga tanto as noções dos espaços para crianças como para idosos, relacionando-as com o 'lugar' a reabilitar, oferecendo-se assim uma proposta que responde a vários objetivos delineados na construção da estrutura do trabalho.

Sendo este trabalho direccionado para as relações entre gerações, torna-se imperativo compreender os conceitos e os modelos adotados para os espaços para crianças e idosos, percebendo como estes se relacionaram com o espaço habitacional e institucional ao longo do tempo. A percepção da noção de 'intergeracional' é importante, apontando as vantagens e metodologias adotadas em casos de estudo selecionados, vocacionado para este tipo de interações, conseguindo ainda distinguir as necessidades individuais de cada uma das gerações.

Seleciona-se a Quinta de Santa Theresa, para a reabilitação implementação de um equipamento intergeracional. Esta quinta, com as características de uma Arquitetura Saloia do século XVIII, encontra-se atualmente devoluta, realizando-se no seu recinto verde, apenas pontualmente, feiras locais. Este terreno apresenta características propícias para a realização do projeto, pois contém espaços de carácter histórico, como os edifícios principais e os seus jardins, assim como o seu espaço envolvente, agora sem utilidade e com capacidade para albergar novos edifícios. No fundo, pensa-se na reabilitação da Quinta de Santa Theresa como um caminho que interliga os vários tempos arquitetónicos, complementando ainda com usos que deem respostas às necessidades de várias gerações, também elas de vários tempos. Neste sentido, é essencial que esta reestruturação seja pensada como uma ligação do 'lugar' ao ambiente envolvente, sem que este esteja estritamente 'entre muros', direccionado para o interior.

### METODOLOGIA

O trabalho de Projeto/Dissertação Final de Mestrado foi elaborado de acordo com uma estrutura metodológica apoiada numa recolha intensiva de informação, no processamento crítico da mesma, e na aplicação (na componente prática) dos princípios concluídos. Para tal, inicia-se a pesquisa com a recolha de informação presente em obras bibliográficas de diversos autores, relativa tanto à temática dos espaços para crianças e para idosos, como também às Quintas de Recreio e à caracterização do 'lugar'. A pesquisa documental apoia igualmente a fundamentação do trabalho, através da procura de documentos históricos, escritos e gráficos sobre a Quinta de Santa Theresa e do ambiente em que esta se insere.

No final da componente teórica do trabalho são necessárias uma seleção e uma investigação de casos de estudo que, através das suas características qualitativas, são entendidos como referências que servem tanto para fundamentar e exemplificar as componentes anteriormente referidas, como de base para a parte projetual.

No que diz respeito à ideia do projeto, é necessário em primeiro lugar a recolha, análise e conclusão dos desenhos técnicos do levantamento da Quinta, tal como o estudo do lugar. Seleciona-se a Quinta Santa Theresa pelo seu estado atual e presença histórica, localização central e dimensão espacial. Antes do estudo da intervenção e da sistematização dos conceitos estudados e aplicação dos mesmos ao nível prático, é importante estudar a origem da Quinta, analisando a sua morfologia, tanto arquitetónica como funcional, inserida num tempo histórico.

Por fim, estabelecendo-se o enquadramento teórico, pode-se então iniciar a formulação da proposta arquitetónica, enquanto solução conclusiva do raciocínio anteriormente delineado, percebendo *à priori* quais as necessidades do lugar e da população em questão.

### ESTRUTURA DE ORGANIZAÇÃO

A estrutura de organização do trabalho de Projeto/Dissertação Final de Mestrado encontra-se dividida em duas componentes complementares:

teórica e prática.

A componente teórica tem como objetivo a procura pela compreensão de conceitos relacionados com a noção de 'habitar' das gerações a que se destina o trabalho, de modo a contribuir para a maturação do trabalho de projeto.

Na primeira parte é abordada uma síntese do contexto sociodemográfico em Portugal que visa entender os pontos chave para a realização do trabalho, nomeadamente a quem se devem destinar os principais usos.

Numa segunda parte é realizada uma visão historico-temporal sobre o modo de habitar, focalizando-se depois no 'habitar' para a criança e para o idoso em 'casa', numa 'instituição' e, por fim, em conjunto. Na questão da habitabilidade das duas gerações em conjunto apresentam-se quais os seus benefícios e vantagens, quer para os usuários, quer para a instituição e até mesmo para a 'cidade'.

Na terceira e última parte, é apresentada uma seleção de casos de estudo, que pelas suas características espaciais e programa, constituem uma base reguladora para a proposta do projeto em causa.

Por último, ainda no âmbito teórico, apresenta-se uma síntese de considerações gerais que servirá de mote para o trabalho prático.

Dentro da componente prática, tem-se a intenção de realizar um projeto que fundamente as diretrizes anteriores.

Na primeira parte é elaborada uma descrição do 'lugar' em que o terreno de projeto se insere, descrevendo-se a noção de 'lugar'.

Numa segunda parte a Quinta de Santa Theresa é analisada, compreendendo as suas principais características e localizando-as no espaço e no tempo.

Após o entendimento do 'lugar de projeto' é, então, apresentada a proposta arquitetónica desenvolvida, com o objetivo de pôr em prática os conceitos acima mencionados.

Por fim, mediante a investigação teórico-prática do projeto, é apresentado um conjunto de considerações finais que resumem a resposta aos principais desafios que foram propostos para o trabalho de Projeto/Disser-tação Final de Mestrado.

## **UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES**

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional

## II. UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES

*“O que põe o mundo em movimento é a interação das diferenças, as suas atrações e repulsões; a vida é pluralidade, morte é uniformidade.”*

Octavio Paz

*“(...) o cruzamento de experiências (...) a unidade dentro da multiplicidade.”*

Cristina Oliveira



## **UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES**

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional

## **2. CONTEXTO SOCIODEMOGRÁFICO EM PORTUGAL**

### **A REALIDADE E OS DESAFIOS**

Para compreender realmente as necessidades de uma dada população é fundamental percebê-la através da sua evolução. Desde a segunda metade do século XX a população portuguesa tem registado algumas alterações rápidas e, por vezes, pouco controladas. A par das mudanças da população a nível demográfico, Portugal, tal como os restantes países da Europa, esteve sujeito a inúmeras mudanças sociais, políticas e económicas. O avanço da ciência e da tecnologia, nomeadamente a melhoria dos acessos à saúde e à assistência, proporcionaram uma diminuição da mortalidade e, consequentemente, um aumento do nível de esperança média de vida.

Com efeito, no intervalo de tempo presente na segunda metade do século XX, o número de pessoas com idades superiores a 65 anos cresceu e houve um incremento significativo na faixa etária das pessoas com idade acima dos 75 anos.

Por sua vez, a evolução da ciência e a vulgarização dos métodos anticontracetivos, promoveu um decréscimo da natalidade, promovendo mudanças significativas na composição da pirâmide etária. Associado a estes desenvolvimentos, o aumento da participação da mulher no mundo laboral, acabou por, de certa forma, influenciar os resultados inferiores da taxa de natalidade.

Ao se observar a mancha populacional constata-se que, atualmente, esta é menos densa nas faixas etárias jovens, gerando desequilíbrios na sociedade. O número elevado de idosos em relação à proporção de adultos leva ao envelhecimento da população, implicando que a faixa etária ativa se preocupe em apoiar tanto os mais novos como os mais velhos.<sup>1</sup>

Neste contexto geral é de salientar que, na década de 80, Portugal era,

<sup>1</sup> Maria João Valente Rosa – “O Envelhecimento da Sociedade Portuguesa”; Coleção “Ensaios da Fundação Francisco Manuel dos Santos”; Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2012; pág. 28.

## UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES

### A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional

Gráfico 1.  
Estrutura da população em Portugal, nos anos 1981 e 2011

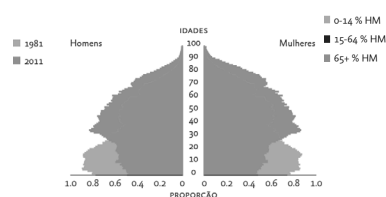
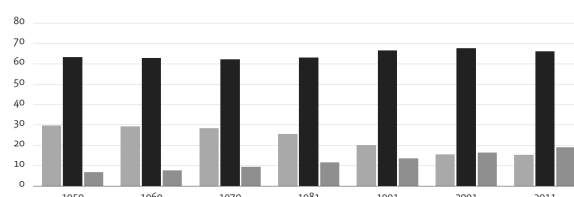


Gráfico 2.  
Grupos etários em Portugal entre 1950 e 2011



de entre os países pertencentes à União Europeia, o que tinha menor número de pessoas envelhecidas. Atualmente, esse facto já não ocorre, sendo Portugal “*um dos países mais envelhecidos do espaço europeu e, como tal, do mundo*”.<sup>2</sup>

Para além desta genérica realidade é de referir que nos últimos 50 anos, a população jovem diminuiu de 29% da população para 15% da população, ao contrário da população idosa que aumentou significativamente, de 8% para 19%. Posto isto, é no ano 2000 que, pela primeira vez em Portugal, o número de idosos ultrapassa o número de jovens.<sup>3</sup>

A par das diversas variações demográficas já destacadas, o conceito de ‘velhice’ tem sofrido diversas alterações. No passado, uma pessoa alcançava a velhice aos 40 anos, onde, de facto, as pessoas eram valorizadas quando atingiam uma idade superior à esperada, representando um acontecimento raro. Associado à raridade, as pessoas mais velhas tinham em si agregada a sabedoria, ensinando e apoiando os mais jovens nas atividades agrícolas e de caça. Em contrapartida, a partir da segunda metade do século XX, é ‘velho’ quem passa para a reforma, sendo consideradas pessoas não ativas, passando o conceito de velhice de uma visão positiva e de valor para uma noção negativa, ligada ao fim de vida, onde não se incluíam projetos para o futuro.

Assim sendo, quando se pensa, atualmente, no envelhecimento da população portuguesa pensa-se no enfraquecimento da economia, levando a uma visão redutora dos problemas, como o aumento de custos para servir a população idosa e a ideia de que esta população é pouco produtiva, visão que é certamente limitada na sua interpretação de um amplo problema social.

<sup>2</sup> Maria João Valente Rosa – “O Envelhecimento da Sociedade Portuguesa”; Coleção “Ensaios da Fundação Francisco Manuel dos Santos”; Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2012; pág. 16.

<sup>3</sup> Maria João Valente Rosa – “O Envelhecimento da Sociedade Portuguesa”; Coleção “Ensaios da Fundação Francisco Manuel dos Santos”; Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2012; pág. 27.



Figura 1.  
A predominância da geração mais velha face aos mais novos

Neste quadro, na obra “*O Envelhecimento da Sociedade Portuguesa*”<sup>4</sup>, é apresentada uma nova abordagem, em que se pensa em todas as gerações, dinamizando assim um envelhecimento ativo. Esta abordagem baseia-se na divisão da vida em três fases: formação, vida ativa e reforma/lazer. Para um envelhecimento ativo deve-se encorajar as pessoas a interligar as três fases ao longo da sua existência para que as insatisfações perante a fase em que se está sejam diminuídas, tal como a vontade de alcançar a etapa seguinte. Centrando-se na população mais idosa, esta medida iria permitir uma maior satisfação na vida de uma faixa etária muito segregada da sociedade, conseguindo que estes exercessem atividades adequadas às suas capacidades, juntamente com a vivência da terceira fase, relacionando-a, principalmente, com o bem estar e o lazer, não tirando de parte a formação.

Concretamente, torna-se relevante destacar a atenção que as entidades oficiais têm atribuindo a este tema, sendo pertinente referir o Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre Gerações. O Governo Português desenvolveu um programa de ação vocacionado para o denominado ‘Envelhecimento Ativo’, já descrito pela Organização Mundial da Saúde como “*o processo de cidadania plena, em que se otimizam oportunidades de participação, segurança e uma maior qualidade de vida à medida que as pessoas vão envelhecendo.*”<sup>5</sup> Este conceito, relacionado com a participação dos indivíduos nas atividades

<sup>4</sup> Maria João Valente Rosa – “O Envelhecimento da Sociedade Portuguesa”; Coleção “Ensaio da Fundação Francisco Manuel dos Santos”; Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2012; pág. 60 a 84.

<sup>5</sup> Governo de Portugal - Ano europeu do envelhecimento activo [Em linha] 2012; [Consult. 19 Feb. 2015] Disponível na internet: <URL: <http://www.igfse.pt/upload/docs/2012/Programa%20A%C3%A7aoAnoEuropeu2012.pdf>>.

des sociais, diminui os preconceitos associados à idade e ainda promove “(...) *medidas de discriminação positiva em relação aos idosos no sentido de atenuar o seu estatuto marginal.*”<sup>6</sup>

Assim, podemos assumir que, conforme destaca Maria João Valente Rosa “o *verdadeiro problema das sociedades envelhecidas não está tanto no envelhecimento da sua população, mas no que as sociedades não mudaram desde que começaram a envelhecer.*”<sup>7</sup>

A situação demográfica do país pode ser entendida como uma oportunidade para a concretização de novas formas de habitar e de apropriação do espaço, nestas gerações com novas necessidades e objetivos.

Deste modo, a partir desta realidade significativa podemos mesmo afirmar que a relação entre as várias gerações tem vindo a decrescer com o incremento do individualismo, registando-se um aumento da população envelhecida, levando ao incentivo da reflexão de como as cidades se devem adaptar a esta realidade. Ações multigeracionais e intergeracionais podem ser novas abordagens pertinentes, fundamentando uma cultura mais sustentável, onde se criam cidades habitáveis para todas as idades. As novas realidades podem levar a novos pensamentos e, conseqüentemente, a novas transformações ou adaptações, permitindo certamente uma evolução positiva.

---

<sup>6</sup> Pedro Moura Ferreira – “Envelhecimento Activo e Relações Intergeracionais”; in “Anais do XV Congresso Brasileiro de Sociologia”; Instituto de Ciências Sociais - Universidade de Lisboa, 2011; pág. 9.

<sup>7</sup> Maria João Valente Rosa – “O Envelhecimento da Sociedade Portuguesa”; Coleção “Ensaio da Fundação Francisco Manuel dos Santos”; Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2012; pág. 14.

### 3. ‘O HABITAR’

#### LUGARES PARA CRIANÇAS E IDOSOS

*“O Homem habita quando pode orientar-se em si mesmo em e identificar-se a si próprio com a envolvente ou o ambiente, ou, quando experiencia a envolvente em pleno sentido”.<sup>8</sup>*

As vivências dos espaços, tanto para os idosos como para as crianças, têm sofrido alterações ao longo da História, acompanhando também, de certo modo, a evolução do pensamento arquitetónico. As duas gerações, apesar de separadas pelo tempo e pela experiência de vida, apresentam necessidades comuns, muitas vezes associadas à temática da acessibilidade e cuidados de saúde. Deste modo, a maneira como ambas vivem pode, de certa forma, estar relacionada com o espaço em que habitam e com a população em que se inserem.

Neste contexto pode registar-se que a noção de ‘habitar’, apesar da sua resposta se vir a alterar em termos espaciais, mantém-se. ‘Habitar’<sup>9</sup>, do latim ‘*habito*’, ‘*habitare*’, está relacionado com a ideia de costume, frequência, repetição. ‘Um espaço habitado’ é aquele com que o indivíduo interage com regularidade, criando vivências e sentimentos, onde ‘habitar’ associa-se a ‘viver’, um processo que perdura.

Um lugar que não transmite vontade de o visitar novamente e repetitivamente não será um lugar para habitar. Um espaço de passagem não corresponde a um espaço realmente habitado, corresponde, segundo Marc Augé, a um não-lugar<sup>10</sup>, a uma realidade que apenas existe principalmente

<sup>8</sup> Christian Norberg-Schulz – “Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture”, New York: Ed. Rizzoli, 1979, pág. 5. “*Man dwells when he can orientate himself within and identify himself with and environment, or, in short, when he experiences the environment as meaningful.*”

<sup>9</sup> “habitar”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/DLPO/habitar> [consultado em 10-03-2015].

1. Ter a sua residência em. = MORAR, VIVER

2. Prover de população ou de residentes. = POVOAR

3. Estar presente em.

<sup>10</sup> Marc Augé - “Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da sobremodernidade”; Lisboa: 90 Graus

enquanto lugar de intermediação entre espaços habitados.

'Habitar' corresponde a "*um conceito que transcende o pragmatismo formal, utilitário e quantitativo das acepções estar domiciliado e ocupar como residência*"<sup>11</sup>, sendo inerente à condição humana, onde o espaço construído acontece e é indispensável à necessidade de habitar.

Assim, 'habitar' pode apresentar uma ideia de 'individualidade', tal como um pensamento de 'comunidade' e 'coletividade'. Habitar com a família será certamente diferente do 'habitar em conjunto', com uma população. Habitar em conjunto está apenas intrínseco aos espaços a que se denomina 'casa' ou pode estar relacionado com os espaços públicos? De acordo com Heidegger, apesar de algumas construções estarem relacionadas com o habitar, estas podem não corresponder a habitações, e corresponderem apenas a estruturas de 'abrigo' para o Homem.

Assim sendo, se habitar se relaciona com a repetição, com o hábito, os lugares denominados como públicos podem conter essas vivências e serem verdadeiramente habitados.

Pode-se ainda abrir um outro enquadramento acerca da noção de 'habitar'. Será a construção apenas um caminho para erguer um local onde o homem possa habitar? Para Heidegger, "*construir já é em si mesmo habitar*", completando ainda que "*(...) habitar é o modo como os mortais são e estão sobre a terra.*"<sup>12</sup> O filósofo afirma 'sobre' porque habitar tem inerente a noção de 'resguardo' e 'proteção', onde o Homem experiencia a liberdade e a harmonia. No fundo, "*a essência de construir é deixar habitar.*"<sup>13</sup>

Dentro deste contexto específico, para Bollnow, 'habitar' corresponde ao modo como o Homem está no mundo, onde possa "*(...) estar enraizado ... ser de um lugar determinado (...) donde o homem se possa recolher, abrigar-se.*"<sup>14</sup>

Importa reforçar que habitar não é consequência da construção. Habitar será sim o mote para a necessidade de construir, onde "*construir e pensar*

---

Editora, 2005.

<sup>11</sup> Máira Longhinotti Felipe – "Casa: uma poética da terceira pele"; Rv. "Psicologia & Sociedade"; 22 (2), 2010; pág. 301.

<sup>12</sup> Martin Heidegger – "Construir, Habitar, Pensar"; in AA.VV. "Ensaio e Conferências"; Trad. Maria Sá Cavalcante Schuback; Petrópolis, 2002; pág.128.

<sup>13</sup> Martin Heidegger – "Construir, Habitar, Pensar"; in AA.VV. "Ensaio e Conferências"; Trad. Maria Sá Cavalcante Schuback; Petrópolis, 2002; pág.139.

<sup>14</sup> Juan Luis de las Rivas - "El espacio como lugar: sobre la naturaleza de la forma urbana"; Valladolid: Secretariado de Publicaciones, 1992, pág. 26. "*(...) estar enraizado ... ser de um lugar determinado (...) donde el hombre se pueda recogerse, cobijarse.*"





Figura 2.  
'Elderly ... and young  
people'



são, cada um a seu modo, indispensáveis para o habitar.”<sup>15</sup> Será por isso que, com a evolução da maneira de construir e com o desenvolvimento do pensamento do indivíduo, se tenham formado vários modos de habitar.

A par da noção de ‘habitar’ encontramos ‘o lugar’<sup>16</sup>, elemento que concretiza e materializa a vontade de habitar, em que “*a referência do homem aos lugares e através dos lugares aos espaços repousa no habitar.*”<sup>17</sup> Este será o reflexo da sua população residente, relacionando assim ‘habitar’ com ‘povoar’. Um lugar habitado é aquele que o indivíduo torna seu, mesmo que seja de mais pessoas, apropriando-o e percebendo a sua essência.

No decorrer da presente reflexão irão ser abordados vários conceitos de habitar que se desenvolveram ao longo do tempo, como o ‘viver em casa’, no seio familiar, ou numa instituição, já com a noção do ‘coletivo’. Será também explanado o ‘habitar entre gerações’, nomeadamente entre a geração mais jovem e a mais idosa, proporcionando uma ‘relação intergeracional’, vivência que poderá ter consequências na formação do espaço.

A explicitação não corresponderá a todos os modos de habitar, nem tem como finalidade a sua descrição exaustiva. Será procurada uma articulação dos lugares vividos por crianças e por idosos, a fim de compreender como estes podem interagir, mantendo as suas individualidades, sendo fundamental compreender a evolução dos lugares destas gerações ao longo da História.

<sup>15</sup> Martin Heidegger – “Construir, Habitar, Pensar”; in AA.VV. “Ensaio e Conferências”; Trad. Maria Sá Cavalcante Schuback; Petrópolis, 2002; pág.140.

<sup>16</sup> Martin Heidegger faz distinção entre ‘espaço’ e ‘lugar’. ‘Espaço’ é algo que está relacionado com a noção de dimensão e limite. ‘Espaço’ é o que se apropria e que se articula, formando, então, um ‘lugar’. “*Os espaços que percorremos diariamente são ‘arrumados’ pelos lugares, cuja essência se fundamenta nesse tipo de coisa que chamamos de coisas construídas.*” Um ‘lugar’ é o que oferece a essência ao ‘espaço’. “*O lugar acolhe, numa circunstância, a simplicidade de terra e céu, dos divinos e dos mortais, à medida que edifica em espaços a circunstância.*” in Martin Heidegger – “Construir, Habitar, Pensar”; in AA.VV. “Ensaio e Conferências”; Trad. Maria Sá Cavalcante Schuback; Petrópolis, 2002; pág. 134 a 137.

<sup>17</sup> Martin Heidegger – “Construir, Habitar, Pensar”; in AA.VV. “Ensaio e Conferências”; Trad. Maria Sá Cavalcante Schuback; Petrópolis, 2002; pág.137.

### 3.1. ‘VIVER EM CASA’

#### O SIGNIFICADO DO HABITAR PRIVADO

Segundo um entendimento contemporâneo, ‘viver’ e ‘envelhecer’ em casa implica que o espaço esteja em conformidade com as necessidades do Homem. É em casa, principalmente para os idosos, que a maioria do tempo é ocupado, tornando-se o “(...) *foco espacial das suas vidas*”<sup>18</sup>.

No que diz respeito ao conceito de ‘casa’, e tendo em conta Michelle Perrot, este lugar apresenta-se como “*teatro da vida privada e das aprendizagens mais pessoais, tópico das recordações de infância*”, onde a casa, “*é o lugar de uma memória fundamental que o nosso imaginário habita para sempre*.”<sup>19</sup> Assim sendo, o espaço doméstico pode ser entendido como o ‘lugar’ onde a intimidade ganha plenitude.

De facto, pode-se assumir que a noção de casa desdobra-se em dois sentidos, sendo o primeiro referente à noção de habitação, ideia já generalizada, e o segundo à ideia de abrigo, “*função básica e original do acto de habitar*.”<sup>20</sup>

Dentro da noção de ‘casa’ como habitação, esta representa mais do que um elemento arquitetónico, conseguindo incluir um contexto social específico, respondendo a todas as suas necessidades, tanto físicas como psicológicas. O sujeito que habita consegue “(...) *projectar, com uma maior ou menor intencionalidade, imagens e ‘expressões sedutoras’ da sua vida e identidade*”<sup>21</sup> no ‘lugar’, na sua ‘casa’.

<sup>18</sup> Ignacio Martín; Gonçalo Santinha; Susana Rito; Rosa Almeida – “Habitação para pessoas idosas: problemas e desafios em contexto português”; in “Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto” (tema: Envelhecimento demográfico); 2012; pág. 182; [Consult. 20 Mar. 2015] Disponível em WWW: < URL: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/10586.pdf> >.

<sup>19</sup> Michelle Perrot – “Maneiras de habitar”; in AA.VV. “História da Vida Privada: Da Revolução à Grande Guerra”; Dir. Michelle Perrot; Trad. Armando Luís de Carvalho; Porto: Afrontamento, 1990, Volume 4; pág. 323.

<sup>20</sup> António Santos Leite – “A Casa Romântica: Uma Matriz para a Contemporaneidade”; Lisboa: Caleidoscópio, 2015; pág. 9.

<sup>21</sup> António Santos Leite – “A Casa Romântica: Uma Matriz para a Contemporaneidade”; Lisboa: Caleidoscópio, 2015; pág. 28.

De acordo com António Leite, a denominada 'casa romântica'<sup>22</sup> é aquela que se apresenta como o local "(...) onde o indivíduo pode executar uma ampla criação sendo-lhe permitindo fundir subjectivamente a 'materialidade física' – a realidade construtiva e as exigências funcionais – com a 'imaterialidade' imanente fantasiada dos seus 'sonhos e desejos'".<sup>23</sup>

Associada à 'casa' encontra-se a dicotomia 'público/privado', que condiciona a vivência no denominado 'lar', ideia que se tem alterado através da evolução do indivíduo na História.

Neste contexto específico abre-se um enquadramento para a evolução do conceito de 'privacidade', conceito este apenas percecionado e debatido a partir do século XIX. De facto, a vida privada "(...) não é uma realidade natural, existente desde da origem dos tempos; é uma realidade histórica, construída de formas diferentes por sociedades determinadas"<sup>24</sup>.

Durante a Idade Média existia pouco a noção do 'privado'. O indivíduo preocupava-se com o coletivo, sobrevalorizando a solidariedade, existindo 'mundos' que não eram nem privados nem públicos. No entanto, os territórios comunitários acabavam por conseguir oferecer vazios que auxiliavam a construção da intimidade, como espaços naturais, pequenos lugares de repouso ou até dentro das habitações, onde o recanto da janela poderia ser um lugar íntimo e de reflexão.<sup>25</sup>

A partir do século XVII, o espaço habitacional "*perdeu o carácter de valor público que possuía em certos casos (...), em favor do clube e do café*"<sup>26</sup> surgindo assim, aos poucos, a distinção do que era trabalho, lazer e família.

Assim sendo, é entre o final do século XVIII e o início do século XIX que surgem diversas abordagens que elevam o conforto e segurança do coletivo, conseguindo oferecer espaços para o trabalho, família e lazer. Exemplo deste facto é o falanstério, proposto por Charles Fourier, em que este imagina a ci-

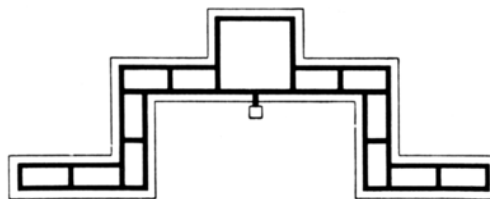
<sup>22</sup> Segundo o autor, o Romantismo deve ser entendido como "uma ideia do mundo", onde esta liberdade permite que o indivíduo consiga criar a 'sua casa' – 'casa romântica', sendo este livre do 'controlo social'. No entanto, esta "conceção romântica" também se adapta à noção de família e das atividades quotidianas inerentes a uma 'cultura'.

<sup>23</sup> António Santos Leite – "A Casa Romântica: Uma Matriz para a Contemporaneidade"; Lisboa: Caleidoscópio, 2015; pág. 199.

<sup>24</sup> Antoine Prost – "Fronteiras e espaços do privado"; in AA.VV. "História da Vida Privada: Da Primeira Guerra Mundial aos nossos dias"; Dir. de Philippe Ariès e Georges Duby; Trad. Armando Luís de Carvalho; Porto: Afrontamento, 1991, Volume 5; pág. 15.

<sup>25</sup> Philippe Ariès – "Para uma história da vida privada"; in AA.VV. "História da Vida Privada: Do Renascimento ao Século das Luzes"; Dir. de Philippe Ariès e Georges Duby; Trad. Fátima Martins; Porto: Afrontamento, 1990, Volume 3; pág. 8.

<sup>26</sup> Philippe Ariès – "História Social da Criança e da Família"; Trad. Dora Flaksman; 2ª Edição. Rio de Janeiro: Zahar, 1981; pág. 274.



Figuras 3, 4 e 5.  
Falanstério de Charles  
Fourier

dade como uma estrutura arquitetônica igual para todos, onde a organização da cidade é que muda as pessoas, prevalecendo a ideia de comunidade. Para Charles Fourier, as fábricas deviam-se instalar no campo onde, associadas a estas, se construíam unidades que serviam de habitação para os trabalhadores, compostas por uma ala central e duas laterais e, ainda, jardins internos, entendidos como locais de convívio. A estrutura seria autossuficiente, dispondo de terrenos agrícolas nas proximidades.<sup>27</sup>

Com o crescimento das cidades, cada vez mais cidades industriais, já perto do século XIX, o anonimato passou a entrar de forma evidente no quadro da sociedade. Em consequência, a tendência para o individualismo cresce, onde a interiorização e a introspeção ganham presença.

Segundo Phillipe Ariès, a presença do 'individualismo' deve-se a "(...) *três acontecimentos exteriores, pertencentes à grande história político-cultural*"<sup>28</sup>, como a presença mais ativa do Estado, o aumento da alfabetização e o manifestação de novas formas de religião. A partir do século XVIII o espaço e as atividades destinadas à comunidade tornam-se responsabilidade do Estado. O aumento da alfabetização contribui ainda para a individualização, onde os momentos de leitura silenciosa proporcionam a formação de novas ideias sobre o mundo, através de conhecimentos empíricos. Posto isto, o surgimento de novas formas de religião também eleva ao progresso do pensamento individual, apesar de surgir em época anterior, durante os séculos XVI e XVII.

Já para António Leite, os conceitos de 'privacidade' e 'família' podem-se definir em três momentos essenciais. Inicialmente a 'casa' era entendida como um agregado de pessoas, não correspondendo apenas à noção de pa-

<sup>27</sup> Apesar desta proposta não ter sido muito utilizada, destaca-se a obra de Godin, em França.

<sup>28</sup> Philippe Ariès – "Para uma história da vida privada"; in AA.VV. "História da Vida Privada: Do Renascimento ao Século das Luzes"; Dir. de Philippe Ariès e Georges Duby; Trad. Fátima Martins; Porto: Afrontamento, 1990, Volume 3; pág. 9.

rentesco, em que o trabalho e as atividades domésticas se encontravam fundidas. Em segundo lugar, na ‘casa medieval’ não existia a especificação funcional dos espaços, havendo por vezes a sobreposição de usos. Finalmente, *“com a transição do ‘mundo feudal’ para o novo ‘mundo burguês’ começa-se a delinear, sobretudo a partir do século XIX, uma nova organização social que vai fazer a transição entre a ‘grande casa feudal’ e uma nova ‘casa burguesa’ onde cada vez mais se afirma a individualidade e a privacidade”*.<sup>29</sup>

Associado ao crescimento do individualismo, a noção de ‘habitar’, após a Revolução Francesa e a Revolução Industrial, é entendida, de certo modo, como ‘uma máquina de habitar’, ideia desenvolvida por Adolphe Lance, onde *“uma casa é um instrumento, é uma máquina, por assim dizer, que não só serve de refúgio ao homem, mas que deve submeter-se, tanto quanto possível, a todas as suas necessidades”*.<sup>30</sup>

Convém ainda referir que é na segunda metade do século XX que o ‘individualismo’ se torna mais evidente, a partir da grande evolução da habitação presente neste período. Até então, todos os membros da família coabitavam no mesmo espaço, havendo, por vezes, conflitos entre o que era a vida já privada, da família, e a vida privada de cada indivíduo. Podemos afirmar que anteriormente existiam mais relações entre as gerações, no entanto estas não seriam totalmente saudáveis, uma vez que não respeitavam a individualidade de cada membro.

Nesta época de revolução da habitação, a repartição das divisões e a sua especialização levaram à criação do espaço ‘individual’, dentro da ‘vida privada da família’. O indivíduo passa a criar espaços para si como a biblioteca, o escritório, o atelier, a sala de fumo, entendidos como *“verdadeiros bastiões da sua individualidade”*<sup>31</sup>. Criam-se duas vidas privadas que, com a evolução e caracterização dos espaços, passam a conseguir habitar em conjunto, surgindo um novo conceito de ‘família’, onde esta deixa de ser uma ‘instituição’ que serve a ‘sociedade’, sujeitando-se à sua ‘privatização’.<sup>32</sup>

<sup>29</sup> António Santos Leite – “A Casa Romântica: Uma Matriz para a Contemporaneidade”; Lisboa: Caleidoscópio, 2015; pág. 46.

<sup>30</sup> Adolph Lance na Encyclopédie d’ architecture, Paris, Morel, Maio 1853, crónica de Adolphe Lance sobre um tratado arquitetónico de M. Léonce Reynaud. in Georges Teyssot – “Hábitos/Habitus/Habitat”; in AA.VV. “Da Teoria de Arquitetura: doze ensaios”; Lisboa: Edições 70, 2010; pág.137.

<sup>31</sup> António Santos Leite – “A Casa Romântica: Uma Matriz para a Contemporaneidade”; Lisboa: Caleidoscópio, 2015; pág. 219.

<sup>32</sup> Antoine Prost – “Fronteiras e espaços do privado”; in AA.VV. “História da Vida Privada: Da Primeira Guerra Mundial aos nossos dias”; Dir. de Philippe Ariès e Georges Duby; Trad. Armando Luís de Carvalho; Porto: Afrontamento, 1991, Volume 5; pág. 61.

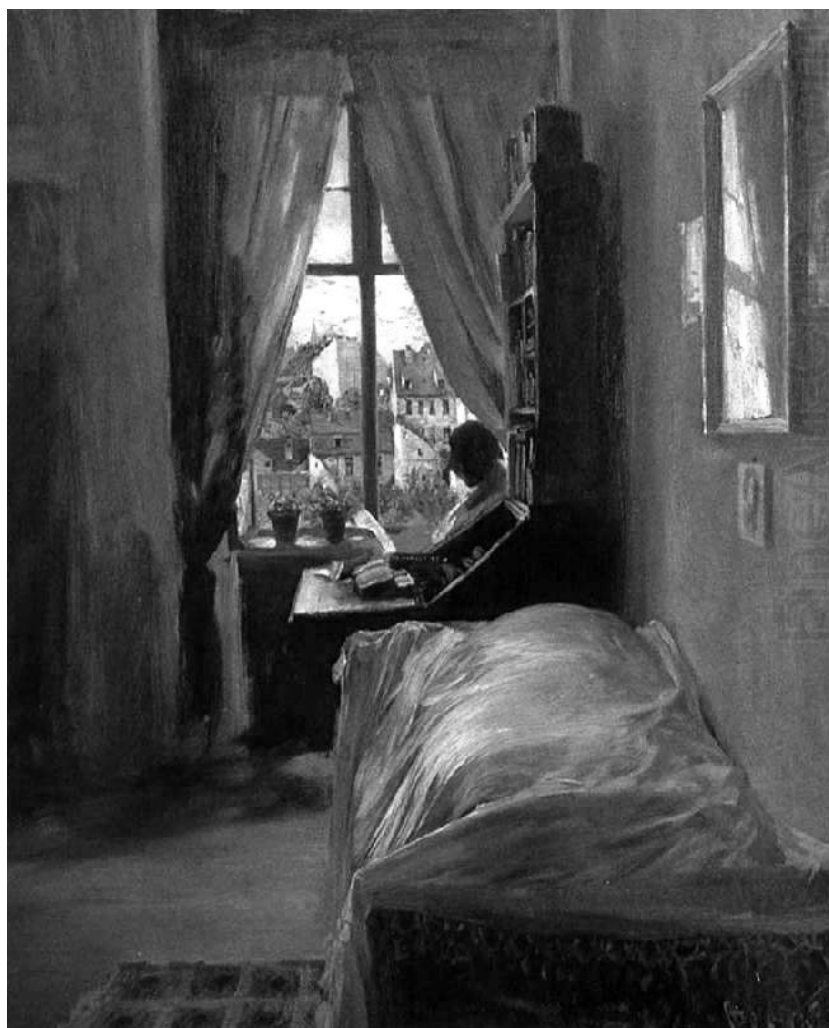


Figura 6.  
"The Artist's Bedroom"  
de Adolph Von Menzel,  
1847

Por fim, é de realçar que apesar do conceito de 'casa' se vir a tornar um mundo cada vez mais privado, no século XX surgem novas formas de 'habitar em conjunto', acrescentando à ideia de interação entre gerações da mesma família, a coabitação de pessoas sem serem familiares. Nesta época, principalmente em Inglaterra, é notória a introdução de pessoas estranhas à família no seio familiar, em que a 'antiga instituição familiar' acolhe estudantes nas suas casas.

### 3.1.1. VIVER EM CASA PARA A CRIANÇA

O 'viver em casa' por parte das crianças têm sido fruto das atividades a que os pais estavam sujeitos. Esta geração, tal como os idosos, tem limitações, sendo essencial a adaptação do espaço habitacional.

Enquanto que para os idosos viver em casa pode também estar associado à solidão, levando a uma discriminação da faixa etária, o mesmo não acontece com as crianças. Para a população mais jovem, viver em casa significa interagir com a família, não estando tão presente a noção de segregação.

Inicia-se agora uma breve descrição do processo evolutivo do 'habitar em casa' por parte das crianças. Neste quadro, durante muito tempo as crianças permaneciam em casa com a mãe, até que tivessem capacidades para se introduzirem no mundo do trabalho, junto dos adultos.

Com a evolução da sociedade e, conseqüentemente, com a privatização da família, esta 'não-instituição' encontrou o valor da educação das crianças fora do seio familiar, sendo a partir do século XVII que as crianças começam a frequentar as escolas, inicialmente em regime de internato.

Atualmente, a criança despende o seu tempo essencialmente fora de casa, sendo a vivência na habitação muito reduzida. A maioria das atividades concentram-se nas instituições educacionais e de tempos livres.

Com efeito, o tempo afeto às crianças por parte dos pais e a evolução da família tem alterado a ideia que as crianças têm dos pais. Antes, os filhos mantinham uma certa distância dos seus progenitores, enquanto que agora





Figura 7.  
Jogos de crianças no interior da habitação, no século XIX

*“(...) vão, gradualmente, começar a ser o centro dos afectos e estabelecerem com os seus progenitores uma relação de maior proximidade (...).”<sup>33</sup>* Contudo, no século XX com a entrada das mulheres no mundo laboral, com o início da existência de famílias monoparentais ou com a distância dos pais devido à guerra ou a fluxos migratórios, o tempo passado com a criança reduz-se. Nesta época, na maioria dos países desenvolvidos, renasce uma maior interação das crianças com os avós, proporcionando uma relação e aproximação destas gerações, em que a geração mais velha acaba por adquirir um papel essencial no que diz respeito ao apoio à família.

Associada também às mudanças tecnológicas, à repartição das divisões da casa, às novas brincadeiras, as crianças tendem a permanecer mais tempo em casa, constatando-se, assim, simultaneamente, o crescente afastamento da rua enquanto lugar público. As crianças ganham mais espaços privados no interior da casa, dispondo até de divisões próprias, levando, muitas vezes, à falta de socialização com outras crianças e com a família. Podemos ainda afirmar que, com maior frequência, cada divisão acaba por servir apenas uma pessoa.

### **3.1.2. VIVER EM CASA PARA O IDOSO**

Durante muito tempo a presença do idoso era imprescindível no seio

**33** António Santos Leite – “A Casa Romântica: Uma Matriz para a Contemporaneidade”; Lisboa: Caleidoscópio, 2015; pág. 46 a 47.



familiar. Esta geração estava associada a *“um valor absoluto importante, a experiência”*<sup>34</sup>, sendo valorizada *“talvez por a esperança média de vida ser tão reduzida nesse tempo e, por isso, acabar por constituir uma situação rara”*.<sup>35</sup>

Com a Revolução Industrial, surgiram muitas tarefas que implicam esforço físico, ocupadas pela geração mais jovem, levando a que os idosos não estivessem tão presentes nas atividades da sociedade, permanecendo mais tempo em ‘casa’.

Assim sendo, abrindo enquadramento para o conceito de *‘aging in place’*<sup>36</sup>, surgem novas formas de combater o isolamento, oferecendo aos mais velhos o conforto necessário. Esta ideia reconhece, *“(...) por um lado, a diversidade de necessidades e preferências (...) e por outro as situações de fragilidade que exigem cuidados e formas especiais para a residência.”*<sup>37</sup>

Com a evolução da arquitetura e do pensamento sobre a habitação, algumas premissas nem sempre foram colocadas, como a acessibilidade, levando por vezes a que a população mais velha recorra a instituições. Posto isto, deve-se encarar o *‘design universal’*<sup>38</sup> como ponto de partida para a dinamização da conceção *‘aging in place’*. Com esta abordagem os espaços tornam-se seguros, acessíveis e funcionais, sem comprometer a estética e forma do espaço.<sup>39</sup>

Dentro do espaço habitacional, importa salientar a falta de instalações sanitárias adequadas a uma menor acessibilidade e o reduzido ajuste das cozinhas às limitações do indivíduo mais velho como algumas das lacunas nas habitações. Este facto pode derivar quer da existência de habitações com pouca área, em que havia a tentativa de otimizar ao máximo o espaço, quer da época em que o individualismo começa a crescer, havendo a necessidade da repartição das divisões. Esta subdivisão pode não ter levado ao aumento

<sup>34</sup> Alberto Montoya – “Habitar na Velhice - Evolução dos dispositivos arquitectónicos”; Porto: FAUP, 2010; pág.2.

<sup>35</sup> Maria João Valente Rosa – “O Envelhecimento da Sociedade Portuguesa”; Coleção “Ensaio da Fundação Francisco Manuel dos Santos”; Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2012; pág. 20.

<sup>36</sup> Envelhecer em casa, em português.

<sup>37</sup> Luis Arturo Vázquez-Honorato; Bertha Lilia Salazar-Martínez – “Arquitectura Vejez y Calidad de Vida. Satisfacción Residencial y Bienestar social”; in “Journal of Behavior, Health & Social Issues”; Volume 2, nº 2, 2010; pág. 61. [Consult. 11 Mar. 2015] Disponível em WWW: <URL: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=282221720006>>. *“por una parte, la diversidad de necesidades y preferencias (...) y por otra, las situaciones de fragilidad que exigen cuidados y formas especiales para residencia.”*

<sup>38</sup> O design universal destina-se a todos, oferecendo flexibilidade no seu uso, sendo ainda simples e intuitivo.

<sup>39</sup> American Planning Association – “Multigenerational planning. Using smart growth and universal design to link the needs of children and the aging population.” [Em linha]. 2011; pág. 11; [Consult. 19 Feb. 2015] Disponível na internet: <URL: <https://www.planning.org/research/family/briefingpapers/pdf/multigenerational.pdf>>.



Figura 8.  
(à esquerda)  
Vivências na sua própria  
casa através da escolha  
de pequenos locais de  
intimidade

Figura 9.  
(à direita)  
O escritório como es-  
paço onde predomina a  
individualidade

da área da casa, originando espaços mais pequenos e contidos.

Segundo Willem Van Vliet, diversos estudos constataam que os idosos preferem permanecer na sua própria habitação<sup>40</sup>, em que os apoios ao domicílio se apresentam como uma boa resposta para o prolongamento da 'vivência na casa'.

Note-se que, de acordo com a conjuntura sociocultural, nos últimos 50 anos, a par da evolução das habitações, começam a existir unidades habitacionais apenas ocupadas por uma pessoa, tal como a redução da dimensão das famílias, muitas vezes consequência da redução da taxa de natalidade e da vontade dos jovens constituírem uma família na sua própria casa, saindo, assim, de casa dos pais.<sup>41</sup>

Por todas estas razões, muitas pessoas idosas acabam por viver sozinhas, sem apoio. Com efeito, em Portugal criou-se o "Programa Conforto Habitacional para Pessoas Idosas"<sup>42</sup> que defende e apoia melhorias no campo habitacional, proporcionando à geração idosa as reais condições para 'viverem em casa'. Estas medidas têm como objetivo prevenir a institucionalização, opção nem sempre aceite, tanto pelas pessoas idosas, como pela sua família.

É ainda importante frisar que a adaptabilidade das habitações não é o único factor a considerar quando se fala nas habitações para idosos. Viver em casa na sua plenitude implica que esta esteja próxima de serviços e equipamentos de apoio. No fundo, será a integração dos idosos na comunidade, aliada à implementação de medidas que tornem as habitações acessíveis para todos, que desenvolverá a noção de 'envelhecimento ativo'.

Por fim, associado aos programas de apoio ao idoso que se têm desenvolvido na última década, é fundamental assumir que com o tempo a geração idosa será mais dotada de níveis de escolaridade, influenciando a sua autonomia e estilo de vida. Pensamos que estas características poderão proporcionar novos modos de habitar e novas atividades na terceira idade.

<sup>40</sup> Willem Van Vliet– "Creating Livable Cities for All Ages: Intergenerational Strategies and Initiatives". in "UN-Habitat's Global Dialogue on Harmonious Cities for All Age Groups at the World Urban Forum IV"; [Em linha]. Nanjing, 2008; pág. 7; [Consult. 19 Fev. 2015] Disponível na internet: <URL: <http://www.colorado.edu/cye/sites/default/files/attached-files/CYE-WP1-2009%20website%20version.pdf>>.

<sup>41</sup> AA.VV. – "Dinâmicas Demográficas e Envelhecimento Da População Portuguesa (1950-2011): Evolução e Perspectivas"; Direção Mário Leston Bandeira; Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2014; pág. 102.

<sup>42</sup> Criado pelo Despacho nº6717-A/2007, de 5 de Abril.

### **3.2. 'A INSTITUIÇÃO'**

#### **O HABITAR COLETIVO**

A 'privatização da família', descrita no ponto anterior, leva à criação da 'instituição'. Com o desenvolvimento do espaço privado no seio familiar, surge a necessidade de criar instituições, lugares de acolhimento para as gerações mais dependentes, como os idosos e as crianças.

'Habitar em conjunto' surge da noção de 'comunidade' e da vivência no seio familiar. Com a evolução do significado 'habitar', a vivência do coletivo começa-se a evidenciar. Várias vidas privadas acabam por coabitar e interagir dentro das suas limitações. Deste modo, seja numa casa, num espaço comunitário, numa escola, habitar com o coletivo implica a existência de espaços de interação.

O que pode ligar várias vidas privadas? Podemos afirmar que nos novos espaços coletivos é possível a vivência das várias intimidades. 'Habitar no coletivo' pode corresponder a vários espaços. Se se ligar o 'habitar' à 'habitação', 'habitar no coletivo' ocorre dentro do seio familiar, na 'casa de família', contudo, pode também ocorrer através das relações de vizinhança com as outras 'famílias'. Pode-se até habitar em conjunto num edifício em altura, onde apartamentos se dividem apenas através de pequenas paredes e caixas de escadas.

Apontamos ainda como evidência nesta reflexão que 'habitar' não significa o contacto impessoal e pontual, implica a existência de unidades que interliguem as várias vidas privadas. O espaço exterior pode ser encarado como essa 'unidade' que as relaciona e dinamiza.

No seguimento da explicação da forma de habitar e da sua evolução no seio familiar, em casa, torna-se necessário abordar agora temáticas relacionadas com a forma de habitar entre pessoas da mesma geração, num 'mundo institucional', compreendendo as suas evoluções formais e teóricas.

### 3.2.1. A INSTITUIÇÃO PARA A CRIANÇA

*“Ao contrário do utilizador adulto que muitas vezes bloqueia a sua percepção do ambiente, a criança não filtra a sua percepção a determinados tipos de espaços, apropriando-se e respondendo não só a espaços amplos e abertos, mas também a espaços confinados, acolhedores e privados.”<sup>43</sup>*

Uma instituição para as crianças pode corresponder a equipamentos de várias valências como escolas, espaços de educação e tempos livres, internatos, espaços de saúde, entre outros. Na próxima abordagem fala-se, essencialmente, nas instituições de início de vida, relacionadas com a educação, uma vez que os espaços de saúde não estão diretamente ligados à noção de ‘habitar’ e os internatos dizem respeito a situações pontuais.

Segundo Gordon, Holland & Lahelma<sup>44</sup>, existem três tipos de espaços que decompõem a escola, entendida como uma instituição para a criança: o oficial, o informal e o físico. Os ‘espaços oficiais’ correspondem a áreas destinadas à funcionalidade do organismo, podendo ser espaços curriculares ou espaços administrativos. Os ‘lugares informais’ incluem todas as áreas que não estão associadas a obrigações e a restrições, sendo espaços de encontro, sociabilidade, de fácil acessibilidade, ao contrário dos espaços oficiais. Os ‘espaços físicos’ estão relacionados com a realidade observada, como espaços exteriores ou então a elementos como a luz e a cor.

A evolução dos espaços destinados a crianças é muito rica. Várias personalidades debateram sobre as verdadeiras premissas para a construção de um ambiente para uma geração que se encontra no início do seu desenvolvimento, sendo, portanto, fundamental realizar um enquadramento histórico desta tipologia.

O pensamento e a constatação da necessidade de criar um espaço para a educação da criança surge no século XVII, entre religiosos e pedagogos, apesar destas serem escassas até ao século XIX. Começa a nascer a ideia de que “(...) nenhuma arquitetura tem mais importância no nosso desen-

<sup>43</sup> I. Said – “Understanding Children Perception Architecture towards Built Environment”; Universiti Teknologi Malaysia, “Proceedings of International Conference Challenges and Experiences in Developing Architectural education in Asia. Islamic University of Indonesia”, 2007; in Luísa Bigode – “Espaços para a infância – O projecto centrado na criança”; Lisboa: IST, 2013; Tese de Mestrado; pág. 5.

<sup>44</sup> T. Gordon; J. Holland; E. Lahelma – “Making Spaces: Citizenship and Difference in Schools”; Londres: Macmillan Press Ltd, 2000; in Luísa Bigode – “Espaços para a infância – O projecto centrado na criança”; Lisboa: IST, 2013; Tese de Mestrado; pág. 12 a 13.

*volvimento do que as escolas infantis, onde nos tornamos indivíduos autónomos e seres sociais, moldados por um ambiente construído que nos fala em silêncio.*"<sup>45</sup>

Com a presença de fortes transformações na sociedade, resultantes da Revolução Industrial, o cuidado das crianças por parte da família é substituído por instituições, onde era exigido um espaço para esta geração, protegido de toda a envolvente industrial. A falta de condições sociais e habitacionais, consequência do desenvolvimento industrial, aliada à diminuição da taxa de mortalidade e da limitação da mão de obra infantil, encaminham para a crescente necessidade destes espaços escolares.

David Stow (1793-1864) foi quem pensou, em primeiro lugar, na criação de um ambiente para as crianças, afirmando que "o pátio de jogos é um Jardim do Edén"<sup>46</sup>, fazendo alusão à história bíblica sobre a inocência. Criou a sua primeira escola infantil em 1828, em Glasgow.

Segue-se Friedrich Froebel (1782-1852), criador do conceito '*Kindergarten*'<sup>47</sup>, e seguidor de David Stow. O conceito associava, mais uma vez, as crianças à ideia de jardim, onde agora estas eram metaforicamente associadas a plantas que se desenvolvem num ambiente afetuoso.<sup>48</sup> '*Kindergarten*' será entendido como base na maioria dos edifícios para a infância da época.

Robert Owen<sup>49</sup>, conhecedor da obra de Froebel, fundou uma nova instituição escolar numa indústria, de que ele era coproprietário, em 1818, em New Lanark, na Escócia. Sendo Owen um defensor de um ensino adaptado a cada criança, a escola, destinada a crianças que trabalhavam na indústria, valorizava o desenvolvimento ativo desta geração através da cooperação com outros, na presença de atividades físicas.<sup>50</sup>

Owen criou novas políticas do trabalho que melhoraram efetivamente

**45** Luis Fernández-Galiano – "Para párvulos"; in Rv. "Arquitectura Viva - Primera infancia – Doce escuelas en España, dos en Italia e dos en Japón"; nº126, 2009; pág. 3, "(...) *ninguna arquitectura tiene importancia mayor en nuestro desarrollo que la de las escuelas infantiles, donde nos hacemos a la vez individuos autónomos y seres sociales, modelados por un entorno construido que nos habla en silencio.*"

**46** Mark Dudek – "Métodos maestros – Un recorrido histórico por la enseñanza pré-escolar"; in Rv. "Arquitectura Viva - Primera infancia – Doce escuelas en España, dos en Italia e dos en Japón"; nº126, 2009; pág. 25, "(...) *el pátio de juegos es un Jardín del Edén*".

**47** Jardim de infância em português.

**48** Mark Dudek – "Métodos maestros – Un recorrido histórico por la enseñanza pré-escolar"; in Rv. "Arquitectura Viva - Primera infancia – Doce escuelas en España, dos en Italia e dos en Japón"; nº126, 2009; pág. 25.

**49** Robert Owen (1771-1858) foi uma das personalidades que fundou o cooperativismo e o socialismo utópico. Era um operário da revolução industrial que criou uma aldeia, defendendo o princípio da equidade.

**50** Luísa Bigode – "Espaços para a infância – O projecto centrado na criança"; Lisboa: IST, 2013; Tese de Mestrado; pág. 17.

as condições de vida dos trabalhadores. Com o aumento da produtividade, este conseguiu construir *'The New Institute for the Formation of Character'*. Este novo projeto incluía espaços para crianças desde dos 18 meses aos 10 anos de idade, relacionando-as com a comunidade. Os objetos e equipamentos eram desenhados para as crianças e as salas eram bem ventiladas e com luz.

O 'jogo', para Owen, era um dos princípios para o ensino, onde as crianças podiam participar nas atividades durante todo o dia e descansar sempre que quisessem. Este método contrapunha-se à metodologia aplicada até à época, baseada na disciplina.<sup>51</sup>

Também no século XVIII, em Paris, Rousseau defendeu, tal como nas perspetivas acima enunciadas, os benefícios da relação das atividades das crianças com o espaço exterior.

Neste enquadramento, a presença da escola ganha forma durante o século XX. A aprendizagem das crianças deixa de ser essencialmente no seio familiar, passando a existir espaços que proporcionavam a interação destas com outras crianças da mesma idade. A educação entra na vida pública, onde *"a família perde progressivamente as funções que faziam dela uma micro-sociedade. (...) A família deixa portanto de ser uma instituição para se tornar um simples ponto de encontro de vidas privadas"*<sup>52</sup>.

A ideia de 'jardim infantil', defendido por Froebel, expande-se para os Estados Unidos durante as primeiras décadas do século XX, através dos imigrantes da Europa da área educacional. Assim sendo, a arquitetura com o conceito de *'Kindergarden'* desenvolveu-se com a linguagem do movimento moderno, até à 2ª Guerra Mundial.

Walter Gropius<sup>53</sup>, fundador da escola Bauhaus, já nos EUA, projetou a escola infantil *'Caryl Peabody'* em Cambridge. O projeto nunca chegou a ser construído, no entanto, esta nova tipologia foi relevante na arquitetura escolar da época, dividindo as diferentes áreas funcionais, separando os espaços para crianças das áreas administrativas. É de destacar, ainda, a relação do edificado com o ambiente externo de natureza.

Na Europa, a vontade de a arquitetura se relacionar com projetos de

<sup>51</sup> Luísa Bigode – "Espaços para a infância – O projecto centrado na criança"; Lisboa: IST, 2013; Tese de Mestrado; pág. 17 a 18.

<sup>52</sup> Antoine Prost – "Fronteiras e espaços do privado"; in AA.VV. "História da Vida Privada: Da Primeira Guerra Mundial aos nossos dias"; Dir. de Philippe Ariès e Georges Duby; Trad. Armando Luís de Carvalho; Porto: Afrontamento, 1991, Volume 5; pág. 87.

<sup>53</sup> Walter Gropius (1883-1969) foi o fundador da Escola da Bauhaus em 1919, dirigindo-a até 1928. Em 1937 foi para a Universidade de Harvard nos Estados Unidos. Era um defensor dos princípios funcionalistas.



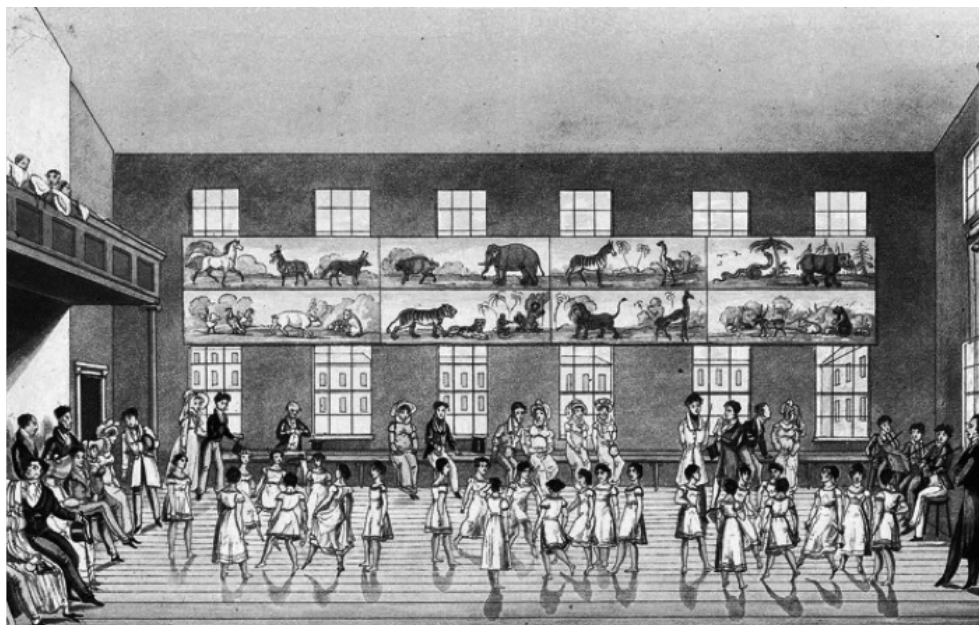


Figura 10.  
"The New Institute for the Formation of Character,"  
de Robert Owen em New Lanark, na Escócia

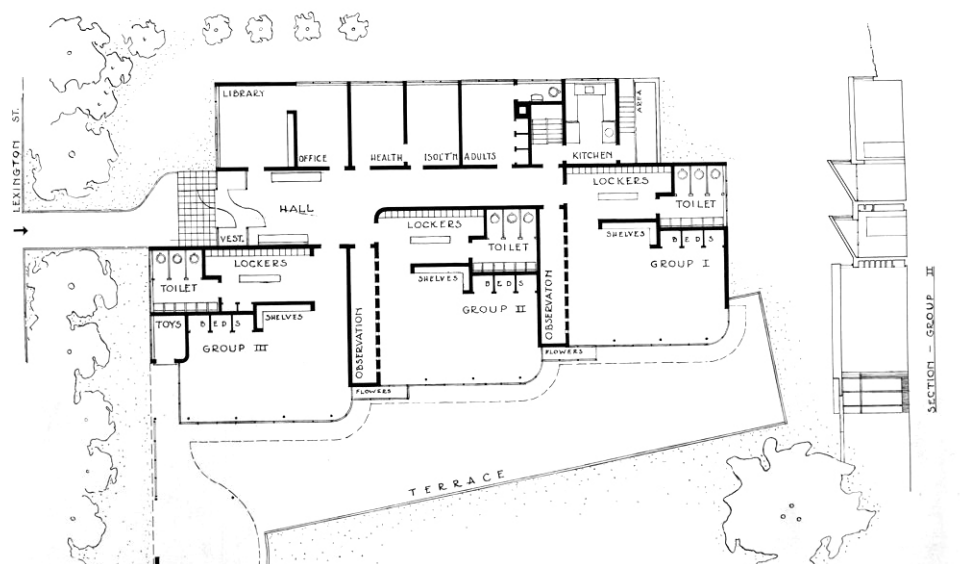


Figura 11.  
Escola infantil Caryl Peabody em Cambridge, de  
Walter Gropius (1937).  
Planta e secção



habitação social levou a que o conceito '*Kindergarden*' se expandisse, de uma maneira muito clara, a partir dos anos 20 do século XX, em que com a recuperação da 1ª Guerra Mundial, nos anos 30, eram necessárias novas instalações, nomeadamente escolas infantis.

Margaret McMillan, pioneira da educação pré-escolar britânica, em 1926, defende a escola infantil como "*uma cidade-jardim para crianças*"<sup>54</sup>. A sua escola em Deptford, Londres, apresenta uma construção leve, composta por vários pavilhões independentes, onde cada um servia 14 crianças e duas cuidadoras, dispondo de um equipamento lúdico e uma instalação sanitária.

Karl Ehn, por exemplo, criou uma escola no centro de um conjunto residencial em Viena, fazendo referencia à importância do papel das crianças na sociedade que se estava a desenvolver.

Deste mesmo modo, o terraço da '*Unité d'Habitation*' em Marselha de Le Corbusier, projetado nos anos 30, pode ser encarado como outro exemplo. O terraço, longe da poluição, incluía uma creche, uma escola infantil e ainda espaços comuns como um ginásio, um cinema e um espaço social.

Já Maria Montessori e Rudolph Steiner foram dois pedagogos pioneiros no início do século XX que acabaram por influenciar muito a arquitetura destes equipamentos. A exigência de escolas infantis levou à elevada construção de '*case dei bambini*', baseada nos princípios desenvolvidos por Montessori.<sup>55</sup> A criança era entendida como um indivíduo singular, onde era necessário compreender as suas necessidades específicas. A arquitetura desempenhava um papel importante para as crianças, incrementando as suas capacidades intelectuais, em que as atividades físicas estavam relacionadas com os dinamismos mentais, através do desenvolvimento de um jogo.

Rudolph Steiner acreditava que as crianças precisavam mais de jogar e brincar do que se submeterem a atividades educativas formais. O filósofo e educador austríaco defendia que a vontade pelo mundo escolar devia ser natural.

Sendo o crescimento um processo natural, os princípios arquitetónicos baseiam-se na mesma lógica, evitando a geometria convencional, nomeada-

<sup>54</sup> Mark Dudek – "Métodos maestros – Un recorrido histórico por la enseñanza pré-escolar"; in Rv. "Arquitectura Viva - Primera infancia – Doce escuelas en España, dos en Italia e dos en Japón"; nº126, 2009; pág. 26, "*una ciudad jardín para niños*".

<sup>55</sup> Maria Montessori (1870-1952) era uma médica italiana preocupada em trabalhar com crianças com deficiências cognitivas. Considerava o nível mental das crianças mais pequenas semelhante às crianças com deficiência.



Figura 12.  
(à esquerda)  
Case dei bambini de  
Altona (1928) As salas  
proporcionavam várias  
atividades, podendo nas  
maiores haver atividades  
de exercício físico.

Figura 13.  
(à direita)  
Case dei bambini  
Experiências com a na-  
tureza pertenciam ao  
quotidiano

mente o recurso ao ângulo recto, em que *“um dos seus princípios chave é que uma forma inorgânica acrescentada em sequência a outras cria um sistema que se assemelha a uma imagem do crescimento, inacabado e portanto dinâmico e natural.”*<sup>56</sup>

Assim, a arquitetura das escolas ‘Waldorf’<sup>57</sup>, denominação associada ao método de ensino de Steiner, segue um desenho orgânico, recorrendo a coberturas ajardinadas e a muros protetores de grande espessura.

Nesta perspetiva, o edificado é um meio para oferecer às crianças a harmonia dos sentidos e, naturalmente, conseguir desenvolver as competências mentais.<sup>58</sup> O infantário Steiner Nant-Y-Cwm, no País de Gales, projetado por Christopher Day, pode ser encarado como um exemplo do desenvolvimento das ideias da ‘Escola de Waldorf’, seguindo a relação da arquitetura com a natureza.

Já na segunda metade do século XX, devido ao pós-guerra e à entrada das mulheres no meio laboral, houve, mais uma vez, a necessidade excessiva de espaços pré-escolares, maioritariamente de baixo custo.

Em Portugal, até ao final do século XIX, os espaços destinados à infância eram entendidos como uma assistência ou asilo para crianças desfavorecidas. Só em 1882, com a criação da Associação de Escola Móveis

<sup>56</sup> Mark Dudek – “Métodos maestros – Un recorrido histórico por la enseñanza pré-escolar”; in Rv. “Arquitectura Viva - Primera infancia – Doce escuelas en España, dos en Italia e dos en Japón”; nº126, 2009; pág. 29, *“Uno de sus principios clave es que una forma inorgánica añadida en secuencia a otras crean un sistema que se asemeja a una imagen del crecimiento, inacabado y por tanto dinámico y natural.”*

<sup>57</sup> A primeira escola Waldorf (1919) foi construída em Estugarda. Esta defendia o expressionismo orgânico, utilizando muito a cor. Ainda que Steiner não reconhecesse os seus ideais como um estilo, nos anos 50, estas formas orgânicas acabaram por contrastar com as ideias abstratas presentes no modernismo. Em 1969 já existiam cerca de 80 escolas Waldorf (na Europa e EUA), apesar de já terem o pensamento de Steiner ligeiramente alterado.

<sup>58</sup> Luísa Bigode – “Espaços para a infância – O projecto centrado na criança”; Lisboa: IST, 2013; Tese de Mestrado; pág. 21.

## UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional

Figura 14.  
(à esquerda em cima)  
Primeira escola Waldorf,  
Estugarda (1919) de Ru-  
dolph Steiner



Figura 15.  
(à direita em cima)  
Interior do Infantário  
Steiner Nant-Y-Cwm no  
País de Gales (1989) de-  
senhado por Christopher  
Day, baseada no modelo  
Waldorf



Figura 16.  
(à esquerda em baixo)  
Planta do infantário Stein-  
er Nant-Y-Cwm

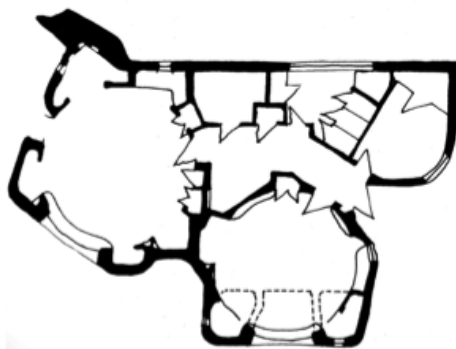


Figura 17.  
(à direita em baixo)  
Exterior do infantário  
Steiner Nant-Y-Cwm

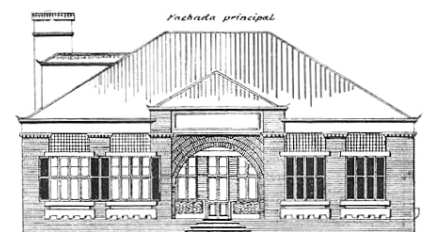
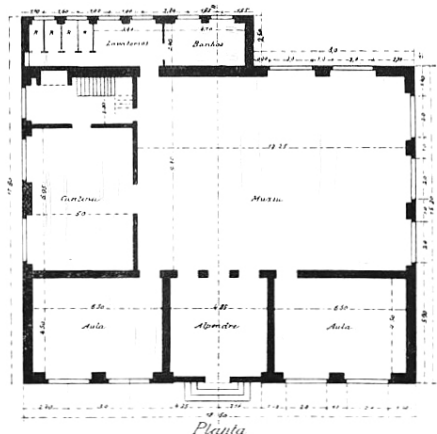


Figura 18.  
(à esquerda)  
Alçado e planta do  
primeiro Jardim-Escola  
João de Deus de Coim-  
bra (1911) projetado por  
Raul Lino



Figuras 19 e 20.  
(à direita)  
Primeiro Jardim-Escola  
João de Deus



pelo Método de João de Deus<sup>59</sup> por Casimiro Freire, é que a noção de escola infantil se alterou.

Em 1908, Raul Lino dedicou-se a criar um modelo para uma ‘escola maternal’<sup>60</sup>, em que aplicou o modelo pedagógico de João de Deus, modelo encarado como uma tipologia de espaços pré-escolares a seguir. Nesta tipologia apresentava-se um espaço central, designado de ‘Museu’, de onde derivavam as restantes áreas.

Em Lisboa, uma das primeiras obras construídas corresponde ao ‘Lactário-Criadeira’, em 1901, projeto do arquiteto Ventura Terra e iniciativa da Associação Protectora da Primeira Infância. O edifício tinha como finalidade combater as carências encontradas em Lisboa após a evolução industrial sentida no século anterior, tendo traços muito característicos da época.<sup>61</sup>

No Porto destaca-se a Creche do Jornal do Comércio, projeto de Rogério de Azevedo do final dos anos 20. Esta representava um edifício mais ‘especializado’, “(...) *chamado já creche (função integral), e não apenas lactário ou criadeira*”.<sup>62</sup>

Na arquitetura portuguesa para a primeira infância, é importante ainda destacar a obra de Bissaya Barreto<sup>63</sup>. Este foi quem criou, talvez, a maior rede de instituições para a assistência a crianças em Portugal, como o Jardim d’infância D. Maria do Resgate Salazar, Portugal dos Pequeninos e diversas ‘Casas da Criança’<sup>64</sup>.

Na explicitação acima procurou-se apresentar a evolução dos espaços para crianças, podendo-se agora verificar que esta evolução não apresenta uma linha contínua. Apesar da maioria das ideias se basearem no conceito ‘kindergarten’, a sua reprodução na arquitetura não teve uma abordagem homogénea, influenciada pelas necessidades emergentes ao longo dos tempos.

<sup>59</sup> Associação que defendia o método pedagógico do poeta e pedagogo João de Deus. O poeta tinha como preocupação a falta de alfabetização do país. Ensinava a ‘Cartilha Maternal’, método de ensino de leitura. Em 1908, o filho do poeta, João de Deus Ramos, passa a dirigir a associação, onde viaja pela Europa e aprende os métodos de ensino de Froebel e Montessori.

<sup>60</sup> Só depois é que foi denominado de ‘Jardim de infância’.

<sup>61</sup> José Manuel Fernandes – “Espaços para crianças e histórias de crianças e espaços”; in Rv. “Revista Arquitectura, Planeamento, Design, Construção, Equipamento”; nº147, 1982; pág. 42.

<sup>62</sup> José Manuel Fernandes – “Espaços para crianças e histórias de crianças e espaços”; in Rv. “Revista Arquitectura, Planeamento, Design, Construção, Equipamento”; nº147, 1982; pág. 42.

<sup>63</sup> Professor de Medicina, foi uma personalidade importante na construção de equipamentos de apoio social do século XX, localizados maioritariamente no centro do país. Criou diversos apoios à criança, a grávidas, idosos e equipamentos ligados ao combate de doenças.

<sup>64</sup> Rede de instituições de ensino pré-escolar impulsionado por Bissaya Barreto, caracterizadas pela “(...) *ambiguidade ou fusão entre traços mais puristas e mais ‘à portuguesa’, por uma riqueza decorativa e formal (...)*”. in José Manuel Fernandes – “Espaços para crianças e histórias de crianças e espaços”; in Rv. “Revista Arquitectura, Planeamento, Design, Construção, Equipamento”; nº147, 1982; pág. 45.



## UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional

Figura 21.  
(à esquerda)  
"Lactário-Criadeira", em  
Lisboa, projeto de Ventu-  
ra Terra (1901)



Figura 22.  
(à direita)  
Creche do "Jornal do  
Comércio", no Porto,  
projeto de Rogério de  
Azevedo



Tal como na arquitetura pré-escolar no mundo, em Portugal também não existiu um fio condutor para a criação destes ambientes. Estes apresentam-se também diversificados e com vários programas e formas.

Atualmente, a arquitetura de espaços infantis continua com a procura pela forma e estética, fornecendo aos utilizadores espaços luminosos e dinâmicos, que fogem às organizações convencionais.

Torna-se relevante ainda referenciar algumas premissas que devem estar presentes na conceção dos espaços para crianças. Neste contexto específico, deve-se "(...) evitar o sistema da antiga organização escolar, com um corredor a partir do qual se acede às salas de aulas, que vem do modelo do convento e da prisão."<sup>65</sup> Um espaço para a infância deve ainda ser flexível, para que seja possível mudar as atividades num dado espaço.

De acordo com Francesco Tunucci, a sala de aula, local onde as crianças permanecem durante mais tempo, não deve ter um lugar que se evidencie, como um estrado ou a mesa do professor, para fornecer ao espaço uma maior liberdade.<sup>66</sup> Associadas a estas salas, estão outros espaços para um outro género de atividades, como artes plásticas e teatro. Estas devem ser muito luminosas e, se possível, com contato direto com o exterior, podendo este corresponder a um jardim.

Por fim, a conceção de espaços de infância apresenta um grande desafio. Estes devem apresentar tanto um carácter habitacional, 'de casa', como um carácter público, para que a compreensão da cidade por parte da criança seja realizada naturalmente. Dentro do movimento moderno foram apresenta-

<sup>65</sup> Francesco Tunucci – "Con ojos de niño, La pedagogia del espacio desde otra perspectiva"; in Rv. "Arquitectura Viva - Primera infancia - Doce escuelas en España, dos en Italia e dos en Japón"; nº126, 2009; pág. 31 "(...) *debe evitarse el sistema, heredero de la antigua organización escolar, con un pasillo desde el que se accede a las aulas, que a su vez procede del modelo del convento y del cárcel.*"

<sup>66</sup> Francesco Tunucci – "Con ojos de niño, La pedagogia del espacio desde otra perspectiva"; in Rv. "Arquitectura Viva - Primera infancia - Doce escuelas en España, dos en Italia e dos en Japón"; nº126, 2009; pág. 31

das propostas que apoiam esta ideia, onde a linguagem abstrata afastava a percepção restrita. A linguagem arquitetónica deixa de estar diretamente relacionada com o uso do próprio edifício, onde "(...) *a ambiguidade das formas, as geometrias difusas, a complexidade simples, a estabilidade dos materiais e das texturas, permitem tornar ambos os mundos, o doméstico e o institucional, compatíveis e simultâneos.*"<sup>67</sup>



Figura 23.  
Creche nos anos 80

**67** Clara Eslava – "Territorios de la infancia – Fantasía y subjetividade en el proyecto escolar"; in Rv. "Arquitectura Viva - Primera infancia – Doce escuelas en España, dos en Italia e dos en Japón", nº126, 2009; pág. 36, "*Hoy en día, la ambigüedad de las formas, las geometrías difusas, la complejidad sencilla, la pregnancia de materiales y texturas, permiten hacer compatibles y simultáneos ambos mundos, el de lo doméstico y el de lo institucional (...)*".

### 3.2.2. A INSTITUIÇÃO PARA O IDOSO

Apesar de as instituições para crianças se terem desenvolvido muito durante o século XX, associada à necessidade de um local para se tratar dos filhos, o mesmo não aconteceu na área dos apoios aos idosos. A geração mais velha opta por 'viver em casa', medida nem sempre a mais correta, dado que a maioria das casas não foi concebida para todas as gerações.

Segundo Maria João Rosa, a 'instituição' apresenta-se como a nova casa uma vez que, para além das necessidades de saúde e apoio nas tarefas diárias, a solidão e o isolamento familiar apresentam-se como premissas para a deslocação.<sup>68</sup>

Dentro da evolução dos espaços destinados à geração mais velha, desde do século VI que os idosos procuravam um local tranquilo. Idosos com posses entendiam os mosteiros como um refúgio, procurando a salvação eterna, levando, assim, ao início da *"concepção moderna do isolamento na velhice."*<sup>69</sup>

Tal como os espaços para as crianças, os lugares para a geração mais velha têm também duas valências: a noção de casa e a necessidade de assistência médica. Inicialmente estes eram apenas espaços hospitalares para servir as pessoas no seu fim de vida.<sup>70</sup> Ao contrário dos mosteiros, em que os idosos procuravam o isolamento, nestes espaços habitavam todo o tipo de pessoas que necessitava de cuidados médicos, existindo grandes salas onde *"as camas eram dispostas junto à parede longitudinal em compartimentos semelhantes a alcovas e, às vezes, sob uma galeria circundante."*<sup>71</sup>

Nos séculos XII e XIII já surgem, em França, projetos de hospitais com funções específicas, tendo, contudo, a premissa do afastamento dos doentes da sociedade saudável para evitar contágios.

Os asilos, no século XVIII, passam a alojar exclusivamente doentes, idosos e crianças, instalando estas atividades em edifícios que outrora foram

<sup>68</sup> Maria João Valente Rosa – "O Envelhecimento da Sociedade Portuguesa"; Coleção "Ensaio da Fundação Francisco Manuel dos Santos"; Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2012; pág. 34 a 35.

<sup>69</sup> María Paz Martínez Ortega; María Luz Polo Luque; Beatriz Carrasco Fernández – "Visión histórica del concepto de vejez desde la edad media"; in "Cultura de los cuidados"; 1º Semestre 2002, Ano VI, Nº11; in Alberto Montoya – "Habitar na Velhice - Evolução dos dispositivos arquitectónicos"; Porto: FAUP, 2010; pág. 1.

<sup>70</sup> Espaços hospitalares, enfermarias e asilos.

<sup>71</sup> Ana María Fenegra Quevedo – "Residências para idosos: critérios de projeto"; Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2002; Programa de pesquisa e pós-graduação em arquitetura; pág. 28.

fábricas. O plano de Francis Head é um exemplo de um asilo construído no século XIX, para quinhentos pobres. Este modelo podia ser adaptado conforme as necessidades, aumentando as alas ou o número de andares. Importa salientar que muitos dos projetos criados no século XIX, ainda hoje, são usados como hospitais geriátricos.<sup>72</sup>

Neste contexto, já no século XIX, os asilos deixam de seguir a organização em pavilhões, passando para uma organização de vários pequenos edifícios, em vez de se concentrarem num único edifício. Com estas medidas, as dimensões dos corredores tornam-se mais reduzidas e a iluminação ganha presença, melhorando assim as suas condições.<sup>73</sup>

Num período mais próximo da atualidade, com o movimento moderno, seguindo a ideia do funcionalismo, os edifícios passam a ser ocupados apenas por um público em questão<sup>74</sup>, no entanto, este facto levava, por vezes, à sua segregação face à comunidade.

No início da segunda metade do século XX, com a evolução das ideias definidas pela geriatria, surge a necessidade de criar novos edifícios que implementassem este novo programa. Pode-se afirmar que “(...) os edifícios para idosos passaram por uma transformação semelhante à que ocorreu com as escolas e com outros edifícios e à que, naquele momento, passavam os hospitais para doentes mentais.”<sup>75</sup> Nesta época valorizava-se a vontade dos idosos permanecerem em casa, ligados à comunidade, onde só em caso de necessidade extrema é que se deslocavam para os edifícios de retiro.

Neste âmbito mais específico, a obra St. Luke's Infirmary é um exemplo de edifício de retiro para os mais velhos, que se dedicava a idosos com problemas crónicos. Neste projeto existiam dormitórios, serviços de enfermagem e áreas de tratamentos, já divididos por pisos.

Outro exemplo de equipamentos desta época é o lar de idosos Childs & Smith, projeto que conciliava os cuidados médicos com os programas sociais. O lar era composto por dormitórios, áreas recreativas e de terapia ocu-

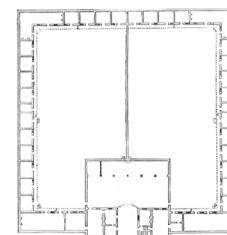


Figura 24.  
Plano para asilos de  
Francis Head em 1835

<sup>72</sup> Ana Maria Fenegra Quevedo – “Residências para idosos: critérios de projeto”; Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2002; Programa de pesquisa e pós-graduação em arquitetura; pág. 34 a 35.

<sup>73</sup> Ana Maria Fenegra Quevedo – “Residências para idosos: critérios de projeto”; Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2002; Programa de pesquisa e pós-graduação em arquitetura; pág. 40 a 41.

<sup>74</sup> Leo Gullbring – “Le ‘modele suédois’ réhabilite l’utopie communautaire”; in Rv. “L’Architecture d’Aujourd’hui – Vieillir”; n° 241, 2002; pág. 62.

<sup>75</sup> Ana Maria Fenegra Quevedo – “Residências para idosos: critérios de projeto”; Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2002; Programa de pesquisa e pós-graduação em arquitetura; pág. 42.



## UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional

Figura 25.  
(à esquerda)  
Fachada principal da St. Luke Infirmary, Duluth, projeto de Reinhold Meilander



Figura 26.  
(à direita)  
Fachada principal do lar para idosos em Evanston, projeto de Childs & Smith



pacional, serviços gerais e um laboratório de pesquisa geriátrica. Mantendo a importância da iluminação, a sul situavam-se as áreas recreativas, de maior permanência.<sup>76</sup>

Este último exemplo já demonstra a preocupação em incorporar as atividades dos idosos na comunidade. Para além da sua localização ser central, a área destinada ao convívio encontrava-se no centro do edifício, enquanto que até ao século XIII, estes espaços pertenciam às igrejas.<sup>77</sup>

No ano de 1956 definiram-se, de forma geral e para todos os países, as três fases pertencentes à 'velhice', baseadas no nível de dependência do indivíduo: independente, parcialmente dependente e totalmente dependente. Estas ajudaram na definição dos programas para as propostas arquitetónicas, marcando a distinção do que era a vida independente de uma institucionalizada. Surgem, então, vários modos de 'habitar na velhice'. Se estes se encontram independentes podem viver na sua própria casa, próximos dos filhos ou em unidades que defendam o idoso ativo, criando apartamentos adaptados à sua mobilidade, próximos de uma comunidade. Com a independência pouco afetada, as residências com serviços médicos e de alimentação podem ser uma opção. Já os lares e instituições médicas serão a alternativa para aqueles totalmente dependentes, com serviço médico permanente.

Nos anos 70, devido às mudanças políticas mundiais, surgem novos equipamentos, tratando-se de "(...) *residências colectivas, com a novidade de serem apoiadas por técnicos de saúde e de gestão de actividades que tinham por objectivo dar uma maior dignidade aos últimos anos de vida dos utiliza-*

<sup>76</sup> Ana María Fenegra Quevedo – "Residências para idosos: critérios de projeto"; Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2002; Programa de pesquisa e pós-graduação em arquitetura; pág. 42 a 47.

<sup>77</sup> Ana María Fenegra Quevedo – "Residências para idosos: critérios de projeto"; Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2002; Programa de pesquisa e pós-graduação em arquitetura; pág. 47.

dores.”<sup>78</sup> Contudo, estas instituições desenvolveram-se maioritariamente nas periferias das cidades, locais onde os terrenos eram mais baratos, afastando, em certa medida, os idosos dos centros.

Dentro da ideia de ‘habitar em casa’, surgem unidades consideradas ‘semi-institucionais’, correspondendo a apartamentos independentes, com uma enfermaria perto. Exemplo desta tipologia é o complexo de Casas Needham, dos anos 70. Estas casas, próximas de serviços médicos e outras atividades comunitárias, eram compostas por um ou dois quartos, onde a zona íntima era separada através de um elemento parcial, evitando a sensação de claustrofobia.

O conjunto de apartamentos da Península Volunteers, também dos anos 70, caracteriza-se pela ligação das habitações a um pátio ajardinado. O conjunto contém 30 unidades, divididas por dois pisos. Os apartamentos dispõem de orientação dupla: para o pátio, de onde é o acesso por arcadas, ou para o exterior.

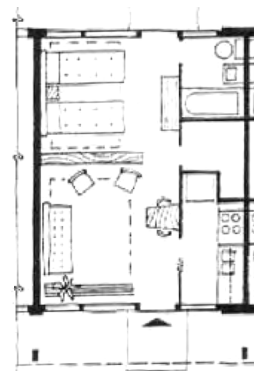


Figura 27.  
Planta tipo das casas  
Needham

De acordo com o contexto explanado, o programa para espaços para a geração mais velha pode incluir valências que sirvam a comunidade, como é o caso do projeto de Walter Thiem, na Alemanha. Este apresenta, para além de habitações, um centro comunitário e uma igreja, “(...) dando aos seus utilizadores e clientes mais do que aquilo que estavam à espera e eliminando a desnecessária duplicação de serviços.”<sup>79</sup> Neste exemplo, a interação entre várias gerações acontece através da partilha dos espaços comuns.

Em resumo, dentro da evolução dos espaços para idosos, podemos sintetizar a sua evolução em vários modelos distintos, iniciando-se nos asilos e enfermarias de hospitais, espaços ainda destinados a um público em geral, passando por residências acessíveis, pertencentes a um bairro e a uma comunidade, acabando no conceito de residências assistidas<sup>80</sup>, “voltadas ao incentivo da dignidade, autonomia e privacidade”<sup>81</sup>. Este conceito é, em parte,

<sup>78</sup> Alberto Montoya – “Habitar na Velhice - Evolução dos dispositivos arquitectónicos”; Porto: FAUP, 2010; pág. 5.

<sup>79</sup> Walter Thiem – “A mixed-use project in Germany: Church/Elderly Housing/Community Center”; in Rv. “Architectural Record”; Volume 157, nº2, 1975; pág. 89, “(...) giving clients and users more than they expected, and eliminating wasteful duplication of services.”

<sup>80</sup> “A residência assistida é a resposta que se dá quando se produz um aumento das necessidades de assistência mas estas ainda não são suficientemente significativas para proceder à institucionalização da pessoa idosa.” in Alberto Montoya - Habitar na Velhice - Evolução dos dispositivos arquitectónicos. Porto: FAUP, 2011, pág. 7

<sup>81</sup> Ana Maria Fenegra Quevedo – “Residências para idosos: critérios de projeto”; Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2002; Programa de pesquisa e pós-graduação em arquitetura; pág. 82.

## UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional



Figura 28.  
(em cima)  
Projeto de apartamen-  
tos da Península Volun-  
teers, Califórnia. Projeto  
de Skidmore, Owings e  
Merril

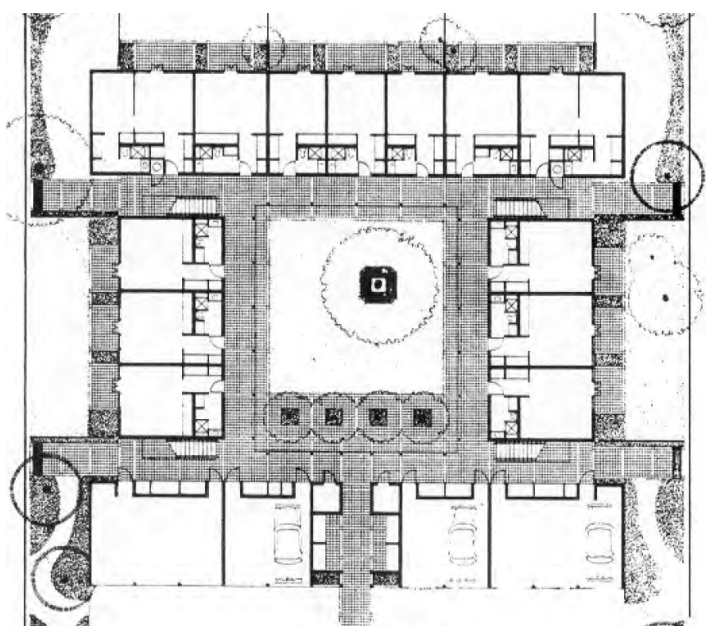


Figura 29.  
(ao lado)  
Planta do projeto de  
apartamentos da Penín-  
sula Volunteers

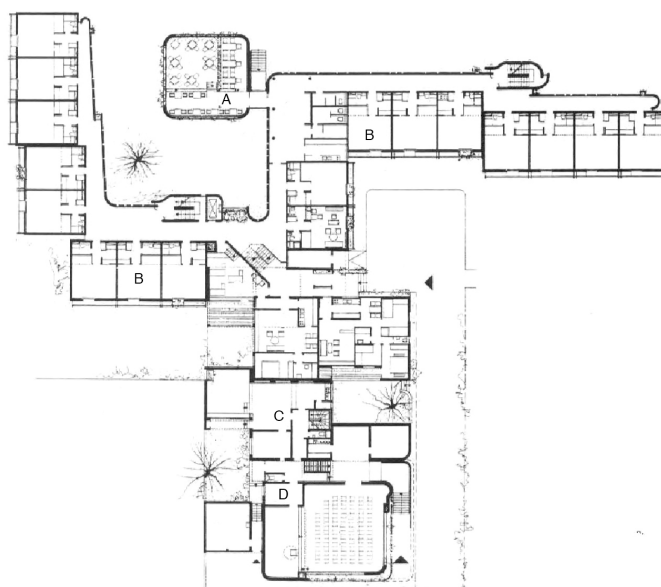


Figura 30.  
Planta geral do proje-  
to de Walter Thiem, St.  
Nikolai Stift Housing and  
Community Center de  
Laessig

(A. Espaços comuns e  
cozinha; B. Apartamen-  
tos; C. Administração;  
D. Sala polivalente e  
igreja)

consequência da evolução da noção de 'velhice', onde surgem novos conceitos - a terceira e a quarta idade.<sup>82</sup>

É de salientar ainda que dentro da variedade de espaços para idosos ao longo do tempo, destacam-se os projetos de baixa dimensão, com poucos pisos, e que muitas vezes se organizam sob um planeamento de um jardim, oferecendo às habitações um contacto direto com o exterior.

Deste modo, abrimos um enquadramento para a situação da geração mais velha em Portugal. De acordo com o estudo realizado pela Fundação Francisco Manuel dos Santos, o número de pessoas institucionalizadas tem vindo a aumentar.<sup>83</sup> Apesar de, através dos dados dos censos de 2011 a percentagem de pessoas institucionalizadas ser reduzida, dada a tendência ao envelhecimento da população nos próximos anos, é pertinente o interesse nesta parcela populacional.

Atualmente são as pessoas com mais de 85 anos que sentem a necessidade de recorrer a um apoio externo à família – uma instituição – uma vez que requerem mais cuidados de saúde e auxílio no quotidiano.

No entanto, com o aumento da esperança média de vida, o melhoramento dos cuidados de saúde e o recuo da viuvez, as pessoas idosas tendem a viver nas suas casas com o conjugue e adiar a transferência para uma instituição.

Deste mesmo modo, alojamentos alternativos de baixo nível assistencial, como a partilha de casa com outras pessoas, nomeadamente jovens que necessitem de habitação temporária, ou até o agrupamento de casas em torno de apoios externos, podem ser medidas que favoreçam o 'envelhecer em casa'.

Dentro da oferta que existe de instituições que servem a 'população sénior'<sup>84</sup> em Portugal, são as unidades hoteleiras que apresentam uma maior procura. No entanto, estas ainda estão direcionadas para uma população com maior folgo a nível financeiro. A procura por instituições ligadas ao ramo

<sup>82</sup> Entende-se a terceira idade como a população que sai do meio laboral, com autonomia e independência. A quarta idade corresponde a pessoas com um grau de dependência mais elevado.

<sup>83</sup> Para o estudo, "*consideram-se institucionalizados os indivíduos com mais de 65 anos a residir em estabelecimentos hoteleiros e similares, unidades de apoio social, educação, militares, religiosas, saúde, trabalho e outro tipo.*" in AA.VV. – "Dinâmicas Demográficas e Envelhecimento Da População Portuguesa (1950-2011): Evolução e Perspectivas"; Direção Mário Leston Bandeira; Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2014; pág. 99.

<sup>84</sup> O conceito 'sénior' tem vindo a ser substituído pela palavra 'idoso', fornecendo à mesma população características mais positivas.

## UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional

Gráfico 3.  
(em cima)  
Proporção de pessoas com 65 e mais anos a viver em famílias institucionais (%), total e por sexo, por grupo etário, em Portugal, anos 2001 e 2011

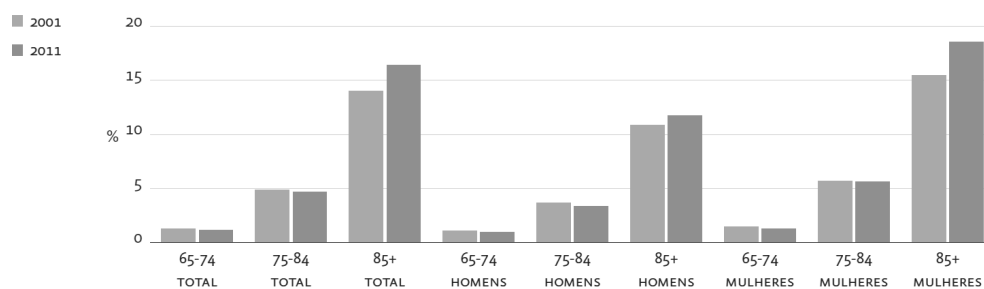
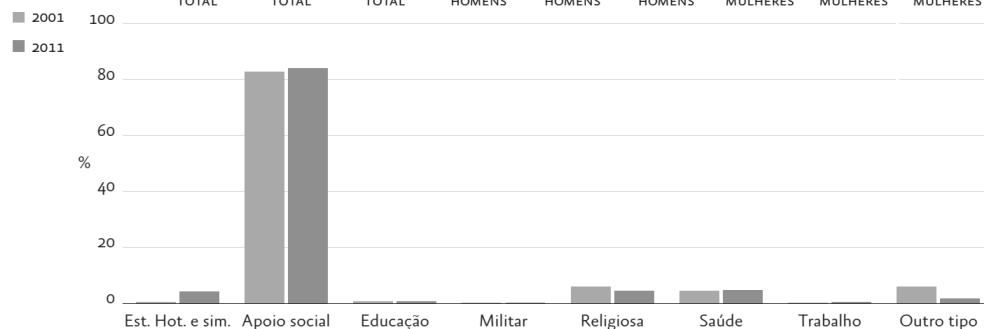


Gráfico 4.  
(em baixo)  
Divisão das pessoas com 65 e mais anos a viver em famílias institucionais (%), por tipo de alojamento colectivo, sexos reunidos, em Portugal, anos 2001 e 2011



do turismo pode estar relacionada com a vontade de os indivíduos se distanciarem da ideia já pré-estabelecida dos 'lares de idosos' como algo negativo, associado ao fim de vida.

Neste âmbito mais específico, cabe ao arquiteto aceitar este desafio e refletir sobre as reais necessidades destes espaços. Este, para além de ter que conhecer as necessidades do profissional de saúde, tem também que compreender as particularidades dos habitantes e o seu processo de envelhecimento.

Um espaço para um idoso deve proporcionar-lhe o máximo de conforto para que o espaço não seja encarado como um obstáculo. Efetivamente, a constatação de um obstáculo poderá interferir no bem estar do utilizador, intensificando a ideia de que este tem muitas limitações.

Para além de atender aspetos relacionados com a acessibilidade, a escolha dos materiais pode ser um caminho para o melhoramento dos espaços. Devem-se evitar os brilhos excessivos, devido à maior sensibilidade que este têm nos olhos face à claridade.

Em suma, tal como os espaços das crianças, ambientes para os idosos devem ser estimulantes, melhorando a sua socialização e mantendo um ambiente familiar.



### 3.3. 'UM NOVO HABITAR ENTRE GERAÇÕES'

No seguimento da explicitação das formas de habitar por cada geração de forma 'isolada', torna-se agora pertinente abordar como estas podem interagir. Pensa-se na geração mais nova e na mais velha, uma vez que "os velhos são semelhantes às crianças por causa da sua impotência e necessidade de auxílio."<sup>85</sup>

'Habitar entre gerações' pressupõe um convívio de duas ou mais gerações que interagem num 'espaço', ou seguindo a ideia de Heidegger, num 'lugar', que pode ser verdadeiramente habitado. Para tal, este 'lugar' deve responder às verdadeiras necessidades de cada geração em particular e, por sua vez, deve conter características que proporcionem a sua interação.

Deste modo, a partir desta realidade significativa, podemos afirmar que habitar e interagir entre gerações, sejam elas ativas ou não, relembra a noção de 'comunidade', onde a partilha de saberes e apoio se manifesta sob uma organização funcional e prática. Para haver uma harmonia e igualdade, defendemos uma interação entre crianças e idosos sim, mas também com a presença da terceira geração, a geração adulta ativa, reproduzindo assim a ideia de 'comunidade'. Em consequência, será o 'habitar entre gerações' um verdadeiro 'habitar para todas as gerações', nunca excluindo qualquer tipo de população.

Importa referir que 'habitar entre gerações' pode ser uma conjugação de 'lugares', sejam eles habitacionais ou não, que ligam as atividades de cada geração - espaços para usufruto de todos.



Figura 31.  
Esquema de relação entre gerações

### 3.3.1 UMA DEFINIÇÃO DO CONCEITO 'INTERGERACIONAL'

*"As relações intergeracionais podem ser entendidas como vínculos que se estabelecem entre duas ou mais pessoas com idades distintas e em diferentes estádios de desenvolvimento, possibilitando o cruzamento de experiências e contribuindo para a unidade dentro da multiplicidade."*<sup>86</sup>

Recorrendo ao dicionário, a palavra 'intergeracional'<sup>87</sup> deriva de uma conjugação de dois adjetivos, correspondendo à intermediação e à relação entre vários campos geracionais. A palavra aponta para um sentido positivo, de verdadeira integração das várias partes.

Podemos iniciar esta caracterização através da observação das realidades familiares e dos seus desenvolvimentos ao longo da História. Tendo uma relação intergeracional como base a interação entre duas ou mais gerações, "(...) *as relações intergeracionais entre avós e netos alcançam, a nível teórico, a real perfeição da definição, identificando-se como uma das práticas mais antigas na civilização.*"<sup>88</sup> Posto isto, apesar da relação entre avós e netos estar presente desde sempre, o seu estudo remota aos anos 40.

Tal como referido anteriormente, assistimos a um aumento da população mais velha, podendo este facto incrementar o convívio entre gerações, acentuando a importância da solidariedade entre estas.

Recorrendo ao exemplo inicial apresentado neste capítulo, nas relações entre avós e netos é possível observar que esta interação tem sofrido alterações. De acordo com Stella António<sup>89</sup>, durante o período da Segunda Guerra Mundial esta relação é proporcionada devido à ausência dos pais e da entrada das mães para o mercado de trabalho. Depois deste período, com as alterações do núcleo familiar, nomeadamente com o aparecimento dos divórcios, o papel dos avós volta a ser fundamental, ao contrário do que acontece nos anos 60, em que com o regresso da noção de família nuclear, dá-se uma

<sup>86</sup> Cristina Maria Nunes de Oliveira – "Relações intergeracionais: um estudo na área de Lisboa"; Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 2011; Dissertação de Mestrado; pág. 4.

<sup>87</sup> "intergeracional", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/DLPO/intergeracional> [consultado em 21-03-2015].

<sup>88</sup> Cristina Maria Nunes de Oliveira – "Relações intergeracionais: um estudo na área de Lisboa"; Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 2011; Dissertação de Mestrado; pág. 4.

<sup>89</sup> Stella António – "Avós e Netos: Relações intergeracionais. A Matrilinidade dos Afectos"; Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 2010; pág. 22.



Figura 32.  
A interação da geração  
mais velha com a mais  
nova



Figura 33.  
Aprendizagens partilha-  
das



## UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional

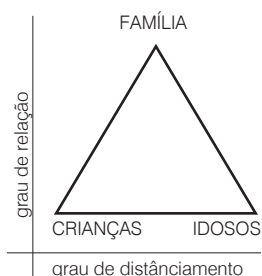


Figura 34.  
Esquema de relação entre  
gerações dentro do seio  
familiar

anulação do papel dos avós face aos netos. Por fim, nos anos 90, “a maior longevidade, associada à premissa de que as famílias podem e devem apoiar os seus membros mais idosos, originam agregados familiares mais alargados, o que levou a uma maior convivência entre gerações.”<sup>90</sup>

Contudo, conforme Cristina Oliveira, na criação de modelos intergeracionais deve-se “(...) ter em conta não só o factor cronológico, mas também os estilos de vida, os valores e a memória, entre outros aspectos.”<sup>91</sup> Oliveira elabora um esquema em que define três ‘elementos chave da relação’: a criança e o idoso como agentes da relação e a família como o local dessa mesma relação.

Num âmbito mais generalizado, o termo ‘intergeracional’, relacionado com a interação de gerações fora do seio familiar, é originário dos Estados Unidos da América, na década de 60. O conceito correspondia à necessidade de descrever programas que ligassem as pessoas mais velhas e os jovens. No ramo da Sociologia, estes programas veem a interação como algo positivo, que cria a diferença face à discriminação pela idade.<sup>92</sup> Exemplo destas iniciativas é o programa “Entre Gerações”<sup>93</sup> criado pela Fundação Calouste Gulbenkian que apoiou 18 iniciativas intergeracionais<sup>94</sup> no Reino Unido e em Portugal, fomentando a relação entre gerações, reforçando o sentido e coesão da comunidade.

Ainda dentro da vontade de caracterizar esta terminologia, segundo a Fundação Beth Johnson<sup>95</sup>, “as iniciativas intergeracionais têm por objectivo juntar pessoas em torno de determinadas actividades e com uma finalidade, actividades estas que devem beneficiar de todos os interessados e promover uma maior compreensão e respeito entre gerações, contribuindo assim para

<sup>90</sup> Stella António – “Avós e Netos: Relações intergeracionais. A Matrilinidade dos Afectos”; Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 2010; pág. 22 a 23.

<sup>91</sup> Cristina Maria Nunes de Oliveira – “Relações intergeracionais: um estudo na área de Lisboa”; Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 2011; Dissertação de Mestrado; pág. 7.

<sup>92</sup> THINKPUBLIC – “Conceber acções comunitárias sustentáveis para comunidades de todas as idades” [Em linha]. Fundação Calouste Gulbenkian; pág. 8; [Consult. 21 Mar. 2015] Disponível na internet: <URL: <http://intergenerational.org/wp-content/themes/intergenerational/downloads/intergenerational-pt.pdf>>.

<sup>93</sup> Para além da apresentação das 18 propostas, com a ajuda da Thinkpublic, estas foram postas em prática e publicou-se o guia “Conceber acções comunitárias sustentáveis para comunidades de todas as idades”.

<sup>94</sup> De destacar a iniciativa “Arquivo de Memória do Vale do Côa”, projeto realizado entre idosos e crianças que articula os lares de idosos e centros de dia com as escolas. A criação de um arquivo de memória deve-se à vontade de interligar as duas gerações e, consequentemente, guardar as memórias dos idosos relativamente às histórias da comunidade através da ajuda dos jovens que registam-nas através de registos fotográficos e filmes.

<sup>95</sup> A Fundação Beth Johnson é uma associação encarregada de apoiar programas intergeracionais principalmente no Reino Unido, estando também encarregue de atividades internacionais.

*criar comunidades mais coesas.*”<sup>96</sup>

Dentro do campo da interação de crianças e idosos, esta pode ocorrer em todas as idades. No entanto, segundo Cristina Oliveira, é na fase dos 2 aos 7 anos que é crucial para a criança ter um contacto com um adulto para um bom desenvolvimento, *“permitindo as crianças observar, aprender e colocar em prática os mais diversos ensinamentos, dando origem a uma série de aprendizagens”*.<sup>97</sup>

Nesta interação, a escolha pela geração mais velha deve-se à sua maturidade e disponibilidade, conseguindo assim contribuir para o reforço dos laços entre membros da família ou da comunidade. Apesar da velhice não permitir atividades de grande agilidade e esforço físico, *“(...) permite – melhor até que a juventude – as grandes acções para as quais são necessárias sabedoria, autoridade e valor das opiniões.*”<sup>98</sup>

É importante frisar que o desenvolvimento do saber não se deve apenas à passagem do conhecimento da geração mais velha para a mais jovem. É necessária uma *“co-existência e convívio entre diferentes gerações, o que requer necessariamente movimento, renovação, troca e compartilhamento.”*<sup>99</sup>

De facto, podemos assumir que até ao século XX o papel principal das relações intergeracionais estava na família. Com as alterações socioculturais já enunciadas, apoios externos foram necessários, muitos deles institucionais. Contudo, de acordo com Divina Santos, ainda hoje é no seio familiar que as relações intergeracionais têm maior caracterização e presença.<sup>100</sup>

Atualmente, é possível constatar que não são apresentadas propostas suficientes por parte das instituições que liguem as gerações e evitem a segregação pela idade. Exemplo disso é a segregação das instituições, levando à repetição de apoios e serviços. A articulação dos programas que servem cada uma das gerações pode ser um caminho para que, pontualmente,

<sup>96</sup> Fundação Beth Johnson - “Definição de Iniciativas Intergeracionais”, Abril 2001; in THINKPUBLIC – “Conceber acções comunitárias sustentáveis para comunidades de todas as idades” [Em linha]. Fundação Calouste Gulbenkian. [Consult. 21 Mar. 2015] Disponível na internet: <URL: <http://intergenerationall.org/wp-content/themes/intergenerationall/downloads/intergenerationall-pt.pdf>>.

<sup>97</sup> Cristina Maria Nunes de Oliveira – “Relações intergeracionais: um estudo na área de Lisboa”; Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 2011; Dissertação de Mestrado; pág. 9.

<sup>98</sup> Nicole Belmont – “Velhice”; in AA.VV. “Enciclopédia Einaudi”; Volume 36; pág. 160.

<sup>99</sup> Paulo de Salles Oliveira – “Vidas Compartilhadas: Cultura e co-educação de gerações na vida cotidiana”; São Paulo: Hucitec/Fapesp, 1999; in Divina de Fátima dos Santos– “Relações Intergeracionais: palavras que estimulam”; São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010; Tese de Mestrado em Gerontologia; pág. 9.

<sup>100</sup> Divina de Fátima dos Santos - Relações Intergeracionais: palavras que estimulam, São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010. Tese de Mestrado em Gerontologia, pág. 15.

a interação se realize.

Importa, no entanto, salientar que, como é descrito no guia “Conceber acções comunitárias sustentáveis para comunidades de todas as idades”, as iniciativas externas têm uma maior probabilidade de serem bem sucedidas relativamente às iniciativas em que a única finalidade seja reunir as diferentes gerações.<sup>101</sup>

Neste sentido, podemos afirmar que o contacto das crianças com os mais velhos pode ser um elemento chave para proporcionar uma sincera alteração da visão, muitas vezes negativa, que se tem face ao envelhecimento.

### 3.3.2. OS BENEFÍCIOS DAS RELAÇÕES INTERGERACIONAIS

As ‘relações intergeracionais’ apresentam benefícios ao nível do desenvolvimento pessoal dos indivíduos envolvidos, criando, ainda, vantagens ao nível institucional e económico.

Dentro do desenvolvimento pessoal, apesar de cada fase da vida corresponder a certas conquistas e comportamentos, estas diferenças podem ser benéficas se forem relacionadas dentro de um ambiente para todas as gerações.

Segundo a análise realizada face aos programas desenvolvidos no âmbito do programa “Entre Gerações”, as relações intergeracionais proporcionam um “*maior sentido de compreensão e amizade*”<sup>102</sup> completando ainda com um sentimento de valorização face as suas capacidades. Na análise destes programas foram identificadas “*(...) melhorias tanto físicas como mentais e nos grupos mais jovens melhorias ao nível da aprendizagem e competências técnicas.*”<sup>103</sup> Enquanto que para a criança estas interações “*(...) funcionam como uma peça fundamental para o dito crescimento equilibrado que se pretende*”<sup>104</sup>, para o idoso a interação com as crianças pode dinamizar e incrementar a vontade de convívio, uma vez que estas possuem uma alegria e

<sup>101</sup> Fundação Calouste Gulbenkian - Desafios temáticos [Em linha]. [Consult. 21 Mar. 2015] Disponível em WWW: <URL: <http://intergenerationall.org/main-page/about/thematic-challenges/?lang=pt>>.

<sup>102</sup> Fundação Calouste Gulbenkian – “A necessidade” [Em linha]. [Consult. 23 Mar. 2015] Disponível em WWW: <URL: <http://intergenerationall.org/main-page/about/the-need/?lang=pt>>.

<sup>103</sup> Fundação Calouste Gulbenkian – “A necessidade” [Em linha]. [Consult. 23 Mar. 2015] Disponível em WWW: <URL: <http://intergenerationall.org/main-page/about/the-need/?lang=pt>>.

<sup>104</sup> Cristina Maria Nunes de Oliveira – “Relações intergeracionais: um estudo na área de Lisboa”; Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 2011; Dissertação de Mestrado; pág. 10.



Figura 35.  
(à esquerda)  
O encontro de gerações apresenta benefícios ao nível do desenvolvimento pessoal dos indivíduos envolvidos

Figura 36.  
(à direita)  
Para os idosos o contacto com as crianças dinamiza e incrementa a vontade de convívio

vontade de viver contagiantes.

Apesar de todos os benefícios da relação intergeracional, a interação pode ser conflituosa devido, para além da diferença de idades, às diferenças impostas pela sociedade em que cada um se insere. Com efeito, seguindo as ideias defendidas por Willem Van Vliet<sup>105</sup>, a geração mais nova, face à mais velha, tem modos de habitar, de conhecimento e experiência diferentes, podendo esse facto condicionar as atividades que estabelecem em conjunto.<sup>106</sup>

Assim, nesta reflexão torna-se pertinente realçar que a criação de espaços de interação precisa da existência de lugares para cada uma das gerações, para que a individualidade seja respeitada. É ainda importante referir que a relação entre crianças e idosos pode "(...) desencadear novas formas de consciência em relação ao mundo em que vivem."<sup>107</sup>. No entanto é claro que se deve respeitar cada geração, em que "as políticas devem tirar proveito das áreas de sobreposição, mas também reconhecer as necessidades distintas de cada grupo populacional."<sup>108</sup>

<sup>105</sup> Diretor da 'Children, Youth and Environments Center for Community Engagement', interessa-se pela construção e pelo pensamento de comunidades para todas as idades.

<sup>106</sup> Willem Van Vliet- "Creating Livable Cities for All Ages: Intergenerational Strategies and Initiatives". in "UN-Habitat's Global Dialogue on Harmonious Cities for All Age Groups at the World Urban Forum IV"; [Em linha]. Nanjing, 2008; pág. 20; [Consult. 19 Feb. 2015] Disponível na internet: <URL: <http://www.colorado.edu/cye/sites/default/files/attached-files/CYE-WP1-2009%20website%20version.pdf>>.

<sup>107</sup> Divina de Fátima dos Santos - "Relações Intergeracionais: palavras que estimulam"; São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010; Tese de Mestrado em Gerontologia; pág. 19.

<sup>108</sup> Willem Van Vliet- "Creating Livable Cities for All Ages: Intergenerational Strategies and Initiatives". in

No que diz respeito aos benefícios para a instituição e às vantagens económicas, as relações intergeracionais apresentam, segundo Willem Van Vliet, três grandes benefícios<sup>109</sup>: diminuição dos recursos, facilidade em implementar os programas e melhoria das políticas estabelecidas.

Ambas as gerações necessitam de muitos recursos e apoios. A sua ligação poderá agilizar os recursos públicos necessários, tornando as estruturas mais eficientes e oferecendo uma maior sustentabilidade dos financiamentos prestados. Exemplo desta aplicação é a utilização de centros de dia para incluir cuidados infantis ou de tempos livres para crianças, eliminando assim a duplicação dos processos.

Estas iniciativas proporcionam também uma maior facilidade em implementar e formular os programas, havendo "(...) *um uso mais eficiente dos recursos humanos, físicos e financeiros*."<sup>110</sup> Em vez de duas propostas estarem, de certo modo, a competir e a serem comparadas, muitas vezes devido aos escassos recursos, estas complementam-se, conseguindo implantar-se as duas em conjunto.

A melhoria das políticas também pode ser verificada, levando à união das organizações que apoiam cada uma das gerações.

### 3.3.3. ESPAÇOS DE RELAÇÃO INTERGERACIONAL

No contexto específico de planeamento urbano, associado à ideia de habitar entre gerações, torna-se pertinente ainda referir o 'planeamento multi-geracional', direcionado para todas as pessoas. O conceito defende a criação de relações de vizinhança e de bairro que proporcionam boas condições para todas as idades, através da implementação de abordagens cívicas de apoio,

---

"UN-Habitat's Global Dialogue on Harmonious Cities for All Age Groups at the World Urban Forum IV"; [Em linha]. Nanjing, 2008; pág. 28; [Consult. 19 Fev. 2015] Disponível na internet: <URL: <http://www.colorado.edu/cye/sites/default/files/attached-files/CYE-WP1-2009%20website%20version.pdf>>. "(...) *it is important not to lose sight of each population group's unique requirements. Policies must take advantage of areas of overlap, but they must also acknowledge distinct needs of each population group.*".

<sup>109</sup> Willem Van Vliet – "Creating Livable Cities for All Ages: Intergenerational Strategies and Initiatives". in "UN-Habitat's Global Dialogue on Harmonious Cities for All Age Groups at the World Urban Forum IV"; [Em linha]. Nanjing, 2008; pág. 14 a 17; [Consult. 19 Fev. 2015] Disponível na internet: <URL: <http://www.colorado.edu/cye/sites/default/files/attached-files/CYE-WP1-2009%20website%20version.pdf>>.

<sup>110</sup> Willem Van Vliet – "Creating Livable Cities for All Ages: Intergenerational Strategies and Initiatives". in "UN-Habitat's Global Dialogue on Harmonious Cities for All Age Groups at the World Urban Forum IV"; [Em linha]. Nanjing, 2008, pág. 17; [Consult. 19 Fev. 2015] Disponível na internet: <URL: <http://www.colorado.edu/cye/sites/default/files/attached-files/CYE-WP1-2009%20website%20version.pdf>>. "(...) *more efficient use of human, physical and financial resources* (...)".

permitindo ao idoso 'envelhecer em casa'.

Neste enquadramento específico, segundo a American Planning Association, todas as gerações partilham necessidades, interesses e preocupações comuns, nomeadamente a necessidade de lugares tranquilos, serviços próximos, habitação acessível e transportes adequados. O não cumprimento destas necessidades leva a um aumento significativo da dependência por parte dos idosos e das crianças.<sup>111</sup>

Por todas estas razões, em 1996, na Conferência das Nações Unidas sobre Assentamentos Humanos realizada no Canadá, debateu-se pela primeira vez a necessidade de criar uma sociedade para todas as idades, prevalecendo uma maior coesão e relação entre gerações.<sup>112</sup>

Um plano intergeracional, apesar de estar ligado à prestação de serviços, pode também estar relacionado com um programa habitacional. A relação entre gerações pode ser dinamizada com atividades pontuais, como o cuidado da envolvente natural ou até através de ações de voluntariado, reforçando o sentido de comunidade. A subjetividade das funções dos espaços também pode ser um ponto de partida. Os espaços não precisam de ser destinados para um só determinado uso, podendo servir ambos os grupos conforme as necessidades.

Fechando o campo de visão, já dentro da noção do edifício ou do pequeno conjunto de edifícios, podemos compreender que podem haver relações entre gerações através da agregação e conjugação de atividades. Para além da ideia de bairro e cidade para todas as gerações, pode também existir a noção de centro/complexo que alberga as necessidades de todas as idades, ou de um grupo de idades.

Dentro da evolução dos lugares direcionados para todas as gerações, são os centros paroquiais que muitas vezes demonstram essa preocupação, apresentando soluções que tentam englobar as necessidades de uma dada população, pensando nas crianças, jovens, adultos e idosos. Esta preocupação, tal como já enunciado anteriormente, tem como finalidade a ligação 'da

**111** American Planning Association – "Multigenerational planning. Using smart growth and universal design to link the needs of children and the aging population." [Em linha]. 2011; pág. 5; [Consult. 19 Feb. 2015] Disponível na internet: <URL: <https://www.planning.org/research/family/briefingpapers/pdf/multigenerational.pdf> >.

**112** Sergio García; Pablo Martí– "Arquitectura intergeneracional y espacio público"; in Santiago, nº86, 2014; pág. 62; [Consult. 19 Feb. 2015] Disponível em WWW: <URL: <http://www.scielo.cl/pdf/arq/n86/art09.pdf> >.



## UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional

comunidade' e 'à comunidade'.

Associando espaços destinados às atividades diárias das gerações mais dependentes, nomeadamente as crianças e os idosos, completando ainda com espaços que sirvam todas as gerações, é possível delinear um caminho para a dinamização da população. Estes lugares podem corresponder a vários usos, sejam eles dentro ou fora do edifício. Podem-se criar bibliotecas, cafés, espaços de expositivos, assim como espaços destinados ao desporto, convívio, como por exemplo ginásio, campos desportivos, hortas urbanas, entre outros. Estes exemplos são apenas pistas de como podemos encarar estas abordagens. Contudo, deve-se sempre estudar quais os usos mais urgentes para uma dada comunidade.

Assim sendo, pensamos que a arquitetura pode ser encarada como um meio de ligação entre gerações, proporcionando espaços agradáveis e adaptados, fornecendo às gerações a atividade necessária para que estas se sintam parte de uma coletividade, tal como enunciam os autores Sergio Garcia e Pablo Martí, onde *“os projetos de arquitetura intergeracional devem ver como elemento-chave o desenho qualitativo do edifício para melhorar o sentido de pertença e de imagem urbana”*.<sup>113</sup>



Figura 37.  
Encontro de gerações

**113** Sergio García; Pablo Martí – “Arquitectura intergeneracional y espacio público”; in Santiago, nº86, 2014; pág. 67; [Consult. 19 Feb. 2015] Disponível em WWW:<URL: <http://www.scielo.cl/pdf/arq/n86/art09.pdf>>. “Los proyectos de arquitectura intergeneracional deben contemplar como un elemento clave el diseño cualitativo del edificio para mejorar el sentido de pertenencia y la imagen urbana.”

#### 4. DA TEORIA À PRÁTICA NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO CASOS DE ESTUDO

Para uma melhor fundamentação e compreensão da abordagem anterior sentiu-se necessidade de recorrer à seleção de casos de estudo, que para além do seu programa se enquadrar na temática abordada, a sua escala e a sua envolvente vão ao encontro da componente prática do presente trabalho.

Assim, opta-se por projetos diretamente relacionados com cada uma das gerações estudadas, crianças e idosos, nomeadamente o Jardim Escola João de Deus em Penafiel e as Residências para Idosos, em Chur, na Suíça.

Tendo a noção de 'habitar entre gerações' presente, apresentam-se ainda obras que relacionem estas gerações com uma terceira, a geração ativa e adulta. Numa observação focalizada em Portugal, verifica-se que a maioria dos centros paroquiais procuram a 'intergeracionalidade', criando complexos que alberguem diversas valências. Exemplo desta abordagem é a Igreja de Santo António e Centro Paroquial, em Portalegre, e o Centro Paroquial e Comunitário Senhora da Boa Nova, no Estoril.

Para além de centros relacionados com entidades religiosas, a resposta ao concurso para o Centro Cívico Planalto do Ingote, em Coimbra, apresenta a reflexão da interação entre gerações, agora com os apoios estatais.



Figura 38.  
Casos de estudo a apresentar



### 4.1. JARDIM ESCOLA JOÃO DE DEUS, PENAFIEL

Arquitetura: Álvaro Siza

Data de conclusão: 1991

Localização: Penafiel, Portugal

Programa: Ensino Pré-Escolar (projeto inicial) acrescentando posteriormente o Ensino Primário (120 crianças)

*“Elevando-se em patamares sucessivos, a construção expressa simbolicamente um castelo ou palácio de fadas, refúgio e referência do imaginário das crianças.*

*Da base maciça ascende-se poeticamente até aos tectos de cristal. A busca duma escola de encantamento e fantasia...”<sup>114</sup>*

O Jardim Escola da autoria de Álvaro Siza localiza-se próximo do centro de Penafiel, sendo-lhe adjacentes áreas culturais e de serviço. O grande desafio do ‘lugar’ é o desnível que este apresenta face à rua, cerca de 5 metros.

O acesso ao edifício permite um prolongamento da rua, de modo a torná-la mais ampla, recuando a frente do edifício, sendo os acessos, realizados por uma escada e duas rampas, uma principal e uma de serviço, complementadas com vegetação rasteira. Este espaço de transição pode ser entendido como um espaço urbano que serve os equipamentos locais.

Esta obra “(...) personifica o esforço de Siza em aliar o desenho arquitectónico ao contexto espacial, funcional e programático.”<sup>115</sup> O arquiteto recorre à arquitetura minimalista, conseguindo aliar os materiais convencionais às variações de luz, tornando os espaços dinâmicos.

Semelhante à tipologia de Raul Lino nos Jardins Escola de João de Deus já referida, os vários espaços interiores caracterizam-se pela relação direta com o espaço central – ‘sala polivalente’ – ‘museu’ – onde decorrem atividades comuns.<sup>116</sup> De um lado desenvolvem-se os espaços de carácter assistencial às crianças como a cozinha, espaços para arrumos e refeitório. No lado oposto estão apresentadas quatro salas de aula. A área administrativa

<sup>114</sup> Jacinto Rodrigues – “Álvaro Siza: obra e método”; Porto: Livraria Civilização Editora, 1992; pág. 174.

<sup>115</sup> Cristina Martins – “A dimensão cromática: reflexões sobre o uso da cor na arquitectura”; Minho: Universidade do Minho, 2014; Tese de Mestrado; pág. 96.

<sup>116</sup> Segundo João de Deus Ramos, filho do pedagogo João de Deus, defendia uma associação da ‘casa’ à ‘escola, onde o espaço central na escola é entendido como um lugar de reunião (reunião familiar na casa). As salas de aula são assumidas como os quartos no espaço doméstico e o refeitório como a sala de jantar.

situa-se próxima da entrada.

Relativamente ao ambiente interior, este é pontuado pela presença de pilares, dotando o espaço de ritmo. Este recurso, para além de oferecer a função estrutural de um edifício consegue segmentar um espaço amplo, permitindo às crianças uma maior organização.



Figura 39.  
Desenho do arquiteto do  
Jardim Escola João de  
Deus em Penafiel

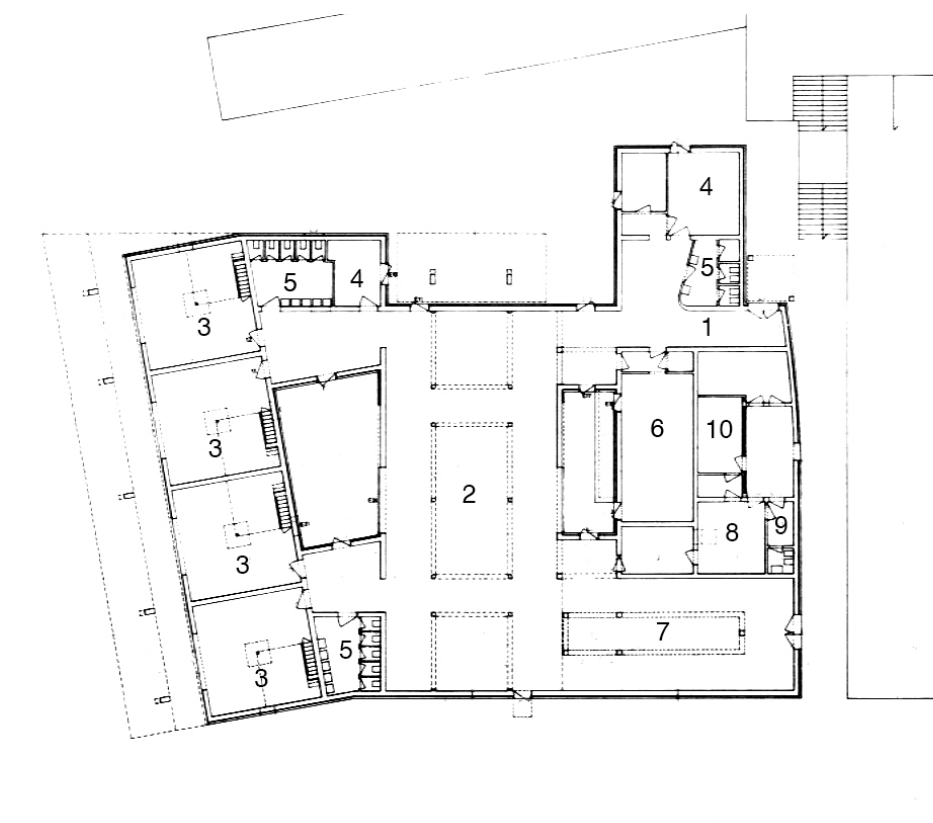


Figura 40.  
Planta do Jardim Escola  
João de Deus em Penafiel

1 Entrada; 2 Sala Polivalente; 3 Salas de aula; 4 Sala de apoio; 5 Instalações sanitárias; 6 Área administrativa; 7 Refeitório; 8 Cozinha; 9 Vestiários; 10 Despensa; 11 Lavandaria

## UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional

Figura 41.  
(à esquerda)  
Exterior do Jardim Escola João de Deus em Penafiel lembrando formas acasteladas



Figura 42.  
(à direita)  
Interior do Jardim Escola de Álvaro Siza



Figura 43.  
(à esquerda)  
Relação entre interior e exterior através de arcarias



Figura 44.  
(à direita)  
Interior do Jardim Escola de Álvaro Siza



## 4.2. RESIDÊNCIAS MASANS, CHUR, SUÍÇA

Arquitetura: Peter Zumthor

Data de conclusão: 1993

Localização: Chur, Suíça

Programa: Residência Sênior

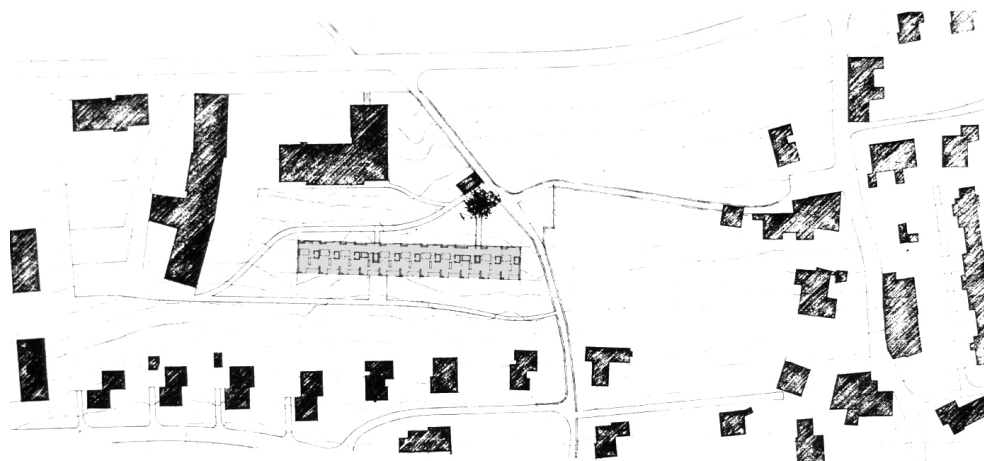


Figura 45.  
Implantação das  
Residências Masans, de  
Peter Zumthor

As residências para idosos, da autoria do arquiteto Peter Zumthor situam-se a Norte da cidade de Chur, na Suíça. O edificado não tem como envolvente edifícios com muita presença, prevalecendo a paisagem como pano de fundo. O arquiteto opta pelo recurso ao betão, madeira e pedra, para que o ambiente rural permaneça.

O programa em questão é distribuído por três pisos, em que no primeiro se desenvolvem todas as atividades e serviços, e nos pisos superiores encontram-se os apartamentos. As unidades habitacionais correspondem apenas a uma tipologia de 60m<sup>2</sup>, entendida como um módulo repetido. Relativamente aos acessos dos pisos habitacionais, estes realizam--se através de uma galeria dotada de muita luz natural, sendo esta também mutável, albergando espaços de estar e convívio. Uma vez que este acesso é também entendido como espaço de estar, a entrada para a tipologia habitacional é resguardada através do recuo do plano de entrada.

Já dentro de cada habitação, o ambiente natural continua a ter uma presença principal, através do recurso a varandas que potenciam um contacto do habitante com o meio que o circunda.

A dicotomia público/privado continua presente nos apartamentos através da divisão do espaço de estar da zona de dormir através de um armário



## UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional

e portas de correr, que podem ser abertas, proporcionando um espaço mais amplo. A entrada da célula é ainda caracterizada pela estrita relação com a cozinha e com a instalação sanitária.

Figuras 46 e 47.  
Vistas das fachadas das  
habitações das Residências  
de Peter Zumthor



Figura 48.  
(à esquerda)  
Galeria de acesso às  
habitações das Residências  
Masans



Figura 49.  
(à direita)  
Relação interior/exterior  
das residências



Figura 50.  
Planta dos pisos habita-  
cionais das Residências  
Masans. Os aparta-  
mentos encontram-se  
dispostos numa galeria  
horizontal que contém  
dois acessos verticais.  
A galeria é marcada  
pela existência de uma  
janela para a cozinha.  
Dentro das tipologias é  
o armário que distingue  
a zona pública da zona  
privada.



### 4.3. IGREJA DE SANTO ANTÓNIO E CENTRO PAROQUIAL, PORTALEGRE

Arquitetura: João Carrilho da Graça

Data de conclusão: 2008

Localização: Portalegre, Portugal

Programa: Igreja e Centro Paroquial, Berçário e Creche

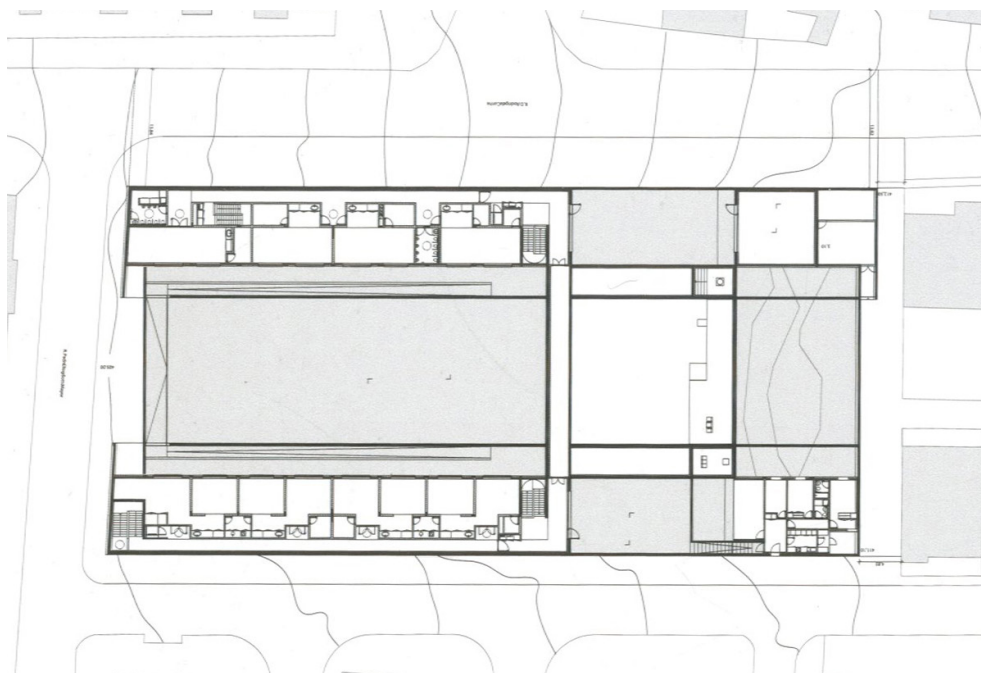


Figura 51.  
Implantação do Centro  
Paroquial de Portalegre

*“Os edifícios devem ser simples e acolhedores. (...) A extrema simplicidade do espaço, da linguagem arquitectónica e do desenho dos objectos tem como objectivo a criação de um espaço de liberdade em que os protagonistas são as pessoas e os acontecimentos. A arquitectura deve encenar o mínimo e da maneira mais intensa.”<sup>117</sup>*

A Igreja e Centro Paroquial de Santo António da autoria do arquiteto Carrilho da Graça enquadra-se num terreno com duas linhas visuais importantes, tendo presente a Sul o perfil da cidade histórica e a Poente a montanha da Penha, elemento natural que se prolonga pela cidade. O projeto tem como premissa o contexto, a articulação com a preexistência natural, tendo o terreno uma pendente de cerca de 8 metros. Assim sendo, o edificado envolve-se no local através da articulação de volumes em torno de um adro – pátio – que

<sup>117</sup> José Luís Carrilho da Graça – “João Luís Carrilho da Graça, Igreja de Stº António e Centro Paroquial, Portalegre”; in Rv. “arq|a Arquitectura e Arte – Silêncios Espaciais”, Janeiro 2009; pág. 22.

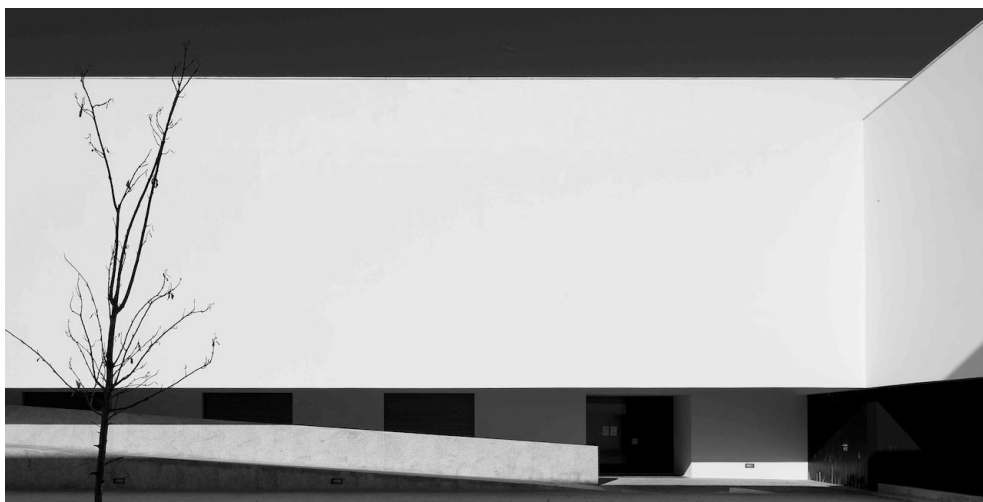
## UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional

serve como ponto de encontro nas várias fases e momentos do dia.

Relativamente à organização programática, no piso térreo, num dos 'braços' do projeto, desenvolvem-se as atividades relacionadas com o Centro Paroquial, nomeadamente salas de atividades e de catequese, enquanto que no outro estão presentes o refeitório, lavandaria, arrumos e cozinha. O piso superior destina-se ao berçário e à creche, tendo ainda o apartamento para o padre e uma sala paroquial.

É importante ainda salientar que a organização dos programas leva ao maior encontro das atividades da paróquia no piso térreo, em conformidade com os espaços da igreja, sendo no piso superior, com maior resguardo e tranquilidade, que se desenvolvem as atividades pré-escolares.



Figuras 52 e 53.  
Adro da Igreja e do Centro  
Paroquial - Local  
de reunião das várias  
gerações - Local de dis-  
tribuição

#### 4.4. CENTRO PAROQUIAL E COMUNITÁRIO SENHORA DA BOA NOVA, ESTORIL

Arquitetura: Filipa Roseta e Francisco Vaz Monteiro

Data de conclusão: 2010

Localização: Estoril, Portugal

Programa: Igreja, Centro Paroquial e Auditório (A); Berçário, Creche, Jardim de Infância, Centro de Dia para Idosos, Refeitório e Ginásio (B); Escola Primária (C)



Figura 54.  
Enquadramento geral  
do Complexo de Nossa  
Senhora da Boa Nova

O projeto do Centro Paroquial e Comunitário da Boa Nova surge da vontade de criar um único ‘polo’ que albergasse diversas funções da Paróquia do Estoril. O complexo é composto por quatro edifícios interligados: centro comunitário, centro paroquial, igreja e auditório e estacionamento.

Situa-se no antigo “Bairro do Fim do Mundo”, levando ao realojamento de diversas famílias que viviam em condições precárias. A localização do polo deveu-se à vontade de responder às necessidades de diversos serviços e apoios necessários.

Dentro das diversas atividades, o projeto destina-se a pessoas de todas as faixas etárias e proporciona a sua interação em momentos específicos. No edifício destinado ao centro comunitário desenvolvem-se a creche, centro de dia, refeitório geral e ginásio. Todas as crianças para se dirigirem ao refeitório passam primeiro pelo centro de dia, criando a interação, apesar de passageira, com os idosos. Os idosos, por sua vez, também têm a oportunidade



## UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional

de participar nas atividades dos mais novos, nomeadamente nas épocas festivas. Pode-se afirmar que, tanto o refeitório<sup>118</sup>, como a grande praça/recreio, conseguem interligar os vários acontecimentos, das várias idades.

Com diferentes formas, o projeto apresenta-se unificador na cor, nos materiais e na forma como o espaço exterior emerge e interage com o interior. Os percursos tornam-se assim, mais do que funcionais, ligações dos vários ambientes que se parecem apenas com um só.

Figura 55.  
Pátio exterior do complexo. De frente situa-se o Centro Paroquial, Auditório e Igreja. No lado esquerdo desenvolve-se o Centro Comunitário (berçário, creche, jardim de infância centro de dia, ginásio e refeitório) e do lado direito o ensino básico.



Figura 56.  
(à esquerda)  
Igreja e entrada para o Ensino Básico



Figura 57.  
(à direita)  
Entrada para o Centro Comunitário



<sup>118</sup> O refeitório dispõe de um horário para cada faixa etária, no entanto o espaço serve de 'pólo interligador' de várias gerações e é utilizado ainda para outras atividades.

#### 4.5. CENTRO CÍVICO PLANALTO DO INGOTE, COIMBRA

Arquitetura: João Carrilho da Graça

Data do concurso: 2004 (1º Prémio)

Localização: Coimbra, Portugal

Programa: Auditório (A), Pavilhão Desportivo (B), Atividades Sociais e Culturais (C), Fisioterapia e Serviços de Apoio (D), Habitação para Pessoas em Risco (E), Lar de Idosos (F) e Residências Assistidas (G).

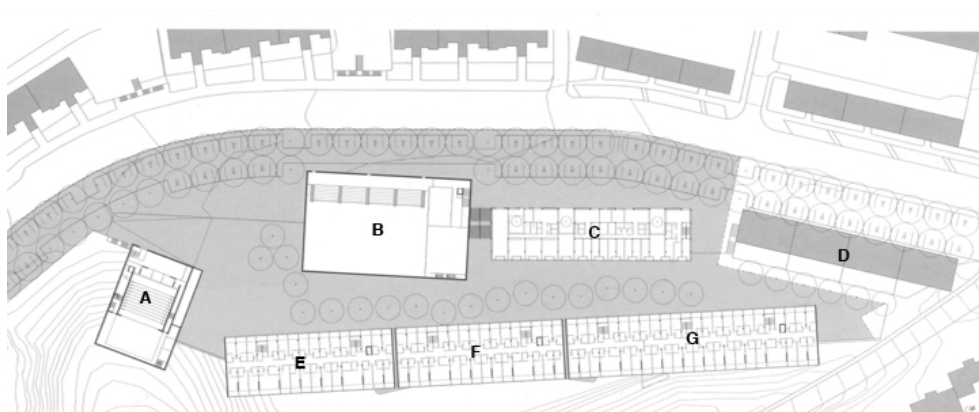


Figura 58.  
Planta superior do projeto do Centro Cívico do Ingote

O projeto para o Centro Cívico do Ingote da autoria do arquiteto Carrilho da Graça foi objeto de concurso convocado pela Câmara Municipal de Coimbra, tendo ganho o primeiro prémio. Este alberga vários programas desde da criação de espaços culturais e desportivos, até às áreas de apoio social.

A organização dos espaços tem como premissa a integração total do edificado na zona, deixando a paisagem exercer o papel principal. A fragmentação dos edifícios leva à criação de pontos de vista para paisagem, estando esta sempre presente. Os edifícios, de planta simples e clara, estão dispostos, de forma desalinhada, sob uma única plataforma, tornando este espaço mais dinâmico, onde a plataforma é entendida como um espaço público unitário que consegue estabelecer relações entre os vários utilizadores de várias gerações.

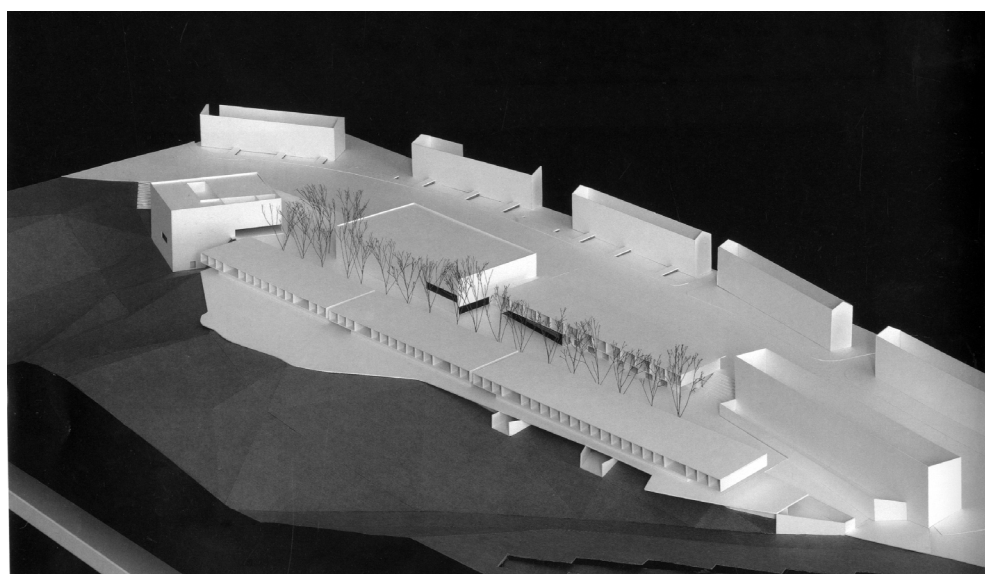
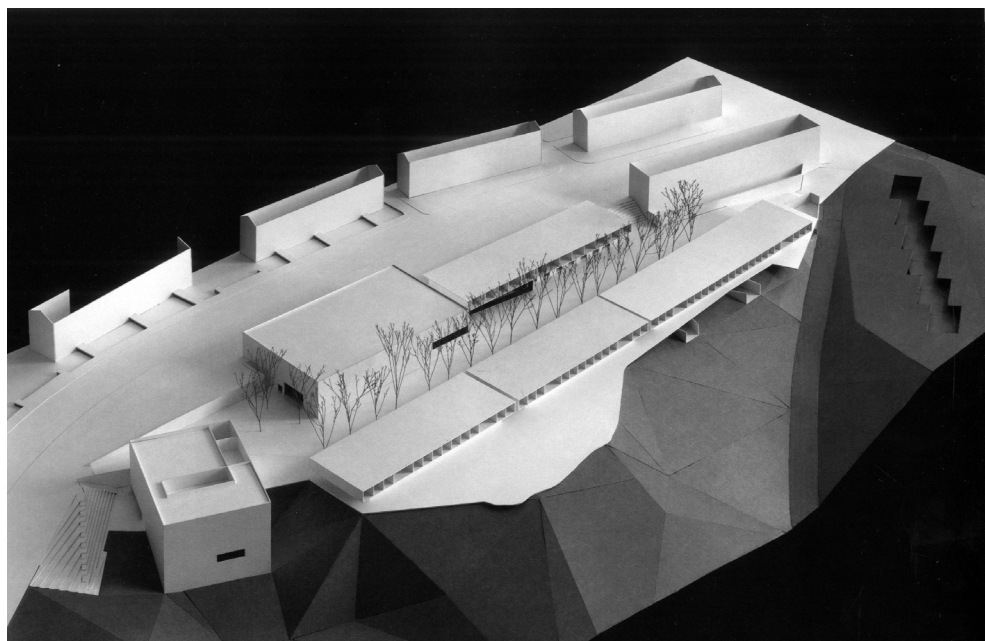
Relativamente ao momento de estrada, este é demarcado pelo volume do teatro, de maior escala onde junto a este se encontra o pavilhão desportivo.

Os edifícios destinados à habitação desenvolvem-se junto à encosta,

## UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional

dividindo-se em três corpos de dois pisos, sendo que cada um terá tipos de utilizadores diferentes. Os pisos térreos correspondem às áreas de serviços e de atividades enquanto que nos pisos superiores se desenvolvem as habitações.



Figuras 59 e 60.  
Maqueta do projeto para  
o Centro Cívico Planalto  
do Ingote do arquiteto  
Carrilho da Graça que  
demonstra a articulação  
dos vários edifícios face  
à plataforma unificada.

## 5. A CIDADE PARA TODAS AS GERAÇÕES

### SÍNTESE

*“Os planeadores podem tomar a liderança na construção de novas conversas, novas coligações, e novas estratégias partilhadas que ligam gerações e constroem comunidades mais sustentáveis.”<sup>119</sup>*

A síntese até agora elaborada não pode ser compreendida como uma definição de princípios a seguir, mas sim como uma reflexão sobre os pontos essenciais da abordagem anterior, onde se completa com noções mais abrangentes referentes ao tema em questão.

Outras metodologias poderiam ter sido abordadas, no entanto a metodologia delineada foi a que nos pareceu pertinente para o projeto em questão.

Concretamente, na abordagem realizada, procurou-se apresentar primeiramente o contexto sociocultural de Portugal, destacando as oportunidades que o envelhecimento pode proporcionar para uma evolução de ‘novas formas de habitar’, fundamentando sempre o ‘envelhecimento ativo’. A população portuguesa tende a envelhecer e a diminuir a ‘massa’ de população mais jovem, impacto que irá condicionar, de certa forma, também a população ativa que terá que corresponder às necessidades de cada uma das gerações consideradas como mais dependentes. Esta evolução acabou por ser acompanhada pelo desenvolvimento da noção de ‘velhice’, antes valorizada pela raridade da ocorrência e atualmente encarada como um problema, em vez de um desafio positivo e de uma mais valia.

Dentro deste contexto específico procurou-se caracterizar a noção de ‘habitar’, como uma condição inerente ao Homem, uma maneira como este se relaciona com o mundo terrestre, ‘ajustando-o’ às suas verdadeiras neces-

<sup>119</sup> American Planning Association – “Multigenerational planning. Using smart growth and universal design to link the needs of children and the aging population.” [Em linha]. 2011, pág. 14; [Consult. 19 Fev. 2015] Disponível na internet: <URL: <https://www.planning.org/research/family/briefingpapers/pdf/multigenerational.pdf> >.

sidades.

'Habitar' desenha-se no espaço sob várias maneiras, maneiras essas que se procurou caracterizar ao longo das abordagens 'habitar em casa', 'habitar em conjunto' com indivíduos da mesma geração e ainda 'habitar entre gerações'.

'Habitar em casa' pressupõe a ideia de individualidade e de privacidade, características inerentes à noção de 'família', grupo que se tem vindo a alterar. Neste contexto específico, a 'casa' consegue comportar duas vidas privadas, a vida privada da família que agrega todas as vivências do seio familiar e, ainda, a vida privada do indivíduo que se representa nos espaços mais contidos do 'conjunto habitacional' como o escritório, a biblioteca, ou até aquele 'espacinho' que existe na extremidade da sala onde este pode estar consigo mesmo. É através do elemento 'casa' que o indivíduo caracteriza todas as suas atividades quotidianas, nela representando a sua real individualidade. No fundo, a 'casa' tanto pode ser entendida como um 'abrigo', protegendo o sujeito das intempéries, como pode corresponder à 'sua habitação', local onde este representa o seu verdadeiro 'eu'. É importante ainda referir que a noção de 'casa' tem agregada a ideia de 'obra aberta', onde este 'mundo-casa' se vai completando com as características e as respostas às necessidades do 'eu-sujeito'.

'Habitar em casa' para o idoso e para a criança pode ser, em certa medida, semelhante. Ambos os grupos etários podem apresentar limitações motoras, necessidades específicas que condicionam a conceção do espaço. Posto isto, o pensamento dos espaços para todas as gerações deve ser livre de obstáculos, conseguindo proporcionar-lhe o máximo de conforto. Projetar para todos implica ter a noção de que o espaço se pode vir a adaptar, pensando, ainda, na segurança que este deve oferecer.

Dentro da ideia de 'habitar coletivo' referenciamos a evolução dos espaços destinados às crianças e aos idosos, de forma separada. Verifica-se que houve uma grande evolução relativamente aos espaços para os mais jovens, devido à constatação da 'instituição-família', já 'privatizada', da importância da 'distância' das crianças do seio familiar para a sua instrução. Dentro destes espaços, o conceito 'Kindergarden' foi aquele que mais se destacou, assumindo uma estreita relação metafórica entre o crescimento das crianças

e o desenvolvimento do mundo natural. Assim, os denominados, em português, 'jardins de infância', desenvolveram-se, maioritariamente, sob um meio natural, havendo uma relação particular entre o 'construído' e a 'natureza'.

Ao contrário dos espaços destinados às crianças, os espaços para os idosos não apresentam um desenvolvimento com um único fio condutor. Desde da Antiguidade que esta geração procurou um espaço tranquilo para viver, sendo exemplo disso os espaços de ordens religiosas. Contudo, durante um longo período da História, os espaços para os mais velhos estiveram ligados aos espaços hospitalares. Os asilos e enfermarias serviam de 'abrigo' para esta geração, levando-a a uma certa distanciação da comunidade, uma vez que se defendia que os doentes deviam estar segregados para se evitarem contágios. Com a preocupação de juntar esta população à restante sociedade, aos poucos começam a surgir unidades residenciais com um carácter de assistência, já longe da noção 'hospitalar', servindo os idosos com a premissa da proximidade de centros urbanos, de serviços e de outros equipamentos.

A maioria dos espaços criados para idosos caracteriza-se, tal como os 'jardins de infância', pela sua relação livre com o meio natural, onde a natureza é entendida como um meio dinamizador da vida quotidiana destas gerações.

Neste contexto, pensa-se num 'novo modo de habitar', abrindo um enquadramento para as 'relações intergeracionais'. Esta interação entre gerações apresenta benefícios quer para a população que delas usufrui, quer para as próprias instituições, reduzindo a duplicação de serviços e financiamentos. Tanto para as crianças como para os idosos, estas relações incrementam as capacidades intelectuais e de socialização, levando uma maior alegria aos idosos e uma sabedoria e experiência de vida às crianças. A 'relação entre gerações' pode corresponder à harmonia de equipamentos que, relacionados entre si, conseguem proporcionar a tal interação, não sendo preciso apenas um edifício. O constante contato entre as gerações pode não ser positivo, preferindo-se, assim, arquiteturas que permitam o contato pontual, mantendo a individualidade de cada geração.

Seguindo esta hierarquia de pensamentos, um lugar habitado por todas as gerações pressupõe a existência de uma 'comunidade' que relacione as várias 'populações', evitando-se assim a segregação de uma dada geração face à idade.



## UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional

Segundo Willem Van Vliet, uma ‘cidade habitável’ por todas as gerações exige o apoio do ambiente físico, social, económico e de serviços, devendo oferecer facilidades de transporte, de habitação, de apoio e de oportunidades para a comunidade.<sup>120</sup>

Posto isto, a ‘comunidade’ será o elo de ligação das atividades, o elemento dinamizador que exclui a ideia de segregação e isolamento. Comunidade pressupõe a ideia daquilo que é comum, que é partilhado, mantendo a identidade de cada uma das partes.

Por fim, ‘a cidade para todas as gerações’ agrega em si atividades e serviços úteis para o desenvolvimento de cada um. Pensamos em cidade não pela componente urbana que requer dimensão e densidade, mas como um elemento mais subjetivo, aquele que agrega as necessidades e vontades do indivíduo, para que este consiga interagir, de forma saudável, com outras pessoas. No fundo, a ‘cidade intergeracional’ será o ‘lugar’ onde a ‘comunidade’ consegue verdadeiramente ‘habitar’.



Figura 61.  
A interação entre duas  
gerações leva à partilha  
de experiências

**120** Willem Van Vliet – “Creating Livable Cities for All Ages: Intergenerational Strategies and Initiatives”. in “UN-Habitat’s Global Dialogue on Harmonious Cities for All Age Groups at the World Urban Forum IV”; [Em linha]. Nanjing, 2008, pág. 21 a 22; [Consult. 19 Fev. 2015] Disponível na internet: <URL: <http://www.colorado.edu/cye/sites/default/files/attached-files/CYE-WP1-2009%20website%20version.pdf>>.

### III. A PROPOSTA

#### A REABILITAÇÃO DA QUINTA DE SANTA THERESA COMO LUGAR INTERGERACIONAL

*“(...) são ruínas silenciosas mas ainda cheias de vozes que as habitam, migalhas de tempos arcanos que ainda sussurram fios de histórias, que põem perguntas e nos convidam a saber mais.”*

Gastão de Brito e Silva<sup>121</sup>



Figura 62.  
Inscrição da data de 1723  
na lápide junto ao portal  
da igreja da Quinta de  
Santa Theresa

<sup>121</sup> Gastão de Brito e Silva - *"Portugal em Ruínas"*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2014, pág.13.



## **UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES**

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional

## 6. O LUGAR DE INTERVENÇÃO

### A IDENTIDADE DO LUGAR COMO FUSÃO DE TEMPOS

Dentro da história das várias culturas, pode-se assumir que desde sempre o Homem procura um lugar para a implantação da sua presença. As marcas do 'habitar' podem ir desde obeliscos, templos e praças até às construções da contemporaneidade. A escolha do lugar foi sempre governada pelo seu significado, pelo seu '*genius loci*'<sup>122</sup>, dando aos lugares valores divinos e únicos, que prevaleciam perante outros sítios.

Pensar num 'lugar'<sup>123</sup>, associando a dimensão humana, pressupõe a noção de uma cultura específica na História. O 'lugar' pode ser formado pela junção da dimensão humana com a dimensão temporal, onde arquitetar um lugar passará pela percepção da sua 'essência'.

No fundo, projetar num lugar implica que haja uma relação direta entre a Arquitetura e a Paisagem, reconhecendo a presença do passado, criando um presente em conformidade com as necessidades do lugar e nunca esquecendo o futuro que se poderá vir a desenvolver. Estando o 'lugar' diretamente relacionado com o 'ser', este ganha, através do tempo, a sua própria vida e, consequentemente, várias camadas, tanto pontuais como intemporais, todas estas importantes para a estruturação da sua identidade.

Segundo Norberg-Schulz "*o ato base da arquitetura é entender a vocação do lugar*"<sup>124</sup>. No início de um projeto de arquitetura é o lugar que representa o papel principal. O Homem quando espelha a sua individualidade num

**122** Antigo conceito romano referenciado por Norberg-Schulz. '*Genius Loci*' corresponde ao espírito do lugar, em que os antigos associavam ao lugar características humanas que lhe ofereciam a sua 'essência'. O verdadeiro sentido é dado pelo que é próprio, individual, havendo um sistema de relações que determinam o que permanece.

**123** A noção de 'lugar' foi refletida por vários autores, como Heidegger, Hegel, Bollnow, Norberg-Schulz e Rossi. O 'lugar' encontra-se relacionado com o Homem, em que predomina o 'habitar'. Este lugar é apropriado pelo Homem em todas as suas valências, levando, no limite, à capacidade de o tocar, como se este transmitisse sensações de tal forma significativas que crie no indivíduo a vontade de fazer parte dele. Contrapondo a noção de 'lugar' com a de 'espaço', 'espaço' associa-se essencialmente a '*spatium*', a uma dimensão visual, a um conceito racional e abstrato.

**124** Christian Norberg-Schulz – "*Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture*", New York: Ed. Rizzoli, 1979; pág. 23; "*The basic act of architecture is therefore to understand the 'vocation' of the place.*"

dados ambiente não cria o seu próprio pensamento mas sim a mistura da essência do lugar com a sua interpretação deste, conseguindo assim apropriar-se dele. Neste processo, “(...) nada eliminará a essência dos lugares, somente podemos prolongá-los, dar-lhes continuidade no sentido da História”<sup>125</sup>.

O papel da arquitetura encontra-se relevante na (re)criação de lugares, seguindo a vontade de originar o ‘habitar’. Pensar em arquitetura implica trabalhar sob uma ‘vida’, pensando nos ambientes como um “(...) contexto relevando a natureza através da modificação, medida e utilização da paisagem”<sup>126</sup>.

Para Siza, projetar corresponde a “(...) uma grande viagem em espiral sem princípio nem fim”<sup>127</sup>, onde se consegue estar em simultâneo dentro e fora do lugar. Inicialmente é essencial ‘olhar o sítio’ onde “(...) nessa progressiva visualização (leitura), (...) se vai estruturando o quase nada tão importante para além do pré-existente”<sup>128</sup>, conseguindo assim a busca pela essência do lugar.

Assim, as preexistências, entendidas como os elementos físicos ou presentes na memória, ajudarão a configurar a essência de cada lugar. As estratégias de leitura do lugar podem ser várias, desde o desenho, a leitura de romances, até à compilação das várias memórias locais descritas em livros regionais. Todos estes gestos “(...) estão carregados de história, de inconsciente memória, de incalculável anónima sabedoria”<sup>129</sup>.

<sup>125</sup> Alexandre Silva Fernandes - “Sentidos” in AA.VV. “Sebentas d’Arquitectura”; nº3; Lisboa: Universidade Lusíada Editora, 2001; pág. 13.

<sup>126</sup> João Serpa Vasconcelos - “Do sítio ao lugar” in AA.VV. “Sebentas d’Arquitectura”; nº3; Lisboa: Universidade Lusíada Editora, 2001; pág. 42.

<sup>127</sup> Álvaro Siza Vieira - “Textos 01 – Álvaro Siza”; Coleção Arquitectura; Porto: Livraria Civilização Editora; pág. 317.

<sup>128</sup> Álvaro Siza Vieira - “Textos 01 – Álvaro Siza”; Coleção Arquitectura; Porto: Livraria Civilização Editora; pág. 12.

<sup>129</sup> Álvaro Siza Vieira - “Textos 01 – Álvaro Siza”; Coleção Arquitectura; Porto: Livraria Civilização Editora; pág. 37.

## 6.1. SINTRA E SÃO PEDRO PENAFERRIM

### 'LUGAR' DE INTEGRAÇÃO DE QUINTAS

*“Oh Sintra! oh! saudosíssimo retiro  
Onde se esquecem mágoas, onde folga  
De se olvidar no seio à natureza  
Pensamento que embala adormecido  
O sussurro das folhas, co murmúrio  
Das despenhadas linfas misturado!  
Quem, descansado à fresca sombra tua,  
Sonhou senão venturas? Quem, sentado  
No musgo das tuas rocas escarpadas,  
Espairecendo os olhos satisfeitos  
Por céus, por mares, por montanhas, prados,  
Por quanto há i mais belo universo,  
Não sentiu arrobar-se-lhe a existência,  
Poisar-lhe o coração suavemente  
Sobre esquecidas penas, amarguras,  
Ânsias, labor da vida? ...”* <sup>130</sup>

Sintra apresenta uma identidade própria, onde a fusão dos vários tempos e de várias culturas ganha forma num local em que a natureza também é protagonista. Sintra distingue-se através do “(...) *excepcional sincretismo conseguido entre a Natureza e os antigos monumentos, bem como no pioneirismo dos sonhos arquitectónicos que suscitou*”<sup>131</sup>. Ao longo da História representou o lugar de veraneio de Reis, Nobres e Aristocratas, “(...) *retiro paradisíaco para Frades e Eremitas; musa inspiradora de Poetas, Prosadores, Músicos e Pintores; peregrinação obrigatória para todas as almas sensíveis e artistas, sem*

<sup>130</sup> Poema “Oh ! Sintra” de Almeida Garrett in Arturo Pereira; Felipa Espírito Santo Cardoso; Fernando Calado Correia - “Sintra e suas Quintas”; Coordenação Felipa Espírito Santo Cardoso; Sintra: Edição dos Autores, 1983; pág. 7

<sup>131</sup> AA.VV. - “Sintra: Património da Humanidade”; Coordenação José Cardim Ribeiro; Sintra: Câmara Municipal de Sintra, Agosto 1998; pág. 11.

*escolha de nacionalidades.*"<sup>132</sup>

A conquista de Sintra ocorre no século XII por D. Afonso Henriques, que fundou, logo após a reconquista, uma igreja em São Pedro de Canaferim<sup>133</sup> e dividiu o território em quatro paróquias<sup>134</sup>, ainda hoje respeitadas.

Durante os séculos XII e XIII instalam-se vários conventos, mosteiros e ordens militares, devido à fertilidade das terras e à proximidade de Lisboa. No século XIII D. Dinis "(...) *elegeu Sintra, pelo seu clima temperado e fresco, para a estância de veraneio, tendo para isso mandado construir o Palácio da Vila Velha*"<sup>135</sup>. Muitos aristocratas seguiram o mesmo caminho, construindo diversas obras arquitetónicas como Quintas, Palacetes e Chalets, envoltas na natureza exuberante, característica de Sintra.

No final do século XVIII e até ao século XIX, instala-se nesta Vila "(...) *o espírito romântico dos viajantes estrangeiros e da aristocracia portuguesa que redescobrem a magia de Sintra e dos seus lugares*"<sup>136</sup>.

A construção do caminho de ferro no final do século XIX, que liga a Vila a Lisboa, representa um marco para o desenvolvimento e urbanização do lugar, tornando-o propício tanto para viver como para veraneio.

O bairro mais antigo de Sintra, São Pedro de Penaferrim, reúne diversas Quintas e Solares, entre outras obras emblemáticas de arquiteturas<sup>137</sup>, que fundem o erudito com o tradicional, sempre valorizados com jardins e envolventes exóticas.

O 'bairro' apresenta-se tranquilo, marcado pela sequência de diversos comércio, nomeadamente antiquários, cafés e lojas locais. Atualmente encontram-se muitos lugares devolutos, à espera de uma nova função. A localidade ambiciona movimento, aquele que se concentra, atualmente, no centro da Vila de Sintra.

Apesar do território ser maioritariamente natural, poucos são os lugares que oferecem a natureza e o lazer à população. São Pedro de Penaferrim

<sup>132</sup> AA.VV. - "Sintra: Património da Humanidade"; Coordenação José Cardim Ribeiro; Sintra: Câmara Municipal de Sintra, Agosto 1998; pág. 15.

<sup>133</sup> Hoje denominado São Pedro de Penaferrim.

<sup>134</sup> São Pedro de Canaferim com sede junto ao Castelo, São Martinho, com sede no centro da Vila e Santa Maria e São Miguel com sede no Arrabalde.

<sup>135</sup> Arturo Pereira; Felipa Espírito Santo Cardoso; Fernando Calado Correia - "Sintra e suas Quintas"; Coordenação Felipa Espírito Santo Cardoso; Sintra: Edição dos Autores, 1983; pág. 9.

<sup>136</sup> AA.VV. - "Sintra: Património da Humanidade"; Coordenação José Cardim Ribeiro; Sintra: Câmara Municipal de Sintra, Agosto 1998; pág. 30.

<sup>137</sup> Castelo dos Mouros, Palácio Nacional da Pena, Chalé da Condessa d'Edla, Quinta da Penha Longa, Quinta do Ramalhão, Capela de São Lázaro e Casa do Cipreste são exemplos de obras arquitetónicas emblemáticas presentes em São Pedro de Penaferrim.



Figura 63.  
Feira de São Pedro de Penaferrim 1950/1960

é dinamizado pela Praça D. Fernando II, onde se realizam diversos mercados e feiras, tornando-se assim um espaço mutável, essencialmente pedonal, que permite a reunião da comunidade. O mercado realiza-se desde do reinado de D. Maria I, século XVIII, realizando-se uma vez em cada ano no dia de S. Pedro (29 de Junho). A partir de 1924 passou a realizar-se duas vezes por mês.<sup>138</sup> Neste local promovem-se anualmente diversos mercados temáticos.

Complementando as atividades em torno da Praça D. Fernando II, é na Rua Tude de Sousa, rua que liga o centro da Vila de Sintra a São Pedro de Penaferrim, que se localizam os principais serviços e comércio, muitos deles de longa data.

No prolongamento da Rua Tude de Sousa, na Rua 1º de Dezembro, encontra-se ainda o edifício que correspondia ao célebre Clube 1º de Dezembro, fundado em 1880 por D. Carlos I. Neste ponto de encontro tiveram lugar muitas noites de teatro e música, contando com a presença de personalidades distintas como Amália Rodrigues, Irene Isidro e Alfredo Marceneiro.<sup>139</sup>

São Pedro de Penaferrim destaca-se ainda pelos altos e imponentes muros e portões que ladeiam as várias quintas que ao longo do tempo se foram erguendo, oferecendo ao lugar diversas abordagens arquitetónicas marcadas pelo 'tempo'.

<sup>138</sup> José Alfredo da Costa Azevedo - "Velharias de Sintra"; Volume V; Sintra: Serviços Culturais da Câmara Municipal de Sintra, 1984; pág. 75 a 77.

<sup>139</sup> Diogo Pocariço - "Roteiro Histórico - São Pedro de Penaferrim e tudo o que o tempo deixou"; Sintra: Junta de Freguesia de Sintra (São Pedro de Penaferrim), Agosto 2013; pág. 22.



## A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional

## A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional



Quinta Santa Theresa



## **6.2. A QUINTA DE RECREIO**

### **'LUGAR' DE RELAÇÃO COM O NATURAL**

Do século XV até ao século XVII surge na Europa, e consequentemente em Portugal, uma transformação cultural, que origina novos pensamentos e leva à valorização do Homem. Nascem conceitos espaciais e formas habitacionais mais eruditas, libertas de uma conceção fechada sobre si presente na Idade Média, passando “(...) *a abrir-se para o exterior e a procurar uma relação intencional com a Natureza*”<sup>140</sup>, longe da agitação da cidade.

Desenvolve-se, então, o conceito de 'Quinta de Receio', relacionando o Homem com o ambiente natural, correspondendo a uma unidade rural, de tamanho variável, que inclui várias áreas, quer para cultivo e produção quer para lazer e habitação. Neste contexto, 'Quinta' equivale a “(...) *um troço de paisagem, pertença de alguém que a cuida para produção, para ornamento, ou só para lazer, concentrando em algumas zonas composições de grande qualidade estética que de forma mais diluída, se espalham por toda a propriedade*”<sup>141</sup>.

A 'Quinta de Recreio'<sup>142</sup>, entendida como residência secundária, permitia que a Nobreza interagisse com a Natureza e vigiasse as suas propriedades de solos qualificados para a exploração agrícola, localizadas em áreas rurais próximas da cidade. Os espaços de cultivo serviam também para a plantação de ervas aromáticas e árvores de fruto, oferecendo locais de 'recreio' que podiam ser decorados com fontes, lagos e estátuas.

**140** Amílcar de Gil e Pires - “Vilegiatura e Lugar na Arquitectura Portuguesa”; Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 2008; Tese de Doutoramento em Arquitectura; pág. 350.

**141** Cristina Castel-Branco – “Jardins com História. Poesia Atrás de Muros”; Lisboa: Edições INAPA, 2002, pág. 15.

**142** Na sequência deste contexto e pensando já no 'lugar' de trabalho, em Sintra, o termo 'Quinta' está muito presente, uma vez que “(...) *numa pequena área geográfica existem aproximadamente 200 quintas, muitas delas notáveis tanto pela arquitetura das suas casas como pela história ou lenda que encerram.*” O meio predominantemente natural da Serra de Sintra oferece a estes lugares um verdadeiro contacto com a Natureza. Local nos arredores de Lisboa serviu para a instalação da Nobreza, para que esta pudesse estar próxima do Paço Real. Assim sendo, esta desenvolveu diversas Quintas junto do Centro Histórico de Sintra, nomeadamente em São Pedro de Penaferrim.

Podemos assim afirmar que numa Quinta de Recreio a 'casa' e o 'jardim' interagem em conjunto, onde a 'casa' se apresenta como o 'locus'<sup>143</sup>.

É importante referir que estas unidades podiam ainda corresponder a uma ostentação de poder, pois a posse de terras significava riqueza. Os proprietários construía casas de habitação junto das suas propriedades, onde nelas caracterizavam os gostos culturais da época através do recurso à decoração, essencialmente nos elementos religiosos e nos portais de entrada, transformando o objeto arquitetónico num cenário sensorial e de grande presença na paisagem.

### 6.2.1. OS ELEMENTOS DA QUINTA DE RECREIO

*"A casa é um documento autêntico da vida do Homem - documento de pedra e cal, mas de extraordinária importância para estudarmos os costumes, a evolução do gosto e da vida social."*<sup>144</sup>

Tal como o pensamento evolui, também a ideia de 'casa' tem vindo a sofrer alterações, sendo provável observar elementos com mistura e sobreposição de estilos de acordo com os gostos de cada época. A 'casa' é uma obra aberta, podendo ser transformada, ampliada e alterada.

Dentro do período barroco, a arquitetura doméstica, apesar de se apresentar de forma simplificada e não tão ambiciosa como as restantes arquiteturas da época, procura criar efeitos teatrais sob a paisagem, principalmente nos planos de fachada, através do recurso a elementos de decoração exuberante.

De acordo com Amílcar Pires, numa Quinta de Recreio, o edifício estruturante é a **Casa ou Palácio do proprietário**. Este edifício segue um plano conceptual dividindo os espaços de acordo com uma hierarquia de usos.

O acesso à casa senhorial realiza-se através de um pátio ou terreiro, também denominado de 'espaço de honra', elemento murado, de perímetro regular, que serve como uma 'ante-sala' com a função de receber. O 'espaço de honra' permitia que os visitantes se deslocassem para a 'casa de fora', já

<sup>143</sup> 'lugar'.

<sup>144</sup> Carlos de Azevedo – "Solares Portugueses"; Lisboa: Livros Horizonte, 1969, pág. 13.

no interior da casa, local que representava melhor o estatuto socioeconómico do proprietário, que "(...) *desde cedo assumiu a sua obrigação exclusiva de receber*", vocacionada para os visitantes e momentos de cerimónia, marcando assim a diferença entre público e privado já anunciada pelo 'pátio/terreiro de honra'.<sup>145</sup>

A cozinha, espaço fundamental em qualquer habitação, era um lugar de fácil acesso e de grande permanência. Para tal, a cozinha situava-se próxima dos acessos verticais, no entanto, a sua localização varia de acordo com a tipologia da habitação e topografia do terreno. Esta podia anexar-se ao corpo habitacional ou integrar-se no seu espaço interior, usualmente no piso térreo por questões práticas de acesso.

Ainda relativamente à organização dos espaços interiores, até ao século XVIII, com a pouca especialização dos espaços, a transição entre compartimentos realizava-se de forma direta, não existindo corredores.<sup>146</sup>

A par dos espaços interiores habitacionais, desenvolvia-se a **capela**, compartimento que poderia estar ou não anexo ao corpo habitacional. Este espaço, que surgiu apenas no século XVII, era mais ornamentado e destacava-se pela sua composição arquitetónica.

Exteriormente, aparece o **jardim** como prolongamento da casa, localizado usualmente próximo de uma das fachadas, normalmente correspondente a áreas nobres e de sociabilidade. A presença da natureza era a base da Quinta de Recreio, dividindo-se em três zonas: jardim formal, horta/pomar e mata.<sup>147</sup> O jardim formal - horto de recreio - expressa-se através de um espaço verde regrado, geométrico e delimitado. No pomar e horta, suporte económico da Quinta, produziam-se produtos agrícolas para posteriormente se comercializarem na cidade. A mata era uma área virgem e pouco modificada pelo Homem.

Complementando as áreas verdes, a **água**, para além de se localizar em pontos estratégicos do terreno de modo a regar os campos agrícolas, também correspondia a um elemento ornamental e cenográfico, já utilizado desde da época dos romanos e dos árabes. Muitas Quintas de Recreio da época apresentam tanques e fontes decoradas com azulejos, sendo verda-

<sup>145</sup> João Vieira Caldas – "A Casa Rural dos Arredores de Lisboa no Século XVIII"; Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1999, pág. 69.

<sup>146</sup> Se existiam corredores, estes eram de pequena dimensão.

<sup>147</sup> Amílcar de Gil e Pires - "Vilegiatura e Lugar na Arquitectura Portuguesa"; Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 2008; Tese de Doutoramento em Arquitectura; pág. 358 e 359.

## **UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES**

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional

deiros lugares propícios ao lazer.

De facto, podemos assumir que a Quinta de Recreio é um verdadeiro exemplo de fusão unitária entre o espaço de recreio e o espaço de produção, onde a geometria e a perspetiva, juntamente com a topografia, proporcionam a criação de um verdadeiro 'lugar' de relação com o natural.

### 6.3. A QUINTA DE SANTA THERESA

#### EVOLUÇÃO FUNCIONAL E MORFOLÓGICA

O espaço em análise localiza-se em São Pedro de Penaferrim, primeiro bairro de Sintra, carregado de história e testemunha da passagem do tempo. No portal da igreja da Quinta de Santa Theresa encontra-se marcada a data de 1723<sup>148</sup>, indiciando que terá sido nessa época que esta se começou a erguer.

A Quinta encontra-se numa área de baixa densidade de construção e junto à Avenida Conde de Sucena, caminho que liga Cascais a Sintra, local onde a presença de Quintas de várias épocas é uma constante.

Apesar da reduzida informação sobre o 'lugar' selecionado, estimamos que, no início da sua construção, a Quinta terá sido habitação de veraneio e cultivo de uma família aristocrata. Com o decorrer do tempo, a Quinta acabou por agregar diferentes usos, desde a utilização para habitação, educação, lazer e cultura. Um verdadeiro 'lugar' de junção de personalidades que se conseguiu transformar para responder às necessidades e às vontades dos proprietários. Atualmente encontra-se devoluta, sendo o seu recinto utilizado para feiras e festas locais. Com várias mutações, apresenta-se agora com uma área de implantação de 23 450 m<sup>2</sup>.

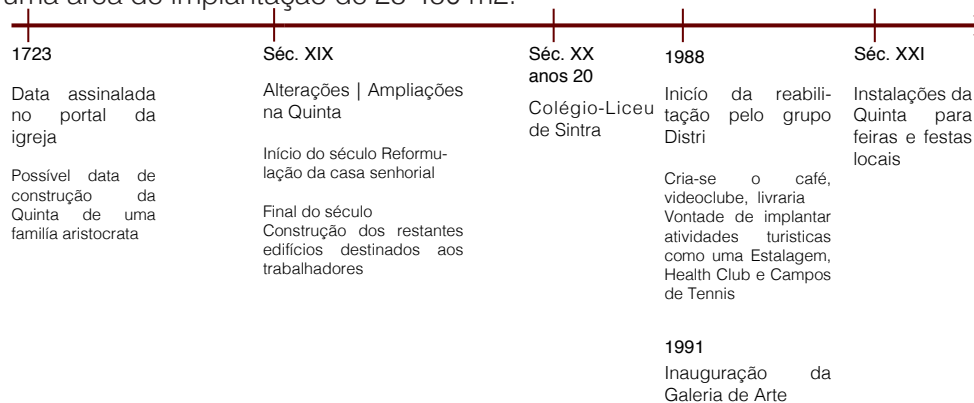


Figura 65. Caminho que liga Cascais (a sul) a Sintra (a noroeste) passa pela Quinta de Santa Theresa

Figura 66. Organização cronológica dos vários usos da Quinta de Santa Theresa

<sup>148</sup> Importa salientar que na mesma época, em 1709, começa a erguer-se o Palácio da Quinta do Ramalhão, muito próximo da Quinta de Santa Theresa. Esta propriedade foi de várias personalidades influentes, tendo sido também adquirida pela Rainha D. Carlota Joaquina no século XIX.



## UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional

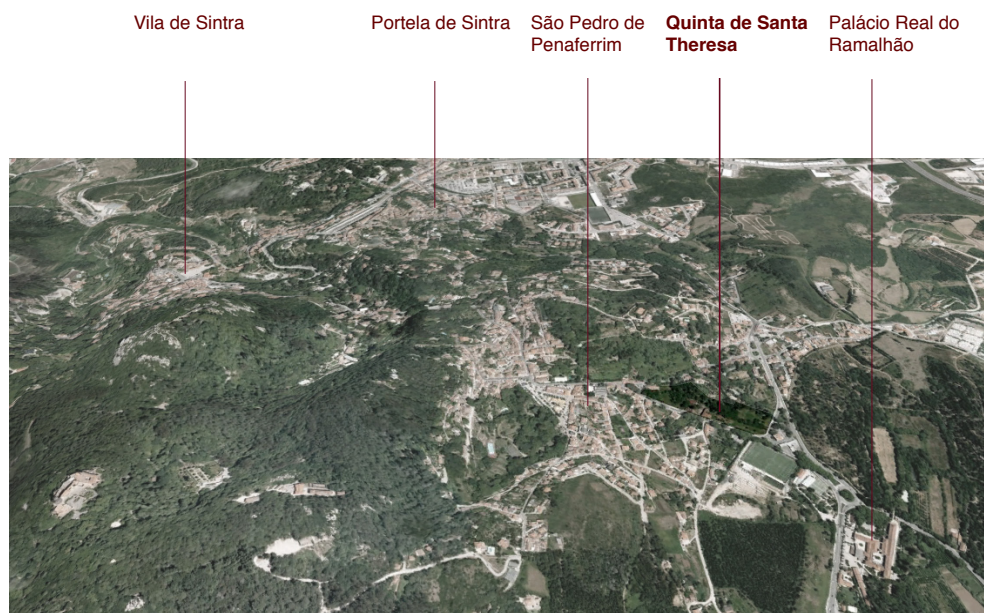


Figura 67.  
Localização da Quinta e in-  
dicação dos pontos de inter-  
esse próximos



Figura 68.  
Localização da Quinta



Figura 69.  
Localização da Quinta

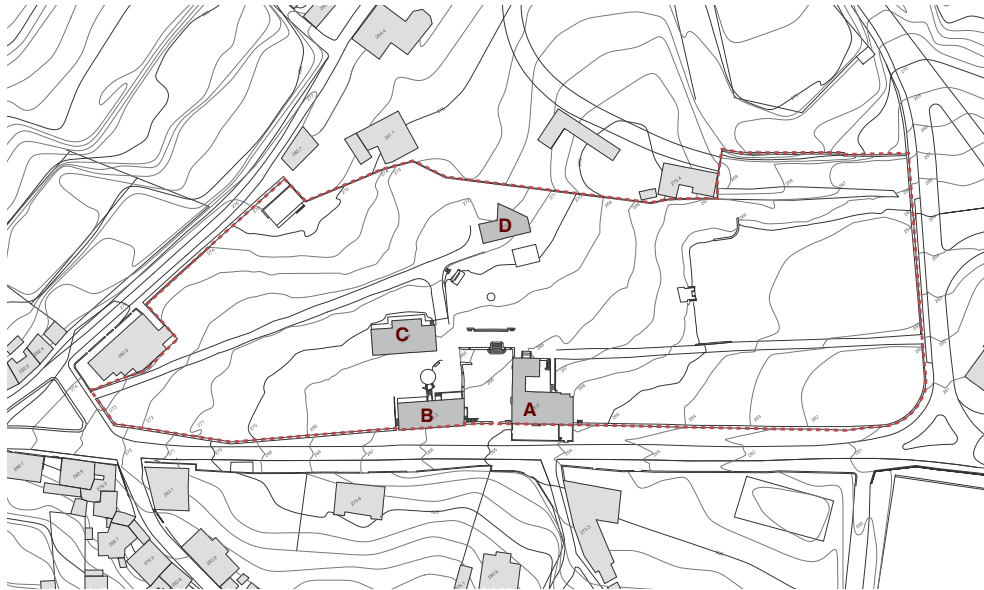


Figura 70.  
Delimitação da Quinta de Santa Theresa atualmente  
A Residência Senhorial  
B Antiga casa dos caseiros e posteriormente café e galeria de arte  
C Ginásio construído no início do século XX  
D Edifício de apoio ao jardim

A leitura do conjunto da Quinta de Santa Theresa deve iniciar-se através da análise da casa senhorial, uma vez que esta representa o elemento arquitetónico mais rico, regido por uma hierarquia espacial e concetual.

Assim, como ponto central e de entrada principal, a Quinta de Santa Theresa apresenta os corpos construídos em torno de um 'terreiro' de forma geométrica, entendido como um adro de distribuição. De um lado desenvolve-se o corpo principal, a que chamamos 'Casa Senhorial' e no seu lado oposto localiza-se um edifício do final do século XIX que seria a casa dos caseiros e dos trabalhadores da propriedade.

Através das fachadas marcadamente horizontais e do 'vazio' demarcado pelo 'terreiro', consegue-se perceber o centro do 'lugar'. O 'terreiro' afirma-se como ponto chave para o reconhecimento e identificação do lugar de modo imediato para quem se aproxima da Quinta de Santa Theresa.

O terreiro encaminha o visitante para o jardim formal, a um nível superior e acessível por uma escadaria do século XIX, revestida lateralmente por azulejos da época, acentuado por dois ciprestes rigorosamente alinhados. Nesse jardim encontram-se dois pequenos lagos, um tanque, arbustos baixos, ladeados por arvoredos de grandes dimensões, tornando o espaço 'vazio'<sup>149</sup> de maior imponência e significado. Ao contrário da entrada principal, o acesso à casa através do jardim formal é realizado de forma direta e realçado por um portal em pedra que reforça o momento de entrada e oferece-lhe um carácter mais imponente.

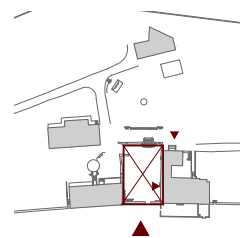


Figura 71.  
Terreiro  
Indicação da entrada da Quinta e das entradas na residência senhorial  
principal - realizada lateralmente através do terreiro  
privada - realizada de forma direta através do jardim formal no nível superior

<sup>149</sup> Espaço vazio relativamente à presença densa de vegetação de grande porte.



## UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional

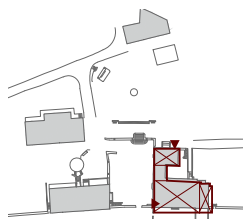


Figura 72.  
Localização da Casa Senhorial com indicação das duas entradas

Direcionando a observação para a **Casa Senhorial**, esta desenvolve-se em dois pisos, tendo acessos em ambos os pisos. A entrada principal realiza-se, tal como enunciado acima, pelo terreiro.

As fachadas da Quinta, seguindo a lógica aplicada na época, em que os vãos e as cantarias do piso superior são mais ricos do que no piso inferior, desenvolvem-se horizontalmente com pilastras lisas e pouco salientes. O piso superior é evidenciado devido ao uso de uma barra horizontal entre pisos e a ornamentação do telhado.

A fachada orientada para a rua é aquela que mantém uma maior regularidade e simetria, ao passo que a fachada do terreiro apresenta-se assimétrica, fruto das diversas transformações e ampliações que esta residência foi sofrendo.

Relativamente à organização e hierarquia dos espaços interiores, é de referir que no piso térreo estavam as áreas de serviço e de trabalho como a cozinha, a sacristia e espaços de arrumos. Verifica-se ainda que este objeto arquitetónico foi alvo de modificações posteriores à sua origem, contendo já locais com maior ornamentação, nomeadamente revestimentos em azulejos

Figura 73.  
(à esquerda)  
Planta da Residência Senhorial - Piso térreo

Figura 74.  
(à direita)  
Planta da Residência Senhorial - Piso superior

- ▶ Acesso à Residência
- Eixo de desenvolvimento do corpo habitacional paralelo ao desenvolvimento do terreno

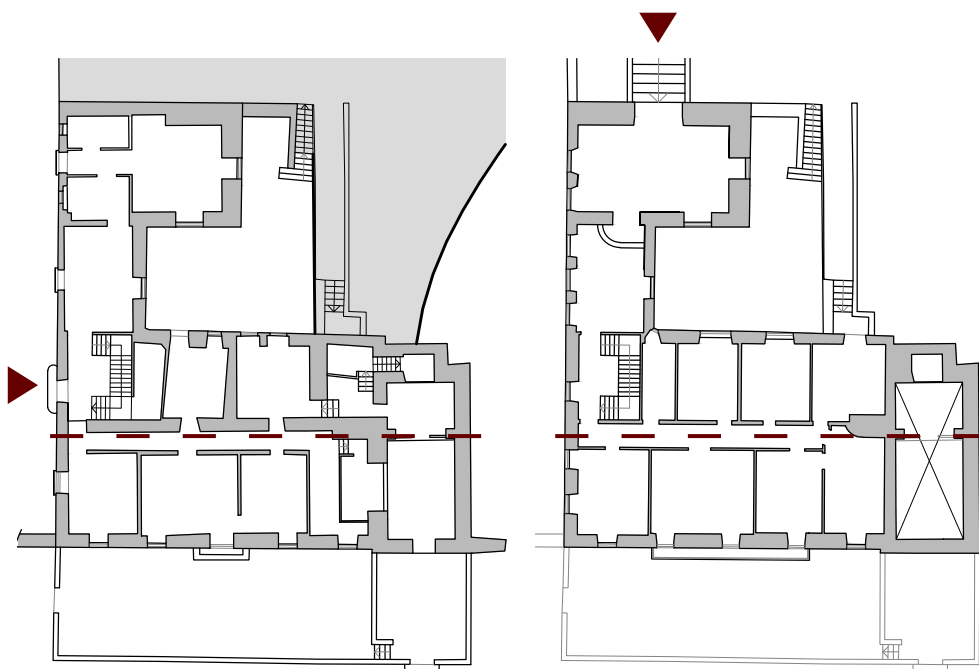




Figura 75.  
Fachada direccionada para a  
rua pública (Avenida Conde  
de Sucena)  
1930-80



Figura 76.  
Fachada direccionada para o  
terreiro  
1930-80

## UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional

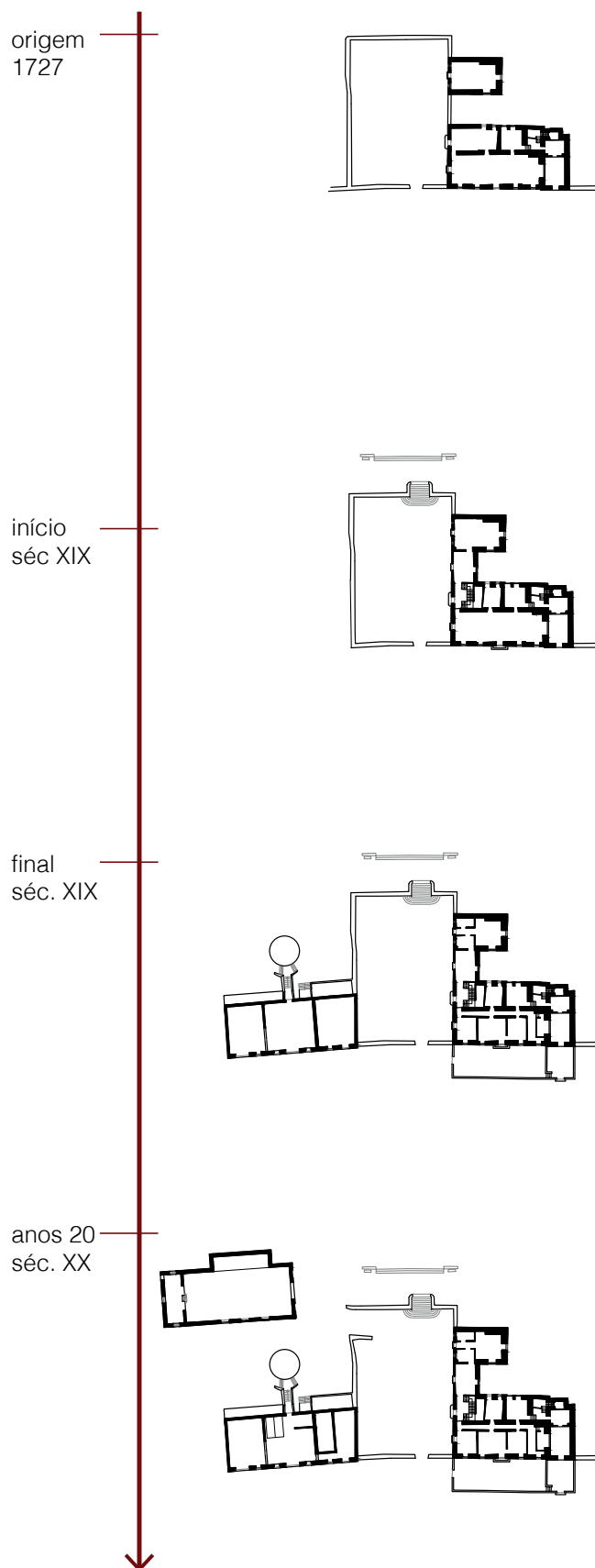


Figura 77.  
Evolução morfológica da  
Quinta

do século XIX, tendo posteriormente usos considerados mais nobres.

Pensa-se que, na origem da Quinta, a cozinha estivesse separada do corpo habitacional, através da observação dos envidraçados e acabamentos do 'corpo de ligação'. Na época inicial do conjunto, era costume as cozinhas encontrarem-se em espaços distintos dos restantes corpos habitacionais para proteção destes de possíveis incêndios.

Ainda no piso térreo, agora já subdividido, localizar-se-ia a 'Casa de Fora', com um acesso para o piso superior e com a função de receber.

Já no piso superior encontravam-se as câmaras de dormir, áreas de maior privacidade e apenas para usufruto da 'família'. É neste piso que as vistas se orientam para a envolvente, sendo possível afirmar que este objeto arquitetónico, apesar de conter uma varanda para a rua, símbolo de afirmação de poder, se encontra mais vocacionado para o interior, prevalecendo as perspetivas para o terreiro e para os jardins.

Tal como as restantes Quintas de Recreio da época, a **capela** começa por pertencer à hierarquia das Residências Senhoriais. Apesar do 'terreiro' realizar a distribuição pelos diferentes usos, a capela não está incluída. Esta encontra-se integrada no enfiamento do volume da casa, com acesso através de um pequeno adro direcionado para a via pública, destacando-se apenas pelo seu recorte superior na fachada e pela presença do sino e da cruz, não ultrapassando a altura dos telhados e subordinando-se à mesma cornija da casa. É importante ainda salientar que a utilização da capela pela população vizinha, determinada pelo culto religioso, oferecia ao lugar um uso público, ao contrário dos restantes espaços de vivência da Quinta.

A sua planta é retangular, distinguindo-se apenas da capela-mor através de um arco triunfal revestido a pedra. O teto apresenta-se em abobada de

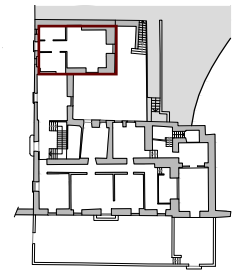


Figura 78.  
Localização da cozinha

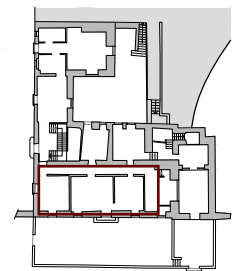


Figura 79.  
Localização da 'Casa de Fora'

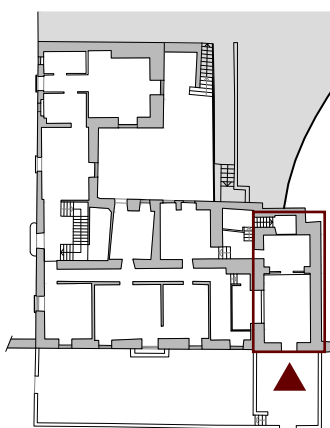


Figura 80.  
(à esquerda)  
Localização da capela

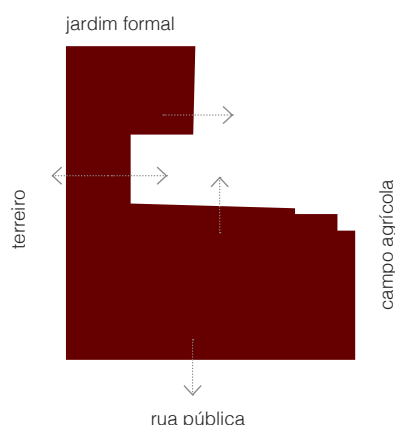


Figura 81.  
(à direita)  
Sistemas de vistas da Quinta de Santa Theresa

## UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional



Altar da capela

Figura 82.



Figura 83.

Entrada da capela com a tribuna à direita

berço. A capela apresenta ainda uma tribuna lateral privada que servia para preservar a privacidade da família que ali habitava.

O **jardim** da Quinta, de pendente favorável para o escoamento e rega dos campos, apresenta dois níveis: o nível do jardim e o nível do terreiro e das casas. O terreiro pode ser entendido como um vazio escavado que proporciona uma entrada principal para o edifício de forma lateral, resguardando o momento de entrada, dotando o objeto arquitetónico de maior privacidade.

A morfologia do terreno é regular, marcando claramente as várias áreas exteriores, através do recurso a muros construídos ou naturais (sebes ou alamedas de árvores) que protegem, em certa parte, o interior do exterior. Enquanto o interior está protegido do exterior por muros de grande peso, o contrário não se verifica. Tal como enunciado por João Vieira Caldas, os muros dos jardins apresentam-se “(...) *em comunicação com o exterior através de janelas gradeadas ou fecháveis com portadas de madeira*”<sup>150</sup>, de modo a que os habitantes pudessem observar a envolvente, mantendo ao mesmo tempo a sua privacidade.

Os acessos ao espaço verde da Quinta realizam-se por duas avenidas sombreadas pelos arvoredos que as delimitam, reforçando assim a ideia de perspectiva tão valorizada na época.

No contexto dos espaços exteriores, a Quinta divide-se em três zonas principais: a mata, o jardim formal e a horta/pomar. Constata-se que estas se encontram, ainda hoje, bem visíveis, apesar do estado de degradação da Quinta.

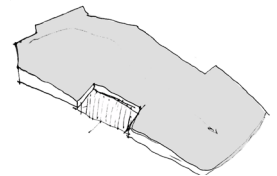


Figura 84.  
Esquema representativo do  
terreiro 'enterrado' no terreno

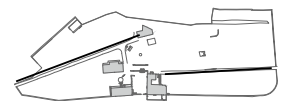


Figura 85.  
Esquema representativo dos  
dois caminhos presentes na  
Quinta

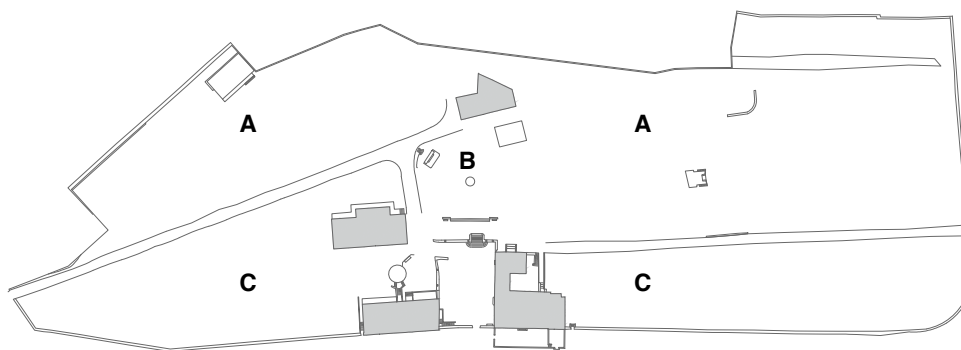


Figura 86.  
Três áreas exteriores da  
Quinta:  
A Mata  
B Jardim formal  
C Pomar/Horta

<sup>150</sup> João Vieira Caldas – “A Casa Rural dos Arredores de Lisboa no Século XVIII”; Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1999, pág. 61 e 62.



## UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional

Figura 87.  
(à esquerda)  
Janela com portadas em  
madeira no muro exterior  
da Quinta

Figura 88.  
(à direita)  
Alameda da Quinta  
ladeada por árvores



A mata situa-se a norte, caracterizada pela vegetação densa e de grandes dimensões com a finalidade de proteger o restante terreno das condições climáticas adversas. O jardim formal encontra-se perto dos edifícios preexistentes, no centro da Quinta, apresentado por elementos com água, enquanto que o pomar e a horta se localizam na zona mais baixa do terreno para que o declive permita a sua rega. Esta zona é mais desafogada e plana em comparação com as anteriores.

É importante ainda referir que o elemento '**água**' oferece à quinta lugares de maior privacidade e intimidade, cuidadosamente colocados tendo em conta a sua função de regar as áreas de cultivo. Estes lugares eram ornamentados com azulejos da época, predominantemente azuis, capazes de oferecer espaços de lazer ao 'lugar'.

Por fim, podemos constatar que o exterior do conjunto é pouco ornamentado, muito provavelmente devido à origem relativamente mais modesta da família e ainda a uma forte vocação virada para a produção agrícola. Contudo, no interior, o recurso aos azulejos, a paredes revestidas e decoradas com estuque e a guardas trabalhadas em ferro forjado e fundido, conforme as épocas, transmitem a ideia de 'casa senhorial' com origem no século XVIII e transformada e ampliada até ao século XX.



Figura 89.  
Área exterior - Mata



Figura 90.  
Área exterior - Jardim formal



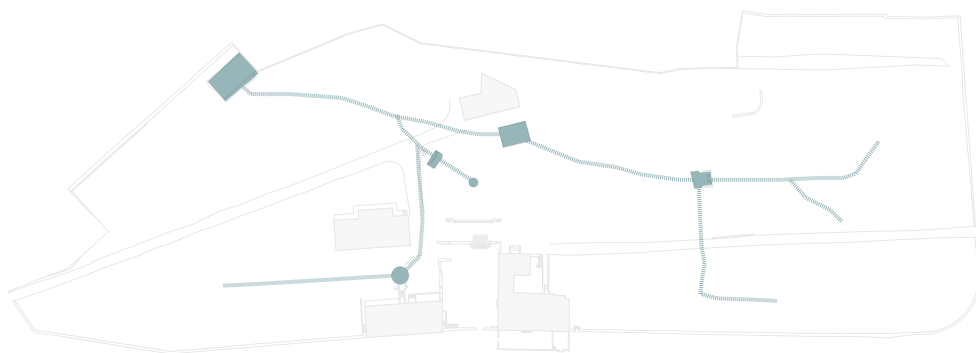
Figura 91.  
Área exterior - Horta e pomar



## UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional

Figura 92.  
Indicação dos elementos  
com água e do percurso  
desta no terreno da Quinta



Figuras 93 e 94.  
Elementos de água da  
Quinta de Santa Theresa



Figuras 95 e 96.  
Fonte e tanque da Quinta  
de Santa Theresa



## 7. UMA PROPOSTA DE REABILITAÇÃO DA QUINTA DE SANTA THERESA COMO LUGAR INTERGERACIONAL

*“A Architectura está sempre dependente de preexistências e baseia-se inevitavelmente, no reconhecimento das potencialidades do lugar natural que escolheu para se implantar.”*

Amílcar Pires<sup>151</sup>

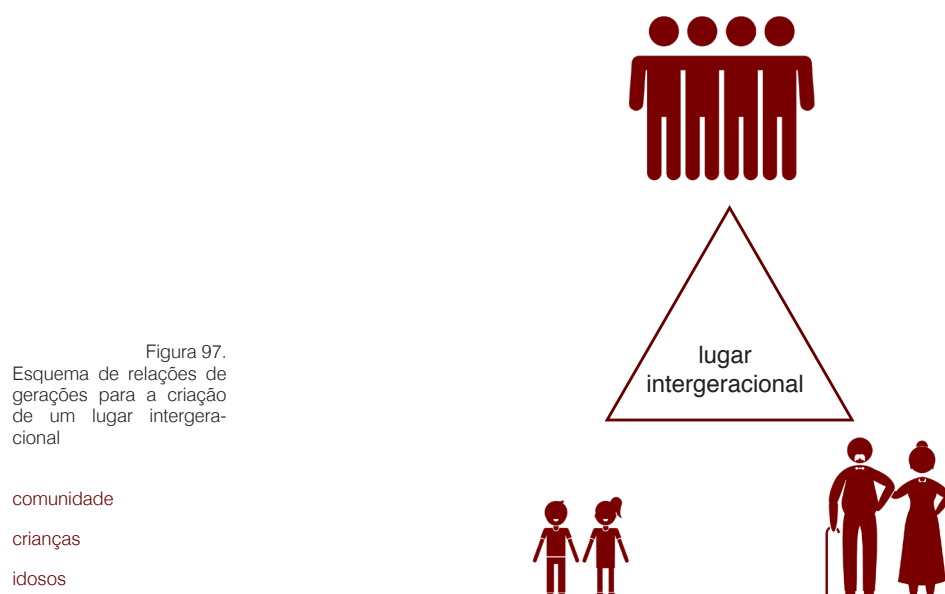
A importância do património, da memória do lugar e das suas características são pontos chave para o início de uma reflexão contemporânea sobre o sítio de projeto.

Posto isto, e recuperando os propósitos iniciais sobre a temática da intergeracionalidade, apresenta-se de seguida uma proposta de intervenção na Quinta de Santa Theresa, sendo um exemplo de como o ‘lugar’ pode ser habitado por várias gerações. A seleção deste ‘lugar’, outrora pensado para a implantação de um hotel, surge não só por este ser um “vazio” com carência de reabilitação, dotado de história e cultura, como também por se localizar uma zona propícia à implantação dos programas escolhidos. Neste ‘lugar’ pode-se construir o ‘novo’, fazendo com que se relacione com o ‘antigo’, onde a ‘geração nova’ interage com a ‘geração antiga’, na presença da ‘geração adulta’. Assume-se que a abordagem relaciona tanto os ‘tempos’ arquitectónicos e culturais, como as várias gerações, também elas com experiências de vida de vários ‘tempos’.

<sup>151</sup> Amílcar de Gil e Pires - “Vilegiatura e Lugar na Architectura Portuguesa”; Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 2008; Tese de Doutoramento em Arquitectura; pág. 256 a 257.

## UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional



## 7.1. O PROGRAMA

O património é fruto da passagem de várias gerações, sendo através dele que se descobre o passado e aquilo que nos delineou enquanto sociedade. A reabilitação de um lugar de memórias e histórias oferece-lhe a sua verdadeira habitabilidade.

Sendo Sintra um local repleto de terrenos a precisar de intervenção, este tem procurado dinamizar-se essencialmente para a vertente comercial. No entanto, é também importante incluir e pensar nas pessoas locais, oferecendo espaços de lazer e permanência, onde as interações entre estas possam ocorrer naturalmente. Partem daqui as bases do projeto agora proposto, que visa justamente a procura de um lugar que potencie estas relações.

Neste enquadramento, a criação de um equipamento de permanência, interação e convívio, em São Pedro de Penaferrim, deve corresponder às necessidades da população em causa. É de destacar que em Fevereiro de 2015 foi aprovado um plano para a reabilitação urbana do centro histórico que visa a reformulação e reflexão da Vila de Sintra, devolvendo-a aos seus habitantes<sup>152</sup>. Nesse mesmo documento, é visível a preocupação da Câmara Municipal de Sintra em projetar equipamentos que sirvam a população mais envelhecida e as crianças, nomeadamente através da criação de centros de dia, lares e creches. Sintra, apesar de ter uma densidade edificada reduzida, apresenta poucos espaços públicos e de convívio, sendo que a maioria dos espaços são lugares naturais de carácter privado.

A proposta sugere dois tipos de experiências espaciais no mesmo complexo: o núcleo preexistente, elemento de memória, que oferece espaços amplos e detalhados destinado a atividades vocacionadas para o público, como um restaurante, uma galeria de arte e um espaço de leitura, remetendo

<sup>152</sup> AA.VV. - "Área de Reabilitação Urbana Centro Histórico de Sintra. Proposta de Delimitação. Memória Descritiva e Justificativa"; Sintra: Câmara Municipal de Sintra, Fevereiro 2014.



## UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional

para os usos já aí anteriormente desenvolvidos e o novo edificado, que se desenvolve entre a cota da rua a norte e a rua a sul, que sugere uma abordagem contemporânea com um programa destinado às crianças, aos idosos, à sua interação e também de apoio a atividades comunitárias que aí possam ocorrer.

O parque, elemento com a presença da natureza, encontra-se entre os dois núcleos, interligando-os e proporcionando locais de recreio e interação entre gerações.

Figura 98.  
Alçado pela Avenida  
Conde de Sucena, via  
principal junto à Quinta



## 7.2. ELEMENTOS CONCEPTUAIS DO PROJETO

Na proposta desenvolvida procurou-se que na primeira aproximação à Quinta, a leitura do conjunto correspondesse às fachadas principais das preexistências, juntamente com a horizontalidade do muro que as delimita, sem que seja possível ver os restantes edifícios, que são agora propostos.

As fachadas preexistentes têm baixo impacto urbano. Através da cor das suas fachadas, em cor de rosa, cor complementar ao verde, a interação entre o edificado e a paisagem verde é visível. Posto isto, na proposta que agora se apresenta, a cor da Quinta é utilizada em alguns elementos do edificado novo para que essa ligação continue.

Assim, irão ser descritos os pressupostos iniciais do projecto: quatro elementos presentes na intervenção - o muro, a água, as árvores, os azulejos -, que em simultâneo, 'reabilitam' o conjunto, devolvendo a São Pedro de Penaferrim a Quinta de Santa Theresa, agora apta para a formação das interações anteriormente explanadas.

### 7.2.1. O MURO

Desde das culturas primordiais que o Homem apresenta uma preocupação pela delimitação e criação de zonas muradas destinadas às áreas de cultivo e de estar. Na época medieval, o 'paço' era fechado ao exterior e estruturava-se para dentro, "(...) numa concepção que tem tanto de intimidade quanto de necessidade mínima de defesa, numa época em que a segurança era reduzida."<sup>153</sup>

Atualmente, o jardim entre muros ainda transmite tranquilidade e privacidade, oferecendo aos habitantes uma atmosfera de introspeção.

<sup>153</sup> SILVA, José Custódio Vieira da - "Paços medievais portugueses"; Lisboa: IPPAR, 1995, pág. 33.

## UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional



Figura 99.  
Esquema dos muros existentes da Quinta e do 'novo muro' proposto

Assim, neste projeto assume-se o 'muro', presença constante no território de Sintra, como elemento unificador e organizador do programa sob um terreno.

Seguindo a ideia de repartição que os muros representam em Sintra, e assumindo o novo 'muro' como parte integrante do terreno, este tem como função a separação do território em duas áreas com funções distintas: área funcional, destinada aos acessos tanto por veículos como por habitantes, lugar meramente distributivo e área de lazer e de 'habitar', destinada ao estar e às interações entre habitantes.

Para o desenho do conjunto, os caminhos preexistentes da Quinta de Santa Theresa, juntamente com o edificado já construído, assumem-se como base organizadora dos elementos murados agora propostos.

Dentro da linha delineadora do novo edificado existem quebras, resultantes das mudanças de direção que anunciam as entradas de cada um dos núcleos. Também nestas junções criam-se alinhamentos visuais entre o 'vazio' e o muro preexistente, reproduzindo as aberturas no muro, com portadas, características da época de origem da Quinta.

Nesta reflexão assume-se o muro como elemento principal, em que o projeto apresenta uma hierarquia de elementos consoante as funções que desempenham. O novo muro, para além de divisor de funções, apresenta a função de caminho de infraestruturas, sendo utilizado para 'alimentar' todo o edificado novo. Seguindo a hierarquia, o segundo elemento corresponde às paredes perpendiculares ao muro, responsáveis pela segmentação do edificado novo e por, pontualmente, se ligarem ao muro para receber as infraestruturas. No fim da hierarquia surgem as paredes acessórias, elementos mais leves e de menor importância, apenas com a função de dividir espaços.

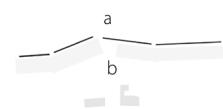


Figura 100.  
Esquema das áreas que o muro divide  
a área funcional  
b área de lazer

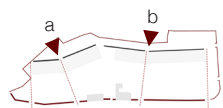


Figura 101.  
Esquema das quebras do muro  
a entrada da escola  
b entrada das residências assistidas séniores



Figura 102.  
Esquema da hierarquia dos elementos constituintes do edificado novo

muro  
elementos perpendiculares ao muro  
paredes acessórias

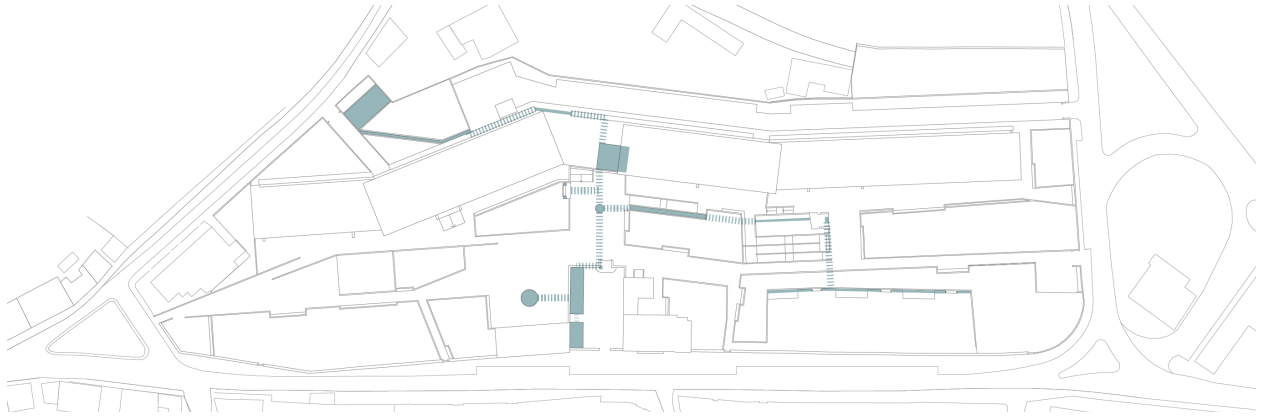


Figura 103.  
Esquema do percurso da água

■ à superfície  
||||| subterrâneo

### 7.2.2. A ÁGUA

A água, elemento dinamizador do jardim das Quintas de Recreio, desenvolve-se na Quinta de Santa Theresa de acordo com o declive do terreno. No entanto, na proposta apresentada, definiu-se um fio condutor do curso de água, em que pontualmente se torna visível, iniciando-se no tanque preexistente localizado na zona norte da Quinta e terminando na zona mais baixa da área de intervenção, correspondente às áreas de cultivo.

Importa salientar que o 'novo muro' surge, aqui, também como linha transportadora desta 'infraestrutura' que alimenta todo o espaço natural que se desenvolve no projeto e que vem a descoberto através das fontes preexistentes, de um curso de água no interior do edifício junto aos espaços de interação entre gerações e de um espelho de água agora proposto na área dos edifícios já erguidos.



Figura 104.  
Esquema do percurso da água

### 7.2.3. AS ÁRVORES

Esta proposta segue a vontade de afirmar a continuidade da estrutura verde em que se insere. O desenho do elemento verde rege-se nas bases orientadoras da origem da Quinta em que nos caminhos de acesso ao seu centro correspondem a avenidas ladeadas por árvores, enfatizando a noção perspetiva e valorização da sua centralidade, local onde se desenvolve o jardim formal, constituinte erudito da Quinta de Santa Theresa.

Neste sentido, podem-se desmembrar duas expressões no desenho urbano: uma regular, dando sentido ao percurso e uma orgânica, irregular,



Figura 105.  
Esquema de organização das árvores

## UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional



Figura 106.  
Esquema de organização  
das árvores

- árvores de folha caduca  
caminhos de memória da quinta  
projeção visual de entrada  
organização linear
- árvores de folha perene  
densificação a norte e a meio a Quinta  
proteção dos ventos  
organização orgânica

proporcionando momentos de estar e lazer. Relativamente às árvores presentes no projeto, nas alamedas opta-se por manter as árvores de folha caduca preexistentes para que nunca se deixe de ter a visibilidade do todo. As restantes árvores apresentam-se dispostas de forma orgânica, em oposição ao edificado que se desenvolve linearmente. Esta disposição segue a ideia de 'mata', parte integradora das Quintas de Recreio, conseguindo ainda proporcionar espaços de lazer exteriores mais dinâmicos, com a presença de árvores de várias tonalidades e tamanhos, nomeadamente pinheiros, plátanos, laranjeiras, entre outras, respeitando as espécies predominantes atualmente na Quinta.

Na zona central da Quinta mantêm-se os ciprestes outrora erguidos, árvores perenes, símbolo de ligação entre a terra e o céu, com forma elegante, digna da zona onde se insere - no jardim formal - lugar de permanência dos seus antigos habitantes, marcando assim a centralidade do território.



Figura 107.  
Área verde da Quinta de  
Santa Theresa com a  
presença de caminhos, fruto  
dos percursos predominantes

Num território marcado pela presença verde, propõem-se caminhos rebaixados em relação aos espaços verdes, lembrando a sensação que se tem dos caminhos mais desgastados dos campos onde a vegetação acabou por desaparecer. Estes seguem as linhas do edificado novo, pontuados por aberturas e espaços de estar mais amplos, que complementam a função do terreiro localizado na área edificada preexistente. Importa ainda salientar que, em alguns locais, é possível aceder aos espaços verdes diretamente, onde o caminho se encontra relacionado com o verde.

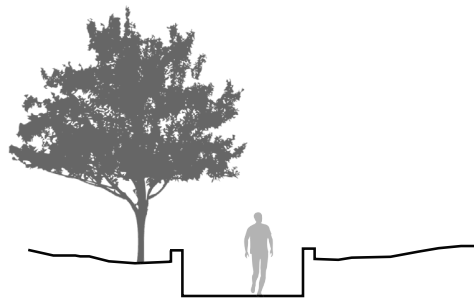


Figura 108.  
Caminho limitado pela  
elevação dos espaços  
verdes



Figura 109.  
Caminho pontuado com  
relações diretas com o es-  
paço verde para lazer

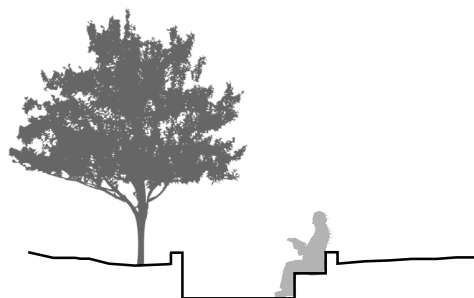


Figura 110.  
Caminho com a presença  
de pequenos espaços de  
estar



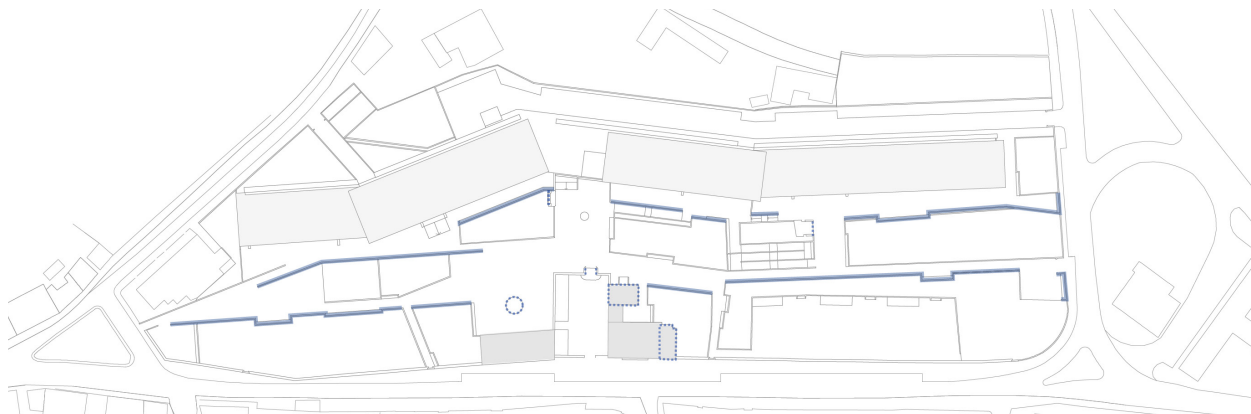


Figura 111.  
Esquema da localização  
do azulejo

#### 7.2.4. OS AZULEJOS

O azulejo, apesar de não ser de origem portuguesa, foi tratado no país de um modo muito particular e de grande riqueza iconográfica, tornando-se, por vezes, símbolo nacional. Este elemento, oriundo do Médio Oriente, implanta-se em Portugal de diversas formas e tem uma plasticidade imensa.

Apesar do material ser utilizado em Portugal desde da passagem dos mulçumanos pelo país, o recurso ao azulejo como forma decorativa ganha plenitude na época barroca, através do revestimento de inúmeras paredes com painéis figurados e decorativos, com cenas alusivas à época.

É no século XIX que este material ganha mais visibilidade, onde fachadas inteiras de edifícios passam a ser revestidas em azulejo, criando uma estrita relação entre o azulejo e a arquitetura.

No século XX surgem diversas abordagens contemporâneas deste elemento, fruto da pesquisa e de trabalho de diversos artistas plásticos portugueses e internacionais, como Eduardo Nery, Maria Keil, Adriana Varejão e Candido Portinari.

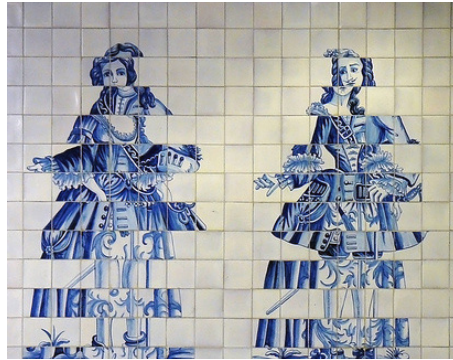
Na Quinta de Santa Theresa o azulejo é aplicado em diversos locais, tanto no interior como no exterior, dotando os espaços de decoração e cor, sendo as tonalidades principais o azul e branco.

No projeto proposto sugere-se a aplicação do azulejo nos muros do jardim<sup>154</sup>, de forma contemporânea, remetendo para os exemplos de trabalhos acima mencionados. A aplicação deste revestimento seria feita nos planos direcionados para o edificado novo, enquanto que os planos orientados para as preexistências seriam em betão, material contemporâneo. No fundo, o novo 'olharia' para a memória do antigo, e o antigo fica com a visão do novo.

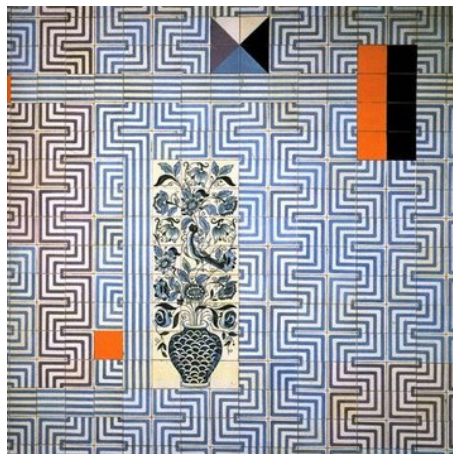


Figura 112.  
Esquema da aplicação do  
azulejo no projeto

<sup>154</sup> Azulejos trabalhados na contemporaneidade onde a cor azul e branco seriam a base, teriam que ser trabalhados e desenhados posteriormente por artistas plásticos, tendo em conta o local de aplicação e os elementos que o contornam.



**Figura 113.**  
Azulejos da estação de metro do Campo Grande de Eduardo Nery 1990



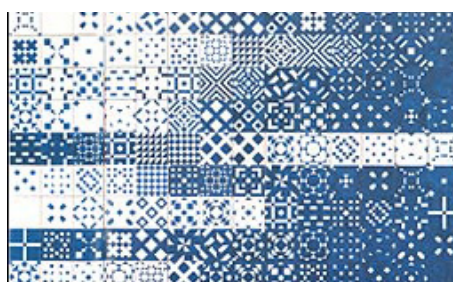
**Figura 114.**  
Azulejos da estação de metro dos Restaurados de Maria Keil



**Figura 115.**  
Pintura representativa de azuleos Adriana Varejão



**Figura 116.**  
Azulejos de Candido Portinari



**Figura 117.**  
Azulejos do Oceanário de Lisboa de Ivan Chermayeff 1998

## UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional



Figura 118.  
Azulejos exteriores em elementos com água  
Azulejos da base do século XVIII e os da parte superior do século XX



Figura 119.  
Painel figurado em azulejos do século XVIII em elementos com água



Figura 120.  
Azulejos exteriores do período neoclássico presentes na escadaria do terreiro do século XIX

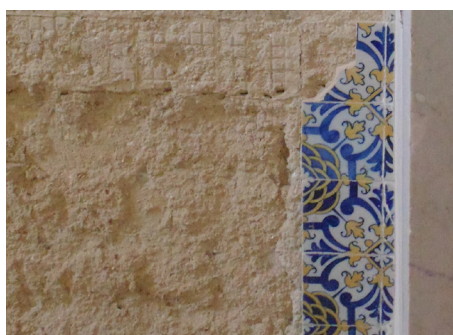


Figura 121.  
Azulejos 'camélias' do século XVIII da capela



Figura 122.  
Azulejos 'maçarocas' do século XIX da entrada



### 7.3. A INTERVENÇÃO ARQUITETÓNICA

O objetivo principal do projeto assenta na intenção de assumir as preexistências da Quinta de Santa Theresa, interagindo-as com um edificado novo que se rege pelas linhas estruturantes do edificado antigo.

Com o propósito de ocupar apenas a parte interior da Quinta, mantendo a memória do que agora se vê na Avenida Conde de Sucena, desenvolvem-se corpos que seguem um percurso - o novo muro - estabelecendo a ligação entre a cota alta e a cota baixa, direcionados para o interior da Quinta, lugar onde o lazer e a interação entre gerações ocorre.

#### 7.3.1. MATERIALIDADE E FORMA

A preocupação da memória do preexistente mantém-se na escolha dos materiais para a execução do edificado novo. Para o novo muro, tal como para os pavimentos de circulação, propõe-se a utilização de pedra lioz, presente nas proximidades da Quinta, em que a sua cor remete para a tonalidade agora encontrada nos caminhos do terreno de intervenção. Dentro desta mesma lógica, para os restantes pavimentos exteriores sugere-se o saibro.

No sentido da hierarquia dos elementos constituintes dos corpos

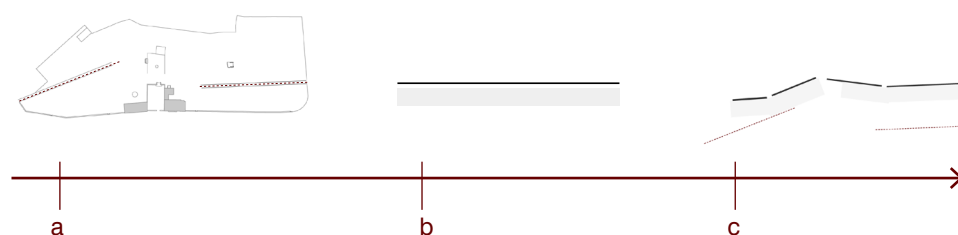


Figura 123.  
Evolução da forma dos  
constituintes da Quinta  
conceção

- a estado atual
- b ligação cota alta com a cota baixa
- c forma regida de acordo com as direções dos caminhos presentes na Quinta

## UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional

novos, já anteriormente referida, os elementos verticais, perpendiculares ao muro, estabelecem a ligação com as preexistências através do recurso à mesma cor, o cor de rosa, através de um betão pigmentado. Os restantes elementos apresentam-se em betão à vista de cor neutra.

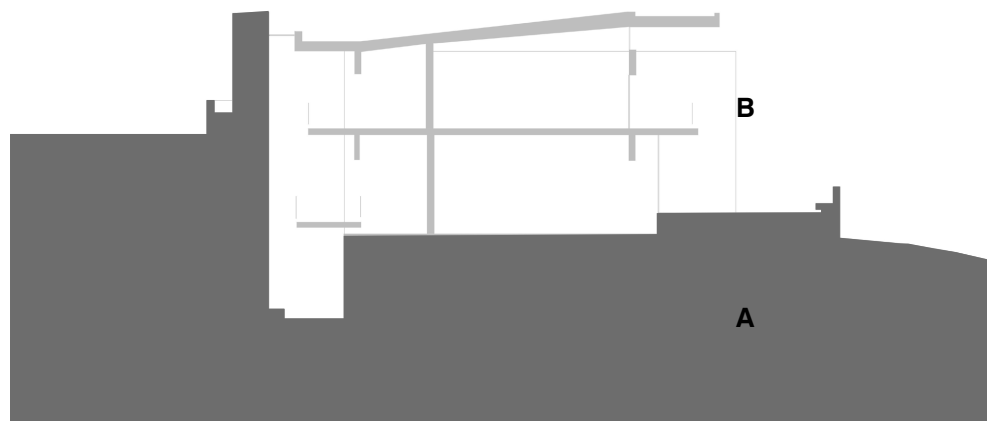
Seguindo a vontade de reafirmar a memória das épocas passadas, pontualmente, o alçado do edificado novo, tal como o das preexistências, apresenta em frente ao envidraçado lâminas em aço corten<sup>155</sup>, que buscando as tonalidades já utilizadas, remetem para a ideia de gradeamento colocado nos envidraçados do piso inferior, característico da época de origem da Quinta. Este material é também aplicado nas caixilharias.

Reforça-se ainda, nos corpos novos, a distinção entre o piso superior e inferior, tão presente nas Casas Senhoriais. Neste novo edificado, composto essencialmente por planos acima do terreno, apresenta-se nos mais elevados uma cobertura parcialmente inclinada que, para além de fazer a analogia às coberturas inclinadas dos corpos antigos, oferece a esses espaços um carácter nobre, mais amplo, com melhores perspetivas sob a envolvente.

Por outro lado, refletindo a envolvente natural e representando algo leve em oposição aos restantes materiais, opta-se por, no edificado proposto, fachadas maioritariamente envidraçadas com capacidade refletora.

Figura 124.  
Secção pelo edificado novo

A massa - pedra lioz e saibro  
ligação com a terra  
B plano - betão  
elementos sob a terra



**155** Colocadas em áreas de circulação e transição, locais onde a relação interior e exterior é mais contida, ao contrário dos restantes espaços que necessitam de mais luminosidade.

### 7.3.3. O NÚCLEO PREEXISTENTE

No ponto de entrada atual da Quinta, direcionado para o terreiro, encontram-se os edifícios já existentes, onde tanto a passagem do tempo como as evidências da transformação da arquitetura estão presentes.

O terreiro, elemento parcialmente ‘escavado’ no terreno e base para o conceito do edificado novo, é dinamizador e organizador dos espaços preexistentes, enquanto que no edificado novo a ‘escavação’ é uma forma de dividir os espaços, proporcionando-lhes características distintas.

Posto isto, este lugar será, no projeto proposto, encarado como a entrada da ‘comunidade’, terceiro conjunto de habitantes fundamentais para que as relações entre gerações se estabeleçam de forma positiva.

Em torno do terreiro desenvolvem-se as atividades vocacionadas para todos de maneira a lembrar as utilizações passadas. No edifício da antiga

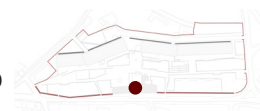


Figura 125.  
Localização do núcleo preexistente

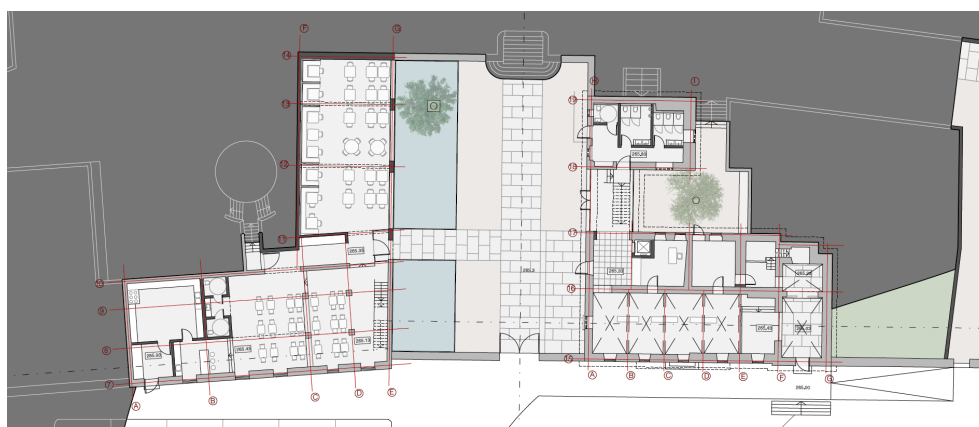


Figura 126.  
Planta do piso inferior do núcleo preexistente  
Café, restaurante e galeria de arte

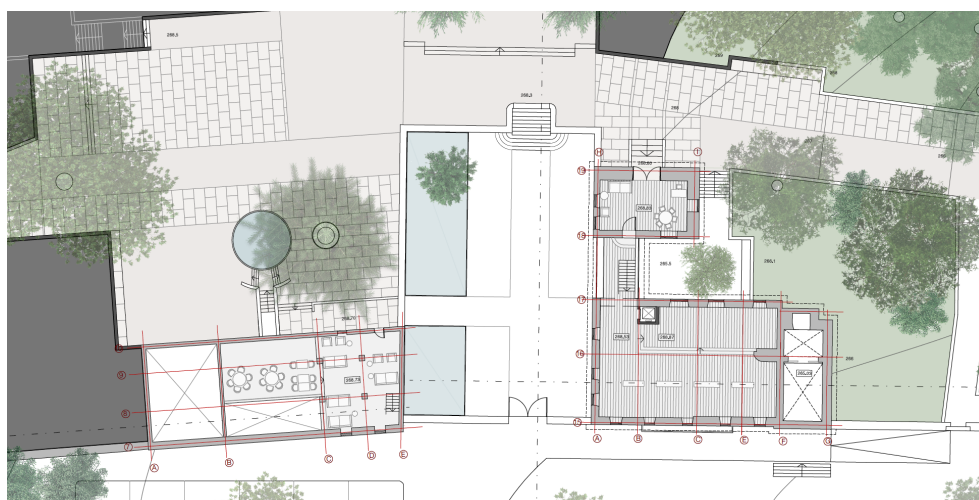


Figura 127.  
Planta do piso superior do núcleo preexistente  
Restaurante, espaço de leitura e galeria de arte



## UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional

Casa Senhorial opta-se por colocar funções mais eruditas, como uma Galeria de Arte, e espaços de leitura, ambas as funções antes presentes no edifício que lhe é próximo.

Lembrando a origem e a morfologia da Casa Senhorial da Quinta de Santa Theresa, decide-se intervir no núcleo construído no século XIX que ligava o espaço da cozinha com os lugares habitacionais. De facto, torna-se este corpo transparente, oferecendo ao terreiro uma maior amplitude e a possibilidade de contemplar as áreas naturais que se desenham por detrás dessa fachada.

Já no edifício anteriormente ocupado pelas residências dos caseiros e mais tarde por um café e por uma galeria de arte, implanta-se um restaurante com a valência de café e de sala de refeições. Este espaço é agora relacionado diretamente com o terreiro, o que antes não acontecia, sendo possível contemplar o espelho de água que agora se propõe, um dos pontos onde termina o curso de água desenvolvido na proposta.

Importa ainda salientar que próximo deste núcleo, tal como anteriormente acontecia, desenham-se as áreas destinadas ao cultivo, com zonas de arrumação e apoio. Esta área será para o usufruto de todos, no entanto, é nas crianças e nos idosos que terá mais impacto, proporcionando, mais uma vez, um lugar de convívio.



Figura 128.  
Localização da área de cultivo

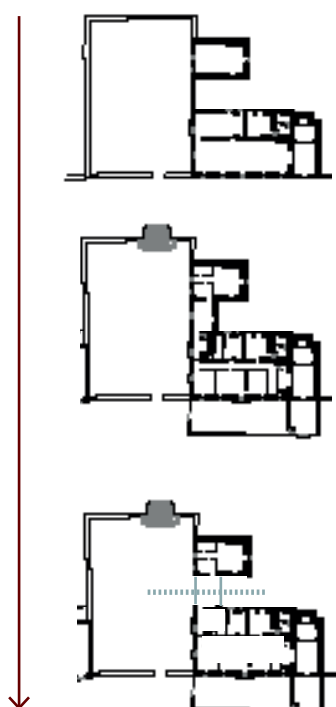


Figura 129.  
Evolução morfológica do edifício da Casa Senhorial já com a proposta apresentada

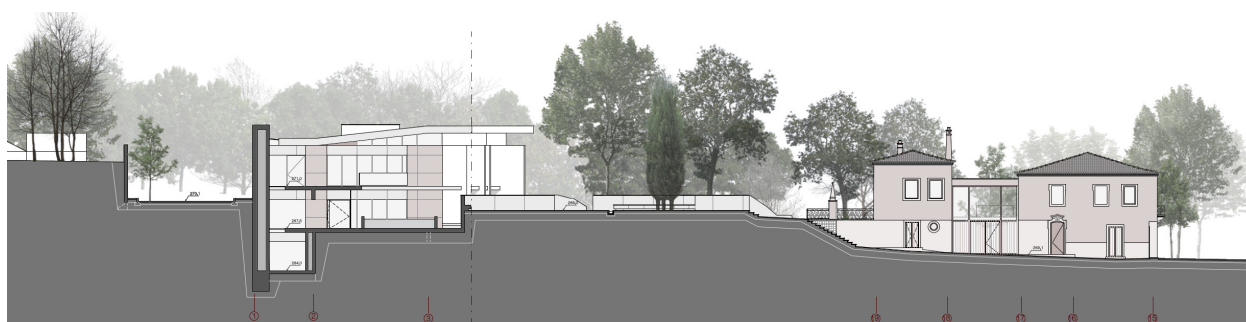


Figura 130.  
Relação entre o novo e o  
preexistente

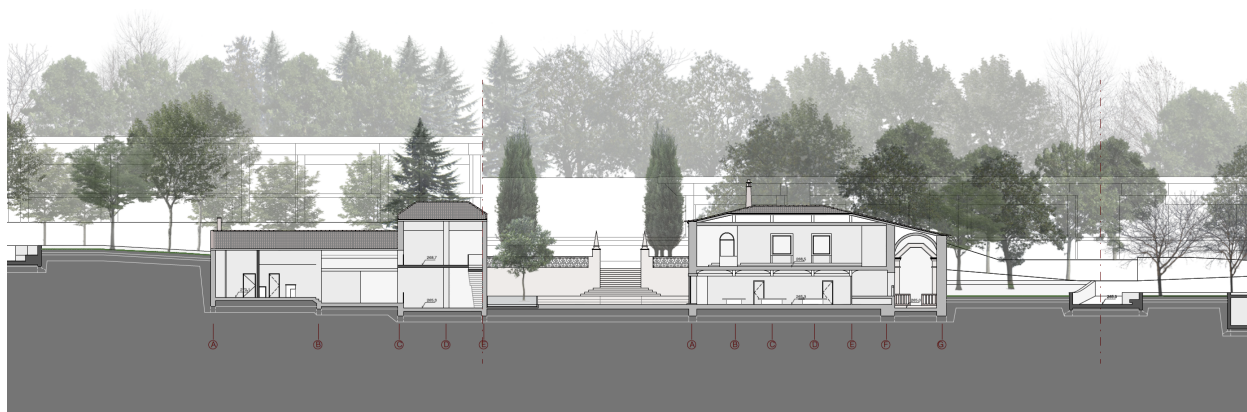


Figura 131.  
Corte longitudinal pelo nú-  
cleo preexistente

### 7.3.3. A ESCOLA E AS RESIDÊNCIAS

Os corpos do novo conjunto edificado seguem sempre a mesma organização. A circulação realiza-se junto ao muro, linha de transporte das infraestruturas e orientadora do percurso, enquanto os espaços de permanência, divididos por elementos verticais espessos, ocupados por infraestruturas e arrumação, se orientam para o parque.



Figura 132.  
Localização do complexo escolar



Figura 133.  
Esquema da mudança de cota nos pisos em contacto com o solo  
Diferença da altura entre a sala de aula e recreio é baseada na altura das crianças que a habitam

Tanto na escola como nas residências, os pisos térreos apresentam uma dinâmica de alturas que se contrapõe com a linearidade dos planos superiores que culminam com uma cobertura visualmente assente sob os enviaçados. Essas diferenças de cotas, sempre acessíveis para pessoas com mobilidade reduzida, na escola, correspondem às alturas de cada um dos grupos de alunos, correspondente às idades.

O projeto apresenta espaços separados para cada uma das gerações, no entanto, é no seu centro que se desenvolvem as áreas intergeracionais, correspondentes ao refeitório e às salas de atividades que podem ser divididas caso seja necessário. Todo o complexo desenvolvido vai sendo marcado pela água e é precisamente neste lugar que o elemento 'água' ganha amplitude, através da presença do tanque preexistente entre os dois refeitórios ligados.

A área do refeitório, aberta para a zona do jardim formal, pode ser ainda utilizada pela comunidade em épocas festivas, integrando o espaço intergeracional numa área com relação direta com o jardim formal, símbolo da passagem do tempo pelo 'lugar de intervenção'.

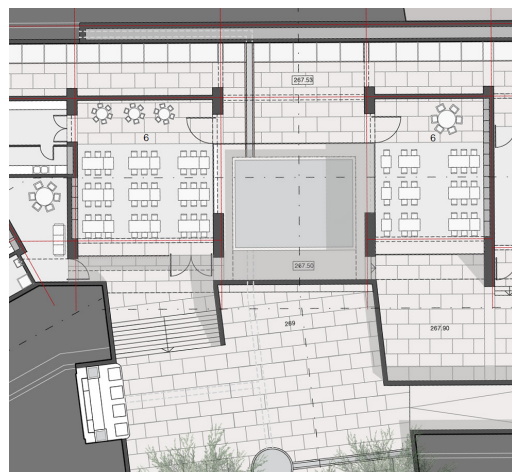


Figura 134.  
Planta do refeitório  
Área intergeracional

Refeitórios separados que mantêm a privacidade, sendo possível que as gerações se vejam. A entrada é comum, seguindo a linha de água no chão que culmina no tanque preexistente

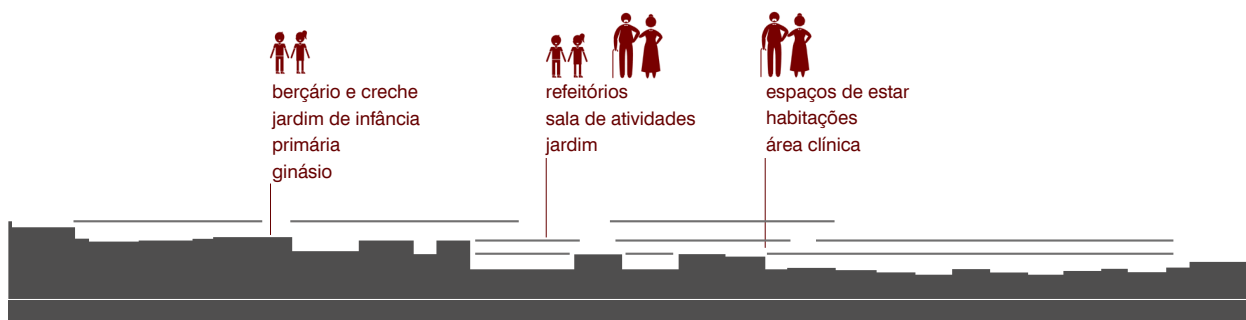


Figura 135.  
Esquema em corte longitudinal representativo da dinâmica dos espaços em contacto com o solo contrapondo com a linearidade dos planos superiores



Figura 136.  
Alçado principal do edifício novo

## UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional

Na área correspondente às crianças, desenvolvem-se todos os espaços formativos, correspondentes a cada ciclo de aprendizagem. Apesar de a organização das salas de aula variar com o grau de escolaridade, estas encontram-se sempre agrupadas em duas salas, com uma divisória móvel que permite a mutação dos espaços quando necessário. Os revestimentos destes espaços são em linóleo nos pavimentos, viroc nos armários e betão nas paredes.

Para além das especificidades técnicas, importa destacar que estes espaços ganham amplitudes diferenciadas conforme os habitantes, sendo o espaço mais amplo aquele que corresponde ao átrio de recreio no centro do núcleo escolar.

Figura 137.  
(à esquerda)  
Planta das salas de aula do ensino primário

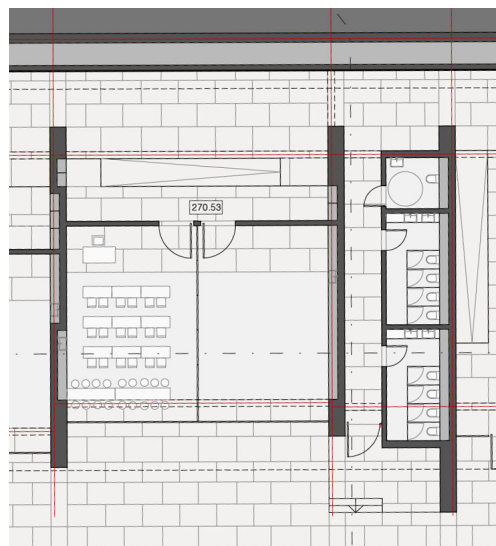


Figura 138.  
(à direita)  
Planta das salas de aula do jardim de infância

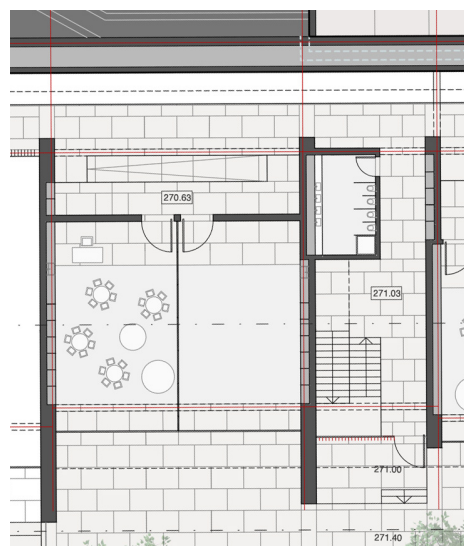


Figura 139.  
(à esquerda)  
Planta do piso superior das residências séniores  
Quartos duplos com possibilidade de divisão em duas partes

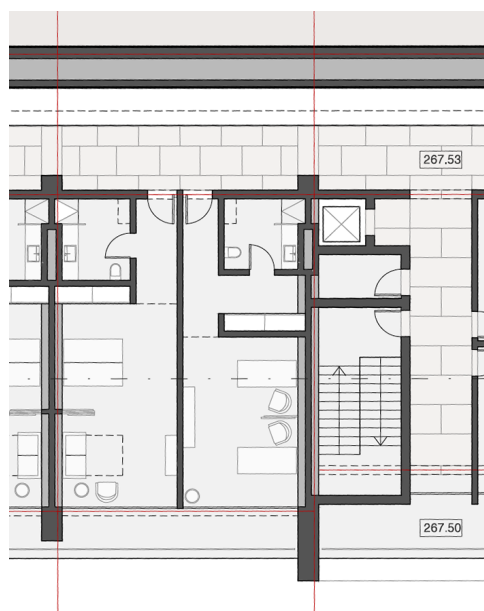
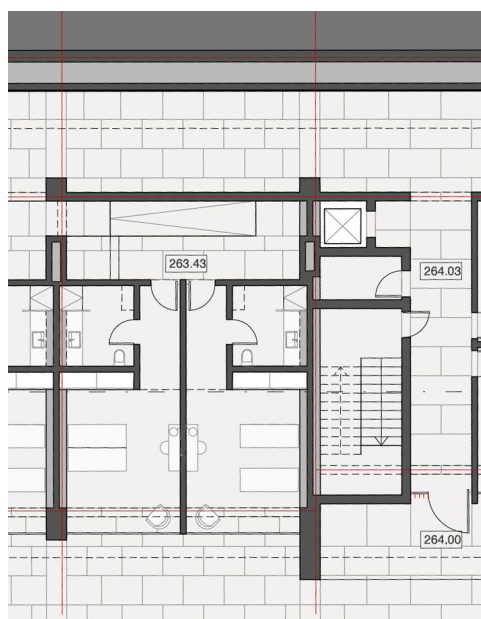


Figura 140.  
(à direita)  
Planta do piso inferior das residências séniores  
Quartos com relação com o solo



A unidade residencial, seguindo os princípios anteriormente definidos, divide-se em dois corpos com funções distintas, tendo um dos corpos como função o lazer e o 'estar', enquanto o outro corresponde às unidades habitacionais, diferenciadas conforme os pisos.

No piso superior encontram-se quartos duplos ou para casal com a possibilidade de divisão da sua área em duas, para que um visitante possa pernoitar na habitação. Esta medida é pensada para que os avós, os pais, não vejam esta 'casa' como um espaço no qual não possam receber pessoas.

O piso inferior, que tem contato mais evidente com o exterior apesar de no piso superior as habitações disporem de varandas, destina-se a habitações mais contidas, onde o espaço parcialmente enterrado lhe confere uma privacidade e uma ambiência diferente, tal como as salas de aula. Para estas últimas unidades desenvolveu-se um mecanismo de divisão da célula habitacional para o caso de coabitarem duas pessoas.

Complementando a área residencial, na área mais a Este do projeto, desenvolve-se um corpo destinado ao desporto e ao lazer, com ginásio, balneários e piscina. Este espaço pode ser utilizado tanto por idosos como por crianças, possibilitando, mais uma vez, as interações entre gerações.

Apesar deste último corpo se encontrar fora da linearidade dos restantes edifícios novos, este rege-se pelas mesmas orientações que os anteriores, onde divisórias espessas perpendiculares ao muro, neste caso correspondente ao terreno, separam as várias áreas.

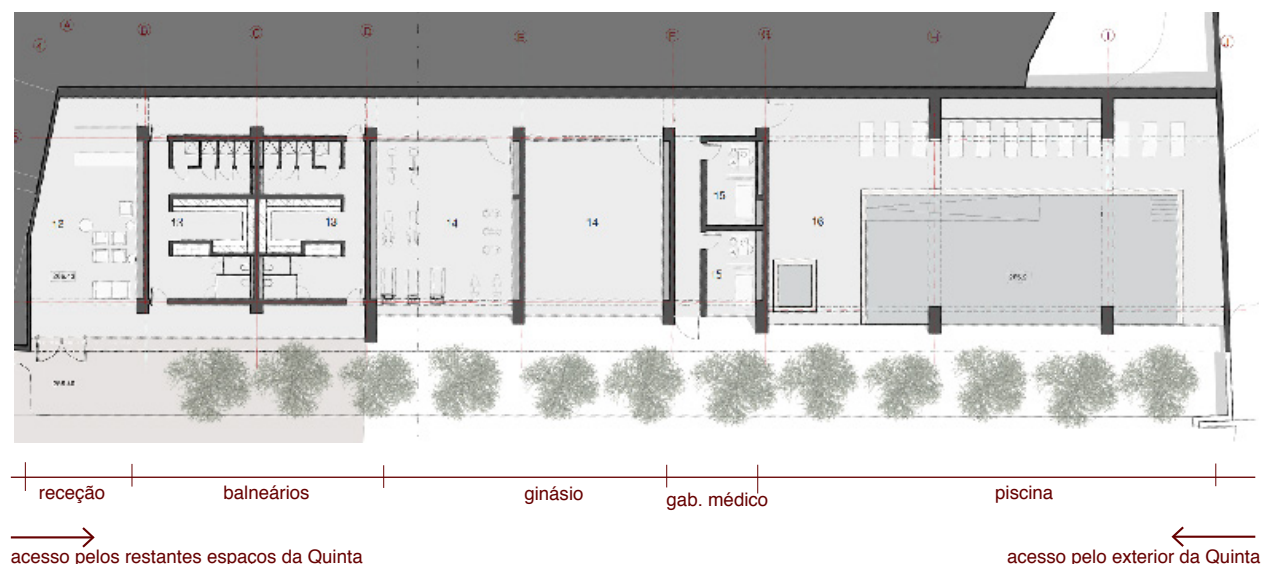


Figura 141.  
Localização das residências sêniores



Figura 142.  
Localização do complexo desportivo

Figura 143.  
Planta do complexo desportivo





## **UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES**

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A articulação de vivências de cada uma das gerações concede à sociedade maiores sentimentos de pertença e compreensão, contribuindo ainda para a sustentabilidade dos equipamentos e dos espaços que os circundam.

Recuperando os propósitos iniciais da presente dissertação, estamos perante uma sociedade que caminha cada vez mais para o seu envelhecimento, tornando-se imperativa a reflexão sobre as gerações mais carenciadas no que às necessidades de apoio diz respeito, concretamente as gerações mais nova e mais velha, pensando-se nas suas verdadeiras necessidades intrínsecas para o 'habitar'. A sua interação, juntamente com a 'comunidade', oferece a todos experiências verdadeiras de crescimento e desenvolvimento.

Para que o programa se desenvolva positivamente, deve estar em relação harmoniosa com o 'lugar', sem que nenhuma das partes perca a sua identidade. A articulação do elemento natural com o elemento edificado é estruturante do 'lugar', agregador de complexidade e história.

Assumimos ainda que a articulação do 'novo' com o 'antigo' oferece ao território a reabilitação de espaços agora pouco qualificados, assim como transmite para o 'novo' memórias de antepassados, muitas vezes esquecidas ou pouco valorizadas.

De facto, podemos afirmar que a interpretação contemporânea das dinâmicas de um 'lugar', neste caso, da Quinta de Santa Theresa, contribui para a sua devolução ao território, a São Pedro de Penaferrim, oferecendo um lugar de lazer e de estar para toda a comunidade, agora pouco ou nada presente.

Apontamos como evidência na parte prática da dissertação apresentada, um novo traçado que reafirma o espaço da Quinta, atualmente devoluto, conseguindo interagir o natural, o preexistente e o novo, através da cor, da textura e da forma.

## UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional

No fundo, a partir desta intervenção, reconstrói-se a identidade da Quinta de Santa Theresa, enquanto objeto singular e representativo da História, desenhando uma ‘camada’ contemporânea sob uma sobreposição de tempos, procurando que as experiências neste ‘lugar’, agora requalificado, se integrem no espaço urbano temporal e espacial em que se insere.

Assim sendo, fica o desejo de que o desenvolvimento deste trabalho contribua para a possibilidade de evolução e reinterpretação do papel da intergeracionalidade, enquanto ideia e conceito, inserida num ‘lugar’ dotado de características próprias que devem ser valorizadas.

Em suma, podemos entender esta proposta arquitetónica enquanto resolução prática de uma reflexão concreta, onde a habitabilidade de todas as gerações permite a longevidade e sustentabilidade do ‘lugar’ e dos seus habitantes.

*“Beauty is the harmony of purpose and form.”*

Alvar Aalto, 1928

## 9. FONTES BIBLIOGRÁFICAS

### CONTEXTO SOCIODEMOGRÁFICO

AA.VV. – “Dinâmicas Demográficas e Envelhecimento Da População Portuguesa (1950-2011): Evolução e Perspectivas”; Direção Mário Leston Bandeira; Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2014; ISBN 978-989-8662-50-7.

GOVERNO DE PORTUGAL – “Ano europeu do envelhecimento activo”; [Em linha]. 2012 [Consult. 19 Fev. 2015] Disponível na internet: <URL: <http://www.igfse.pt/upload/docs/2012/Programa%20A%C3%A7aoAnoEuropeu2012.pdf>>.

ROSA, Maria João Valente – “O Envelhecimento da Sociedade Portuguesa”; Coleção “Ensaios da Fundação Francisco Manuel dos Santos”; Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2012; ISBN 9789898424471.

### HABITAR

ANTÓNIO, Stella – “Avós e Netos: Relações intergeracionais. A Matrilinearidade dos Afectos”; Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 2010; ISBN 978-989-646-024-2.

ARIÈS, Philippe – “História Social da Criança e da Família”; Trad. Dora Flaksman; 2ª Edição. Rio de Janeiro: Zahar, 1981; ISBN 8521613474

ARIÈS, Philippe – “Para uma história da vida privada”; in AA.VV. “História da Vida Privada: Do Renascimento ao Século das Luzes”; Dir. de Philippe Ariès e Georges Duby; Trad. Fátima Martins; Porto: Afrontamento, 1990, Volume 3; pág. 7 a 19; ISBN 9789723602432.

AUGÉ, Marc - “Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da sobremodernidade”; Lisboa: 90 Graus Editora, 2005.

FELIPPE, Maíra Longhinotti – “Casa: uma poética da terceira pele”; Rv. “Psicologia & Sociedade”; 22 (2), 2010, pág. 299 a 308. [Consult. 20 Mar. 2015] Disponível em WWW:<URL: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v22n2/10.pdf>>.

HEIDEGGER, Martin – “Construir, Habitar, Pensar”; in AA.VV. “Ensaio e Conferências”; Trad. Maria Sá Cavalcante Schuback; Petrópolis, 2002; pág.125 a 142; ISBN 978-85-326-2638-7.

LEITE, António Santos – “A Casa Romântica: Uma Matriz para a Contemporaneidade”; Lisboa: Caleidoscópio, 2015; ISBN 9789896582630.

NOBERG-SCHULZ, Christian – “Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture”, New York: Ed. Rizzoli, 1979.

PERROT, Michelle – “Introdução”; in AA.VV. “História da Vida Privada: Da Revolução à Grande

## UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional

Guerra”; Dir. Michelle Perrot; Trad. Armando Luís de Carvalho; Porto: Afrontamento, 1990 Volume 4; pág. 9 a 13; ISBN 9789723602319.

PERROT, Michelle – “Maneiras de habitar”; in AA.VV. “História da Vida Privada: Da Revolução à Grande Guerra”; Dir. Michelle Perrot; Trad. Armando Luís de Carvalho; Porto: Afrontamento, 1990, Volume 4; pág. 307-323; ISBN 9789723602319.

PROST, Antoine – “Fronteiras e espaços do privado”; in AA.VV. “História da Vida Privada: Da Primeira Guerra Mundial aos nossos dias”; Dir. de Philippe Ariès e Georges Duby; Trad. Armando Luís de Carvalho; Porto: Afrontamento, 1991, Volume 5; pág. 13 a 94, ISBN 972-36-0235-0.

RIVAS, Juan Luis de las - “El espacio como lugar: sobre la naturaleza de la forma urbana”; Valladolid: Secretariado de Publicaciones, 1992; ISBN 84-7762-254-X.

TEYSSOT, Georges – “Hábitos/Habitus/Habitat”; in AA.VV. “Da Teoria de Arquitectura: doze ensaios”; Lisboa: Edições 70, 2010; pág. 133 a 151; ISBN 9789724416151.

## LUGARES PARA CRIANÇAS

ASSOCIAÇÃO DE JARDINS ESCOLAS JOÃO DE DEUS - “O 1.º Jardim-Escola João de Deus” [Em linha]. [Consult. 20 Mar. 2015] Disponível em WWW: <URL: [http://www.joaodeus.com/jardins\\_escola/detalhe.asp?id=5](http://www.joaodeus.com/jardins_escola/detalhe.asp?id=5)>.

BIGODE, Luísa – “Espaços para a infância” – O projecto centrado na criança”; Lisboa: IST, 2013; Tese de Mestrado.

DUDEK, Mark – “Métodos maestros – Un recorrido histórico por la enseñanza pré-escolar”; in Rv. “Arquitectura Viva - Primera infancia – Doce escuelas en España, dos en Italia e dos en Japón”; nº126, 2009, pág. 25 a 29; ISSN 0214-1256.

ESLAVA, Clara – “Territorios de la infancia – Fantasía y subjetividade en el proyecto escolar”; in Rv. “Arquitectura Viva - Primera infancia – Doce escuelas en España, dos en Italia e dos en Japón”, nº126, 2009; pág. 34 a 37; ISSN 0214-1256.

FERNANDES, José Manuel – “Espaços para crianças e histórias de crianças e espaços”; in Rv. “Revista Arquitectura, Planeamento, Design, Construção, Equipamento” - “Equipamentos Colectivos para a 1ª e para a 2ª Infâncias”; nº147, Novembro 1982; pág. 42 a 47.

FERNÁNDEZ-GALIANO, Luis – “Para párvulos”; in Rv. “Arquitectura Viva - Primera infancia – Doce escuelas en España, dos en Italia e dos en Japón”; nº126, 2009; pág. 3; ISSN 0214-1256.

TONUCCI, Francesco – “Con ojos de niño, La pedagogia del espacio desde otra perspectiva”; in Rv. “Arquitectura Viva - Primera infancia – Doce escuelas en España, dos en Italia e dos en Japón”; nº126, 2009; pág. 30 a 33; ISSN 0214-1256.

## LUGARES PARA IDOSOS

BELMONT, Nicole – “Velhice”; in AA.VV. “Enciclopédia Einaudi”; Tradução Maria Bragança; Volume 36, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1997; pág. 152 a 165; s/ ISBN

FERREIRA, Pedro Moura – “Envelhecimento Activo e Relações Intergeracionais”; in “Anais do XV Congresso Brasileiro de Sociologia”; Instituto de Ciências Sociais - Universidade de Lis-

boa, 2011; [Consult. 20 Mar. 2015] Disponível em WWW:<URL: [http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/6091/1/ICS\\_PMFerreira\\_Envelhecimento\\_AI.pdf](http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/6091/1/ICS_PMFerreira_Envelhecimento_AI.pdf)>.

GARCÍA, Sergio; MARTÍ, Pablo – “Arquitectura intergeneracional y espacio público”; in Santiago, nº86, 2014; pág. 62 a 69; [Consult. 19 Fev. 2015] Disponível em WWW:<URL: <http://www.scielo.cl/pdf/arq/n86/art09.pdf>>.

MARTIN, Ignacio; SANTINHA, Gonçalo; RITO, Susana; ALMEIDA, Rosa – “Habitação para pessoas idosas: problemas e desafios em contexto português”; in “Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto” (tema: Envelhecimento demográfico); 2012; pág. 177 a 203; [Consult. 20 Mar. 2015] Disponível em WWW:< URL:<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/10586.pdf>>.

MARTIN, Ignacio; RITO, Susana; BRANDÃO, Daniela – “Alojamentos Alternativo para a População Idosa”. in “Actas da 1ª Conferência de Planeamento Regional e Urbano & 11º Workshop da APDR” (tema: ‘Território, Mercado Imobiliário e a Habitação’); Universidade de Aveiro, 2011; pág. 311 a 316; [Consult. 20 Mar. 2015] Disponível em WWW:<URL:[http://apdr.pt/data/documents/LIVRO\\_DE\\_ACTAS\\_1Conf\\_PRU\\_2011\\_.pdf](http://apdr.pt/data/documents/LIVRO_DE_ACTAS_1Conf_PRU_2011_.pdf)>.

MONTOYA, Alberto – “Habitar na Velhice - Evolução dos dispositivos arquitectónicos”; Porto: FAUP, 2010.

QUEVEDO, Ana María Fenegra – “Residências para idosos: critérios de projeto”; Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2002; Programa de pesquisa e pós-graduação em arquitetura.

VÁZQUEZ-HONORATO, Luis Arturo; SALAZAR-MARTÍNEZ, Bertha Lilia – “Arquitectura Vejez y Calidad de Vida. Satisfacción Residencial y Bienestar social”; in “Journal of Behavior, Health & Social Issues”; Volume 2, nº 2, 2010; pág. 57 a 70. [Consult. 11 Mar. 2015] Disponível em WWW:<URL: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=282221720006>>.

## LUGARES INTERGERACIONAIS

AMERICAN PLANNING ASSOCIATION – “Multigenerational planning. Using smart growth and universal design to link the needs of children and the aging population.” [Em linha]. 2011 [Consult. 19 Fev. 2015] Disponível na internet: <URL: <https://www.planning.org/research/family/briefingpapers/pdf/multigenerational.pdf>>.

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN - “Desafios temáticos” [Em linha]. [Consult. 21 Mar. 2015] Disponível em WWW:<URL:<http://intergenerationall.org/main-page/about/thematic-challenges/?lang=pt>>.

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN – “A necessidade” [Em linha]. [Consult. 23 Mar. 2015] Disponível em WWW:<URL: <http://intergenerationall.org/main-page/about/the-need/?lang=pt>>

GENERATIONS OF HOPE DEVELOPMENT CORPORATION – “Guidance and reference series: Architecture and Site Design Guidelines.” [Em linha]. Volume 3, 2008 [Consult. 20 Fev. 2015] Disponível na internet: <URL: [http://ghdc.generationsofhope.org/docs/GR\\_3\\_Architecture\\_and\\_site\\_design\\_guidelines.pdf](http://ghdc.generationsofhope.org/docs/GR_3_Architecture_and_site_design_guidelines.pdf)>

GULLBRING, Leo – “Le ‘modele suédois’ réhabilite l'utopie communautaire”; in Rv. “L’Architec-



## UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional

ture d'Aujourd'hui – Vieillir"; nº 341, 2002; pág. 58 a 63; ISBN 9782858936595.

OLIVEIRA, Cristina Maria Nunes de – "Relações intergeracionais: um estudo na área de Lisboa"; Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 2011; Dissertação de Mestrado.

SANTOS, Divina de Fátima dos – "Relações Intergeracionais: palavras que estimulam"; São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010; Tese de Mestrado em Gerontologia.

THIEM, Walter – "A mixed-use project in Germany: Church/Elderly Housing/Community Center"; in Rv. "Architectural Record"; Volume 157, nº2, 1975; pág. 89 a 92.

THINKPUBLIC – "Conceber acções comunitárias sustentáveis para comunidades de todas as idades" [Em linha]. Fundação Calouste Gulbenkian. [Consult. 21 Mar. 2015] Disponível na internet: <URL: <http://intergenerational.org/wp-content/themes/intergenerational/downloads/intergenerational-pt.pdf>>.

VLIET, Willem Van – "Creating Livable Cities for All Ages: Intergenerational Strategies and Initiatives". in "UN-Habitat's Global Dialogue on Harmonious Cities for All Age Groups at the World Urban Forum IV"; [Em linha]. Nanjing, 2008 [Consult. 19 Fev. 2015] Disponível na internet: <URL: <http://www.colorado.edu/cye/sites/default/files/attached-files/CYE-WP1-2009%20web-site%20verson.pdf>>.

## REGULAMENTOS E NORMAS

MINISTÉRIO DO TRABALHO E DA SOLIDARIEDADE SOCIAL - "Decreto-Lei nº 163/2006" in Diário da República 1ª série, nº152, 8 de Agosto de 2006; pág. 5670 a 5689.

MINISTÉRIO DA SOLIDARIEDADE E DA SEGURANÇA SOCIAL – "Portaria nº 67/2012" in Diário da República 1ª série, nº58, 21 de Março de 2012; pág. 1324 a 1329. (Idosos)

MINISTÉRIO DA SOLIDARIEDADE E DA SEGURANÇA SOCIAL – "Portaria nº 262/2011" in Diário da República 1ª série, nº167, 31 de Agosto de 2011; pág. 4338 a 4343. (Creche)

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – "Legislação"; Lisboa: Ministério da Educação, 1997 (Educação Pré-Escolar)

Lei nº 5/97 – Lei Quadro da Educação Pré-Escolar

Despacho Conjunto nº 268/97 – Normas de instalações

Despacho Conjunto nº258/97 – Normas de equipamento e material

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – "II- Alguns referenciais técnicos para a construção/ampliação/requalificação de escolas na perspectiva do centro escolar"; [Consult. 1 Jun. 2015] Disponível em WWW:<URL:[http://www.Centroescolar.Min-Edu.Pt/Np4/File/9/Programa\\_li.Pdf](http://www.Centroescolar.Min-Edu.Pt/Np4/File/9/Programa_li.Pdf)>. (Ensino Básico)

## CASOS DE ESTUDO

AA.VV. - "João Luis Carrilho da Graça - 2002/2013"; Direção de Fernando Márquez Cecilia e Richard Levene; nº170; Madrid: El Croquis Editorial; pág. 56 a 71; 158 a 163; ISBN 978-84-88386-78-6.

CARRILHO DA GRAÇA, José Luís – "João Luís Carrilho da Graça, Igreja de Stº António e Centro Paroquial, Portalegre"; in Rv. "arq|a Arquitectura e Arte – Silêncios Espaciais", nº 65, Janeiro

2009; pág. 22 a 31; ISSN 1647-077X.

MARTINS, Cristina – “A dimensão cromática: reflexões sobre o uso da cor na arquitectura”; Minho: Universidade do Minho, 2014; Tese de Mestrado.

RODRIGUES, Jacinto – “Álvaro Siza: obra e método”; Porto: Livraria Civilização Editora, 1992; ISBN 972.26.1099-6.

SIZA, Álvaro; FRAMPTON, Kenneth; TESTA, Peter; SANTOS, José Paulo dos – “Álvaro Siza: Obras y Proyectos 1954-1992”; Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1993; ISBN 84-252-1513-7.

## **SINTRA**

AA.VV. - “Área de Reabilitação Urbana Centro Histórico de Sintra. Proposta de Delimitação. Memória Descritiva e Justificativa”; Sintra: Câmara Municipal de Sintra, Fevereiro 2014.

AA.VV. - “Sintra: Património da Humanidade”; Coordenação José Cardim Ribeiro; Sintra: Câmara Municipal de Sintra, Agosto 1998.

AZEVEDO, José Alfredo da Costa Azevedo - “Velharias de Sintra”; Volume V; Sintra: Serviços Culturais da Câmara Municipal de Sintra, 1984.

PEREIRA, Arturo; CARDOSO, Felipa Espírito Santo; CORREIA, Fernando Calado - “Sintra e suas Quintas”; Coordenação Felipa Espírito Santo Cardoso; Sintra: Edição dos Autores, 1983.

POCARIÇO, Diogo – “Roteiro Histórico – São Pedro de Penaferrim e tudo o que o tempo deixou”; Sintra: Junta de Freguesia de Sintra (São Pedro de Penaferrim), Agosto 2013.

SERRA DE SINTRA - “Mapas antigos de Sintra” [Em linha]. [Consult. 2 Mai. 2015] Disponível em WWW: <URL:<http://www.serradesintra.net/en/mapas-antigos-de-sintra>>.

## **QUINTAS DE RECREIO E CONCEITO DE LUGAR**

AZEVEDO, Carlos de – “Solares Portugueses”; Lisboa: Livros Horizonte, 1969; s/ ISBN

CALDAS, João Vieira – “A Casa Rural dos Arredores de Lisboa no Século XVIII”; Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1999; ISBN 972-9483-31-0.

CASTEL-BRANCO, Cristina – “Jardins com História. Poesia Atrás de Muros”; Lisboa: Edições INAPA, 2002; ISBN 927-797-032-X.

CASTEL-BRANCO, Cristina – “A Água nos Jardins Portugueses”; Lisboa: Scribe, 2010; ISBN 978-989-8410-08-5.

CUNHA, Mafalda Soares da; MONTEIRO, Nuno Gonçalo - “As grandes casas”, AA.VV. “História da Vida Privada em Portugal - A Idade Moderna”; Dir. de José Mattoso; Lisboa: Ed. Círculo de Leitores, Volume II, 2010; pág. 202 a 243; ISBN 978 989 644 148 7.

FERNANDES, Alexandre Silva - “Sentidos” in AA.VV. “Sebentas d’Arquitectura”; nº3; Coordenação Victor Neves; Lisboa: Universidade Lusíada Editora, 2001; ISBN 972-8397-25-9; pág. 11 a 14.

PIRES, Amílcar de Gil e - “Vilegiatura e Lugar na Arquitectura Portuguesa”; Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 2008; Tese de Doutoramento em Arquitec-

## UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional

tura.

SILVA, José Custódio Vieira da - "Paços medievais portugueses"; Lisboa: IPPAR, 1995; s/ ISBN.

SILVA, José Custódio Vieira da - "O Paço", in AA.VV. "História da Vida Privada em Portugal - A Idade Média"; Dir. de José Mattoso; Lisboa: Ed. Círculo de Leitores, Volume I, 2010; pág. 78 a 97; ISBN 978 989 644 144 9.

SIZA VIEIRA, Álvaro - "Textos 01 – Álvaro Siza"; Coleção Arquitectura; Porto: Livraria Civilização Editora; ISBN 9789722629232.

VASCONCELOS, João Serpa de - "Do sítio ao lugar" in AA.VV. "Sebentas d'Arquitectura"; nº3; Coordenação Victor Neves; Lisboa: Universidade Lusíada Editora, 2001; ISBN 972-8397-25-9; pág. 39 a 45.

## **10. ANEXOS**

- Anexo I    Legislação dos espaços programáticos apresentados
- Anexo II    Levantamento de Informação sobre a Quinta
- Anexo III    Levantamento Fotográfico do Local de Intervenção
- Anexo IV    Levantamento das Pré-Existências
- Anexo V    Fotografias de Maquetes de Estudo
- Anexo VI    Peças Desenhadas Provisórias

## **UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES**

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional

Anexo I    Legislação portuguesa dos espaços programáticos apresentados



## **UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES**

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional

## ASPECTOS GERAIS DAS NORMAS E LEIS EM PORTUGAL

### LEGISLAÇÃO DE ESPAÇOS PARA CRIANÇAS

#### EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR – CRECHE

Devido a fenómenos sociais diversos, a função familiar tem vindo sofrer alterações, verificando-se assim uma redução da rede de apoio familiar e de vizinhança face ao acompanhamento das crianças. Posto isto, as creches tornam-se determinantes para a relação entre a vida familiar e profissional das famílias, conseguindo oferecer às crianças um espaço de convívio e desenvolvimento adequado às suas necessidades e idades.

Segundo o terceiro artigo da Portaria nº 262/2011<sup>1</sup>, “a creche é um equipamento de natureza socioeducativa, vocacionado para o apoio à família e à criança, destinado a acolher crianças até aos 3 anos de idade (...).”

No artigo 16º da Portaria acima referida são explicitadas as condições necessárias para uma adequada implantação do edifício, nomeadamente a proximidade com redes de transporte e serviços comunitários. O lugar não pode estar exposto a condições de má salubridade e a outros elementos que perturbem a saúde pública e interfiram no normal funcionamento da creche.

O edificado deve sempre corresponder a adaptação para mobilidade reduzida e deve necessitar o mínimo de manutenção possível. A sua acessibilidade deve ser também pensada, tal como outros edifícios, para o acesso a ambulâncias e deve dispor de uma entrada principal e uma secundária.

É importante ainda salientar que caso a creche possua vários edifícios, estes devem estar ligados por passagens cobertas e fechadas.

Face aos espaços pertencentes a estes equipamentos, no artigo 21º da Portaria nº 262/2011 são enunciados:

- a) Receção;

<sup>1</sup> Ministério da Solidariedade e da Segurança Social – “Portaria nº 262/2011” in Diário da República 1ª série, nº167, 31 de Agosto de 2011; pág. 4338 a 4343.

- b) Direção e serviços técnicos;
- c) Berçário;
- d) Atividades, convívio e refeições;
- e) Área do pessoal;
- f) Serviços.

Por fim, a presente Portaria ainda apresenta um anexo onde descreve as condicionantes e características que cada espaço deve conter.

### EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR – JARDIM DE INFÂNCIA

Desde da revolução de Abril de 1974 surgiram muitas iniciativas populares para a implementação de serviços para as crianças, mas só em 1978 é que surgem os jardins de infância estatais.<sup>2</sup>

A Lei quadro, publicada em 1997, definiu “(...) este nível de ensino como a primeira etapa da educação básica, mas, ao mesmo tempo, como um serviço social básico.”<sup>3</sup>

Segundo o terceiro artigo da Lei Quadro, instituições de educação pré-escolar destinam-se a crianças entre os 3 anos e a idade para a passagem para o ensino básico.

A rede publica de jardins de infância, atualmente, funciona 5 horas por dia, no entanto verifica-se que, nas zonas urbanas, este horário é insuficiente, não conseguindo servir as famílias em que ambos os pais trabalham. Muitos dos pais preferem recorrer a instituições de educação pré-escolar privadas, uma vez que no seio familiar, devido a razões diversas, não têm apoio.

Importa salientar que instituições privadas desta natureza, uma vez inseridas nas Instituições Privadas de Solidariedade Social (IPSS)<sup>4</sup>, oferecem um contato com outras pessoas inseridas nas assistências sociais, ao contrário das instituições da rede pública que muitas vezes se encontram desligadas de outras unidades, como o ensino básico.<sup>5</sup>

O Despacho Conjunto nº268/97<sup>6</sup> apresenta as normas das instalações

<sup>2</sup> João Formosinho – “Comentário à lei nº5/97 de 10 de Fevereiro – Lei Quadro da Educação Pré-Escolar”; in AA.VV. “Legislação”; Lisboa: Ministério da Educação; pág. 29.

<sup>3</sup> João Formosinho – “Comentário à lei nº5/97 de 10 de Fevereiro – Lei Quadro da Educação Pré-Escolar”; in AA.VV. “Legislação”; Lisboa: Ministério da Educação; pág. 30.

<sup>4</sup> Servem crianças, idosos, pessoas carenciadas, entre outros.

<sup>5</sup> João Formosinho – “Comentário à lei nº5/97 de 10 de Fevereiro – Lei Quadro da Educação Pré-Escolar”; in AA.VV. “Legislação”; Lisboa: Ministério da Educação; pág. 41 a 42.

<sup>6</sup> Despacho Conjunto nº268/97 in AA.VV. “Legislação”; Lisboa: Ministério da Educação.

destes espaços. O primeiro ponto do despacho defende que os espaços pré-escolares devem estar inseridos num local onde existam outros equipamentos coletivos e deve apresentar várias tipologias, versáteis, para que estas se adequem às necessidades locais. A salubridade, iluminação, condições de segurança e proximidade com os centros urbanos, tal como nas creches, também são importantes.

Associado à noção de iluminação, salubridade, entre outros aspetos, no ponto 9 do Despacho Conjunto é enunciado que todas as atividades para crianças se devem realizar no piso térreo. Não podem existir barreiras físicas, uma vez que estas “(...) constituem um verdadeiro obstáculo ao desenvolvimento global e harmonioso da criança e em particular da criança com deficiência.”<sup>7</sup>

Face aos espaços interiores e exteriores pertencentes a estes equipamentos, no ponto 10 do Despacho Conjunto nº 268/97 são enunciados:

- a) Sala de atividades;
- b) Vestiário e instalações sanitárias para crianças;
- c) Sala polivalente;
- d) Espaço para equipamento de cozinha, arrumos e armazenamento de produtos alimentares;
- e) Gabinete, incluindo espaço para arrecadação de material didático;
- f) Espaço para arrumar material de limpeza;
- g) Instalações sanitárias para adultos;
- h) Espaços de jogo ao ar livre.

O presente Despacho Conjunto faz também referência ao documento “Exigências Funcionais e Construtivas para Edifícios Escolares” produzido pelo LNEC, onde se foca a caracterização dos materiais. Os revestimentos e elementos construtivos devem proporcionar conforto, segurança e fácil manutenção e as guardas devem respeitar uma altura considerável para a segurança da criança.

Por fim, o Despacho Conjunto nº 258/97 apresenta orientações face aos equipamentos necessários num estabelecimento para educação pré-escolar. Estes devem ter qualidade estética, adequação ao nível etário, resistência, segurança, multiplicidade de utilizações e deve, ainda, valorizar os mate-

<sup>7</sup> Despacho Conjunto nº268/97 in AA.VV. “Legislação”; Lisboa: Ministério da Educação; pág. 89.

riais naturais.

### EDUCAÇÃO PRIMÁRIA - ENSINO BÁSICO

As indicações referentes aos estabelecimentos do ensino primário dão continuidade às regulamentações acima referidas. Tal como os restantes estabelecimentos, uma escola primária deve estar próxima de outros serviços, integrando-a num meio com outros estabelecimentos urbanos. Os acessos devem ser facilitados e as questões de segurança e salubridade respeitadas. Para esta finalidade, preferem-se edifícios com fenestrações direccionadas para o quadrante Sul. Relativamente ao conforto acústico, os vários tectos devem ter revestimentos de absorção acústica.

Dentro da organização dos espaços, os acessos público e privado devem ser distintos, existindo áreas na escola de acesso restrito aos trabalhadores.

No planeamento dos edifícios, a flexibilidade dos espaços é importante para que estes sejam “(...) concebidos de forma a acompanhar a evolução das práticas pedagógicas, dos programas e da gestão”.<sup>8</sup>

No documento do Ministério da Educação face a estes estabelecimentos, devem estar presentes os seguintes espaços:

- a) Salas de aula;
- b) Salas de educação plástica, podendo este espaço se inserir nas salas de aula;
- c) Biblioteca;
- d) Sala polivalente/refeitório
- e) Gabinete de trabalho de professores/educadores
- f) Gabinete de atendimento
- g) Sala de professores
- h) Átrios, circulações, espaços exteriores cobertos e descobertos
- i) Espaços de apoio geral como cozinha, vestiário de trabalhadores, instalações sanitárias para trabalhadores, alunos, adultos e de mobilidade reduzida.

<sup>8</sup> Ministério da Educação – “II- Alguns referenciais técnicos para a construção/ampliação/requalificação de escolas na perspectiva do centro escolar”; pág. 6 [Consult. 1 Jun. 2015] Disponível em WWW:<URL:http://www.Centroescolar.Min-Edu.Pt/Np4/File/9/Programa\_li.Pdf>.

j) Arrecadações de material didático, de materiais de limpeza e de materiais exteriores.

No documento já referido, são enunciadas de forma descritiva as características de cada espaço, relativamente a questões formais e funcionais.

## **LEGISLAÇÃO DE ESPAÇOS PARA IDOSOS**

### **LARES DE IDOSOS**

As residências para idosos são descritas na Portaria nº 67/2012 como como um “(...) estabelecimento para alojamento coletivo, de utilização temporária ou permanente, em que sejam desenvolvidas atividades de apoio social e prestados cuidados de enfermagem.”<sup>9</sup> Esta portaria define as normas a adotar na organização, funcionamento e construção destes equipamentos.

Residências para idosos devem, segundo o artigo 3º da presente portaria, conter serviços permanentes e adequados aos idosos, contribuir para um ‘envelhecimento ativo’, criar a oportunidade de relações intrafamiliares e permitir a integração social. Estas destinam-se a uma população com idade superior a 65 anos, que por diversas razões não possam permanecer na sua residência.

Segundo o artigo 6º, o número máximo de residentes é de 120 pessoas, tendo estas à disponibilidade serviços como alimentação adequada, cuidados de higiene e de enfermagem, tratamento de roupa, diversas atividades, higiene dos espaços e apoio nas tarefas diárias.<sup>10</sup> As residências podem ainda proporcionar aos habitantes fisioterapia, cuidados de imagem, hidroterapia e transporte.

No artigo 7º são enunciadas as tipologias que uma residência pode ter:

- a) Tipologias habitacionais como apartamentos e ou moradias;
- b) Quartos;
- c) Tipologias habitacionais em conjunto com o alojamento em quartos.

Relativamente às condições de implantação do edificado, segundo o

<sup>9</sup> Ministério da Solidariedade e da Segurança Social – “Portaria nº 67/2012” in Diário da República 1ª série, nº58, 21 de Março de 2012; pág. 1324.

<sup>10</sup> Ministério da Solidariedade e da Segurança Social – “Portaria nº 67/2012” in Diário da República 1ª série, nº58, 21 de Março de 2012; pág. 1325.



## UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional

artigo 15º, tal como o equipamento para as crianças, este deve estar inserido na comunidade, próximo de outros equipamentos de apoio social, saúde e cultural, como também de parques ou jardins públicos que reforcem o convívio social. Os aspetos de salubridade segurança e fácil manutenção também devem ser respeitados.

Os acessos ao edifício, preferencialmente autónomo de outros edifícios, devem ser facilitados através da via pública. Devem ser disponibilizados estacionamentos de acordo com a população que é servida, tal como estacionamentos para ambulâncias e área de cargas e descargas.<sup>11</sup>

Deve ainda ser previsto um acesso principal para os residentes, visitantes e colaboradores, tal como um acesso de serviço.

Face aos espaços interiores pertencentes a estas residências, no ponto 1 do artigo 18º da Portaria 67/2012 são enunciados:

- a) Receção;
- b) Direção, serviços técnicos e administrativos;
- c) Instalações para o pessoal;
- d) Convívio e atividades;
- e) Refeições;
- f) Alojamento;
- g) Cozinha e lavandaria;
- h) Serviços de enfermagem;
- l) Serviços de apoio.

<sup>11</sup> Ministério da Solidariedade e da Segurança Social – “Portaria nº 67/2012” in Diário da República 1ª série, nº58, 21 de Março de 2012; pág. 1327.

## Anexo II Levantamento de Informação sobre a Quinta

Quadro sobre a Quinta - imagem fornecida pelo proprietário da Quinta

Mapa antigo de Sintra - Fonte: Serra de Sintra

<http://www.serradesintra.net/mapas-antigos-de-sintra>

Mapa da Região de Sintra , 1840-7 Chelmiki

Cartografias militares da área de estudo

1940 - [www.igeoe.pt/cartoteca/bibliopac/images/416\\_1940](http://www.igeoe.pt/cartoteca/bibliopac/images/416_1940)

1962 - [www.igeoe.pt/cartoteca/bibliopac/images/416\\_1962](http://www.igeoe.pt/cartoteca/bibliopac/images/416_1962)

1992 - [www.igeoe.pt/cartoteca/bibliopac/images/416\\_1992](http://www.igeoe.pt/cartoteca/bibliopac/images/416_1992)

Notícias - Fonte: Arquivo Municipal de Sintra

Fotografias - Fonte: Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian

<https://www.flickr.com/photos/biblarte/14530933748/in/photostream/#>

Fotografias tiradas durante a atividade do estúdio de Horácio Novais,

1930-1980

## **UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES**

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional



Quadro sobre a época em que a Quinta foi um Colégio Interno

Imagem fornecida pelo proprietário da Quinta

## UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional



Mapa antigo de Sintra - Fonte: Serra de Sintra  
<http://www.serradesintra.net/mapas-antigos-de-sintra>  
Mapa da Região de Sintra , 1840-7 Chelmiki





Cartografias militares  
da área de estudo

1940

1962

1992





CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA

Gabinete de Relações Públicas e Comunicação Social

## REVISTA DE IMPRENSA

74

PUBLICAÇÃO	CLASSIFICAÇÃO
<b>CONTEÚDO</b> do momento	TURISMO
DATA	31/03/26

# EM SÃO PEDRO DE SINTRA UM PARAÍSO DE LAZER E CULTURA

Quinta  
de S<sup>a</sup> Theresa

Frente ao antigo vilão solar da quinta, Luís Santos e Vítor Silva.

A Quinta de Santa Theresa, em São Pedro de Sintra, outrora residência de uma aristocrática família portuguesa, é um palacete do século XIX que, por iniciativa do grupo Diari e com o apoio das Irmãs Jaguar, foi agora restaurado com vista a tornar-se num centro cultural e de lazer.

Com vários empreendimentos já realizados, desde da cafeteria, da esplanada, do salão nobre, do video clube, do internacional press center, da livraria e agora, da nova galeria de arte, este grupo pretendeu assim, descentralizar a arte e a cultura dos grandes centros urbanos.

Em conversa com a responsável pelo empreendimento, Vítor Silva e com Luís Santos, responsável pela Diari e Jaguar Irmãs, também contado com "esta ideia que já tem alguns anos."

Porquê só agora? É um empreendimento grande que tem de ser um pouco faseado, temos de dar passos curtos para recolher os resultados e avançar com as respectivas fases do empreendimento, explicou Vítor Silva.

Vamos começar pela última fase deste projecto, composto pela esplanada, o Health Club, o campo de ténis, a piscina e a capela.

No que respeita à esplanada, pensámos inicialmente em várias hipóteses, entre as quais o turismo de habitação. Nada foi viável, pelo que, decidimos fazer, daquela que foi a residência de uma aristocrática família portuguesa, uma capela de Clube Privado, refere Vítor Silva.

Isto porque não era rentável optar pela indústria hoteleira já que, continua Luís Santos, por norma, as infra-estruturas básicas teriam de ser, no mínimo, trinta quartos e o palacete

tem apenas dois quartos.

A ideia de rentabilizar este espaço não foi posta de parte, pois, os sócios deste clube privilegiado usufruíam dele como se de uma estalagem se tratasse. Com salas e quartos projectados para os mais modernos equipamentos, desde o ar condicionado às casas de banho privadas, passando pelo sistema de alta fidelidade, este alojamento possui todos os serviços que um estabelecimento de alto luxo pressupõe.

E que, a sua íntima interligação com todo o complexo, permitia aos hóspedes usufruir de uma série de privilégios muito "sui generis", disse nos ainda Vítor Silva acrescentando por outro lado que, "no fundo, queremos conjugar os momentos de prazer com actividades lúdicas e ao mesmo tempo, oferecer de bandeja as actividades artísticas.

## A Capela e o Salão Nobre

Dentro deste clube-esplanada existe uma capela com a imagem de Santa Theresa que, segundo Vítor Silva, vai funcionar em perfeita harmonia com o salão nobre ali podem realizar-se os casamentos e baptizados, na capela, e os "capos d'água" no salão nobre.

No entanto, para que a capela

funcione em pleno, os responsáveis pelo empreendimento ainda aguardam a autorização da Paróquia de Lisboa.

Outra maravilha é o espaço denominado de Salão Nobre, um amplo teatro, restaurado nos anos 30 e depois votado ao abandono. Criou-se aqui uma sala polivalente que resultou num salão variável e amplo.

Estamos agora a restaurar a cave deste salão para construirmos camarins já que, uma das nossas ideias é trazerem-se ali o teatro, a música, a dança e outros tipos de espectáculos, acrescenta Luís Santos.

Concebida com condições técnicas e acústicas impecáveis, torna-se o cenário ideal para congressos, conferências, apresentações de produtos, festas, colóquios e outros.

Desde este sumptuoso espaço, do apoio das infra-estruturas envolvidas de restauração, hoteleira e cultural, o que lhe confere maior flexibilidade na resposta às mais diversas exigências.

## Outros espaços

A cafeteria, embora com um ambiente íntimo, oferece todos os deliciosos aperitivos dos tradicionais cafés portugueses.

Além disso, tem ainda serviço de bar, buffet e salão de chá.

O restaurante, por baixo da cafeteria, já está pronto, só faltando a decoração para ser brevemente inaugurado. A esplanada, a funcionar principalmente quando não chove, proporciona momentos de lazer, no ambiente bucólico dos jardins ou na alegre alameda.

O video clube, um ponto de encontro na atmosfera lúdica, e também, graças aos títulos de temática "non fiction", a presença de um valor pedagógico, podendo ser utilizado em articulação com as exposições polivalentes para conferências. A quantidade de títulos é apreciável. A par do video clube, surge o "International Press Center", onde se encontra a imprensa de todo o Mundo, facilitando uma ampla e variada informação.

A livraria aposta no livro como um instrumento lúdico, capaz de responder aos interesses específicos, ou à necessidade de adquirir um presente personalizado. Articulado com a secção de papéis, a livraria tem uma variedade de livros disponíveis nas mais diversas áreas e géneros.

Em fase de restauração estão o Campo de Ténis, o "Health Club", a Piscina e, segundo Luís Santos, está a pensar-se já muito a sério em projectar um mini-golfe.

Texto: Alexandra Ferreira  
Foto: Jorge Paula



CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA

Gabinete de Relações Públicas e Comunicação Social

## REVISTA DE IMPRENSA

58

PUBLICAÇÃO	CLASSIFICAÇÃO
o jornal	TURISMO
DATA	91/03/01

Investimento de 500 mil contos

## Grupo Distri alarga Quinta de Stª Teresa

A Jaguar Distri vai inaugurar brevemente novos espaços no seu empreendimento de S. Pedro de Sintra

A Jaguar Distri vai inaugurar brevemente novos espaços no seu empreendimento de S. Pedro de Sintra

**U**MA das empresas do grupo Distri, a Jaguar Distri, vai investir este ano cerca de meio milhão de contos, financiados com capitais próprios, na restauração global de um palácio do século XIX, a Quinta de Santa Teresa, de modo a albergar uma série de serviços vocacionados para o turismo de qualidade.

Segundo declarações de um responsável da empresa, trata-se de um empreendimento muito ambicioso, iniciado em 1988, que aposta na valorização de todo um edifício, pelo que o montante dos investimentos realizados tem de ser entendido numa perspetiva real, que poderá captular certos valores para municípios muito mais consideráveis.

A quinta possui atualmente um multishop, onde se combinam uma série de espaços, como as cafetarias, que põem à disposição dos clientes

serviços de bar, buffet e salão de chá, o video clube, a livraria e o Internacional Press Center, seção onde poderão ser encontrados jornais e revistas de todo o mundo.

O projecto da Quinta de Santa Teresa pretende constituir-se além do multishop, pelo que estão em curso obras de restauração de outras áreas, destinadas nomeadamente a ocupar uma galeria de arte, onde poderão ser apresentadas exposições e vernissages e um salão polivalente, o «Salão Nobre», situado no antigo teatro, agora totalmente reconstruído e cuja inauguração se prevê para o corrente mês.

A mesma fonte adiantou que os espaços exteriores também serão aproveitados para zonas de recreio e lazer, estando já totalmente prontos as esplanadas, que deverão entrar em funcionamento brevemente,

permeando-se ainda a conclusão das obras de recuperação do campo de ténis, para o próximo Verão.

O empreendimento irá comportar ainda um health club e uma piscina exterior, que será recuperada, bem como obras de aproveitamento dos restantes espaços verdes, estando os respectivos projectos já aprovados, além destes, está ainda em curso o plano de construção de uma pousada.

O Grupo Distri, que engloba a distribuidora de publicações Econoliter, tem vindo a alargar as suas actividades, nomeadamente através da Desinlogis, que já possui um total de vinte e um locais de venda de publicações informativas de todo o mundo, em que se destacam os International Press Centers, um dos quais situado nas Américas.

No âmbito desta política de expansão, foi inaugurado em meados do ano passado o Multishop Vidinov, situado na avenida Marquês de Pombal, em Lisboa, que representa um investimento de cerca de 400 mil contos, financiado por capitais próprios da sociedade.

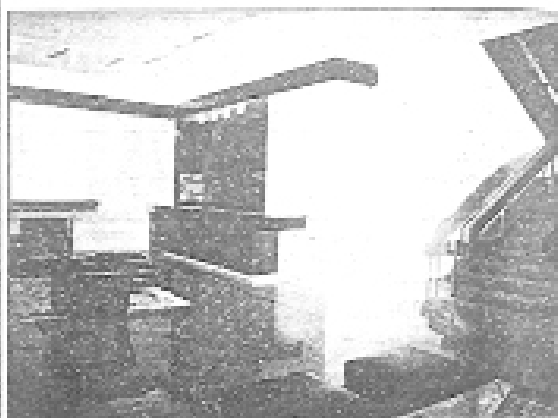


## REVISTA DE IMPRENSA



PUBLICAÇÃO	CLASSIFICAÇÃO
<b>CONTIGO</b> de Sintra	TURISMO
DATA	91/03/01

CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA  
Gabinete de Relações Públicas e Comunicação Social



*Sintra conta agora com um posto de turismo totalmente remodelado*

# Sintra quer mais hotéis

Ataçar para o conselho de Sintra os investidores da indústria hoteleira é o objectivo de uma série de incentivos que o município sintrense tem vindo a criar.

O gabinete de apoio ao investidor, a criação do prêmio turístico-jornalismo e o selo de qualidade são alguns destes incentivos — anunciou ontem o vereador do turismo e cultura, Rui Silva, na cerimónia de reabertura ao público do posto de turismo de Sintra, depois das obras de remodelação de que foi alvo.

"Queremos deixar de ser o quintal das travessias dos turistas de Lisboa e da Cascais. Todos os anos recebemos dezenas de milhares de visitantes, que nos visitam mas que se alojam nos hotéis da capital e da Cascais. Temos de atrair para o nosso município investimentos do sector do turismo" — salientou o vereador Rui Silva.

Entretanto, o vereador Rui Silva anunciou ainda que no próximo dia 30 terá lugar um seminário subordinado ao tema "Contributos para o plano de desenvolvimento turístico de Sintra" e que dentro de dois ou três meses será apresentado o referido plano, onde serão definidas as zonas onde interessa ao município que se façam investimentos, que tipo de investimento convém e que tipo de incentivos se irão implementar.



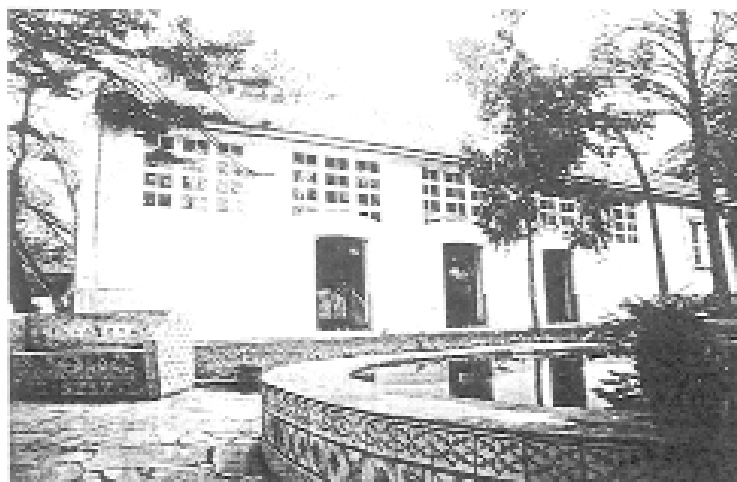
CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA

Gabinete de Relações Públicas e Comunicação Social

## REVISTA DE IMPRENSA

76

PUBLICAÇÃO	CLASSIFICAÇÃO
SABADO (1)	CULTURA
DATA	91/04/06



F. Vasconcelos

## Cultura e lazer em velha quinta

*A Quinta de Santa Teresa, em São Pedro de Sintra, está a ser recuperada. Para já, oferece vários espaços lúdicos e culturais. E tem um futuro que promete.*

**T**udo partiu de uma ideia do arquitecto Pedro Vasconcelos. Hoje, a Quinta de Santa Teresa, em São Pedro de Sintra, já abriu as portas e oferece aos visitantes vários espaços de cultura e lazer.

O projecto de transformar a velha quinta senhorial, de finais do século passado, num espaço aberto e polivalente começou a desenhar-se há três anos, com a aquisição daquele espaço de 26 mil metros quadrados pelo grupo Disri.

A ideia foi aproveitar as várias potencialidades da propriedade - casa senhorial, salão nobre, capela, piscinas, campos de ténis, jardins e outros casarios - e fazer o seu restauar mantendo a traça original. Outra novidade do projecto é a recuperação dos espaços já definidos, que continuam, sempre que possível, a manter as suas funções. Ou seja, não vão ser construídos dois campos de ténis, mas vão

ser recuperados os que lá existem. Do mesmo modo, o salão nobre, perfeitamente independente da casa senhorial, continuará a ser utilizado para o desenvolvimento de iniciativas ligadas à cultura, especialmente para sessões de teatro, poesia e música erudita.

Só em 1993 as obras na Quinta de Santa Teresa deverão estar totalmente concluídas. Porém, hoje já lá funcionam em pleno um café, um vídeo clube, uma loja de venda de jornais e revistas e uma galeria de arte. Essa foi inaugurada em 16 de Março passado com uma exposição de cerâmica e pintura de Eduardo Filhó e Arménio Reis; segundo Ernesto Neves, director artístico da galeria, a exposição foi um verdadeiro êxito.

O calendário de exposições da galeria já está totalmente preenchido até ao final do ano. Já no próximo dia 20 de Abril serão inauguradas uma exposição



de pintura e outra de fonografia de Laura Ceram e Paulo Gil, respectivamente. A tarde será ainda animada com uma sessão de autógrafos de Baltasar Meles Castro, autor do livro "Os Conventos de Lisboa", entre outros.

**Futura.** Uma curiosidade dos vários espaços já em funcionamento na Quinta de Santa Teresa é a sua interligação. O visitante pode circular livremente do café para a loja de jornais, desta para o vídeo clube, deste para a galeria de arte, dali para o futuro salão de chá, que por sua vez dará acesso às esplanadas do jardim.

Os jardins serão, no futuro, um dos espaços mais importantes. Hoje bastante degradados, o projecto do grupo Disri prevê a sua recuperação e aproveitamento quer para passeio quer como elemento de ligação entre o Salão Nobre, os campos de ténis, o Auditório e as piscinas.

Aquelas estruturas serão completadas com uma estalagem, construída a partir da antiga casa senhorial. A ideia é fazer o melhor aproveitamento possível da residência de forma a obter entre sete a dez quartos.

A reconstrução da casa e a sua transformação em estalagem será o projecto mais demorado e, por isso, o que mais tarde ficará concluído. Todavia, as projecções apontam para ter a funcionar em pleno a Quinta de Santa Teresa até finais de 1993.

Dentro da residência, mas com liga-

(Continua na pág. seguinte)



PUBLICAÇÃO	CLASSIFICAÇÃO
SABADO (2)	CULTURA
DATA	01/04/06

CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA  
Gabinete de Relações Públicas e Comunicação Social



F. Moniz

ção directa para a rua, existe ainda uma capela que já foi recuperada. Os responsáveis pela quinta tiveram a ideia de dinamizar aquele espaço, alugando-o para



F. Moniz

casamentos, baptizados e outras cerimónias religiosas. Neste momento aguardam apenas autorização do Patriarcado para poder começar a funcionar.

A Quinta de Santa Theresa será um espaço aberto ao público, apesar dos seus

responsáveis já trabalharem na criação de um clube que, mediante o pagamento de uma quota a definir, permita aos sócios a utilização dos campos de ténis, piscinas, health club e da própria esplanada.



Fotografias - Fonte: Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian

<https://www.flickr.com/photos/biblarte/14530933748/in/photostream/#>

Fotografias tiradas durante a atividade do estúdio de Horácio Novais 1930-1980



## **UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES**

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional

Anexo III    Levantamento Fotográfico do Local de Intervenção  
Fotografias da autora

## **UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES**

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional



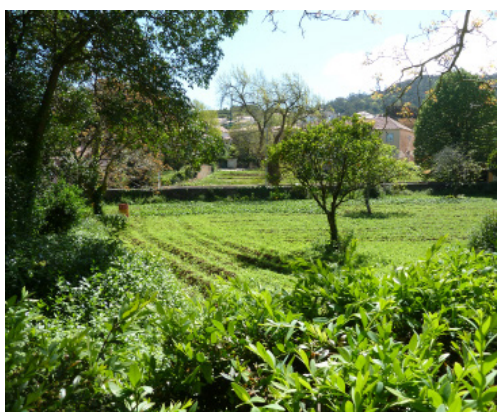


## UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional







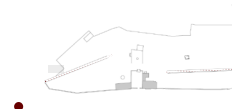
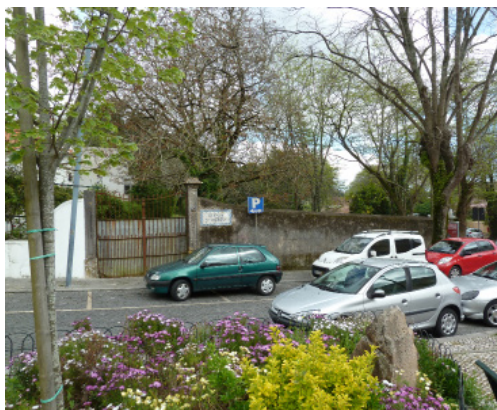


## UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional









## UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional









## UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional







## UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional





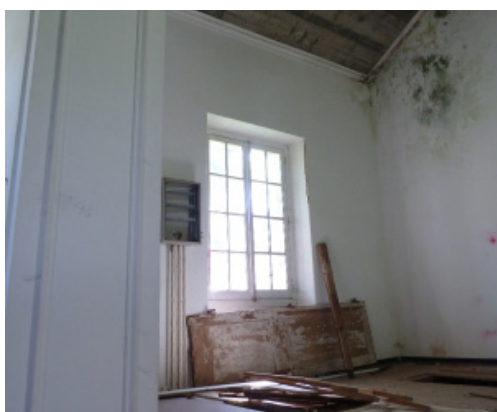


## UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional









## UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional





**Anexo IV    Levantamento das Preexistencias**

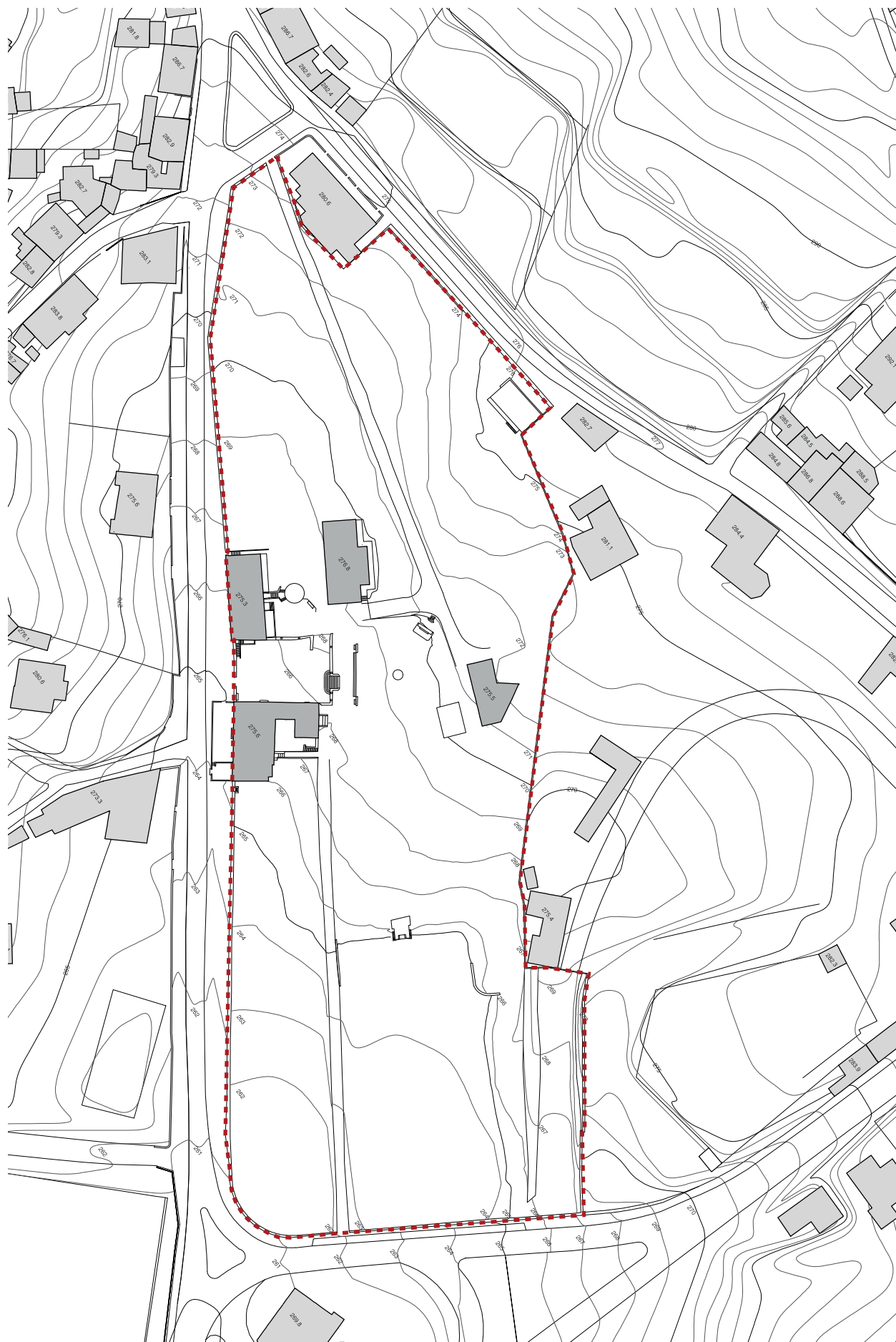
Base cartografia da Câmara Municipal de Sintra

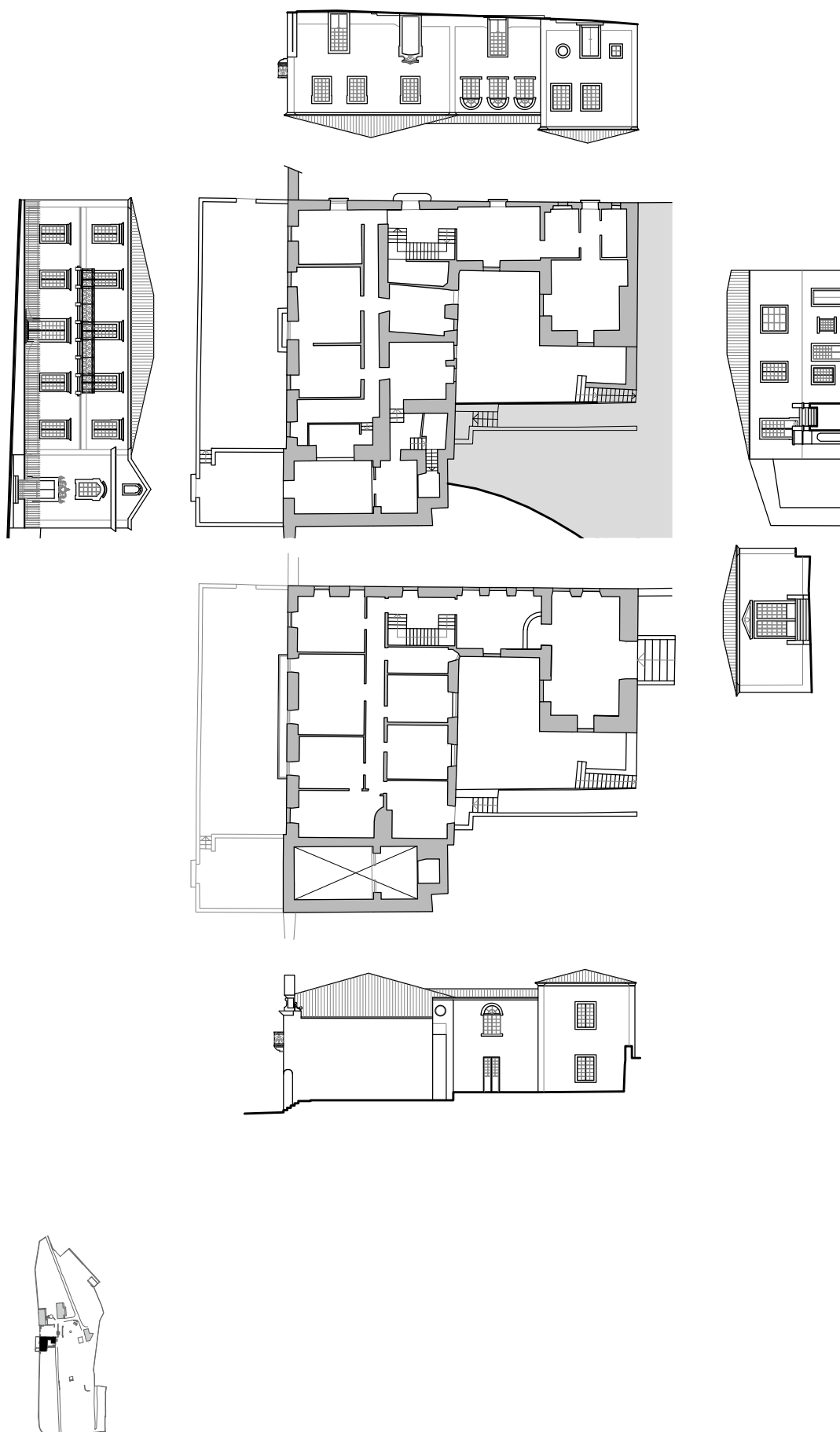
Levantamento da Quinta disponibilizado pelo proprietário da Quinta

Desenhos detalhados e trabalhados pela autora

## UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES

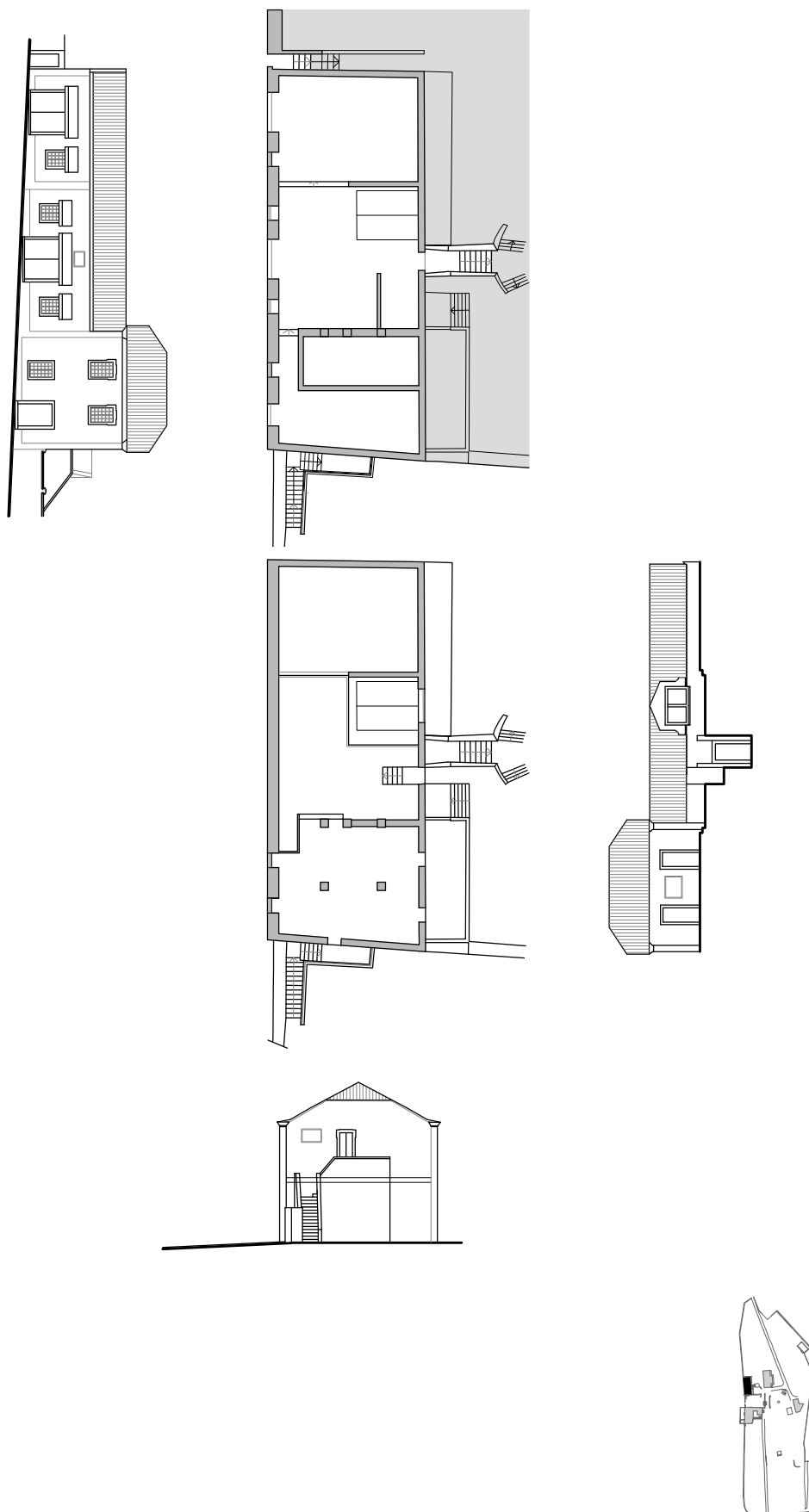
A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional

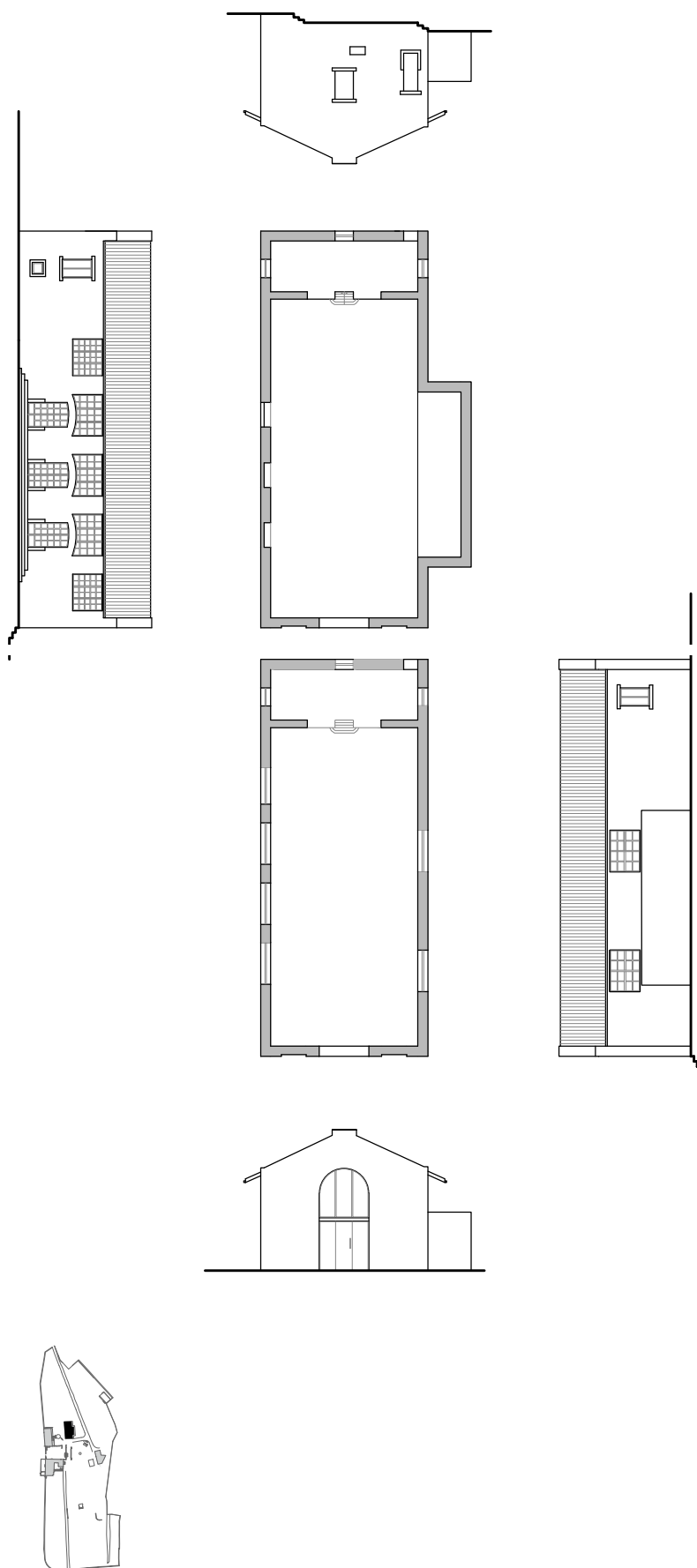




## UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional







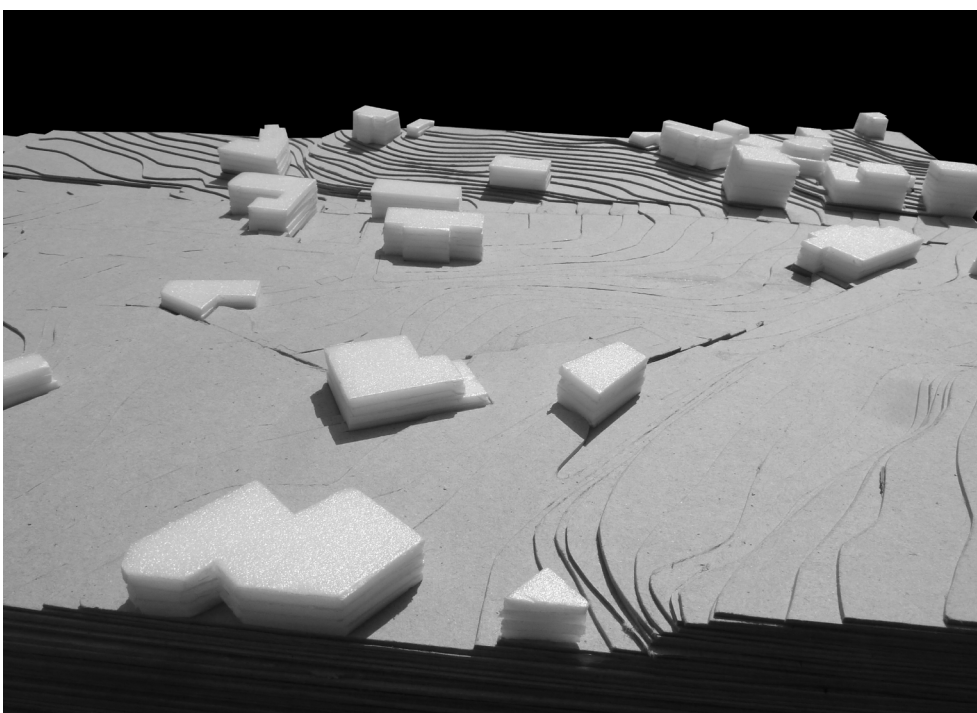
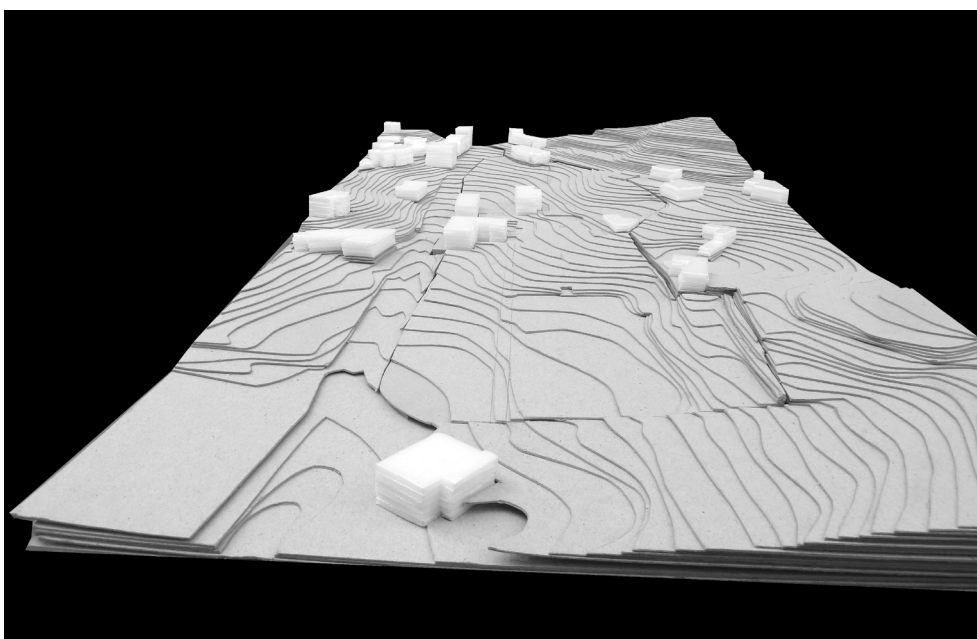
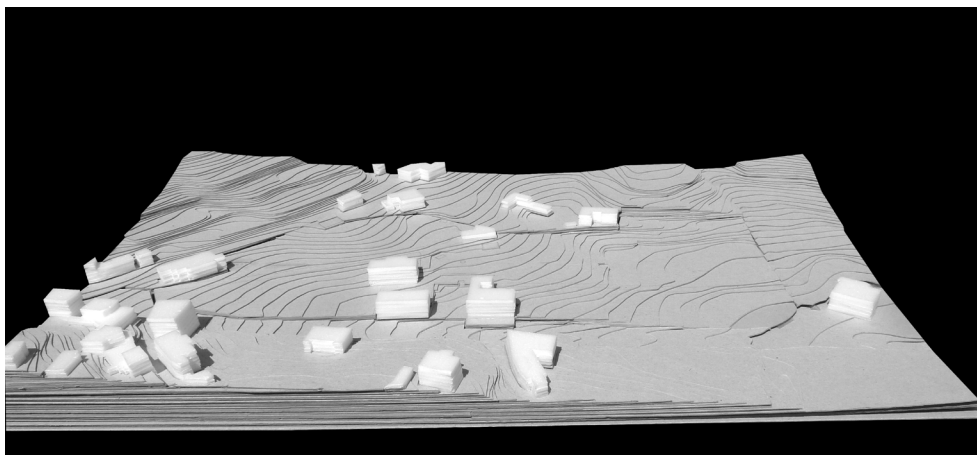
## **UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES**

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional

Anexo V   Fotografias Maquetas de Estudo

## **UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES**

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional



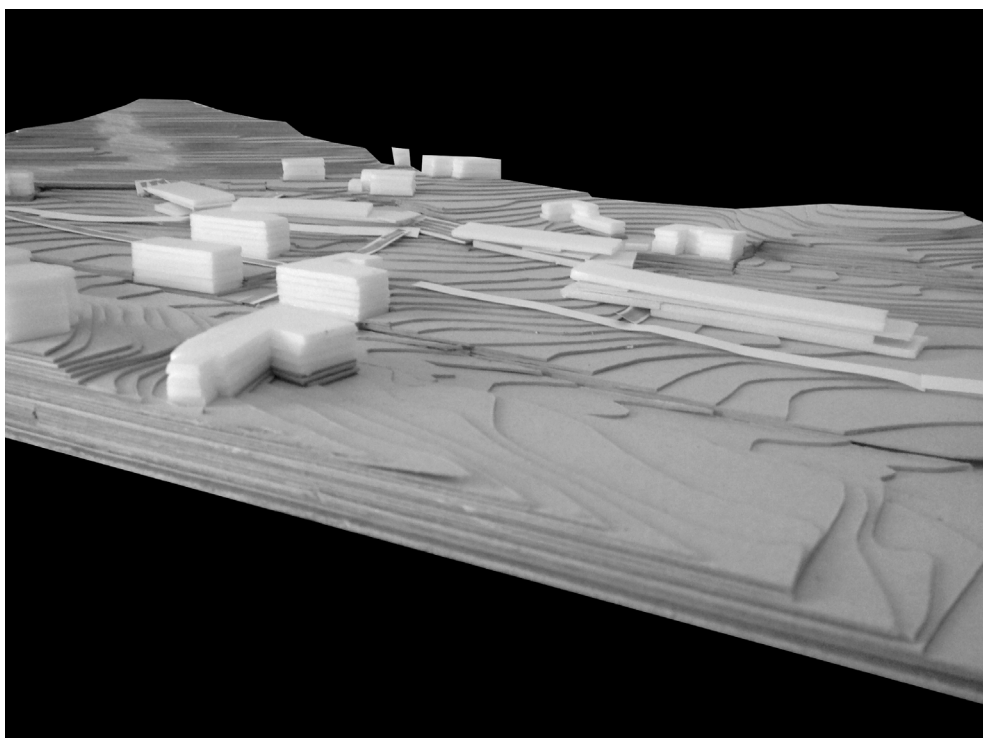
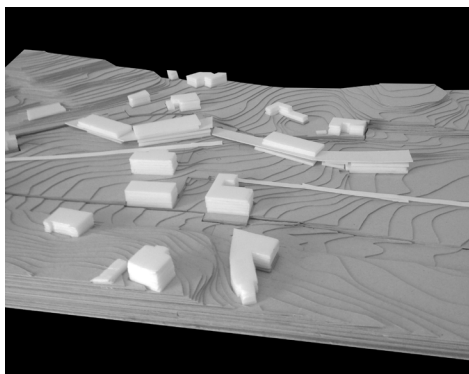
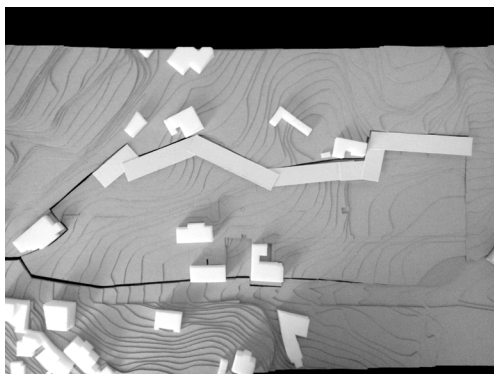
Maqueta 01  
Escala urbana - estado atual do terreno  
Escala 1:500  
Material: cartão prensado

## UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional

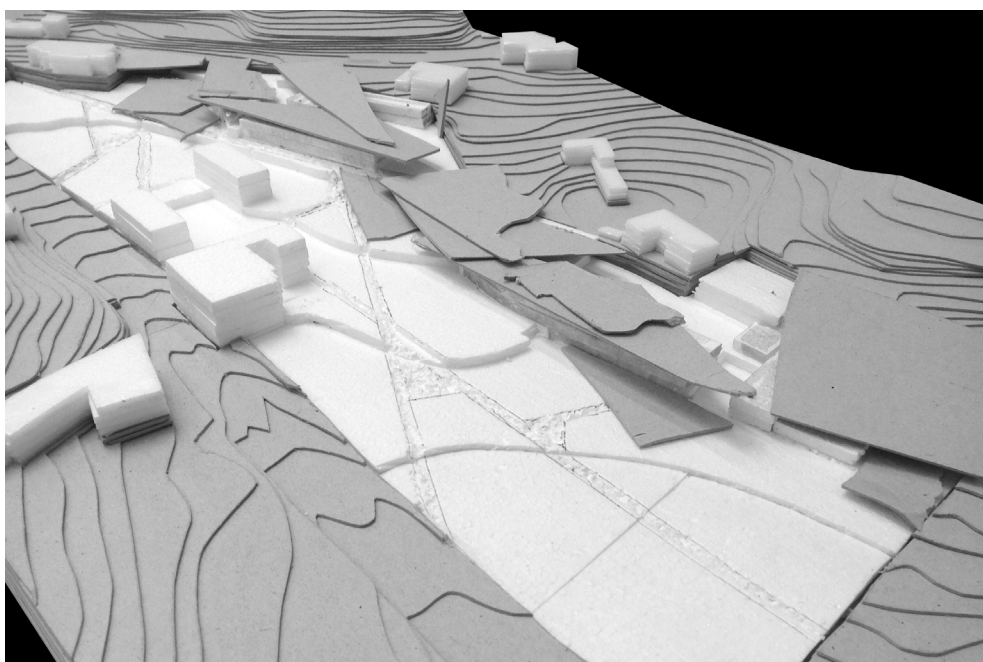
Maqueta 02

Estudos prévios da forma  
Escala 1.500  
Material: cartão prensado  
e cartão madeira

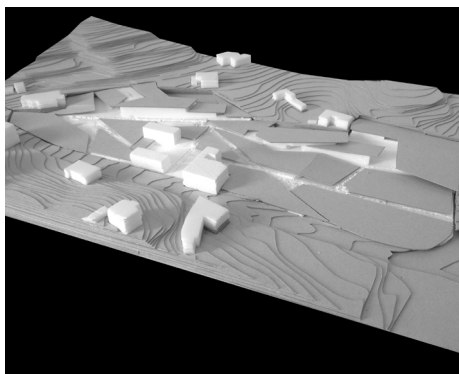


Maqueta 03

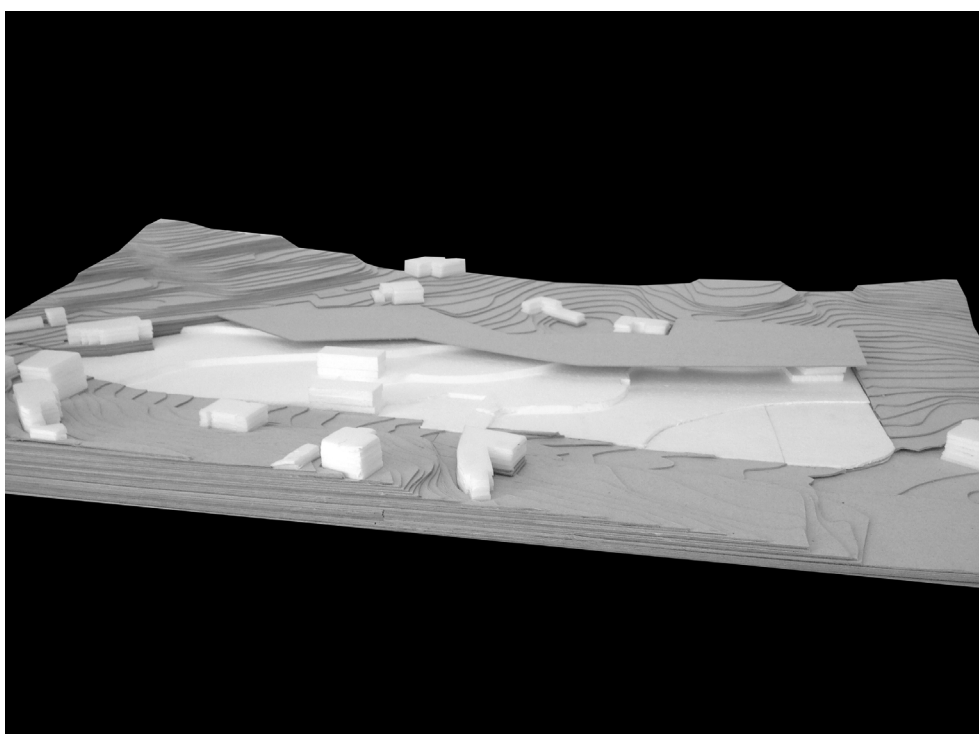
Procura pelas direções  
base dos edifícios novos  
Escala 1.500  
Material: cartão prensado  
e esferovite



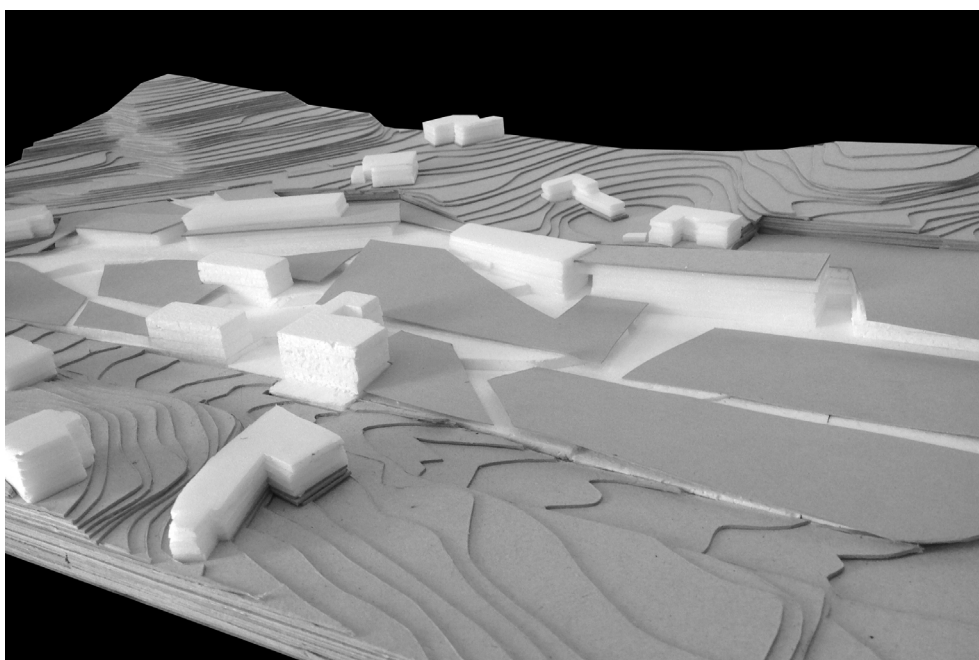




Maqueta 03  
Procura pelas direções  
base dos edificados novos  
Escala 1.500  
Material: cartão prensado  
e esferovite



Maqueta 04  
proposta conceptual inicial  
urbana  
Escala 1.500  
Material: cartão prensado  
e esferovite

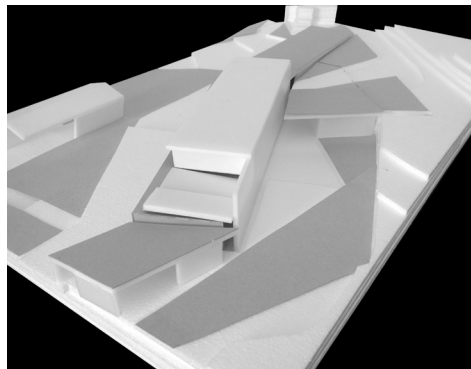
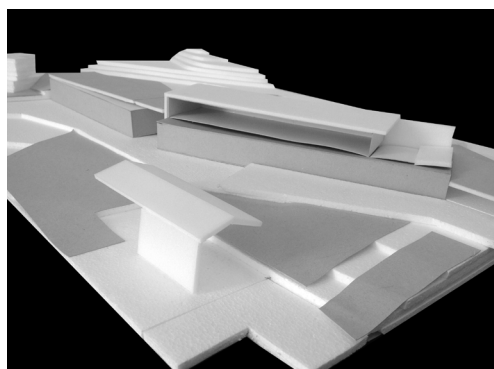
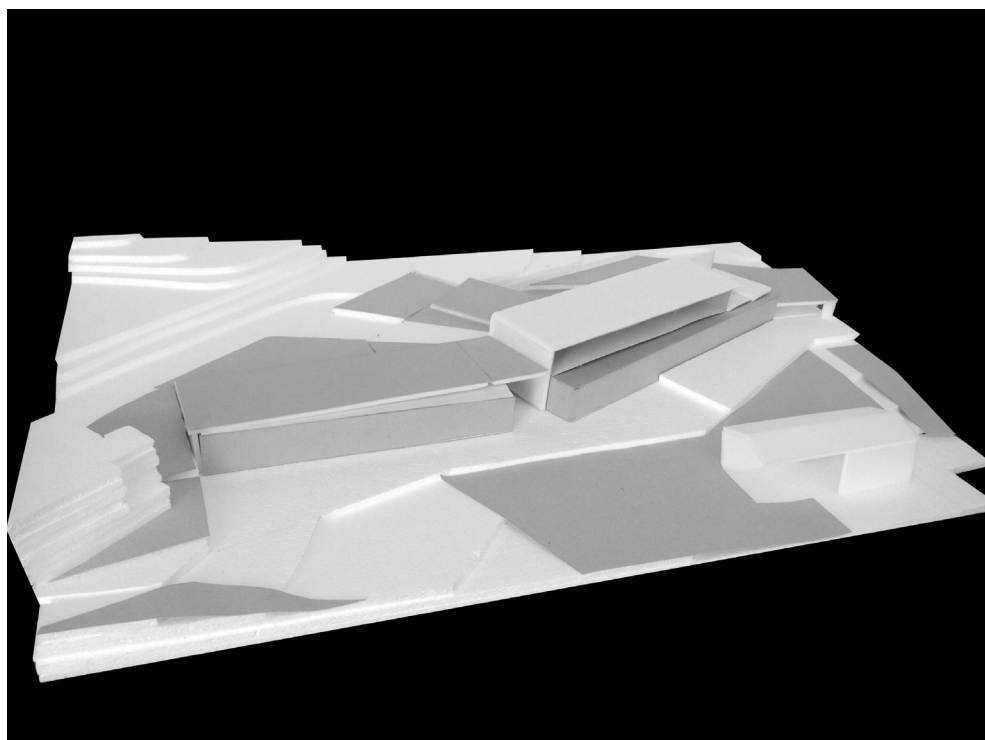


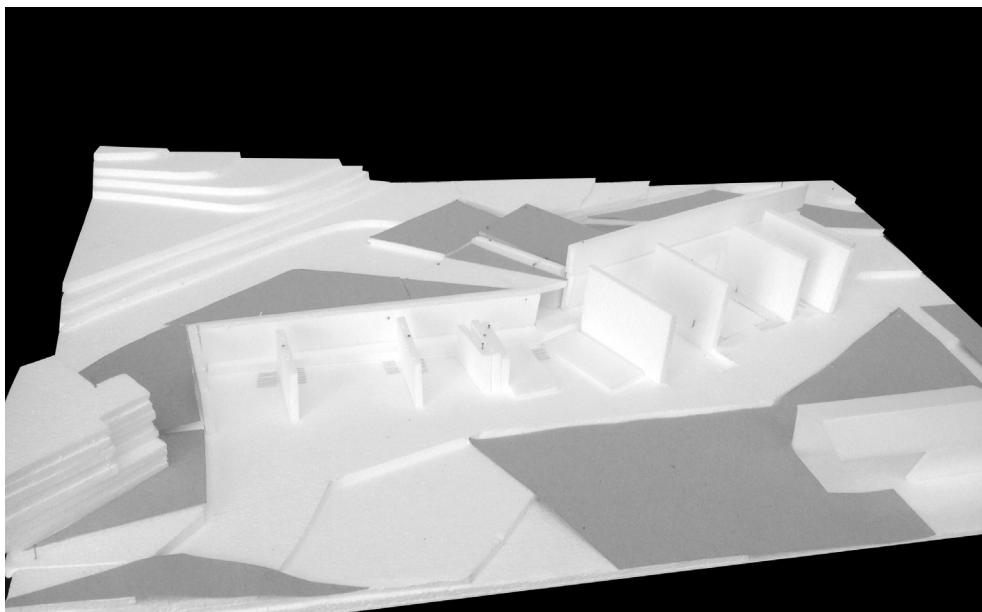
Maqueta 05  
Desenho inicial dos  
volumes e da envolvente  
natural - caminhos rebaixa-  
dos  
Escala 1.500  
Material: cartão prensado  
e esferovite

## UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES

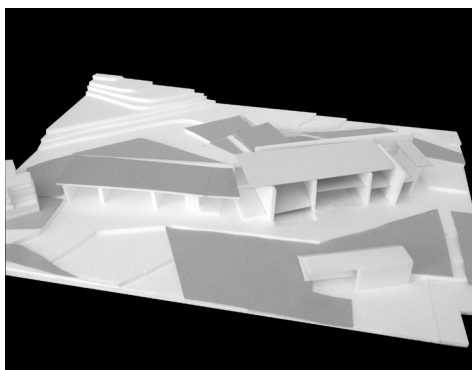
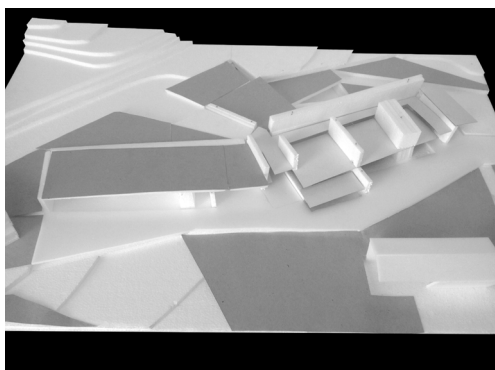
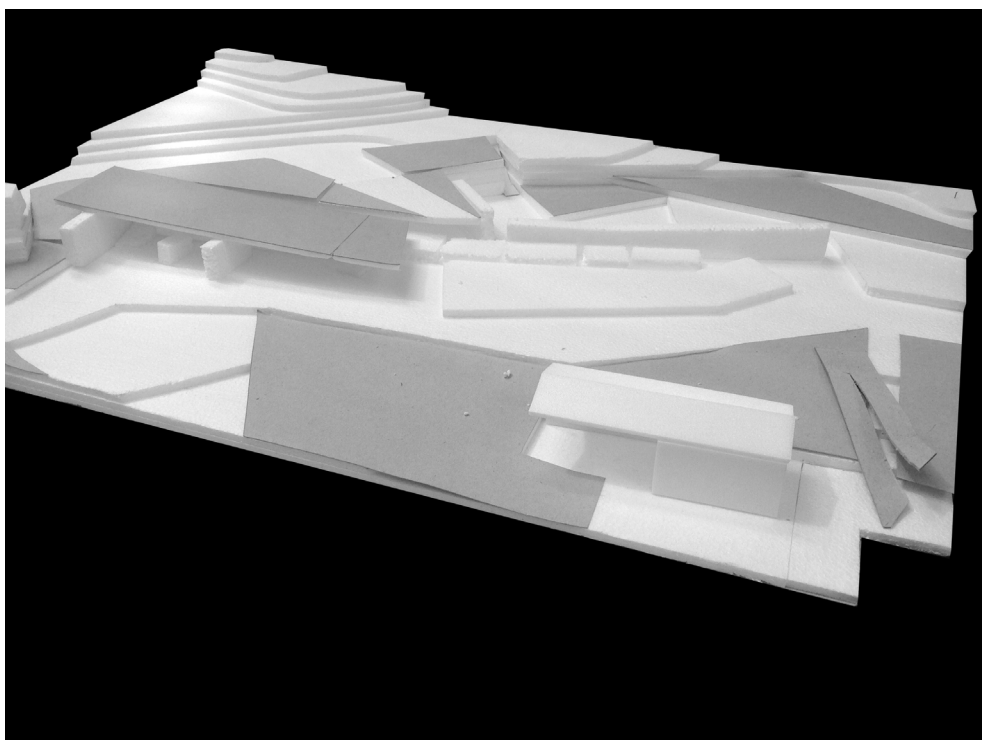
A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional

Maqueta 06  
Estudo prévio da volumetria  
do complexo escolar  
Escala 1.200  
Material: cartão prensado  
e esferovite





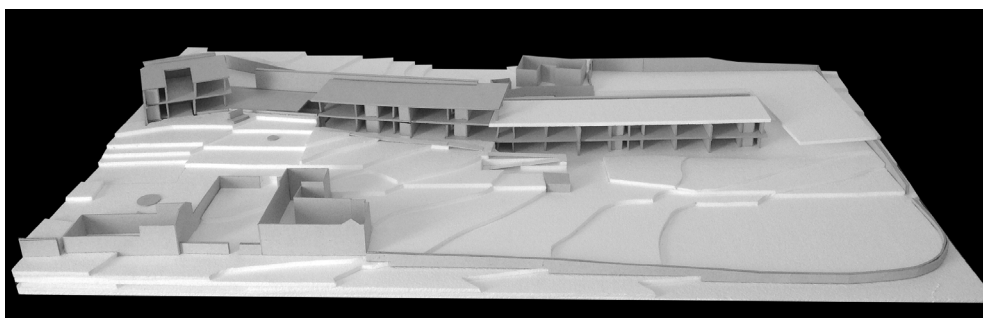
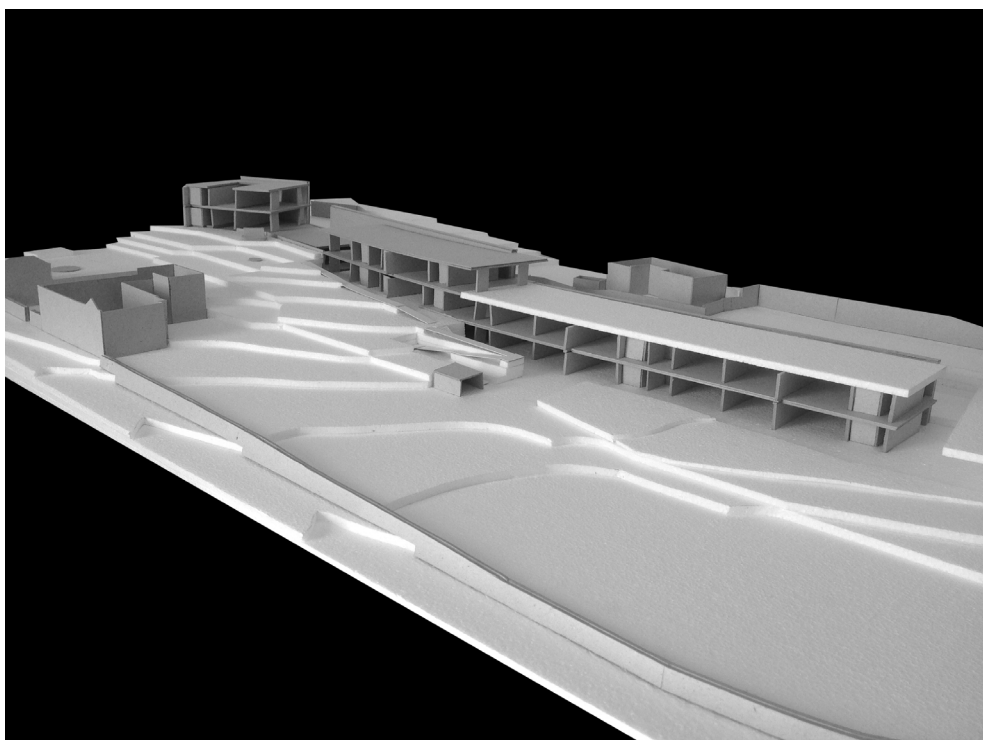
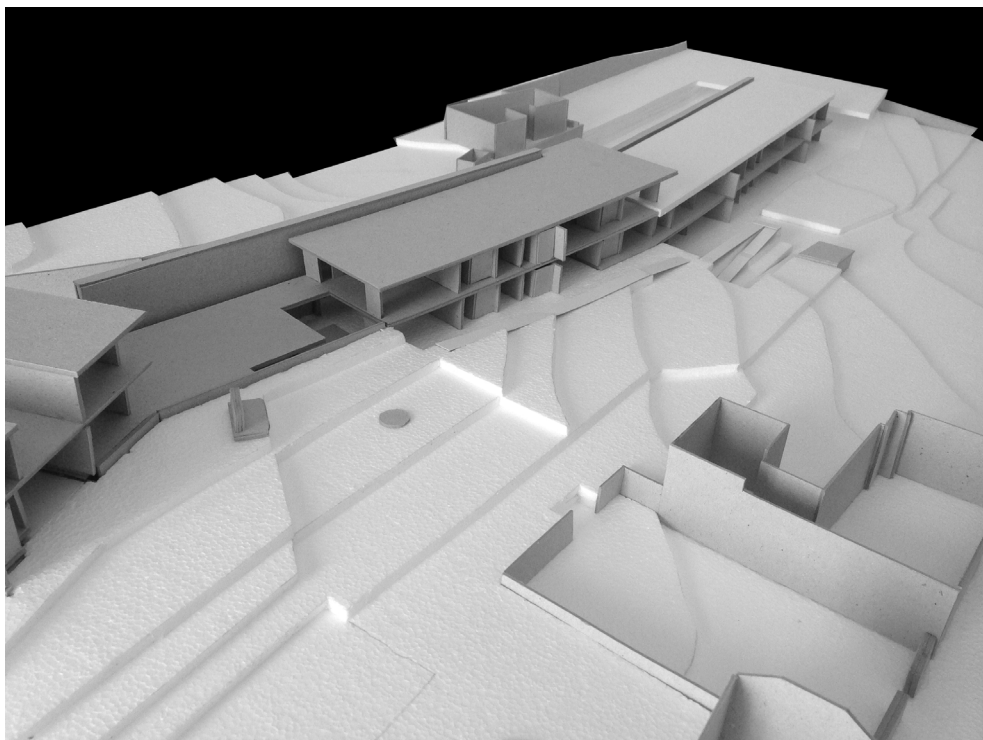
Maqueta 07  
Estudo prévio das bases  
conceptuais de escavação  
no solo - complexo escolar  
Escala 1.200  
Material: cartão prensado  
e esferovite



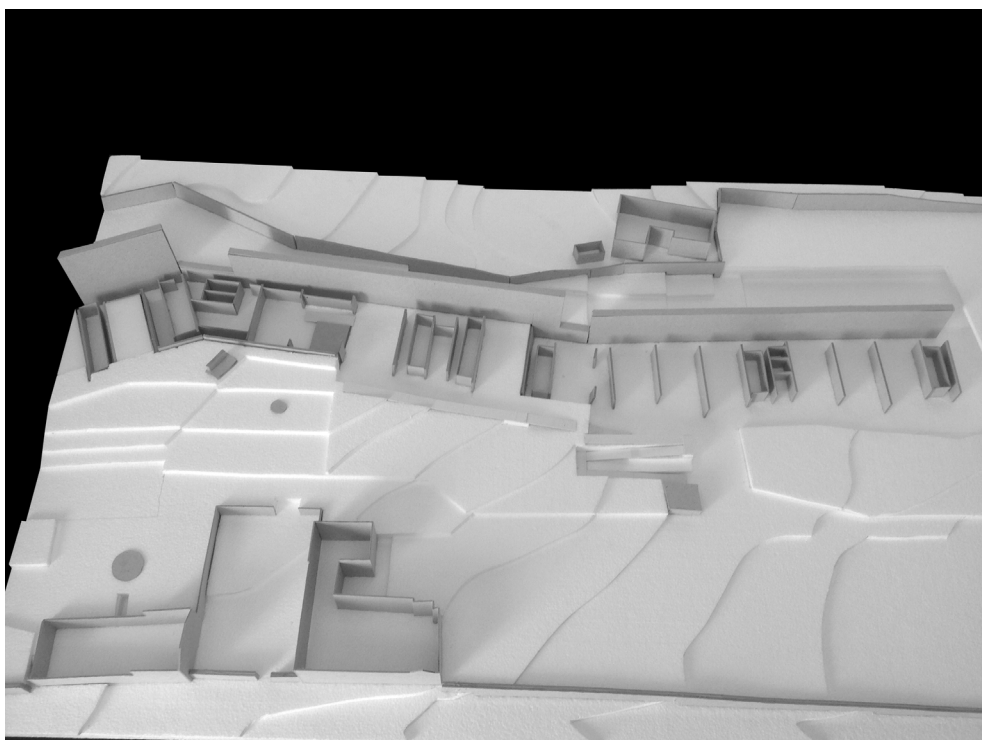
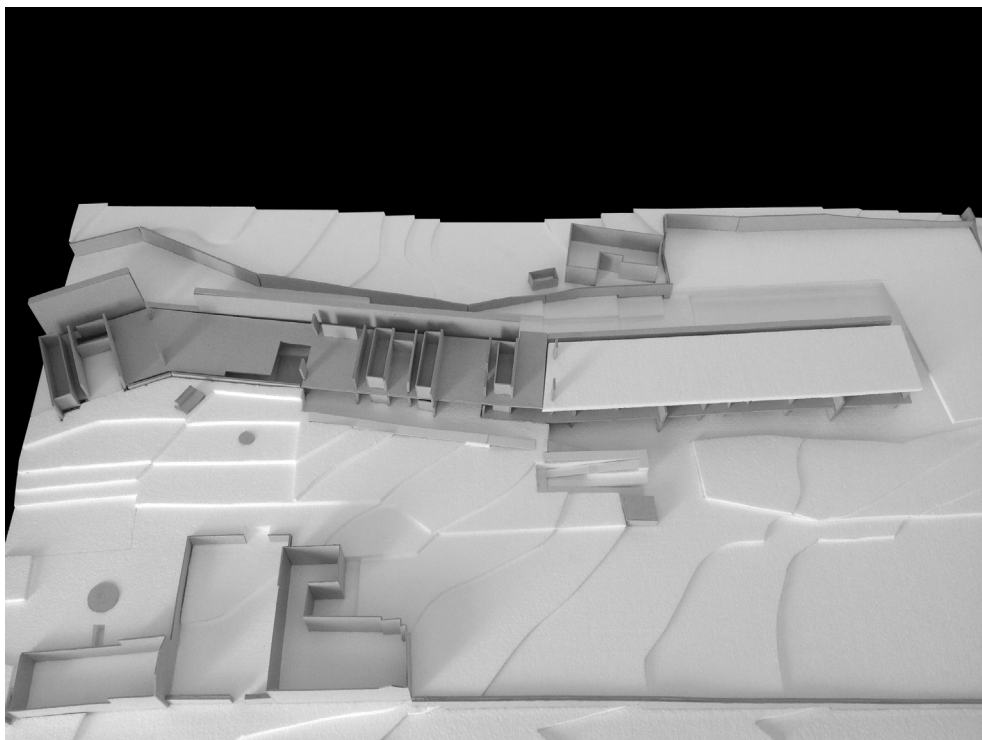
## UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional

Maqueta 08  
Consolidação das formas e  
dos espaços nas residên-  
cas assistidas  
relação entre edificado e  
componente natural  
Escala 1:200  
Material: cartão prensado  
e esferovite





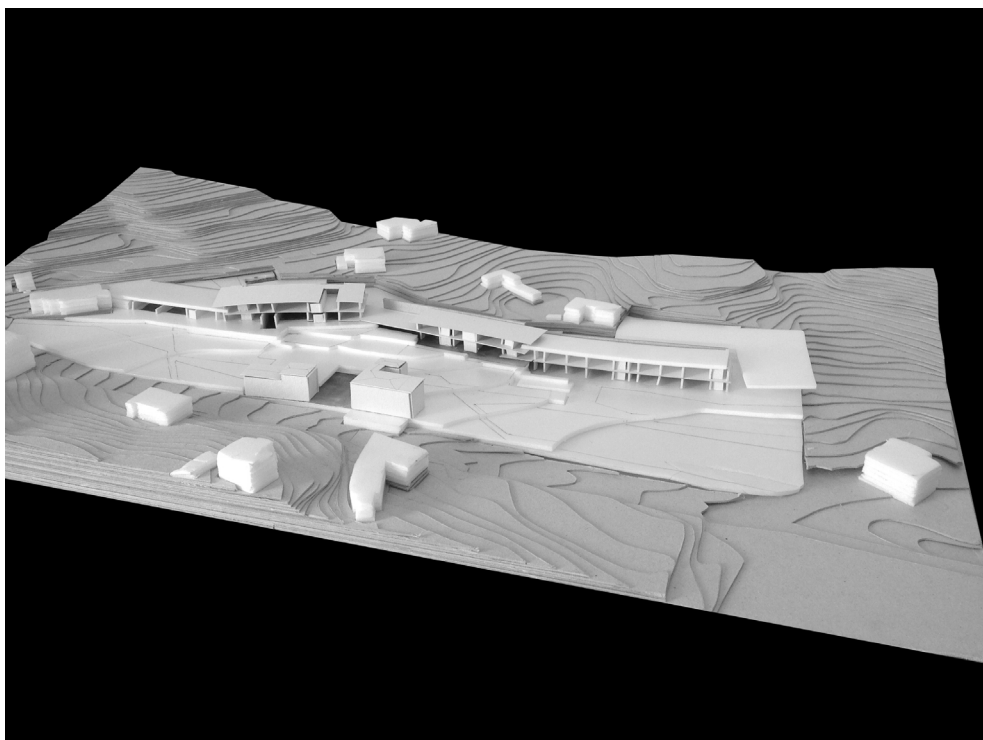
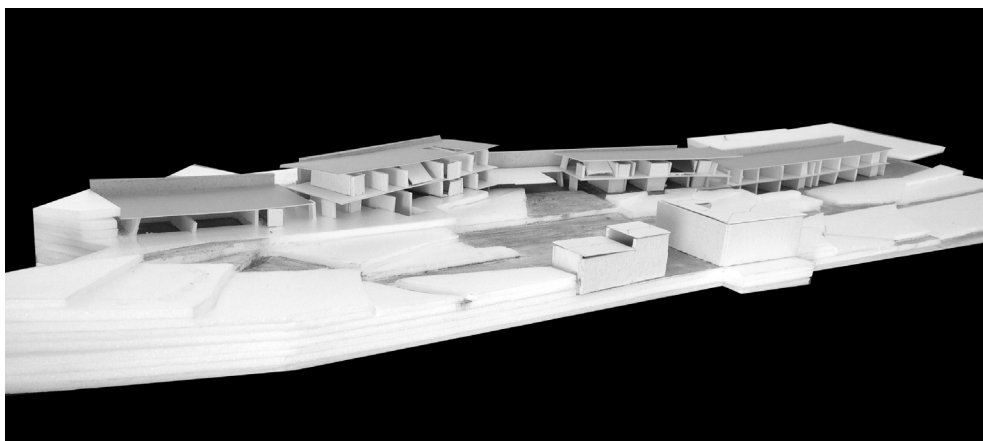
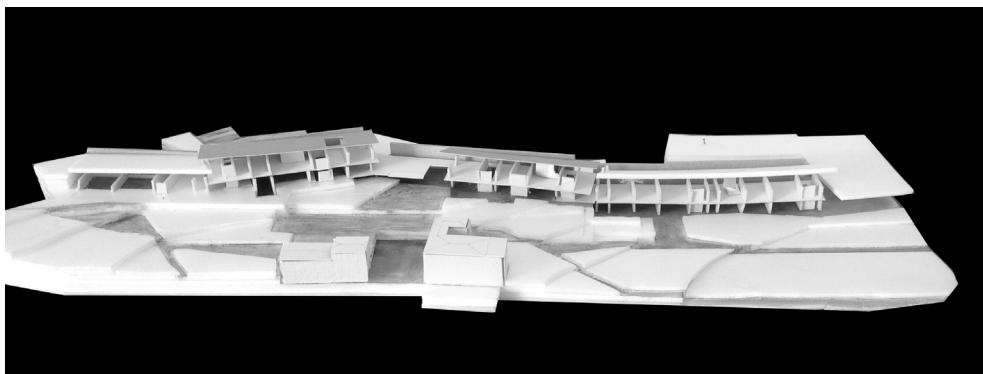


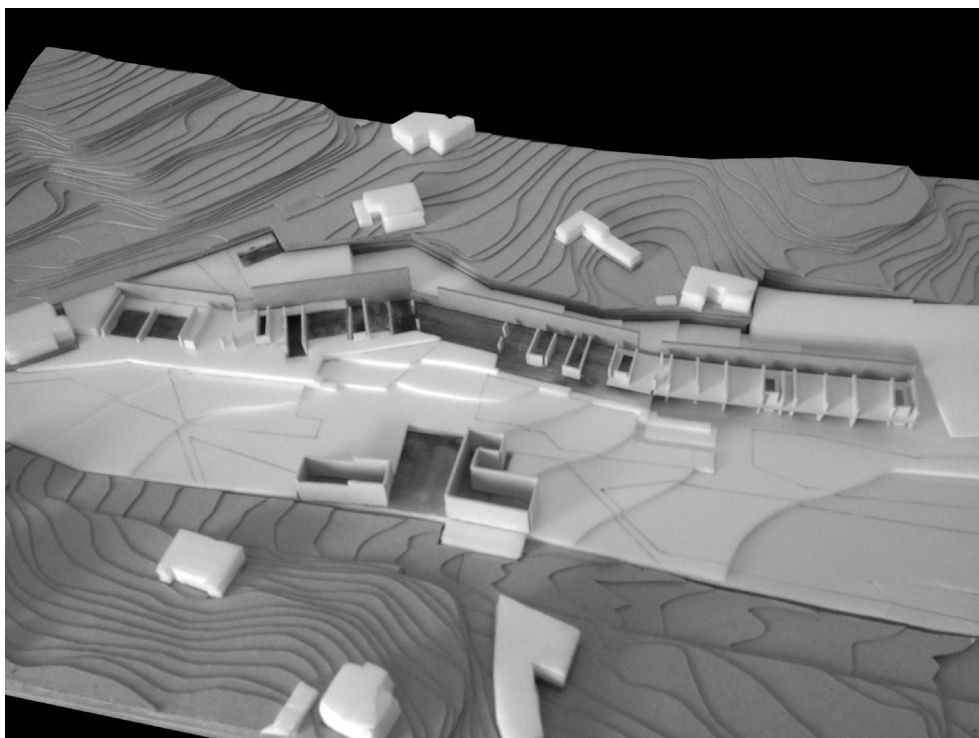


## UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional

Maqueta 09  
Conceito massa vs plano  
Estudo das coberturas  
Escala 1.500  
Material: cartão madeira  
e esferovite



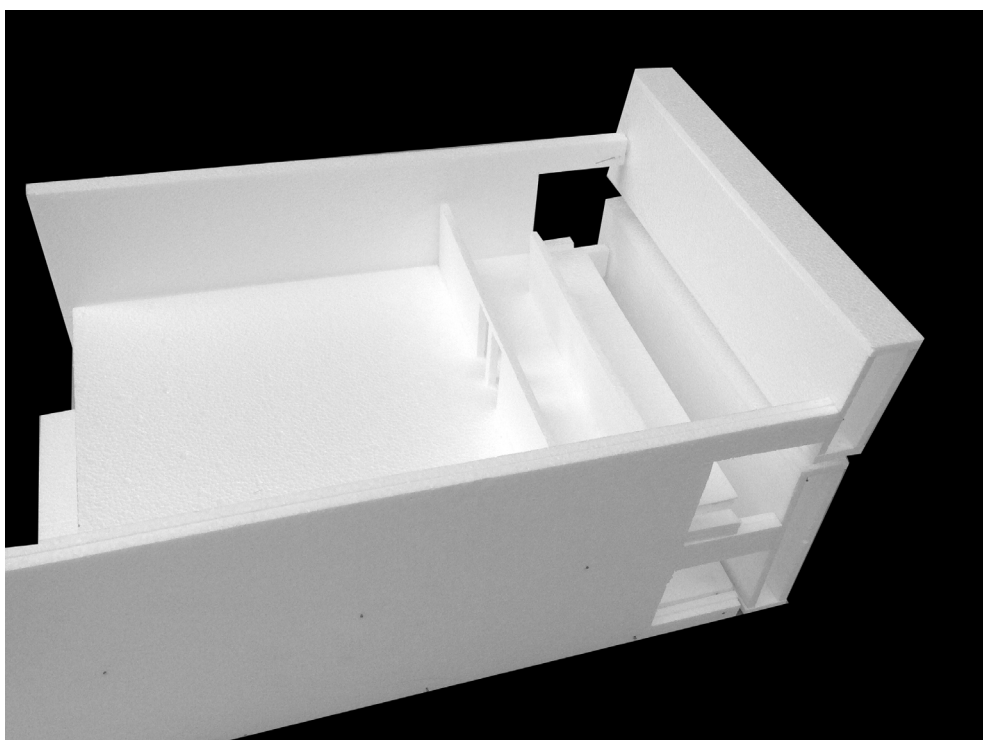
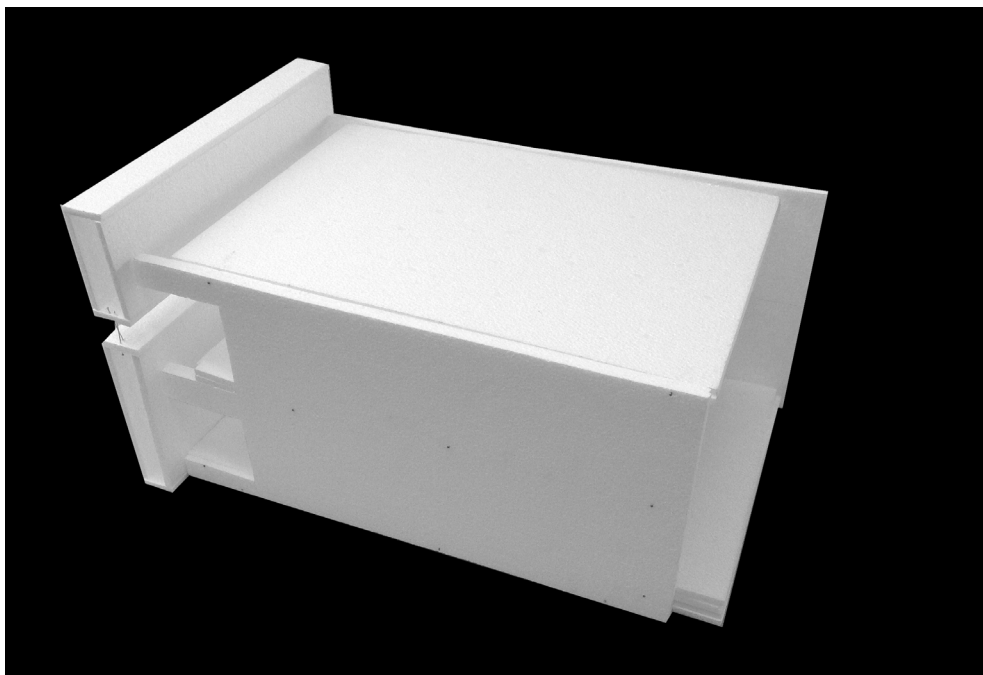


Maqueta 09  
Conceito massa vs plano  
Escavação assinalada a  
mancha escura  
Escala 1:500  
Material: cartão madeira  
e esferovite

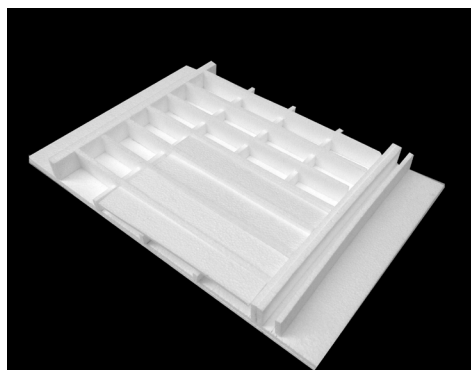
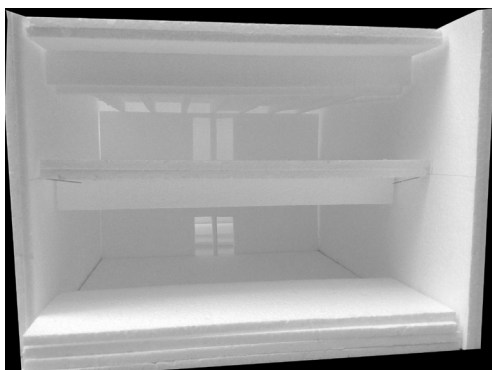
## UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES

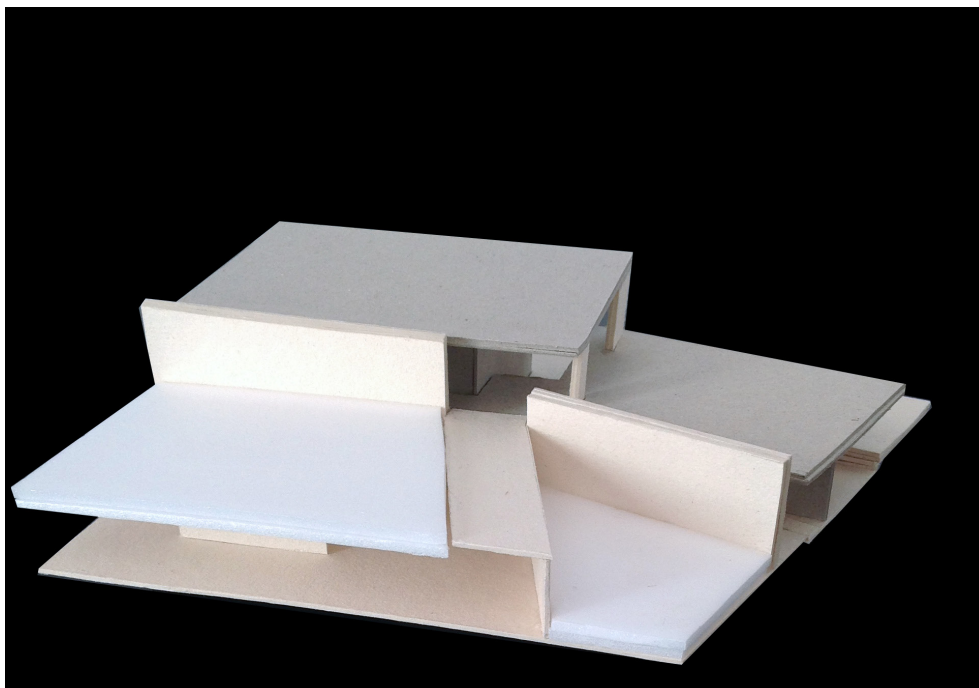
A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional

Maqueta 10  
Estudo prévio da espacialidade das salas de aula  
Escala 1.50  
Material: esferovite

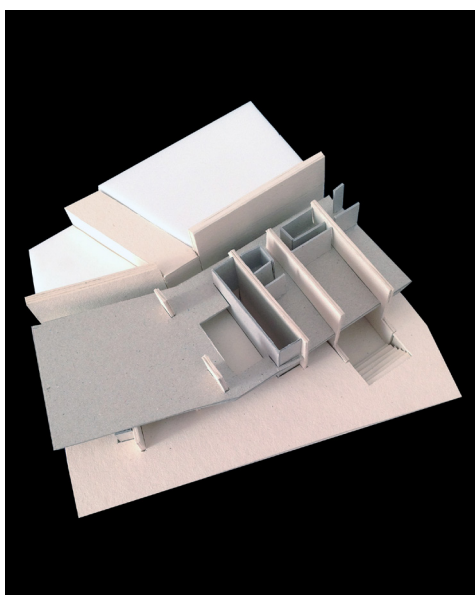


Maqueta 10  
Estudo prévio da espacialidade das salas de aula  
Teste das lajes com vigas à vista  
Escala 1.50  
Material: esferovite





Maqueta 11  
Materialidade  
Betão vs pedra  
Escala 1.200  
Material: esferovite, cartão  
prensado e cartão madeira

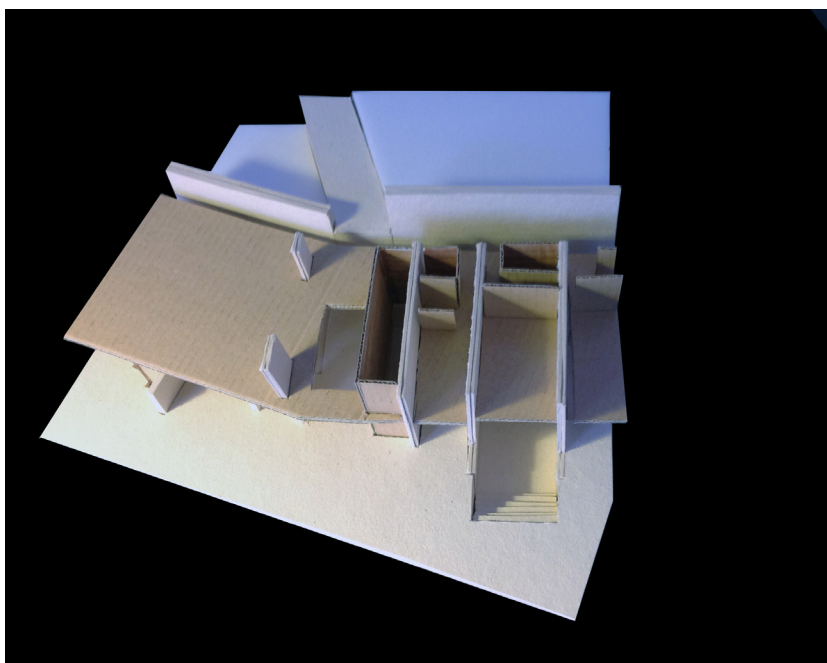
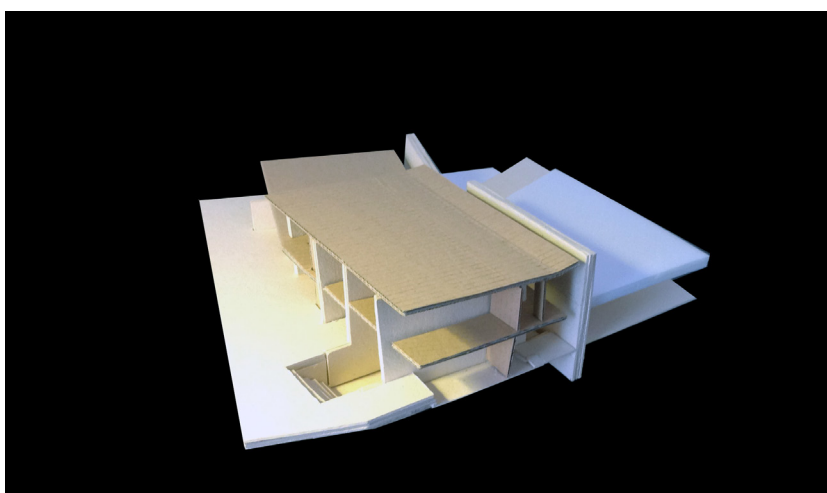
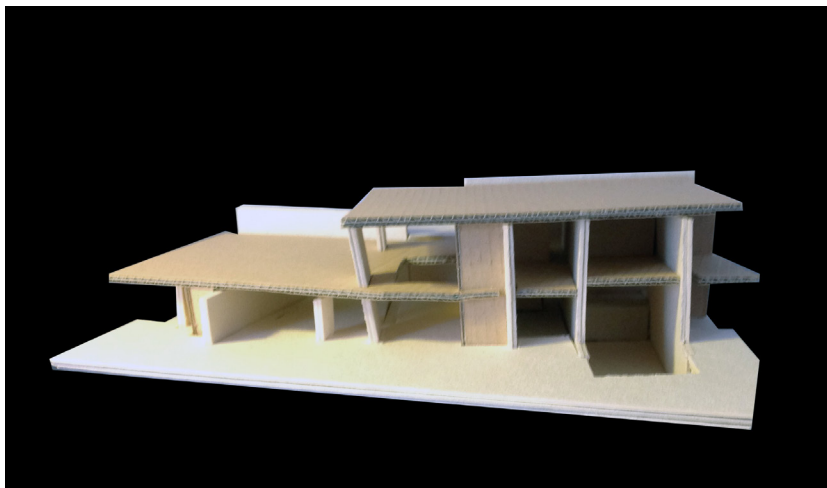


## UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES

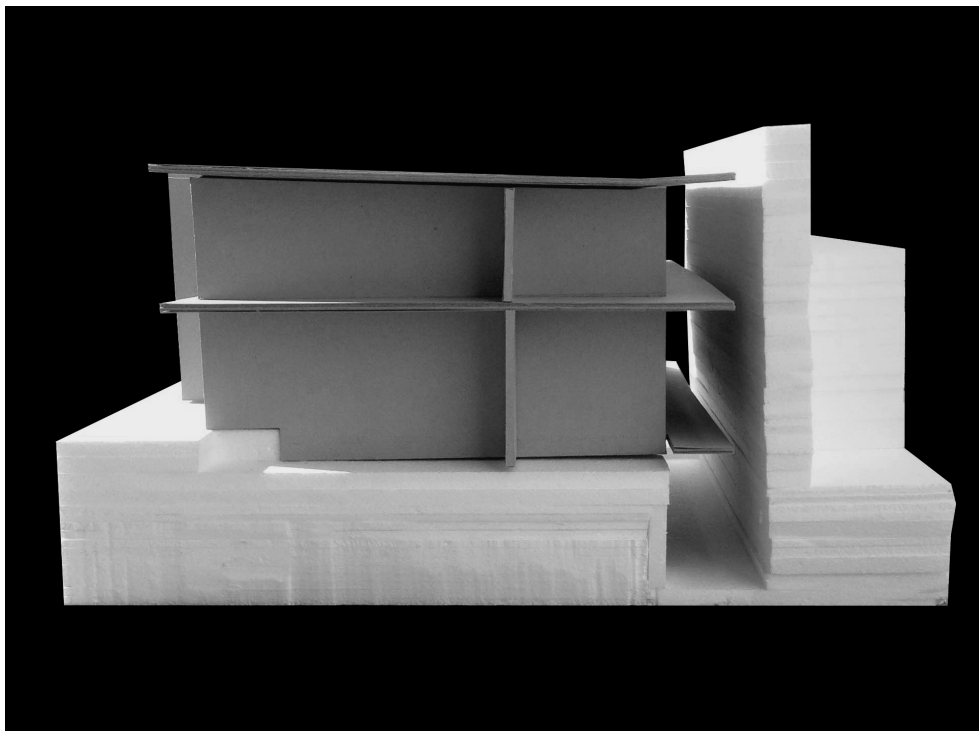
A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional

Maqueta 12

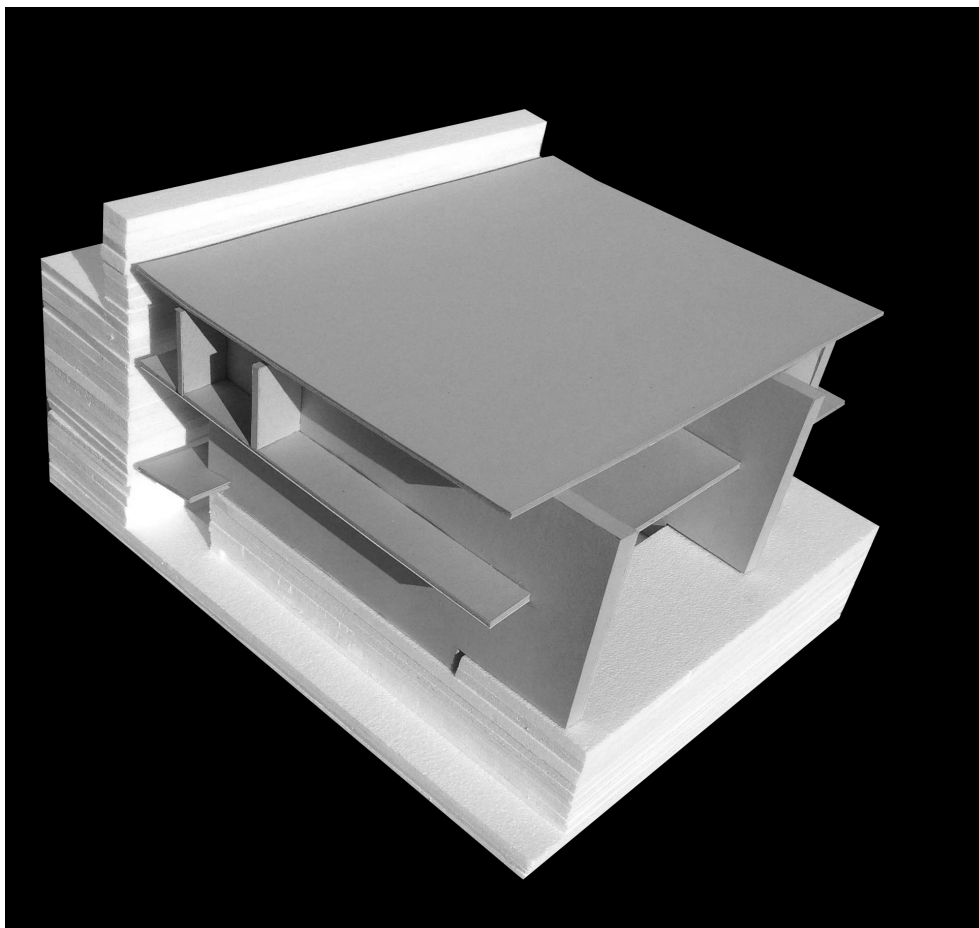
Materialidade  
madeira vs pedra  
Escala 1.200  
Material: esferovite, cartão  
canelado e cartão madeira





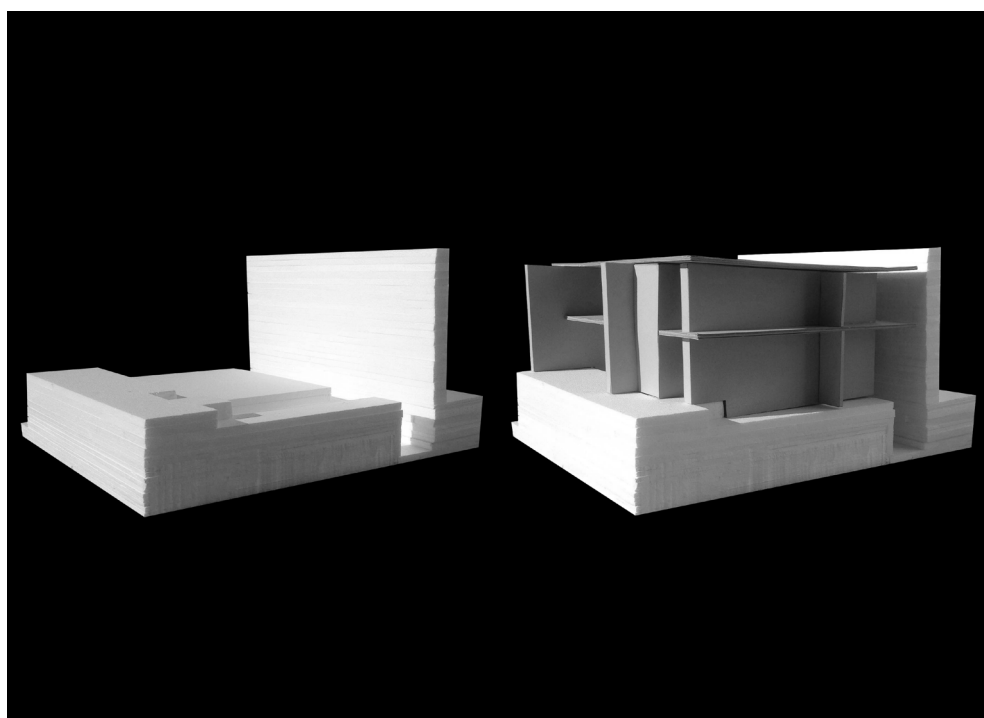


Maqueta 13  
Materialidade e espacialidade das salas de aula  
betão vs pedra  
Escala 1:50  
Material: esferovite e cartão prensado



## UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional



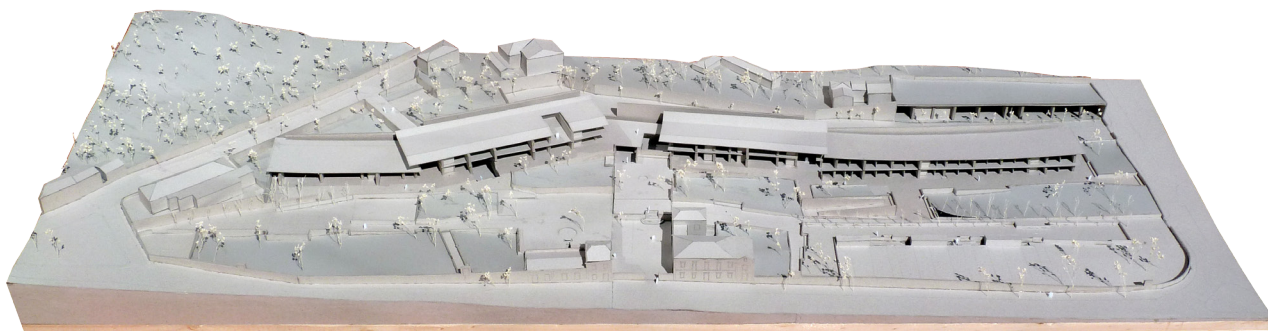
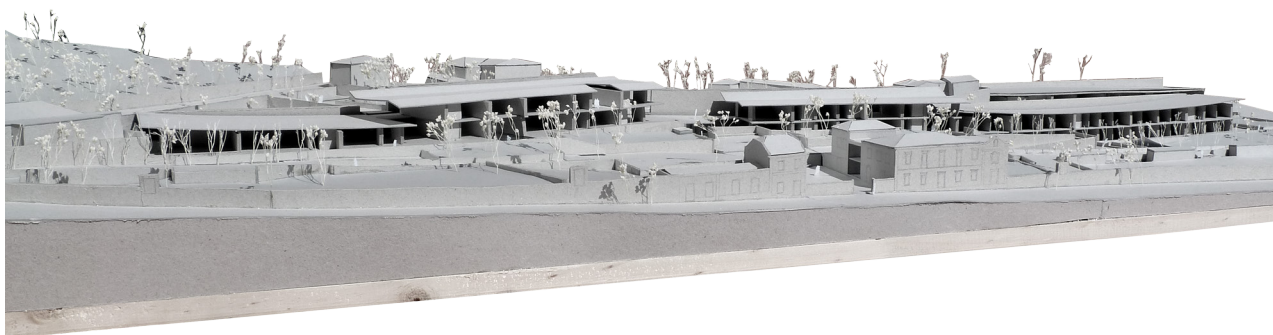
Maqueta 13  
Materialidade e espacialidade das salas de aula  
massa vs plano  
Escala 1:50  
Material: esferovite e cartão prensado

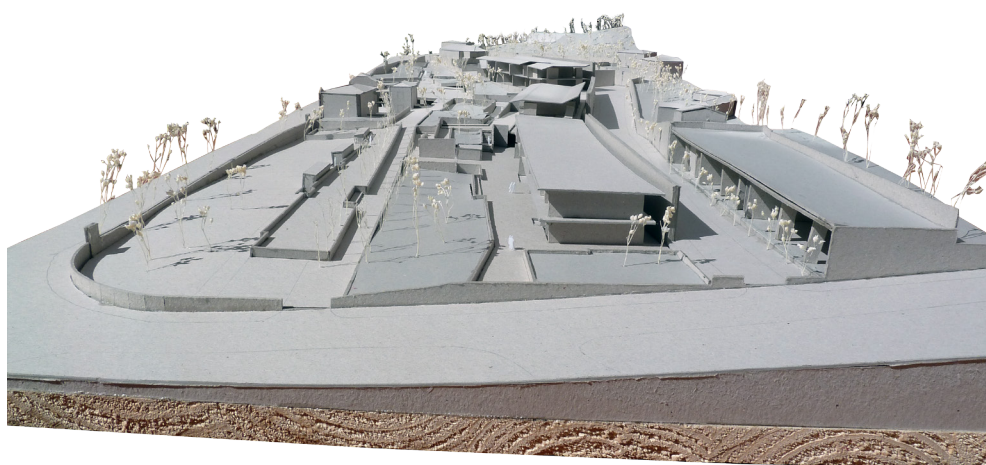
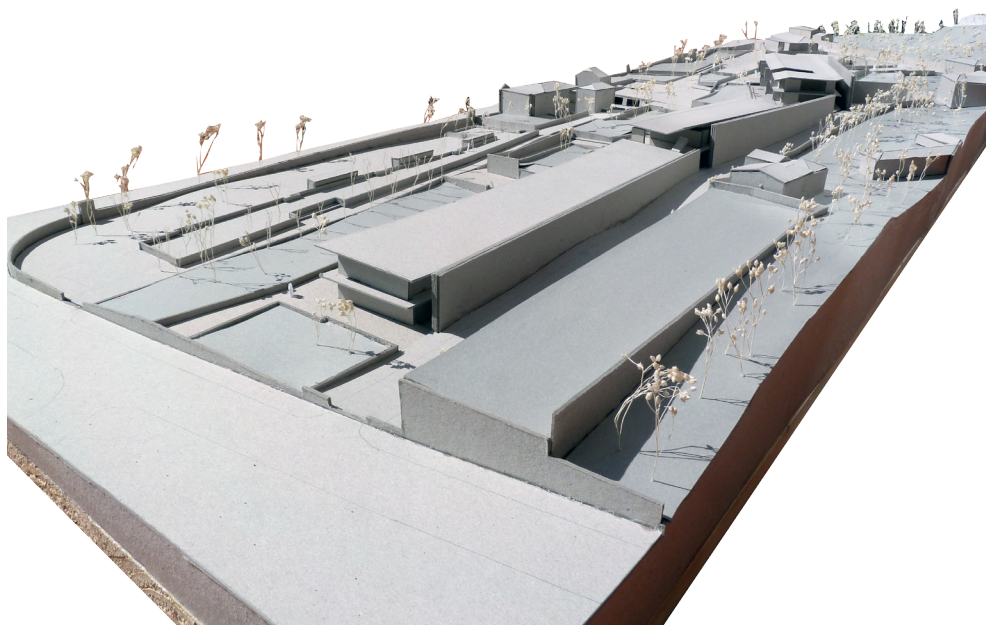
Anexo VI Fotografias de Maquetas Finais

## UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional

Maqueta da Proposta  
Arquitectónica  
Escala 1:200  
Material: cartão prensado

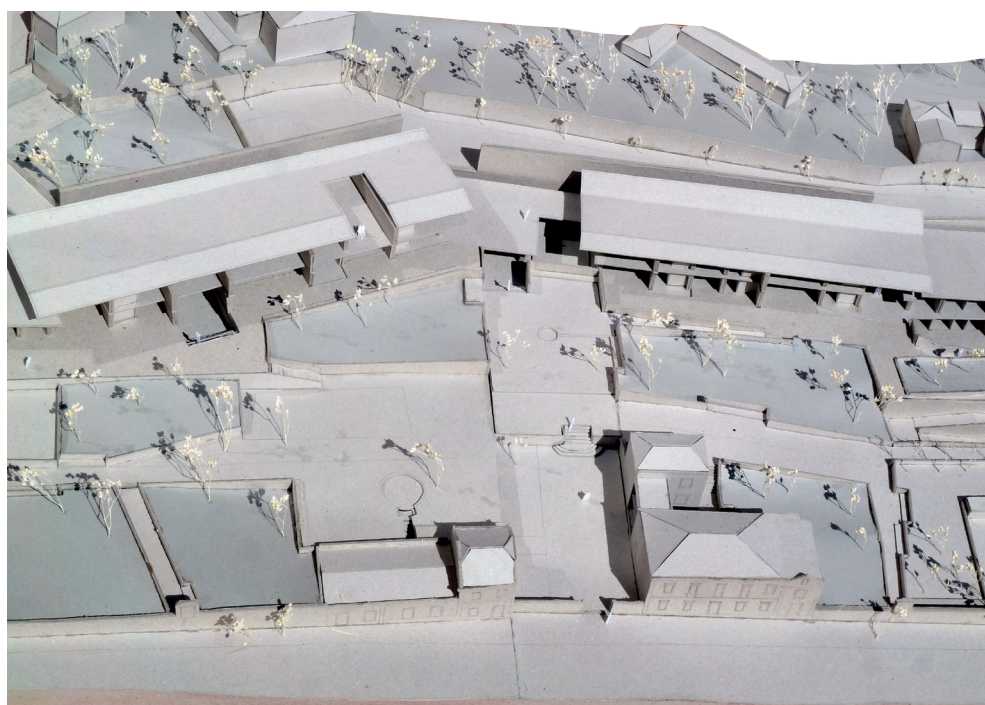


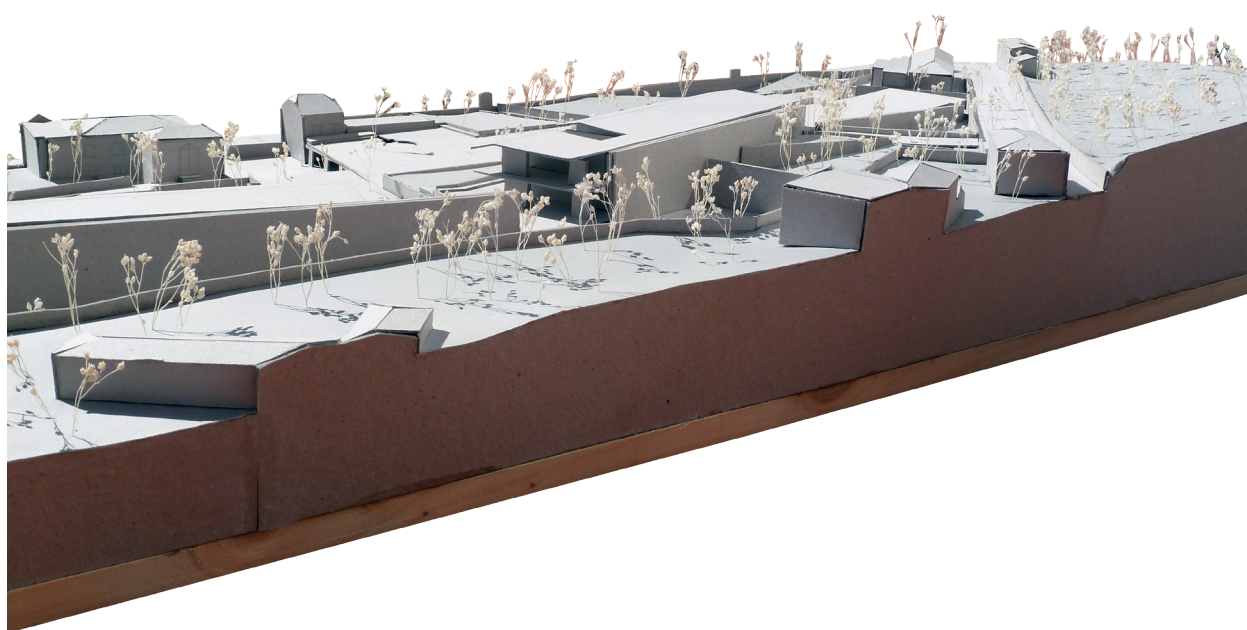




## UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional





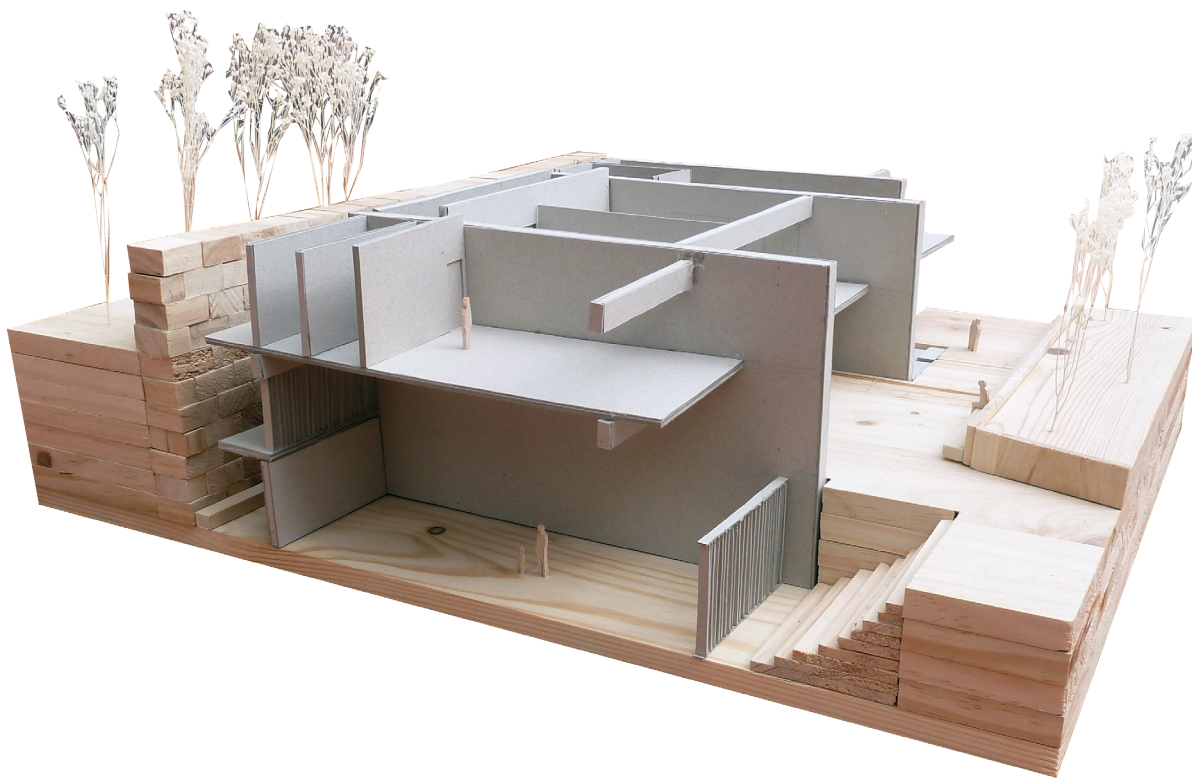
## UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional



Maqueta Conceptual da  
Espacialidade  
Escala 1.50  
Material: cartão prensado e  
pinho





## **UM HABITAR ENTRE GERAÇÕES**

A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional



Anexo VII Peças Desenhadas